

MOSAICOS ROMANOS DE PORTUGAL O ALGARVE ORIENTAL

**Dissertação de Doutoramento em História
Especialidade de Arqueologia Clássica
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

**Volume I
Texto (1)**



Cristina Fernandes de Oliveira

**Coimbra
2010**

MOSAICOS ROMANOS DE PORTUGAL

O ALGARVE ORIENTAL

Cristina Fernandes de Oliveira

Vol. I
Texto (1)

Dissertação de Doutoramento em História
Especialidade de Arqueologia Clássica
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
sob orientação do Professor Doutor José d'Encarnação

Coimbra
2010

Aos meus filhos, Eva e Afonso
Ao meu marido, António

Índice

Vol. I. Texto

Pg

Resumo	ix
Agradecimentos	xi
Introdução	xiii
Abreviaturas bibliográficas	xxiii
Bibliografia	xxviii
Documentação de Estácio da Veiga	liv
Relatórios de trabalhos arqueológicos	lvi
Catálogo de mosaicos	lvii

PARTE 1

Mosaicos do Algarve romano, parte oriental

Catálogo	2
----------------	---

PARTE 2

Mosaicos do Algarve Oriental no contexto da ocupação romana do território

Capítulo I. O Estado da Arte em Portugal 253

1. Breve resenha da investigação sobre mosaicos em Portugal (séc. XIX-XX)	253
2. A investigação no Algarve oriental	261
2.1. O papel de S. P. M. Estácio da Veiga	261
2.2. A investigação no Algarve após S. P. M. Estácio da Veiga	265
2.3. A equipa Luso-francesa <i>Mosaicos do Sul de Portugal</i> no Algarve oriental	267
2.3.1. Sinopse dos trabalhos realizados entre 1994 e 2009	267
2.3.2. Alguns aspectos da metodologia de trabalho	270

Capítulo II. Contextualização dos sítios com mosaicos no Algarve oriental 273

1. Contexto urbano.....	276
1.1. <i>Balsa</i> / Tavira	276
1.2. <i>Ossonoba</i> / Faro.....	281
2. Contexto rural.....	286
2.1. Montinho das Laranjeiras (Alcoutim)	287
2.2. Cacela-a-Velha (Vila Real de Stº António)	289
2.3. Pedras d' El-Rei (Tavira)	290
2.4. Quinta do Trindade (Tavira)	291
2.5. S. Domingos de Asseca (Tavira)	291
2.6. Quinta de Marim (Quelfes, Olhão).....	291
2.7. Torrejão Velho (Pechão, Olhão).....	296
2.8. Milreu (Estói, Faro).....	297
2.8.1. <i>A domus</i>	300
2.8.1.1. Entrada da <i>domus</i> (sector A2).....	300
2.8.1.2. Compartimentos virados para a ala sul do peristilo (sector B1)	306
2.8.1.3. Peristilo (sector A3).....	306
2.8.1.4. Zona habitacional de carácter privado situada a este (sector A1).....	312
2.8.1.5. <i>Triclinium</i> (sector B3)	319
2.8.1.6. Acesso às termas (sector B2)	324
2.8.1.7. Compartimentos situados a norte do peristilo (sector B4)	324
2.8.1.8. Salas absidais viradas para a ala este do peristilo (sector B5)	328
2.8.2. As termas (sector C).....	332
2.8.3. A fonte e o templo das águas (sector D).....	338
2.8.4. Os edifícios a este do templo (sector F)	342
2.9. Quinta de Amendoal (Sé, Faro).....	342
2.10. Vale de Carneiros (Penha, Faro)	345
2.11. Cerro da Vila (Vilamoura, Loulé).....	345
2.11.1. <i>A domus</i> (sector I).....	347
2.11.2. As termas (sector II).....	351
2.11.3. Habitações secundárias (sector III).....	354

2.11.4. Tanque (sector VI)	355
2.12. Loulé Velho (Praia de Vale do Lobo, Loulé).....	356
2.13. Retorta (Loulé).....	358

Capítulo III. O mosaico como elemento decorativo: estudo estilístico dos mosaicos do Algarve Oriental 360

1. Os motivos lineares.....	362
1.1. Linha de cruzetas, quadradinhos denteados ou florinhas geométricas	363
1.2. Linha de dentes de serra	363
1.3. Linha de espinhas rectilíneas	364
1.4. Linha de aspas	364
1.5. Linha de fusos	365
1.6. Linha de losangos deitados e de quadrados sobre o vértice, tangentes	365
1.7. Linha de meandro.....	366
1.8. Linha de meandro de suástica.....	367
1.9. Pares de linhas adossadas de arcos.....	368
1.10. Linha de escamas oblongas determinando ogiva.....	368
1.11. Linha de peltas	370
1.12. Linha de ondas policromáticas	372
1.13. Ramagens	373
1.14. Tranças e guilhocés	377
1.15. Quadrados formados por quatro rectângulos em redor de um quadrado	377
2. As composições ortogonais.....	379
2.1. Quadrícula.....	379
2.2. Quadrícula de faixas com quadrado de intersecção.....	382
2.3. Quadrícula de bandas com círculos tangentes circunscritos às casas.....	388
2.4. Composição ortogonal de círculos e quadrados dispostos sobre o vértice	390
2.5. Composições à base de meandro de suásticas	393
2.6. Composição de octógonos e quadrados	396
2.7. Composição ortogonal de octógonos irregulares secantes e adjacentes	399
2.8. Composição de octógonos secantes e adjacentes, em meandro de suástica.....	402

2.9. Composição à base de estrelas de oito losangos tangentes.....	406
2.10. Composição de octógonos estrelados.....	410
2.11. Estrelas de quatro pontas.....	412
2.12. Composição de meandro de pares de suástica de volta dupla	416
2.13. Composição de linhas quebradas	417
2.14. Composição losangulada de hexágonos e losangos adjacentes.....	418
2.15. Composição de escamas	421
2.16. Composição de ganizes policromáticos.....	424
2.17. Composição de círculos secantes determinando quatro-folhas	425
3. As composições centradas.....	428
3.1. Meandro de suástica em trança e losangos formando uma estrela de oito losangos.....	428
3.2. Composição de oito meias estrelas de oito losangos determinando triângulos laterais ...	429
3.3. Octógono estrelado por rectângulos e quadrados.....	431
3.4. Composição de quatro estrelas de oito losangos	433
3.5. Composição em coroa de oito arcadas laterais tangentes	435
3.6. Estrela de oito pontas formadas por dois quadrados entrelaçados	437
3.7. Losango inscrito num rectângulo.....	438
4. As composições e elementos figurativos.....	438
4.1. O <i>kantharus</i>	438
4.2. Os temas marinhos	446
4.2.1. Fauna marinha.....	450
4.2.2. Nereidas e monstros marinhos	455
4.2.3. Oceano.....	459
4.3. <i>Xenia</i>	461
5. As composições geométricas não documentadas no <i>Décor</i>	462

**Capítulo IV. O mosaico como elemento estruturante do espaço: da estratégia da concepção à
implantação arquitectónica.....464**

1. A integração arquitectónica do mosaico	464
1.1. A funcionalidade dos espaços com revestimentos de <i>opus tessellatum</i>	466
1.1.1. As zonas residenciais de carácter doméstico	466
1.1.1.1. Vestíbulos e entradas principais.....	466
1.1.1.2. Peristilo	470
1.1.1.3. Salas de recepção e de jantar – <i>triclinia</i> e <i>oeci</i>	473
1.1.1.4. Quartos de dormir e salas de repouso	476
1.1.1.5. As soleiras.....	479
1.1.1.6. Outros compartimentos	480
1.1.2. As zonas termas.....	480
1.1.3. Outros compartimentos de carácter diverso.....	482
1.2. A estratégia na disposição dos elementos decorativos	484
2. A técnica de construção dos mosaicos do Algarve Oriental	487
2.1. Os suportes do <i>opus tessellatum</i>	488
2.2. A paleta de cores e os materiais	491
2.2.1. Milreu	493
2.2.1.1. Ala este do peristilo	493
2.2.1.2. Piscina das termas	494
2.2.1.3. Fonte frente ao templo das águas.....	496
2.2.1.4. Templo das águas.....	497
2.2.1.5. Mosaicos geométricos.....	500
2.2.2. Mosaico do Oceano	500
2.2.2.1. A máscara do Oceano.....	500
2.2.2.2. Os Ventos.....	501
2.2.2.3. O tapete geométrico	503
2.2.3. Cerro da Vila	504
Conclusão	505

Resumo

A tese que se apresenta é o resultado do trabalho, mais vasto, que a Missão Luso-Francesa “Mosaicos do Sul de Portugal” tem desenvolvido em Portugal, no sentido de publicar um património vastíssimo e mal conhecido, não só do público em geral, mas também do público científico, em particular. Dando seguimento aos dois volumes do *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal* editados até ao momento, esta Missão dedicou os últimos cinco anos ao estudo dos mosaicos do Algarve – zona oriental – tendo o presente estudo resultado das pesquisas que desenvolvemos no âmbito deste projecto.

Conhecidos, na maioria, desde o séc. XIX, estes mosaicos nunca foram objecto de um estudo aprofundado, embora amiúde referidos desde então em publicações diversas sobre o Algarve romano. O nosso estudo integra duas das maiores *villae* da região – Cerro da Vila (Vilamoura) e Milreu (Estói – Faro), além de outros locais menos explorados como, por exemplo, a *villa* de Amendoal. Incluem-se, ainda, todos os fragmentos de mosaicos desta região, hoje dispersos por diversos museus portugueses (Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal de Faro, Museu Municipal da Figueira da Foz, Museu Municipal de Loulé e Museu de Albufeira), perfazendo um catálogo de 78 números.

A metodologia segue a linha já implementada no *CMRP* II1: exaustão na recolha de documentação existente, desenho dos pavimentos tessela a tessela à escala 1/1, dossiê fotográfico, descrição pormenorizada de todos os pavimentos, paleta de cores. Com o respectivo enquadramento arqueológico e arquitectónico, apresentam-se todos os mosaicos do Algarve oriental, realçando do estudo estilístico não só as influências, mas também o seu carácter original, numa área periférica do Império romano. A discussão estilística, tendo em conta as evidências arquitectónicas e arqueológicas disponíveis para cada um dos casos, permitem o debate em torno da cronologia destes pavimentos. Por ter sido dado maior enfoque aos mosaicos de carácter geométrico, os mosaicos com o tema da fauna marinha de Milreu e o mosaico do Oceano de *Ossonoba* (Faro) são abordados de forma muito sucinta no que diz respeito aos aspectos iconográficos, reservando-se para a edição do *CMRP* II2 o seu estudo aprofundado.

Apesar da informação disponível sobre as estruturas associadas aos mosaicos seja limitada na maior parte dos casos, considerou-se pertinente a análise da relação entre a funcionalidade de um determinado compartimento e o mosaico que o reveste, constituindo uma abordagem inovadora na perspectiva da investigação centrada no estudo de mosaicos. Também a discussão de aspectos

técnicos da construção do pavimento se justificam porque estes espelham a dinâmica de construção do edifício, trazendo importante contributo, não só à compreensão das intervenções arquitectónicas realizadas, quando se analisam os suportes, por exemplo, como também à definição da qualidade da produção mosaística, quando se analisam aspectos cromáticos ou as dimensões das tesselas.

Com o devido enquadramento no contexto histórico-geográfico, à luz dos dados disponíveis sobre a ocupação romana no Algarve, o estudo destes mosaicos contribuiu para o aclarar de vários aspectos da caracterização das populações que ocuparam esta região da Lusitânia, durante um período compreendido entre o séc. I e o séc. V.

Agradecimentos

As primeiras palavras de agradecimento destinam-se às diversas instituições públicas e privadas que apoiaram, em diferentes vertentes, o trabalho desenvolvido no quadro da Missão Luso Francesa *Mosaicos do Sul de Portugal* (MSP). A investigação não teria sido possível sem a estreita colaboração da Tutela dos sítios e das colecções que integram este estudo. Ao extinto Instituto Português de Arqueologia, na pessoa do seu então Director, Dr. Fernando Real, devemos a receptividade do projecto e a sua exequibilidade financeira no âmbito do *Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos*, entre 1999 e 2008. A colaboração da Direcção Regional de Cultura do Algarve (IGESPAR, ex-IPPAR) na autorização concedida para trabalhar nos sítios sobre sua tutela e na assessoria prestada pelos seus técnicos, designadamente no sítio de Milreu, constituiu um factor primordial no sucesso das campanhas de trabalho sucessivamente realizadas. O mesmo apoio devemos agradecer à *Lusotur S. A.*, responsável pelo sítio de Cerro da Vila. À Fundação Calouste Gulbenkian agradecemos o apoio financeiro que permitiu concluir os levantamentos gráficos dos mosaicos e, assim, impulsionar decisivamente a investigação.

Aos diversos museus que albergam colecções de mosaicos provenientes dos sítios em estudo não podemos deixar de manifestar o nosso apreço pelas facilidades concedidas, designadamente ao Museu Nacional de Arqueologia, nas pessoas do seu Director Luís Raposo, mas também das suas técnicas superiores, ao Museu Municipal de Faro, na pessoa da sua Directora Dália Paulo, aos Museus Municipais de Loulé, da Figueira da Foz e de Albufeira cujas direcções e tutelas políticas nos permitiram o acesso aos mosaicos das suas colecções.

A Universidade do Algarve, na pessoa do Professor Doutor João Pedro Bernardes, foi um dos pares mais importantes na boa consecução da investigação, não só ao nível científico, como ao nível logístico, tendo ainda liderado uma frutífera parceria no projecto MOSUDHIS, com a Universidade de Huelva e o Museu Histórico-municipal de Écija.

Muitos foram os estudantes das Universidades do Algarve e de Lisboa, da Escola Profissional do Freixo e de Mértola, assim como diversos colaboradores pontuais, que aceitaram participar nos trabalhos de levantamento gráfico dos mosaicos. Sem este, aparentemente simples, trabalho de desenho, não teria sido possível apresentar tão detalhados registos.

A Danilo Pavone que nos tem acompanhado desde o trabalho na *villa* de Rio Maior, onde aliás experimentou a fotografia de mosaico pela primeira vez, reconhecemos a infinita paciência de ouvir e corresponder às nossas exigências com elevado profissionalismo, dedicação e empenho, na produção dos registos fotográficos, assim como no tratamento final dos desenhos.

Dúvidas, preocupações, anseios e muitas emoções acompanham o caminho do investigador, mas este não está só. Obrigada a todos os que contribuíram para a melhoria do meu trabalho científico, por um lado, e o meu equilíbrio emocional, por outro. De muitos colegas, amigos e família não esperaria outra coisa.

Na medida em que o estudo que ora se apresenta resulta de um trabalho de equipa, não poderíamos deixar de manifestar gratidão a Janine Lancha pelos seus abalizados conselhos e orientações científicas, a Adília Alarcão pela sua sabedoria na resolução de dúvidas e problemas, assim como no acompanhamento de todos os processos. Às duas grandes amigas que fiz na equipa, Catarina Viegas e Diane Bédard, devo os primeiros passos no mundo dos mosaicos romanos e os muitos momentos memoráveis dos dias de missão passados no intenso Verão algarvio.

Ao Professor Doutor José d'Encarnação que acompanha o meu percurso académico desde 1991, ano em que frequentei a cadeira de Epigrafia, devo muito do que sou enquanto investigadora, mas devo muito mais enquanto ser humano. Passo hoje aos meus alunos o optimismo pela vida, que é a sua forma de existir, a simplicidade das soluções quando os problemas nos esmagam e, sobretudo, a humildade da sua sapiência capaz de, desinteressadamente, elevar o saber dos seus aprendizes. Estar presente sem ocupar lugar é uma capacidade que poucos alcançam, só os Sábios.

Ao meu marido e meus filhos, só peço perdão por não lhes ter dedicado o tempo que esperavam, nas brincadeiras e nos passeios de domingo, nas férias e nos serões...Esta tese não é só minha, tem a marca de um projecto que é dos quatro. Obrigada por terem permitido que chegasse ao fim.

Introdução

O estudo dos mosaicos romanos em Portugal assistiu na última dúzia de anos a uma renovação científica, quer nos métodos, quer nos protagonistas. A organização do *X Colóquio Internacional da AIEMA*, em 2005, pelo Museu Monográfico de Conímbriga, foi manifestamente o resultado desse impulso renovador, com a maior participação portuguesa de sempre na apresentação de comunicações e *posters*. Este contexto dinâmico tem procurado sensibilizar as diversas entidades, públicas e privadas, para a necessidade de inventariar e estudar o vasto património em mosaicos romanos existentes em Portugal, com vista à sua preservação e valorização. Sujeito à menoridade durante anos pela Arqueologia portuguesa, por ser considerado objecto de História da Arte, encontra-se agora no momento mais propício à sua emancipação. Julgo que o trabalho que se apresenta é um contributo decisivo na promoção desta área de estudo, desmistificando a ideia de que o mosaico é apenas uma obra de arte e mostrando que, na realidade, é um objecto arqueológico multifacetado do qual se pode obter um manancial de informações, em diversos domínios do saber da Antiguidade clássica.

A investigação de cujos resultados ora se dá conta resulta da participação no projecto *Mosaicos do Sul de Portugal (MSP)*, desenvolvido pela Missão Luso-Francesa, coordenada cientificamente por J. Lancha, desde 1994, no Algarve Oriental. Um vasto projecto de elaboração do *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal*, iniciado em 1991 com os trabalhos de Torre de Palma (*CMRP* II1), cuja continuidade se afigurava de maior importância na região algarvia onde se concentraram os meios humanos e financeiros desta segunda fase. Com efeito, dois dos maiores sítios da Arqueologia romana portuguesa, pertencentes à rede de património aberto ao público sob tutela do IGESPAR, as *villae* de Milreu e Cerro da Vila, dispunham de um número muito significativo de mosaicos inéditos e, o mosaico do Oceano de Faro, exposto no Museu Municipal local, carecia de actualização de dados e de novos registos gráficos, decorridos mais de 20 anos desde a primeira publicação (Lancha, 1985). Por outro lado, a rica colecção de fragmentos depositados no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) necessitava de um estudo exaustivo, além da mera referência de que vinha a ser objecto desde os inícios do séc. XX. Além das razões científicas, predispunham-se ainda as respectivas tutelas dos sítios e colecções a prestar todo o apoio necessário para levar a bom termo o projecto, então sob a égide do Instituto Português de Arqueologia.

A opção pela delimitação da região em estudo à parte este do Algarve justificou-se pela falta de condições científicas nalguns sítios da parte oeste para implementar a metodologia de trabalho preconizada pela *MSP*, designadamente em Abicada (Portimão) e Boca do Rio (Vila do

Bispo). A criação dessas condições levaria inevitavelmente ao atraso de todo o projecto e subsequente publicação. Julgou-se então de maior conveniência a delimitação geográfica da investigação ao Sotavento algarvio, tendo como limite oeste a fronteira da *civitas* de *Ossonoba/Faro* e como limite este a fronteira política com Espanha (Planta 1). Para norte, o limite natural, actual, da região do Algarve afigurou-se o mais pertinente.

O volume de informação que, ao longo da implementação do projecto, cada um dos membros da equipa veio a produzir alcançou uma dimensão tal que, no caso dos mosaicos geométricos, se considerou muito relevante a sua apresentação sob a forma de tese de doutoramento. Neste contexto, foi então desenvolvido um plano de investigação próprio, norteado pela filosofia subjacente a trabalhos de cariz académico. Apesar dos numerosos aspectos comuns entre o presente trabalho académico e a redacção do *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal*, designadamente ao nível da produção do catálogo e das ilustrações, uma parte considerável apresenta-se com estrutura própria. Toda a informação é tratada como um corpo temático, sob a forma de síntese, permitindo análises comparativas mais alargadas e coerentes, pois não são truncadas por fichas como acontece num *corpus*.

A linha metodológica adoptada para a descrição dos mosaicos do catálogo (parte 1) dá seguimento à do *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal*, em especial a do vol. II, fasc. 1, cuja estrutura é perfeitamente adequada às características dos mosaicos, nos seus mais diversos contextos (cf. *CMRP* II1). A ficha apresenta os seguintes itens: data e local de achado, tema, compartimento, dimensões do compartimento, dimensões do mosaico, local de conservação actual, parte visível no momento da descoberta, parte conservada, técnica de assentamento, materiais, densidade das tesselas, estratégia de execução, restauros antigos, restauros modernos, ilustração utilizada, bibliografia, descrição do mosaico e datação. Ao contrário da estrutura do *Corpus*, que apresenta as observações estilísticas em cada uma das respectivas fichas, a opção seguida foi a de um catálogo de cariz descritivo, resultado de trabalho de campo, sendo o estudo estilístico reservado para um capítulo autónomo (Parte 2, cap. III), com vantagens claras numa abordagem integrada das diversas composições. Por constituir a pedra basilar do trabalho desenvolvido, optámos por incluir o catálogo numa primeira parte, ainda que a aridez inerente à formatação do padrão de linguagem das fichas pudesse constituir um obstáculo à unidade e fluência da apresentação final.

A ilustração científica dos mosaicos constituiu outra valência essencial da metodologia. O levantamento tessela a tessela feito em tela plástica continua a ser um método fiel, melhorado com os avanços mais recentes no domínio do equipamento informático que permite a conversão directa

do plástico para um suporte digital, reduzindo em muito as distorções das sucessivas fotocópias em papel. Os ficheiros de imagem são posteriormente tratados com o programa *Photoshop*TM, resultando num trabalho final de montagem de nítida qualidade, tanto do ponto de vista gráfico, como do ponto de vista do rigor métrico. Aos mais cépticos em relação a este método de levantamento, por ser moroso e pouco confortável, reitero a minha convicção de que se trata do melhor e menos custoso método. Em outros projectos se tem recorrido ao desenho informático com base em fotografias ortogonais¹ cujos resultados são excelentes sob o ponto de vista estético, mas que na realidade não permitem ao investigador uma análise *in situ*. Temos dado como exemplo o desenho da cerâmica. Não se desenha para ilustrar, somente, desenha-se para compreender e interpretar a peça. É no mesmo sentido que se preconiza o desenho tessela a tessela dos mosaicos. As fotografias completam a ilustração, preferencialmente ortogonais, havendo condições para tal. A constituição de um completo dossiê gráfico e fotográfico permite finalmente a reconstituição dos esquemas e motivos de enchimento e a inserção do desenho na planta do sítio, sempre que possível. Para esta parte importante do trabalho reservámos um segundo volume, permitindo assim uma consulta mais útil ao permitir o confronto com o texto em simultâneo.

O catálogo inclui 78 fichas de mosaicos em diversos estados e locais de conservação. Com efeito, a análise de material extremamente diverso exigiu uma capacidade de resposta flexível e adequada a cada caso particular, sem desvirtuar a metodologia de investigação preconizada. Os mosaicos *in situ*, inteira ou parcialmente conservados, obrigaram a um agreste trabalho de campo na constituição do dossiê documental. Foi o caso das duas grandes *villae* de Milreu e Cerro da Vila. Para os mesmos locais, foi necessário integrar, com base em critérios estilísticos e em ilustração antiga, os numerosos fragmentos de mosaico depositados nos museus, designadamente, no MNA, no Museu Municipal Santos Rocha (MMSR) e no Museu Municipal de Faro (MMF). Por outro lado, a colecção pessoal de Estácio da Veiga do MNA incluía desenhos de mosaicos hoje desaparecidos (Veiga, 1877-1878), nomeadamente das *villae* de Milreu e Quinta do Amendoal, cuja integração contextualizada era obrigatória, ainda que limitada pela falta de informações no terreno, no caso da Quinta do Amendoal. Finalmente, existia ainda um número considerável de fragmentos dispersos, provenientes de outros locais e depositados em museus, tais como no MNA, na sua esmagadora maioria, mas ainda no MMF, no MMSR, no Museu Municipal de Loulé (MML) ou no Museu Municipal de Albufeira (MMA). Se bem que muitos fragmentos se encontravam correctamente referenciados, outros porém não apresentavam proveniência ou esta se verificou errada. Em boa

¹ Vejam-se, por exemplo, os desenhos realizados em Mértola cujo resultado final pode ser apreciado na obra de V. Lopes, *Mértola na Antiguidade Tardia*, Mértola, 2003, figs. 67, 74, 76, 80, 81 e 83.

parte dos casos foi possível corrigir estes dados e reorganizar os citados fragmentos. Dos que foram recolhidos por Estácio da Veiga, no séc. XIX, poucas informações chegaram aos nossos dias e, por isso, as respectivas fichas se apresentam menos copiosas em relação aos painéis que se encontram *in situ*.

Apesar de algumas incursões pontuais no tema dos mosaicos figurativos, designadamente os de tema marinho no caso do Algarve, foi essencialmente nos temas geométricos e vegetalistas que a minha participação na equipa MSP se efectivou. Assim, é nesse tema específico que se centra a presente tese. Porém, colocou-se desde logo a dificuldade em apresentar os diversos sítios, da forma mais completa possível, sem os amputar de um dos seus traços de ocupação mais marcantes que são os mosaicos com temas marinhos, em muitos casos, coincidentes no mesmo painel, ou ainda a exclusão de alguns locais algarvios onde apenas se conhecem mosaicos com este tema. A opção mais correcta do ponto de vista metodológico seria sempre a favor da inclusão desses mosaicos, naturalmente com menor insistência na sua análise descritiva e estilística. É nesta perspectiva que deve ser vista a sua presença no inventário e a sua abordagem no capítulo do estudo estilístico (Parte 2, cap. III). Não pode fazer-se síntese sobre os mosaicos romanos do Algarve sem uma referência especial aos mosaicos de tema marinho. Por esta razão, as fichas do catálogo referentes aos mosaicos com fauna marinha de Milreu (n^{os} 23, 47, 50 e 51), assim como a que diz respeito ao mosaico do Oceano (n^o 62), foram realizadas com base em registos efectuados por outros membros da equipa MSP, designadamente C. Viegas e J. Lancha.

A maior parte dos registos descritivos foi efectuada no campo, com o recurso às duas grandes obras de referência: *Le Décor I* para as composições lineares e de superfície e *Le Décor II* para as composições centradas. Embora estas publicações não tenham contado com a inclusão do Português entre os idiomas tratados (francês, inglês, espanhol, italiano, alemão), a sua linguagem padronizada, aceite pela comunidade científica internacional, tornou-as um dos instrumentos essenciais no uso de terminologia adequada para a descrição dos mosaicos. Na ausência de uma versão portuguesa, parcialmente colmatada com edição do *Dicionário de Motivos Geométricos no Mosaico Romano*, em 1993, os conceitos são traduzidos paulatinamente, à medida de cada situação. A tendência para a invenção de conceitos, justapondo prefixos ou aportuguesando expressões estrangeiras, é inerente ao processo de escrita quando começam a escassear as alternativas linguisticamente aceites e se adensa um texto com o uso repetitivo de um reduzido léxico. A tentação é ainda maior quando se trata de uma área científica onde impera um padrão linguístico de origem gaulesa, fruto da enorme produção científica por parte desta comunidade. Foi precisamente pelas dificuldades sentidas na tradução de numerosos conceitos e também, diga-se

em boa verdade, pela tentação de inventar muitos deles, que amiúde se afigurou necessária alguma contenção de linguagem. Conceitos como “tesselato”, “musivário”, “musivo”, frequentemente aplicados nas nossas publicações, não constam sequer do *Dicionário da Língua Portuguesa*.

A segunda parte da tese analisa os mosaicos do Algarve Oriental numa perspectiva integradora, quer ao nível da historiografia da investigação, quer sobretudo ao nível funcional e artístico dos pavimentos, de modo a conceber uma abordagem multifacetada e, por isso, mais completa.

Da investigação que se tem feito em Portugal dá conta o capítulo I. Uma resenha, desde o séc. XIX, constitui o necessário ponto de partida para uma melhor compreensão do estatuto do Algarve neste domínio. É preciso dizer, desde já, que os primeiros mosaicos escavados em Portugal foram precisamente os desta região, pela mão de Estácio da Veiga, em 1877. Foi este, ainda, pioneiro no domínio da ilustração científica de mosaicos², quer nos desenhos, quer nas fotografias, que mandou executar e que, hoje em dia, são inestimáveis documentos quando já nada resta do mosaico.

O capítulo II é, naturalmente, a contextualização dos diversos mosaicos estudados, quer no domínio da historiografia da investigação, quer no domínio da integração arquitectónica e arqueológica. A abordagem é concisa, permitindo uma identificação clara da localização, da história da investigação, assim como dos principais conhecimentos actuais sobre estruturas e espólio de cada um dos sítios. Nessa resenha, integram-se ainda as circunstâncias do achado dos respectivos mosaicos, pois eles são parte integrante da dinâmica dos sítios ao longo da sua existência. Tendo em conta a diversidade tipológica dos locais onde se exumaram estes mosaicos, não só no que diz respeito ao seu estatuto político-administrativo, mas também na sua natureza funcional, a adopção do simples critério de natureza geográfica considerou-se, desde logo, pobre numa análise que se pretende integradora. Por carecer da respectiva discussão, a classificação seguida – contexto urbano e contexto rural – não traduz uma adopção pessoal por uma determinada interpretação em questões de povoamento em detrimento de outra, reflectindo tão só a identificação mais corrente na literatura científica. Adentro desta classificação, seguiu-se o critério geográfico, de este para oeste. A abordagem dos pavimentos no seu contexto arquitectónico é hoje, de facto, incontornável. A ideia do mosaico como simples obra de arte está hoje ultrapassada e este tipo de revestimento encara-se como um elemento arquitectónico indissociável do espaço onde foi executado. Seja em contexto

² “Quem primeiro fixou entre nós imagem de mosaicos desentranhados em escavações foi Estácio da Veiga, com os do Algarve (...)” (Chaves, 1936, p. 22-23).

urbano ou em contexto rural, esta vertente de análise obriga à descrição do dispositivo arquitectónico associado, quando é possível. No caso de fragmentos descontextualizados arquitectonicamente, um exercício de raciocínio inverso pode intentar-se e, nalguns casos, levar à determinação do tipo de edifício que o mosaico ornava, senão mesmo a funcionalidade do compartimento.

Nos dois sítios cujas plantas foram recentemente levantadas, Milreu e Cerro da Vila, foi possível fazer uma descrição detalhada com base na observação *in situ*, nos relatórios dos escavadores, respectivamente T. Hauschild e F. Teichner, para o primeiro, e L. de Matos para o segundo, e ainda nas diversas publicações, uma vez que se tratam de sítios com uma longa história de investigação, embora de resultados quase nulos no que se refere ao estudo dos seus mosaicos. Apesar de ter sido recentemente publicada uma obra de fundo sobre a arquitectura de Milreu e Cerro da Vila (Teichner, 2008), com ilustração gráfica dos seus mosaicos e respectivas reconstituições, esta não inclui qualquer estudo ao nível estilístico, sendo os mosaicos apenas mencionados como um dos diversos elementos arquitectónicos daquelas *villae*. Já, no que diz respeito às propostas cronológicas e ao faseamento das estruturas, a obra é um instrumento essencial e, embora uma grande parte das cronologias estivesse já estabelecida de anteriores estudos, permitiu uma consolidação da datação dos pavimentos de mosaico.

No essencial, a documentação consultada nos arquivos do IGESPAR em Faro, designadamente os diversos relatórios de escavações, bem como as publicações de T. Hauschild e F. Teichner, para Milreu, e L. de Matos, para Cerro da Vila, foram a pedra basilar do estudo arquitectónico e, sobretudo, da aferição da cronologia dos mosaicos. É ainda de destacar o trabalho desenvolvido por J. Maciel no Montinho das Laranjeiras que permitiu, se não no seu todo, pelo menos na parte de onde provêm os mosaicos – a *ecclesia* – definir estruturas e proporcionar um enquadramento arquitectónico e cronológico.

Nos restantes locais, foram coligidas as interpretações já publicadas e, na ausência delas, avançámos então com propostas inéditas, tendo por base a análise das plantas conhecidas. Este exercício permitiu conclusões interessantes no que diz respeito à Quinta de Amendoal, onde foi determinante a integração dos mosaicos e respectiva análise estilística, a que o cap. IV veio dar corpo.

Constituindo a sua essência, a valência decorativa do mosaico ocupa um espaço assinalável da pesquisa, enformando o capítulo IV. O estabelecimento de um corpo de paralelos, seleccionados segundo critérios cronológicos e geográficos, é para o investigador um momento determinante na procura de elementos caracterizadores que possam contribuir para a definição de

uma determinada corrente estética, sua origem e seu percurso. O estudo estilístico ocupa um lugar importante no conhecimento do mosaico e é, na maioria dos casos, um dos principais elementos datantes, arrogando-se essa primazia em locais onde os registos arqueológicos não existem, ou são claramente insuficientes. Da amplitude do corpo de paralelos estabelecido, ou da ausência deles, depende a sustentabilidade da análise. Trata-se de uma importante fase de pesquisa em bibliotecas. Neste nível de especialidade, a disponibilidade de publicações em Portugal é limitada, pelo que as deslocações às bibliotecas estrangeiras, em particular à da AIEMA, no Centro Henri Stern da *École Normale Supérieure*, em Paris, foi imprescindível. Também na Biblioteca do Instituto Arqueológico Alemão de Roma e na do Museu Nacional de Arte Romano de Mérida, pudemos colmatar as carências das bibliotecas nacionais. O fundo bibliográfico legado pelo Professor Bairrão Oleiro ao Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e que foi possível consultar a partir de Setembro de 2008, em muito enriqueceu aquela instituição que será a partir de agora a mais rica na matéria, em Portugal.

A apresentação das diversas composições geométricas documentadas no Algarve Oriental faz-se segundo a ordem do *Décor*. Primeiro, as composições lineares, depois, as composições de superfície e, por fim, as composições centradas. Num quarto ponto analisam-se, de forma compendiada, as composições e os motivos singulares figurativos, quer os que vão surgindo como elementos de preenchimento das composições geométricas, quer os que se apresentam como motivos *à part entière*, designadamente a fauna marinha³.

A publicação do *Décor* constituiu, de facto, um importante passo na classificação das composições geométricas e na uniformização do vocabulário; no entanto, as dificuldades que os seus autores encontraram (cf. *Le Décor* I, p. 7) continuam vivas, uma vez que muitas composições são de tal especificidade que não se registam na obra. Nessas situações, adopta-se o termo *variante* para indicar que se trata de um esquema semelhante, embora não exactamente igual. Nesses casos, a descrição adapta-se ao caso em estudo. Tratando-se sobretudo de um critério de ordenação da informação e não de sistematização rígida com base na numeração atribuída pelo *Décor*, como aliás os seus autores salientaram tendo em conta a tão grande variedade de formas existentes (*Le Décor* I, p. 9-10), sob pena de trincar motivos de grande parentesco cuja análise deve ser conjunta, agrupam-se por vezes num mesmo ponto diversas composições realizadas com base num mesmo esquema. O estudo estilístico permite destacar os paralelos mais próximos, preferencialmente datados arqueologicamente, com especial relevo para as províncias ocidentais do

³ Vide *supra* justificação para a inclusão deste tema na tese.

Império e, adentro destas, com enfoque especial para a Hispânia. Não é demais relembrar as dificuldades em estabelecer datações com base em critérios estilísticos, em numerosos casos, composições simples cujo período de vigência foi muito longo. Já, à medida que se complexifica o esquema de base e se introduzem elementos secundários na decoração, torna-se mais fácil destrinçar componentes datantes.

O cap. IV corporiza uma perspectiva de análise inovadora, salientando o contributo dos mosaicos na compreensão do espaço onde se integram. Com efeito, considera-se o mosaico como um elemento estruturante do espaço, uma vez que a sua disposição no compartimento, os motivos e a dimensão das suas diferentes partes constituintes (faixa de remate, bordadura, campo), entre outros indícios, podem indicar uma determinada função. Factores como a dimensão das tesselas e a sua respectiva densidade ou a variedade da pelta de cores aplicadas ao seu pavimento constituem, por outro lado, indícios de relevo na determinação da estima social atribuída ao compartimento.

Uma abordagem à técnica do *opus tessellatum* constitui uma outra vertente importante neste capítulo. Pela sua natureza tecnológica, podemos entrever aqui um ponto de ancoragem à Arqueologia, no seu sentido mais restrito. Ensaia-se um estudo comparativo das diversas camadas de assentamento dos mosaicos, sempre que os dados disponíveis o permitam. O estudo da paleta de cores e materiais introduzem uma nova dimensão cognitiva, em estreita relação com o estudo estilístico, a da Geologia. Os únicos estudos de paleta de cores conhecidos em Portugal foram realizados em Torre de Palma, primeiro, e depois em Rio Maior (cf. Oliveira, 2003, p. 147-151). O estudo da paleta é de máxima relevância não só na vertente quantitativa da diversidade de cores por mosaico, como ainda na vertente qualitativa do emprego criterioso de cada cor. Até este momento, a identificação e reprodução da cor tem sido feita à partir de uma gama vasta de lápis de cor – DERWENT™ – cujas características permitem uma aproximação muito realista à cor pétrea original (cf. *CMRP* II1, p. 282). O estudo geológico é importante para um melhor conhecimento não só das pedreiras, como dos circuitos comerciais a elas associados, mas também das opções a tomar em futuras intervenções de consolidação e restauro. A colaboração do Departamento de Ciências da Terra e da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, através da Professora Doutora Lídia Gil, foi fundamental na identificação dos materiais⁴.

Por fim, não poderia deixar de rematar esta *Introdução* com uma referência à divulgação – especializada, generalista e didáctica – que esta investigação já proporcionou, dando a conhecer

⁴ O resultado desta investigação será publicado oportunamente no *CMRP* II2 (no prelo).

um património em exposição desde há muito tempo, mas privado de uma apresentação com fundamentação científica. Assim, foram sendo apresentados os progressos do projecto em colóquios científicos (Oliveira / Viegas, 2005 e no prelo; Oliveira, 2006); no âmbito de um projecto INTERREG III *Mosaicos do Sudoeste da Hispânia*⁵ foi produzido um pequeno guia para público turista, incluindo os sítios de Milreu e Cerro da Vila e o mosaico do Oceano do MMF; finalmente, editou-se por iniciativa da Câmara Municipal de Faro e do MMF, um CD-ROM destinado a crianças sobre o mosaico do Oceano.

Índice de romanidade por excelência, o mosaico era já na Antiguidade um valioso indicador social e cultural dos seus possuidores. Hoje, constitui um importante vector na compreensão da presença romana no território, assumindo-se não só como um incontornável fóssil-director, mas também como um produto artístico depositário da admirável cultura greco-romana. Corporiza pois, com excelência, a dicotomia *utilitas / decor* da arquitectura romana: útil, porque se trata de um revestimento isolante; decorativo, porque a componente estética se assume, de forma mais ou menos acentuada consoante os locais, como uma inesgotável fonte de expressão artística. Razões por demais evidentes para merecer um lugar de destaque na investigação em Portugal.

Ao cabo de uma dezena de anos de missões no Algarve Oriental, foi possível dar corpo a um projecto ambicioso, de que se apresenta uma parte considerável, que não teria sido possível sem um trabalho de equipa. Recordam-se os longos dias de desenho dos mosaicos, tessela após tessela, que a nossa mente continuava a reproduzir nos momentos de repouso, o convívio e a troca de experiências com os diferentes membros da equipa e, sobretudo, as numerosas amizades que ficaram. Na memória, fica o dia em que tudo começou: chegara a Vilamoura no Expresso e alguém me viria buscar. Sabia que era morena, portuguesa, de cabelo preto e estatura média. Não sabia que se tornaria uma amiga querida e uma boa companheira de trabalho. Bem hajam Catarina. No seu papel, nem sempre agradável, de coordenadora de uma equipa inicialmente vasta, Janine Lancha provou, se necessário era, ser uma investigadora de elite que tem contribuído muito decisivamente para o avanço dos conhecimentos nesta área científica em Portugal. Devo-lhe o meu saber sobre mosaicos. Não poderei também deixar de recordar o rigor e a precisão do olhar de Adília Alarcão na análise da paleta de cores. As suas orientações foram decisivas nos caminhos que trilharam num árido assunto como o da leitura de cores. Eterno Professor, que me acompanha desde o primeiro contacto com a Arqueologia, hoje amigo e confidente, José d'Encarnação tem o

⁵ O projecto, liderado pela Universidade do Algarve, associou a Universidade de Huelva, o Museu de Ecija e a Missão luso-francesa MSP e é possível consultar-se no sítio da Internet <http://www.cepha.ualg.pt/mosudhis/> a partir do qual se pode ainda descarregar o pequeno guia: J. Lancha (Coord.), *A Rota dos Mosaicos: o Sul da Hispânia (Andaluzia e Algarve)*, Faro, 2008.

dom da palavra, de uma arte que só domina quem sabe o valor da vida e das coisas. Será, sempre, o meu Professor.

Pelo caminho, enfrentaram-se algumas tormentas, a maioria delas ultrapassadas, mas a sensação de finalmente chegar ao fim só cria a vontade de tudo recomeçar.

Abreviaturas bibliográficas

a) Revistas

AAC	Anales de Arqueología Cordobesa. Córdoba: Universidad de Córdoba, Facultad de Filosofía y Letras.
AB	Arquivo de Beja: Boletim da Câmara Municipal. Beja: António Joaquim Meneses Belard da Fonseca.
AEA	Archivo Español de Arqueología. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
AH	Arqueologia e História. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
AJA	American Journal of Archaeology: the Journal of the Archaeological Institute of America. Boston/New York: Archaeological Institute of America.
<i>Al Ulyã</i>	Al Ulyã. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Loulé: Câmara Municipal.
AM	Arqueologia Medieval. Campo Arqueológico de Mértola. Mértola: C.A.M.
AMF	Anais do Município de Faro. Faro.
AntAfr	Antiquités Africaines. Paris: Centre national de la recherche scientifique.
AnTard	Antiquité Tardive: Revue internationale d'histoire et d'archéologie (IVe -VIIIe s.). Turnhot: Brepols Publishers.
<i>Antike Welt</i>	Antike Welt. Zeitschrift für Archäologie und Kulturgeschichte. Mainz: P. von Zabern.
AP	O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
<i>Arqueologia</i>	Arqueologia. Revista do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto: G.E.A.P.
BAA	Bulletin d'Archéologie Algérienne. Alger: Agence nationale d'archéologie et de protection des sites et monuments historiques.
<i>Brotéria</i>	Brotéria. Revista Contemporânea de Cultura. Lisboa: Livraria Apostolado de Imprensa.
BSEAA	Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología. Valladolid: Universidad. Secretariado de Publicaciones.
<i>Caesaraugusta</i>	Caesaraugusta. Arqueología, Prehistoria, Historia Antigua. Saragoza: Diputación Provincial de Saragoza/Intitución Fernando el Católico.
<i>Cahiers de Tunisie</i>	Cahiers de Tunisie. Tunis: Université de Tunis.

- Conimbriga* Conimbriga. Revista do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Elvas-Caia* Elvas-Caia: Revista Internacional de Cultura e Ciência da Câmara Municipal de Elvas. Lisboa: Colibri, Elvas: Câmara Municipal.
- ERA Era Arqueologia: Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos. Lisboa: Edições Colibri: E.A.
- ETF Espacio, Tiempo y Forma. Serie II, Historia Antigua. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia.
- Estudos Arqueológicos de Oeiras* Estudos Arqueológicos de Oeiras. Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras: C.E.A.
- Estudos/Património* Estudos/ Património. Publicação do IGESPAR. Lisboa: MC/IGESPAR.
- Extremadura Arqueológica* Extremadura Arqueológica. Salamanca: Editora Regional de Extremadura.
- Felix Ravenna* Felix Ravenna. Ravenna: Istituto di Antichità Ravennati e Bizantine dell'Università di Bologna.
- Formes* Formes. Paris: Association des professeurs d'archéologie et d'histoire de l'art des universités.
- Gallia* Gallia. Fouilles et monuments archéologiques en France métropolitaine. Paris: PUF [puis] CNRS.
- Humanitas* Humanitas. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- JRA Journal of Roman Archaeology. Michigan: University of Michigan, Department of Classical Studies.
- Junta da Província do Algarve* Junta da Província do Algarve. Boletim. Faro: J:P:A.
- MAAR Memoirs of the American Academy in Rome. Ann Arbor (Mich.): The University of Michigan Press.
- MCV Mélanges de la Casa de Velázquez. Madrid/Paris: Casa Velázquez / De Boccard.
- MDAI(M) Mitteilungen des Deutschen archäologischen Instituts. (Abt. Madrid) / Mainz.
- MEFRA Mélanges de l'École Française de Rome, Antiquité. Roma: École Française de Rome.

<i>Norba</i>	Norba: Revista de Arte, Geografía e Historia / Universidad de Extremadura Cáceres: Universidad de Extremadura.
<i>O Occidente</i>	Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro. Lisboa: Lallement Frères.
<i>Portugália</i>	Portugália. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade.
<i>Promontoria</i>	Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve. Faro: Universidade do Algarve.
PSAM	Publications du service des antiquités du Maroc. Rabat.
<i>Revista de Arqueologia</i>	Revista de Arqueologia. Lisboa: Imprensa Moderna.
<i>Revista de Guimarães</i>	Revista de Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.
RPA	Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
<i>Trabajos de Arqueología Navarra</i>	Trabajos de Arqueología Navarra. Pamplona: Gobierno de Navarra – Departamento de Educación y Cultura – Institución Príncipe de Viana.
<i>Veleia</i>	Veleia. Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filología Clásicas. Vitória: Universidad del País Vasco, Instituto de Ciencias de la Antigüedad.
<i>Zephyrus</i>	Zephyrus. Revista de Prehistoria y Arqueología. Salamanca: Universidad, Facultad de Filosofía y Letras
<i>Xelb</i>	Xelb. Silves: Câmara Municipal.

b) Obras colectivas

AISCOM	Associazione Italiana per lo Studio e la Conservazione del Mosaico.
<i>CME I a XII</i>	<i>Corpus de Mosaicos Romanos de España</i> , Madrid.
<i>CMGR I</i>	G.-Ch. Picard e H. Stern (Eds), <i>La mosaïque gréco-romaine</i> (Actes du 1 ^{er} Colloque International pour l'Étude de la Mosaïque Antique, Paris, 24 août-3 septembre 1963), Paris, 1965.
<i>CMGR II</i>	H. Stern e M. Le Glay (Eds.), <i>La mosaïque gréco-romaine II</i> (Actes du 2 ^{ème} Colloque International pour l'Étude de la Mosaïque Antique, Vienne, 30 août – 4 septembre 1971), Paris, 1975.
<i>CMGR III</i>	Farioli Campanati (Ed.), <i>III^o Colloquio internazionale sul mosaico antico</i> (Ravenna, 6-10 settembre 1980), Rabean, 1984, 2 vols.

- CMGR IV J.-P. Darmon e A. Rebourg (Eds.), *La mosaïque gréco-romaine IV* (Actes du IV^e Colloque International pour l'Étude de la Mosaïque Antique, Trèves, 8-14 août 1984), Paris, 1994, 2 vols.
- CMGR V R. Ling, P. Johnson e D. J. Smith (Eds.), *Fifth international colloquium on ancient mosaics* (Bath, 5-12 september 1987), Ann Arbor, Mi, 1994 e 1995, 2 vols (JRA, suppl. series; 9).
- CMGR VI D. Fernández Galiano (Ed.), *VI Colóquio Internacional sobre Mosaico Antigo* (Palência-Mérida, octubre 1990), Guadalajara, 1994.
- CMGR VII A. Ennaïfer e A. Rebourg (Eds.), *La mosaïque gréco-romaine VII* (Actes du VII^{ème} Colloque International pour l'Étude de la Mosaïque Antique, Tunis, 3-7 octobre 1994), Tunis, 1999, 2 vols.
- CMGR VIII D. Paunier e C. Schmidt (Eds.), *La mosaïque gréco-romaine VIII*, (Actes du VII^{ème} Colloque International pour l'Étude de la Mosaïque Antique, Lausanne, 6-11 octobre 1997), Lausanne, 2001 (Cahiers d'archéologie romande; 85-86).
- CMGR IX H. Morlier (Ed.), *La mosaïque gréco-romaine IX* (Actes du IX^{ème} Colloque International pour l'Étude de la Mosaïque Antique, Rome, 5-10 novembre 2001), Roma, 2005, 2 vols (Col. EFR; 352).
- CMGR X *O mosaico greco-romano X* (Actas do X Colóquio Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo, Conimbriga, 29 Outubro-3 Novembro 2005), Conimbriga, no prelo.
- CMRP *Corpus de Mosaicos Romanos de Portugal.*
- CMT *Corpus de Mosaïques Romaines de Tunisie.*
- EFR École Française de Rome.
- Mél. Stern R. Ginouvés (Dir.), *Mosaïques. Recueil d'hommage à Henri Stern*, Paris, 1982.

c) Instituições

AIEMA	<i>Association Internationale pour l'Étude de la Mosaïque Antique</i> (Associação Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo).
IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, IP ⁶ .
DGEMN	Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.
IPA	Instituto Português de Arqueologia.
IPPAR	Instituto Português do Património Arquitectónico.
MMF	Museu Municipal de Faro (Museu Municipal Infante D. Henrique).
MMA	Museu Municipal de Albufeira.
MML	Museu Municipal de Loulé.
MMSR	Museu Municipal Santos Rocha (Figueira da Foz).
MNA	Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).
MSP	Missão luso-francesa Mosaicos do Sul de Portugal.

⁶ Criado pelo Decreto-Lei n.º 96/2007, de 29 de Março, o Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, IP, resultou da fusão do IPPAR e do IPA e da incorporação de parte das atribuições da extinta DGEMN.

Bibliografia

- ABRAÇOS (1999) F. Abraços, “Contributo para a história do inventário dos mosaicos romanos”, *AP*, 4ª série, 17, 1999, p. 345-397.
- (2006-2007) F. Abraços, “O corpus dos mosaicos romanos de Portugal”, *Portugália*, nova série, vol. XXVII-XXVIII, 2006-2007, p. 49-58.
- ACUÑA (1973) F. Acuña Castroviejo, “Mosaicos romanos de Hispania Citerior, II, *conventus lucensis*”, *Studi Archaeologica*, 24, 1973, p. 9-17.
- (1974) F. Acuña Castroviejo, “Mosaicos romanos de Hispania Citerior, III, *conventus lucensis*”, *Studia Archaeologica*, 31, 1974, p. 3-54.
- ALARCÃO *et al.* (1980) A. Alarcão, M. M. Almeida e J. d’Encarnação, “O mosaico do Oceano de Faro”, *AMF*, X, 1980, p. 221-232.
- ALARCÃO (1974) J. de Alarcão, *Portugal Romano*, Lisboa, 1974 (História Mundi; 33).
- (1968) J. de Alarcão, “Notícias e comentários”, *Humanitas*, 19-20, 1968, p. 390.
- (1988) J. de Alarcão, *Roman Portugal*, vol. II, fasc.3: Evora, Faro & Lagos, Warminster, 1988.
- (1990) J. de Alarcão, “Identificação das cidades de Lusitânia portuguesa e dos seus territórios”, in *Les villes de Lusitanie romaine, hiérarchies et territoire*, Table ronde internationale du CNRS (Talence, 1988), Paris, 1990, p. 21-34.
- (2002) J. de Alarcão, “O templo da *villa* de S. Cucufate”, in J. Cardim Ribeiro (Coord.), *As Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002, p. 245-246.
- AL MAHJUB (1983) O. Al Mahjub, “I mosaici della *villa* romana di Silin”, *CMGR* III, 1983, p. 299-306.
- ALONSO (1983) A. Alonso Sanchez, “Las estancias absidadas en las *villae* romanas de Extremadura”, *Norba*, 4, 1983, p. 199-205.
- ALVARADO *et al.* (1991) M. de Alvarado Gonzalo, A. Gonzalez Cordero e J. Molano Briás, “Excavaciones de urgencia en la *villa* romana de ‘Torre Albarragena’”, *Extremadura Arqueológica*, II, 1991, p. 403-415.
- ÁLVAREZ, Mosaicos de Mérida J. M. Álvarez Martínez, Mosaicos de Mérida. Nuevos Hallazgos, Madrid, 1990.

- ÁLVAREZ (1999) J. M. Álvarez Martínez, “Las producciones musivas”, in *Hispania. El Legado de Roma*, Museu Nacional de Arte Romano / Mérida, Madrid, 1999, p. 369-375.
- AMA V S. P. M. Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, vol. V, Silves, reedição 2006.
- ARA M. L. E. V. Affonso dos Santos, *Arqueologia Romana do Algarve*, Lisboa, 2 vols, 1971-1972.
- ARAGÃO (1868) A. C. Teixeira de Aragão, Relatório sobre o cemitério romano descoberto próximo da cidade de Tavira em Maio de 1868, Imprensa Nacional, Lisboa, 1868.
- (1896) A. C. Teixeira de Aragão, “Antiguidades romanas de Balsa”, *AP*, II, 1896, p. 55-57.
- AURIGEMMA, *Zliten* S. Aurigemma, *I Mosaici di Zliten*, 1926, Roma-Milão.
- , *Tripolitania I* S. Aurigemma, *L'Italia in Africa, Tripolitania*, vol. I-I, Monumenta d'Arte Decorativa – Parte prima: *I mosaici*, 1960, Roma.
- , *Villa Adriana* S. Aurigemma, *Villa Adriana presso Tivoli*, 1961, Tivoli.
- AZEVEDO (1970) Pe J. M. Semedo Azevedo, “Retorta. Antiga Carteia?”, *Actas e memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), Lisboa, 1970, p. 113-124.
- BALIL (1962) A. Balil, “Mosaicos ornamentales romanos de Barcelona”, *AEA*, 35, 1962, p. 36-69.
- (1964) A. Balil, “Mosaicos romanos de Baetulo (Badalona)”, *Zephyrus*, 15, 1964, p. 85-100.
- (1970) A. Balil, “Los mosaicos de la villa de El Puig de Cebolla (Valencia)”, in *Estudios sobre mosaicos romanos: I, Studia Archeologica*, 6, 1970, p. 7-19.
- (1975) A. Balil, “Sobre los mosaicos romanos de Galicia: Identificación de un taller musivario”, *CMGR* II, 1975, p. 259-263.
- BALMELLE (2001) C. Balmelle, *Les Demeures aristocratiques d'Aquitaine*, Bordeaux-Paris, 2001.
- BALMELLE *et al.* (1980) C. Balmelle, M. Gauthier e R. Monturet, “Mosaïques de la villa du Palat de Saint-Emilion (Gironde)”, *Gallia*, 38, p. 62-82.
- (1999) C. Balmelle *et al.*, “Nouveaux apports à la connaissance de la mosaïque gallo-romaine”, *CMGR* VII, 1999, p. 627- 637.

- BARBET (1982) A. Barbet, “Quelques rapports entre mosaïques et peintures murales à l’époque romaine”, in *Mél. Stern*, 1982, p. 43-53.
- BARRAL, *mos. rom. regio laietana* X. Barral I Altet, *Les mosaïques romaines et médiévales de la regio laietana (Barcelone et ses environs)*, Barcelona, 1978.
- BECATTI (1965) G. Becatti, “Alcune caratteristiche del mosaico bianco-nero in Italia”, *CMGR I*, 1965, p. 15-28.
- , Ostia G. Becatti, *Scavi di Ostia, IV, Mosaici e pavimenti marmorei*, Roma, 1961.
- BELCADI (1988) Z. Belcadi, *Les mosaïques de Volubilis*, thèse de doctorat, Université Paris I, 3 vol., 1988 (ex. dactil).
- BEN ABED (1982) A. Ben Abed, “Une mosaïque à pyramides végétales de Puput”, in *Mél. Stern*, 1982, p. 61-64.
- (1993) A. Ben Abed, “L’édifice du satyre et de la nymphe de Pupput”, *CMGR VI*, p. 239-251.
- BEN OSMAN, *Mos. Carthage* W. Bairen Ben Osman, *Catalogue des mosaïques de Carthage*. Doctorat de 3e cycle: Art et Archéologie: Aix-Marseille 1, 1980.
- BERNARDES (2004) J. P. Bernardes, “Sobre o litoral algarvio no período imperial romano”, in *O Passado em Cena: Narrativas e Fragmentos*, M. Conceição Lopes e R. Vilaça (Coord.), Coimbra / Porto, 2004, p. 247-160.
- (2005a) J. P. Bernardes, “As necrópoles de Ossonoba”, in *Caminhos do Algarve romano*, Catálogo da exposição no Museu Municipal, Faro, 2005, p. 26-34.
- (2005b) J. P. Bernardes, “A relação campo/cidade. Os casos de Milreu e Ossonoba”, in *Caminhos do Algarve romano*, Catálogo da exposição no Museu Municipal, Faro, 2005, p. 35-42.
- (2006) J. P. Bernardes, “O peristilo da *villa* romana de Milreu: novas interpretações”, *Promontoria*, ano 4, n°4, 2006, p. 127-160.
- (2008) J. P. Bernardes, “Intervenção arqueológica de emergência no sítio de Loulé”, *Al Ulyã*, 12, 2008, p. 9-22.
- BLANCHARD (1975) M. Blanchard-Lemée, *Maisons à mosaïques du quartier central de Djemila (Cuicul)*, Paris, 1975.
- (1995) M. Blanchard-Lemée e G. Mermet, *Sols de l’Afrique romaine*, Paris, 1995.
- (2003) M. Blanchard-Lemée, “Mosaïque des monstres marins”, in *Algérie antique*, C. Sintès et Y. Rebahi (Eds.), Arles, 2003.

- BLAKE I M. E. Blake, “The Pavements of the Roman Buildings of the Republic and the early Empire”, *MAAR*, VIII, 1930, p. 7-159.
- BLAKE II M. E. Blake, “Mosaics of the Second Century in Italy”, *MAAR*, XIII, 1936, p. 67-214.
- BLAKE III M. E. Blake, “Mosaics of the Late Empire in Rome and Vicinity in Italy”, *MAAR*, XVII, 1940, p. 81-130.
- BLÁZQUEZ (1993) J. M. Blázquez Martínez, *Mosaicos Romanos de España*, Madrid, 1993.
- (1994) J. M. Blázquez Martínez, “Mosaicos de Boca do Rio y Abicada (Lusitânia)”, *CMGR V-1*, 1994, p. 187-198.
- BLÁZQUEZ *et al.* (1989) J. M. Blázquez Martínez *et al.*, “Influjos africanos en los mosaicos hispanos”, *L’Africa Romana VII* (Sassari, 15-17 dicembre 1999), p. 673-694.
- (1990) J. M. Blázquez Martínez *et al.*, “Pavimentos africanos con espectáculos de toros. Estudio comparativo a propósito del mosaico de Silin (Tripolitania)”, *AntAfr*, 26, 1990, p. 155-204.
- (1993) J. M. Blázquez Martínez *et al.*, “Hallazgos de mosaicos romanos en Hispania (1977 – 1987)”, *EFT*, 6, 1993, p. 221-296.
- BORGES (1986) M. F. Borges, *Mosaicos luso-romanos da área de influência de Olisipo e Collipo*, Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1986. (Inédita)
- BOTTO (1896) J. Maria Pereira Botto, “Arqueologia do Algarve. O Aro de Tavira”, *AP*, 2, 1896, p. 152-153.
- (1898) J. Maria Pereira Botto, “Ichonographia parcial das construções luso-romanas de Milreu”, *AP*, 4, 1898, p. 158-160.
- (1899) J. Maria Pereira Botto, *Glossário Crítico dos Principaes Monumentos do Museu Archeológico Infante D. Henrique ornado com a planta do Milreu (Estoi) e respectiva interpretação ichnographica*, Faro, 1899.
- BRAGA (2000) P. Braga, “Intervenção e conservação em quatro pavimentos de mosaico na villa romana de Milreu (Estói-Faro)”, *Era*, 2, 2000, p. 165-177.
- BRAZUNA *et al.* (2002) S. Brazuna, A. Jorge e A. Sarrazola, *Villa da Herdade das Argamassas (Campo Maior)*, Relatório de trabalhos arqueológicos de 2002 (Relatório ERA 197/02), Lisboa, 2002.

- CADETE (2007) M. J. Cadete, “Espólio da colecção de Estácio da Veiga recolhido na estação lusitano-romana de Retorta, depositado no Museu Archeológico do Algarve”, *Xelb*, 7, 2007, p. 391-406.
- (2008) M. J. Cadete, “Estação arqueológica de Retorta e sua envolvente”, *Al Ulyã*, 12, 2008, p. 35-86.
- CAETANO (1989) M. T. Caetano, “Villa romana de Santo André de Almoçageme” in *O espaço rural na Lusitânia: Tomar e o seu território (Actas do Seminário)*, S. da Ponte, A. Ventura e J. Miranda (Eds.), Tomar, 1989, p. 93-102.
- (2001) M. T. Caetano, “Mosaicos romanos de Lisboa: I – a ‘Baixa pombalina’”, *Conimbriga*, XL, 2001, p. 65-82.
- CALCI *et al.* (2000) C. Calci, M. Grandi e A. Bigliati, “Mosaico della via Tiburtina”, *AISCOM VI*, 2000, p. 211-224.
- CAMPBELL (1994) S. Campbell, “Goodluck symbols on spanish mosaics”, *CMGR VI*, 1994, p. 293-300.
- CANTO (1976) A. Canto, “El mosaico del nacimiento de Vénus de Italica”, *BSEAA*, 7, 1976, p. 293-338.
- CARDOSO (2007) J. L. Cardoso, “Vida e obras de Estácio da Veiga”, *Xelb*, 7, 2007, p. 15-72.
- CARDOSO *et al.* (1997) J. L. Cardoso, A. Quintela e J. M. Mascarenhas, “Os romanos e a água”, in *Portugal Romano. A Exploração dos Recursos Naturais*, A. Alarcão (Coord.), Lisboa, 1997, p. 17-29.
- CARDOSO / GRADIM (2004) J. L. Cardoso e A. Gradim, “Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim”, *AP*, série IV, 22, 2004, p. 67-112.
- Carranque* (2001) *Carranque, Centro de Hispania romana*, Museo arqueológico regional, Alcalá de Henares, 2001.
- CARVALHO / ALMEIDA (2003) A. Carvalho e M^a J. Almeida, “A água e o mármore na villa baixo-imperial da Quinta das Longas”, *Elvas-Caia*, nº 1, 2003, p. 113-126.
- CARVALHO *et al.* (no prelo) A. Carvalho, M^a J. Almeida e C. Oliveira, “La villa de Quinta das Longas: les mosaïques du Bas-Empire”, *CMGR X*, no prelo.
- CATARINO (2002) H. Catarino, “Castelos e território omíada na kura de Ossonoba”, in *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos (2001), I. C. F. Fernandes (Ed.), Lisboa, 2002, p. 29-44.

- CATARINO / FILIPE (2003) H. Catarino e S. Filipe, “A História tal qual se faz no Pátio da Universidade de Coimbra: apresentação sumária dos vestígios de época romana”, in *A História Tal Qual se Faz*, J. d’ Encarnação (Coord.), Coimbra, Faculdade de Letras, 2003, p. 49-63.
- CHAVES (1936) L. Chaves, “Antiquitates IV: mosaicos lusitano-romanos em Portugal”, *Revista de Arqueologia*, 3, 1936, p. 21-23, 56-60, 83-87.
- (1956) L. Chaves, “Estudos lusitano-romanos. A villa de Santa Vitória do Ameixial: escavações em 1915-16”, *AP*, 30 (1938), 1956, p. 14-117.
- CHEHAB, *Mos. Liban* M. Chehab, *Mosaïques du Liban*, Paris, 1958 (Bulletin du musée de Beyrouth; 15).
- CME I A. Blanco, *Mosaicos Romanos de Mérida*, Madrid, 1978.
- CME II A. Blanco, *Mosaicos Romanos de Italica*, Madrid, 1978.
- CME III J. M. Blázquez, *Mosaicos de Córdoba, Jaén y Málaga*, Madrid, 1981.
- CME IV J. M. Blázquez, *Mosaicos de Sevilla, Granada, Cádiz y Murcia*, Madrid, 1982.
- CME V J. M. Blázquez, *Mosaicos de la Real Academia de la Historia, Ciudad Real, Toledo, Madrid y Cuenca*, Madrid, 1982.
- CME VI J. M. Blázquez e T. Ortego, *Mosaicos de Soria*, Madrid, 1983.
- CME VII J. M. Blázquez e M. A. Mezquíriz, *Mosaicos de Navarra*, Madrid, 1985.
- CME VIII J. M. Blázquez *et al.*, *Mosaicos Romanos de Lérida y Albacete*, Madrid, 1989.
- CME IX J. M. Blázquez *et al.*, *Mosaicos Romanos del Museo Arqueológico Nacional*, Madrid, 1989.
- CME X J. M. Blázquez *et al.*, *Mosaicos Romanos de León y Asturias*, Madrid, 1993.
- CME XI M. L. Neira e T. Mañanes, *Mosaicos Romanos de Valladolid*, Madrid, 1998.
- CME XII G. López Monteagudo *et al.*, *Mosaicos Romanos de Burgos*, Madrid, 1998.
- CMRP I1 J. M. Bairrão Oleiro, *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal: conventus scallabitanus*, Conimbriga, Casa dos Repuxos, Lisboa, 1992.
- CMRP II1 J. Lancha *et al.*, *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal: conventus pacensis, a villa de Torre de Palma*, Lisboa, 2000.
- CMT I1 M. Alexander *et al.*, *Utique: insulae I-II-III*, Tunis, 1973.
- CMT I2 M. Alexander, M. Ennaifer e C. Dulière, *Utique: les mosaïques in situ en dehors des insulae I-II-III*, Tunis, 1974.

- CMT I3 M. Alexander *et al.*, *Utique: les mosaïques sans localizations précises et El Alia*, Tunis, 1976.
- CMT II1 M. A. Alexander *et al.*, *Corpus des mosaïques de Tunisie II, 1: Thurburbo Majus, Les mosaïques de la région du Forum*, Tunis, 1980.
- CMT II2 M. A. Alexander *et al.*, *Corpus des mosaïques de Tunisie, II, 2: Thurburbo Majus, Les mosaïques de la région des Grands Thermes*, Tunis, 1980.
- CMT II3 A. Ben Abed-Ben Khader, *Corpus des mosaïques de Tunisie, II, 3: Thurburbo Majus, Les mosaïques dans la région ouest*, Tunis, 1987.
- CMT II4 M. A. Alexander e A. Ben Abed-Ben Khader, *Corpus des mosaïques de Tunisie, II, 4: Thurburbo Majus; Les mosaïques de la région est*, Tunis, 1994.
- CMT III1 C. Dulière e H. Slim, *Thysdrus El Jem, quartier sud-ouest*, Tunis, 1996.
- CMT IV1 A. Ben Abed-Ben Khader, *Corpus des mosaïques de Tunisie, IV, 1, Carthage, Les mosaïques du parc archéologique des thermes d'Antonin*, Tunis, 1999.
- COIMBRA (2007) F. Coimbra, *A Suástica em Portugal e na Galiza, desde a Idade do Bronze ao Fim do Período Romano: Problemática da Origem e da Interpretação*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Salamanca e à Universidade Autónoma de Lisboa, 2007.
- CORREIA (1935) V. Correia, *Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coimbra. Excursão a Conimbriga*, Coimbra, 1935.
- CORREIA (2001) V. H. Correia, “A casa atribuída a Cantaber. Trabalhos arqueológicos 1995-1998”, *Conimbriga*, XL, 2001, p. 83-140.
- (2003) V. H. Correia, “O futuro dos estudos arqueológicos em Conimbriga”, in V. H. Correia (Ed.), *Perspectivas sobre Conimbriga*, Museu Monográfico de Conimbriga, Lisboa, 2003, p. 49-79.
- (2005) L. Nunes Correia, *Decoração Vegetalista nos Mosaicos Portugueses*, Lisboa, 2005.
- COSTA (1934) A. I. Marques da Costa, “Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal”, *AP*, XXIX (1930-1931), 1934, p. 2-31.
- COSTA (1988) M. L. Costa, “Contribuição para o estudo de alguns dos mosaicos da villa romana de Pisões”, *AB*, 2 (2ª série), 1988, p. 95-135.
- (Le) *Décor*, I C. Balmelle *et al.*, *Le décor géométrique de la mosaïque romaine*, Paris, 1985.

- (Le) *Décor*, II C. Balmelle *et al.*, *Le décor géométrique de la mosaïque romaine II, répertoire graphique et descriptif des décors centrés*, Paris, 2002.
- DAREMBERG / SAGLIO C. Daremberg e E. Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, 14 vols, Paris, 1817-1872.
- DARMON (1980) J.-P. Darmon, *Nymfarum Domus: les pavements de la Maison des Nymphes à Neapolis (Nabeul-Tunisie) et leur lecture*, Leyde, 1980.
- DE FRANCESCHINI (1991) M. De Franceschini, *Villa Adriana: Mosaici, Pavimenti, Edifici*, Roma, 1991.
- DELAINE (1997) J. Delaine, *The baths of Caracalla: a study in the design, construction, and economics of large-scale building projects in imperial Rome*, Portsmouth, 1997 (JRA; série supl. n° 25).
- Dicionário* C. Viegas *et al.*, *Dicionário de Motivos Geométricos no Mosaico Romano*, Conimbriga, 1993.
- DONDERER (1986) M. Donderer, *Die chronologie der Römischen Mosaiken in Venetien und Istrien bis zur Zeit der Antonine* (DAI, Archäologische Forschungen;15), Berlin, 1986.
- DUNBABIN (1978) K. M. D. Dunbabin, *The Mosaics of Roman North Africa*, Oxford, 1978.
- (1991) K. M. D. Dunbabin, “*Triclinium and stibadium*”, in *Dining in a Classical Context*, W. J. Slater (Ed.), Michigan, 1991, p. 121-148.
- (1996) K. M. D. Dunbabin, “*Convivial spaces: dining and entertainment in the roman villa*”, *JRA*, 9, 1996, p. 66-79.
- (1999) K. M. D. Dunbabin, *Mosaics of Greek and Roman World*, Cambridge University Press, 1999.
- DUVAL (1949) P.-M. Duval, “*La forme des navires romains, d’après la mosaïque d’Althiburus*”, *MEFRA*, 61, 1949, p. 119-149.
- EAA, I à VII, e Supl. *Enciclopedia dell’Arte Antica, Classica e Orientale*, Roma, 1958-1994.
- ELLIS (1991) S. P. Ellis, “*Power, architecture and decor: how a late roman aristocrat appeared to his guests*”, in *Roman Art in private Sphere. New Perspectives on the Architecture and decor of the Domus, Villa and Insula*, E. Gazda (Ed.), Ann Arbor, 1991, p. 117-130.
- (2000) S. P. Ellis, *Roman Housing*, Duckworth, Londres, 2000.
- ENCARNAÇÃO, IRCP J. d’ Encarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis, Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984.
- (1984) J. d’ Encarnação, “*Epigrafia de Ossonoba*”, *Conimbriga*, 23, 1984, p. 5-18.

- ENCARNAÇÃO (1986) J. d' Encarnação, "Reflexões sobre a epigrafia romana de Ossonoba", *AMF*, XV, p. 125-132 [versão actualizada do texto inserto in *Conimbriga*, 23, 1984, p. 5-18].
- (2005) J. d' Encarnação, "Gentes do mar e da terra", in *Caminhos do Algarve romano*, Catálogo da exposição no Museu Municipal, Faro, 2005, p. 21-25.
- (2008) J. d' Encarnação, "Epígrafes romanas de Loulé – Histórias antigas por desvendar", *Al Ulya*, 12, 2008, p. 25-33.
- ENNABLI (1975) M. Ennabli, "Maison aux banquettes ou à banquets à Sousse", *CMGR* II, 1975, p. 103-118.
- ENNAÏFER, *Althiburos* M. Ennaïfer, *La Cité d'Althiburos et l'édifice des Asclepeia*, Tunis, 1976.
- (1994) M. Ennaifer, "Contribution à la connaissance des mosaïques da la région de l'antique Capsa", *CMGR* VI, 1994, p. 253-264.
- ÉTIENNE (1954) R. Étienne, "Maisons et hydraulique dans le quartier nord-est à Volubilis", *PSAM*, 10, 1954, p. 25-211.
- FABIÃO (1997) C. Fabião, "As *villae* do actual Algarve", in *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, F. Barata (Ed.), Lisboa, 1997, p. 373-385.
- (2007) C. Fabião, "Estácio da Veiga e a exploração de recursos marinhos no Algarve, em época romana", *Xelb*, 7, 2007, p. 131-142.
- FARIOLI (1975) R. Farioli Campanati, *Pavimenti Musivi di Ravenna Paleocristiana*, Ravenna, 1975 (*Antichità, Archeologia, Storia dell'Arte*; 1).
- FARRAJOTA / PAÇO (1966) J. Farrajota e A. do Paço, "Subsídios para uma carta arqueológica do concelho de Loulé", *AH*, XII, 8ª série, 13, 1966, p. 67-91.
- FENDRI (1963) M. Fendri, *Découverte archéologique dans la région de Sfax, La mosaïque d'Océan*, Tunis, 1963.
- (1964) M. Fendri, "Les thermes des Mois à Thina", *Cahiers de Tunisie*, 45-46, 1964, p. 47-57.
- (1965) M. Fendri, "Évolution chronologique et stylistique d'un ensemble de mosaïques dans une station thermale a Djebel Oust (Tunisie)", *CMGR* I, 1965, p. 157-173.
- FERDI (1998) S. Ferdi, *Mosaïques des eaux en Algérie. Un langage mythologique des pierres*, Alger, 1998.
- (2005) S. Ferdi, *Corpus des mosaïques de Cherchel*, Paris, 2005.

- FERNÁNDEZ CASTRO (1977-1978) M^a Cruz Fernández de Castro, “Las llamadas 'termas' de Rielves (Toledo)”, *AEA*, 50-51, 1977-1978, p. 209-250.
- FERNÁNDEZ-GALIANO, *Complutum* D. Fernández Galiano, *Complutum*, vol. I: *Las Excavaciones*; vol. II: *Los Mosaicos*, Madrid, 1984.
- , *Conv. Cesaraugustano* D. Fernández-Galiano, *Mosaicos Romanos del Convento Cesaraugustano*, Saragoça, 1987.
- (1994) D. Fernández-Galiano et al., “Mosaicos de la villa de Carranque”, *CMGR* VI, 1994, p. 317-326.
- FONTANA (1993) F. Fontana, *La villa romana di Barcola. A proposito delle villae maritimae della Regio X*, Roma, 1993 (*Studi e Ricerche sulla Gallia Cisalpina*; 4).
- FORMOSINHO (1942) J. Formosinho, “Abicada, interessante estação de época romana”, *Junta da Província do Algarve*, 1, 1942, p. 107-110.
- FOUCHER, *Thermes* L. Foucher, *Les thermes romains des environs d'Hadrumète*, Tunis, 1958 (Notes et Documents, nouvelle série, I).
- , *Inv. Sousse* L. Foucher, Inventaire des mosaïques. Feuille n° 57 de l'Atlas Archéologique, Sousse, Tunis, 1960.
- , *Thysdrus 1960* L. Foucher, *Découvertes archéologiques à Thysdrus en 1960*, Tunis, 1962 (Notes et Documents, n.s. V).
- , *Procession dionysiaque* L. Foucher, *La maison de la Procession Dionysiaque à El Jem*, Tunis, 1963.
- , *Thysdrus 1961* L. Foucher, *Découvertes archéologiques à Thysdrus en 1961*, Tunis, 1964.
- , *Hadrumète* L. Foucher, *Hadrumetum*, Paris, 1964.
- , *Masques* L. Foucher, *La Maison des Masques à Sousse. Fouilles 1962-1963*. Tunis, 1965 (Notes et Documents nouvelle série, VI).
- FRANCO (1942) M. Lyster Franco, “As ruínas romanas de Milreu e os últimos trabalhos nelas realizados por intermédio da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais”, *Junta de Província do Algarve*, 1, 1942, p. 5-30.
- FRANCO / VIANA (1945) M. Lyster Franco e A. Viana, “O espólio arqueológico de José Rosa Madeira”, *Brotéria*, 41:5, 1945, p. 386-419.
- GAMITO (1994) T. J. Gamito, “Faro. Policia Judiciária”, *Informação Arqueológica*, 9, p. 115-117.
- GARCIA (2000) M. A. García Guinea, *La villa romana de Quintanilla de la Cueva (Palencia)*, Memoria de las Excavaciones 1970-1981, Palencia, 2000.

- GARCIA BUENO (1994) C. García Bueno, “Mosaicos de la villa romana de Puente de la Olmilla (Alvadalejo, Ciudad Real)”, *Veleia*, 11, 1994, p. 95-116.
- GARCIA Y BELLIDO (1960) A. Garcia y Bellido, *Colonia Aelia Augusta Italica*, Madrid, 1960.
- GAUKLER (1905) P. Gaukler, “Un catalogue figuré de la batellerie gréco-romaine”, *Monuments et Mémoires de l’Académie des Inscriptions et Belles Lettres. Fondation Eugène Piot*, XII, 1905, p. 113-154.
- GERMAIN, *Timgad* S. Germain, *Les Mosaïques de Timgad: étude descriptive et analytique*, Paris, 1969.
- GIARDINA (1992) A. Giardina, “O mercador”, in *O Homem Romano*, A. Giardina (dir.), Lisboa, Editorial Presença, 1992, p. 205-222.
- GOMES *et al.* (1996) M. Varela Gomes *et al.*, “O mosaico de Oeiras: estudo iconográfico, integração funcional e cronológica”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, 1996, p. 367-406.
- GOMEZ (1997) J. Gómez Pallarès, *Edición y Comentario de las Inscripciones sobre Mosaico de Hispania: Inscripciones no cristianas*, Roma, 1997.
- GONZENBACH (1961) V. von Gonzenbach, *Die römischen Mosaiken der Schweiz*, Bâle, 1961.
- GORGES, *Villas* J.-G. Gorges, *Les villas hispano-romaines, inventaire et problématique archéologiques*, Paris, 1979.
- GOZLAN, *Acholla I* S. Gozlan, *La Maison du Triomphe de Neptune à Acholla (Botria, Tunisie), I: Les mosaïques*, Roma, 1992.
- , *Acholla II* S. Gozlan *et al.*, *Acholla: Les mosaïques des maisons du Quartier Central et les mosaïques éparses (Recherches franco-tunisiennes à Acholla II)*, Roma, 2001 (EFR; 277).
- GRAEN (2004) D. Graen, “*Sepultus in villa – Bestattet in der villa*”, *Antike Welt*, 3, 2004, p. 65-74.
- (2005a) D. Graen, “The so-called “temples” at Milreu (Estoi/Algarve), Sao Cucufate (Vila de Frades/Alentejo) and Quinta de Marim (Olhão/Algarve): a new interpretation of their function, based on actual excavations and iconographic studies”, *Xelb*, 5, 2005, p. 73-84.
- (2005b) D. Graen, “Two Roman mausoleums at Quinta de Marim (Olhão): preliminary results of the excavations in 2002 and 2003”, *RPA*, 8-1, 2005, p. 257-278.

- (2005c) D. Graen, “Os mosaicos do ‘santuário’ de Milreu, Estói (Algarve), no contexto da uma nova interpretação”, *AP*, série, IV, 23, 2005, p. 367- 415.
- (2007) D. Graen, “O sítio da Quinta de Marim (Olhão) na época tardo-romana e o problema da localização da *Statio Sacra*”, *RPA*, 10, 2007, p. 275-288.
- GRANDI / CHINI (2005) M. Grandi e P. Chini, “Observazioni sul repertorio del mosaico bianco nero di I a II a Roma”, *CMGR IX*, 2005, p. 55-65.
- GRECO (1997) C. Greco, “Pavimenti in *opus signinum* e tessellati geometrici da Solunto: una messa a punto”, *AISCOM IV*, 1997, p. 39-62.
- GROS (2001) P. Gros, *L’architecture romaine, 2 - Maisons, palais, villas et tombeaux*, Paris, 2001.
- HANOUNE, mos. *Bulla* R. Hanoune, *Recherches archéologiques franco-tunisiennes à Bulla Regia, IV, Les mosaïques*, Roma, 1980.
- (2005) R. Hanoune, “Les thermes du grand ensemble sévérien à *Bulla Regia* (Tunisie)”, *CMGR IX*, 2005, p. 281-289.
- HAUSCHILD (1961) T. Hauschild, H. Schlunk, “Vorbericht über die arbeiten in Centcelles”, *MDAI(M)*, 2, 1961, p. 119-182.
- (1964) T. Hauschild, *Der Kultbau neben dem römischen Ruinenkomplex bei Estói in der provincia Lusitania*, Dissertação para obtenção do grau de Engenheiro, Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Berlim (Berlim, 1964), Berlim, 1964. (exempl. dactil.)
- (1980) T. Hauschild, “Milreu Estói (Algarve), Untersuchungen neben der Taufpiscina und Sondagen in der Villa- Kampagnen 1971 und 1979”, *MDAI(M)*, 21, p. 189-219.
- (1984) T. Hauschild, “A villa romana de Milreu, Estói (Algarve)”, *Arqueologia*, 9, 1984, p. 94-104.
- (1984-88) T. Hauschild, “O edifício de culto do complexo de ruínas romanas perto de Estói, na província da Lusitânia”, *AH*, série X, vol. I-II (1), 1984-1988, p. 123-150.
- (1994) T. Hauschild, “Die Mosaiken am Podium des Wasserheiligtums von Milreu (Estói – Algarve)”, *CMGR IV*, 1994, p. 285-291.
- (1997) T. Hauschild, “Milreu, Estói (Faro), Villa Romana e Santuário”, in *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, F. Barata (Ed.), Lisboa, p. 407-413.

- (2002) T. Hauschild, “O ninfeu do Milreu”, in *As Religiões da Lusitânia: Loquuntur Saxa*, J. Cardim Ribeiro (Coord.), Lisboa, 2002, p. 241-244.
- (2007) T. Hauschild, “Milreu. Notas sobre a planta das ruínas, elaborada por Estácio da Veiga depois das escavações de 1877”, *Xelb*, 7, 2007, p. 303-316.
- HAUSCHILD / TEICHNER (2002) T. Hauschild e F. Teichner, *Milreu. Ruínas*, Lisboa, 2002 (Roteiros da Arqueologia Portuguesa; 9).
- Hispania Antiqua* (1993) W. Trillmich *et al.*, *Hispania Antiqua: Denkmäler der Römerzeit*, Mayence, 1993.
- HOFFMAN *et al.* (1999) P. Hoffman *et al.*, *Katalog der Römischen Mosaiken aus Trier und them Unland*, Mainz and Rhein, 1999 (Trierer Grabungen und Forschungen; 16).
- Itálica* (1999) A. Caballos *et al.*, *Itálica Arqueológica*, Sevilha, 1999.
- KISS, mos. Hungary A. Kiss, *Roman Mosaics in Hungary*, Budapeste, 1973.
- KREMER (1999a) M. de J. Durán Kremer, “Contribuição para o estudo de alguns mosaicos romanos da Gallaecia e da Lusitânia”, in *Actas do V Congreso internacional de Estudios Galegos* (Universidade de Tréveris, 8-11 de outubro de 1997), Treveris, 1999, p. 509-519.
- (1999b) M. de J. Durán Kremer, *Die Mosaiken der Villa Cardilio (Torres Novas – Portugal) – Ihre Einordnung in die musivische Landschaft der Hispânia im besonderem*, Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Trier (inérita).
- JEDDI (1990) N. Jeddi, *Les mosaïques de Thaenae (Thina en Tunisie), étude descriptive et analytique*, Tese de Doutoramento, 2 vols., Paris IV, 1990. (exempl.dactil.)
- (2005) N. Jeddi, “Les mosaïques de la Maison des Escaliers à Dougga”, *CMGR IX*, 2005, p. 533-544.
- JIMENO *et al.* (1988-89) A. Jimeno, J. L. Argente e J. Gómez, “La villa de San Pedro de Valdanzo (Soria)”, *Zephyrus*, 41-42, 1988-1989, p. 419-454.
- JOBST, Ephesos W. Jobst, *Römische Mosaiken aus Ephesos I*, Viena, 1977.
- (1982) W. Jobst, *Römische Mosaiken in Salzburg*, Viena, 1982.
- JURKIC (1983) Vesna G. Jurkic, “I mosaici antichi dell’Istria”, *CMGR III*, p. 167-176.
- LANCHA, Mos. géom. J. Lancha, *Mosaïques géométriques. Les ateliers de Vienne (Isère)*, Roma, 1977.

- (1983) J. Lancha, “La mosaïque cosmologique de Mérida: étude technique et stylistique”, *MCV*, XIX/1, 1983, p. 17-68.
- (1984a) J. Lancha, “Les mosaïstes dans la vie économique de la Péninsule Ibérique, du I^{er} au IV^{ème} s: état de la question et quelques hypothèses”, *MCV*, XX, 1984, p. 45-61.
- (1984b) J. Lancha, “Florilège viennois”, in *Mél. Stern*, 1984, p. 245-251.
- LANCHA (1985) J. Lancha, “La mosaïque d’Océan découverte à Faro (Algarve)”, *Conimbriga*, XXIV, 1985, p. 151-175.
- , *Mosaïque et culture* J. Lancha, *Mosaïque et culture dans l’Occident romain, I^{er}-IV^es.*, Roma, 1997.
- (2000) J. Lancha, “Un document d’histoire sociale: le corpus des mosaïques romaines du Portugal”, in *Sociedad y Cultura en la Lusitania Romana*, J. G. Gorges e T. Nogales (Eds.), Mérida, 2000, p. 171-183.
- (2003) J. Lancha, “Mythologie classique et mosaïques tardives d’Hispanie (IV^e s.)”, *AnTard*, 11, 2003, p. 197-214.
- (2004) J. Lancha, “De nouvelles données sur les mosaïstes itinérants en Lusitanie”, in *V^e Table Ronde Internationale sur la Lusitanie (Cáceres 2002)*, Mérida, 2004, p. 409-426.
- (2008) J. Lancha, *A Rota dos Mosaicos: o Sul da Hispânia (Andaluzia e Algarve)*, J. Lancha (Coord.), Faro, 2008.
- LANCHA / CARREZ (2003) J. Lancha e F. Carrez, “Cerro da Vila, la villa et son décor: nouvelles recherches de la mission luso-française *Mosaïques du sud du Portugal*”, *Xelb*, 4, 2003, p.115-134.
- LASSUS (1975) J. Lassus, “Vénus marine”, *CMGR* I, 1975, p. 175-191, Paris.
- LAVAGNE (1978) H. Lavagne, “La mosaïque, art industriel ou art mineur”, *Formes*, 1, 1978, p. 3-18.
- (1987) H. Lavagne, “Mosaïques de Ligurie et Narbonnaise: similitudes, parentés, influences”, *Quaderni Centro Studi Lunensi*, vol. 2, n. 10/11/12 (1985/1986/1987), p. 381-394.
- LEAL (1874) A. Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades*,

- villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias*, 12 vols, Lisboa, 1873-1890.
- LERAT (1966) M. L. Lerat, “Informations archéologiques: circonscription de Franche-Comté”, *Gallia*, t. XXIV, fasc.1, 1966, p. 386-398.
- LEVI (1947) D. Levi, *Antioch Mosaic Pavements*, Princeton, 1947.
- LIMANE *et al.* (1998) H. Limane *et al.*, *Volubilis, de mosaïque à mosaïque*, Casablanca, 1998.
- LOPES (1848) J. B. Silva Lopes, *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve*, Lisboa, 1848.
- LUZIA (2004) I. Luzia, “O sítio arqueológico de Loulé Velho”, *Al-Ulyã*, 10, 2004, p. 43-131.
- MACEDO *et al.* (2000) M. Macedo *et al.*, “A villa romana de Milreu. Campanha de 1998”, *Era*, 2, p. 69-83.
- MACIEL (1993a) M. J. Maciel, *Arte Romana Tardia e Paleocristã em Portugal*, Dissertação de Doutoramento em História de Arte da Antiguidade, Universidade Nova de Lisboa, 1993.
- MACIEL (1993b) M. J. Maciel, “Reescavações na villa romana romana do Montinho das Laranjeiras (Alcoutim)”, *AM*, 2, 1993, p. 31-38.
- (1995) M. J. Maciel, “A arte da Antiguidade tardia (séc. III-VIII, ano de 711)”, in *História da Arte Portuguesa*, vol. 1, P. Pereira (Coord.), Lisboa, 1995, p. 103-149.
- (1996) M. J. Maciel, *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*, Lisboa, 1996.
- (1999) M. J. Maciel, “Montinho das Laranjeiras (Alcoutim). Escavações de 1995”, *AM*, 6, 1999, p. 5-10.
- (2003) M. J. Maciel, “O Território de Balsa na Antiguidade Tardia”, in *Tavira, Território e Poder*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia e Câmara Municipal de Tavira, 2003, p.105-126.
- MACHADO (1970) J. L. Saavedra Machado, “Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da Arqueologia do Algarve. I: catálogo de plantas, desenhos e mosaicos”, in *Actas das 1^{as} Jornadas Arqueológicas* (Lisboa, 3-7 de Novembro 1969), Lisboa, 1970, vol. I (separata).
- MAÑANES (1999) T. Mañanes, “El acanto en el mosaico romano de Hispania”, *CMGR IX2*, p. 557-574.

- MANTAS (1990) V. Mantas, “As cidades marítimas da Lusitânia”, in *Les villes de Lusitanie romaine. Hierarchies et territoires*, J.-G. Gorges (Ed.) (Talence, 1988), Paris, 1990, p. 149-205.
- (1993) V. Mantas, “A cidade luso-romana de Ossonoba”, in *Actas I Colóquio de História Antigua de Andalucía*, J. F. Rodriguez Neila (Ed.), Córdoba, 1993, p. 515-537.
- (1997) V. Mantas, “As *civitates*: esboço da geografia política e económica do Algarve romano”, in *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, F. Barata (Ed.), Lisboa, 1997, p. 291-293.
- (2003) V. Mantas, “A cidade de Balsa”, in *Tavira. Território e Poder*, Lisboa, 2003, p. 85-94.
- MARINUCCI / PELLEGRINO (2000) A. Marinucci e A. Pellegrino, “Pavimenti musivi della c. d. Casa di Diana ad Ostia”, *A/SCOM VII*, 2000, p. 225-232.
- MARTINS (1988) I. Pires Martins, *Arqueologia do Concelho de Loulé*, Loulé, 1988.
- MATOS (1971) J. L. de Matos, “Cerro da Vila. Escavações de 1971”, *AP*, 3ª série, 5, 1971, p. 201-214.
- (1972) J. L. de Matos, “Cerro da Vila. Campanha de trabalhos de 1972”, *AP*, 3ª série, 6, 1972, p. 251-262.
- (1984) J. L. de Matos, “Cerro da Vila. Algarve, Estações e Monumentos”, *Arqueologia*, 10, 1984, p. 137-141.
- (1984-88) J. L. de Matos, “Mausoleus do Cerro da Vila”, *AH*, 10ª série, 1-2, 1984-1988, p. 119-122.
- (1996) J. L. de Matos, “Cerro da Vila”, *Al’Alya*, nº 5, 1996, p. 23-28.
- (1997) J. L. de Matos, “Cerro da Vila”, in *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, F. Barata (Ed.), Lisboa, 1997, p. 387-393.
- MEZQUIRIZ (2003) M. A. Mezquíriz, *La villa romana de Arellano*, Pamplona, 2003.
- (2004) M. A. Mezquíriz, “Los mosaicos de la villa romana de Lièdena (Navarra)”, *Trabajos de Arqueologia Navarra*, 17, 2004, p. 327-359.
- MOHAMEDI *et al.* (1991) A. Mohamedi *et al.*, *Fouilles de Sétif (1977-1984)*, Alger, 1991 (BAA; 5º supplément).
- MOITA (1951) I. Moita, “O mosaico luso-romano de Póvoa de Cós”, *AP*, Nova Série, 1, 1951, p. 143-151.

- MONDELO (1985) R. Mondelo, “Los mosaicos de la villa romana de Algoroz (Elche)”, *BSEEA*, 51, 1985, p. 107-155.
- MORAND (1994) I. Morand, *Idéologie, culture et spiritualité chez les propriétaires ruraux de l’Hispanie romaine*, Paris, 1994.
- (2005) I. Morand, *La Maison aux Jets d’Eaux de Conimbriga (Portugal): programmes architectural et décoratif*, Paris: De Boccard, 2005.
- MORANDINI / LACHIN (2004) F. Morandini e M. T. Lachin, “Brescia, santa giulia. Una proposta di cronologia per i tessellati”, *AISCOMIX*, 2004, p. 129-138.
- MOREL (1992) J. P. Morel, “O artesão”, in *O Homem Romano*, A. Giardina (Dir.), Lisboa, 1992, p. 179-202.
- MORVILLEZ (2001) E. Morvillez, “Les peintures de la fontaine *Utere Felix* à Carthage (IVe s. ap. J.-C.)”, in *La Peinture funéraire antique, IV^e siècle av. J.-C.- IV^e siècle ap. J.-C.* (Actes du VII^e Colloque de l’Association Internationale pour la Peinture Murale Antique, 6-10 octobre 1998, S. Romain-en-Gal / Vienne), Paris, 2001, p. 301-304.
- Mos. Ant. Italia, Antium* M. L. Morricone Matini, *Mosaici Antichi in Italia, Regio I: Antium*, Roma, 1975.
- Mos. Ant. Italia, Baccano* G. Becatti et al., *Mosaici Antichi in Italia, Regio VII: Baccano, villa Romana*, Roma, 1970.
- Mos. Ant. Italia, Roma* M. L. Morricone Matini, *Mosaici Antichi in Italia, Roma: Reg. X – Palatium*, Roma, 1967.
- Mos. Ant. Italia, Sardinia* S. Angiolillo, *Mosaici Antichi in Italia, Regio VII: Sardinia*, Roma, 1981.
- Mos. Ant. Italia, Verona* F. Rinaldi, *Mosaici Antichi in Italia. Regio Decima, Verona*, Roma, 2005.
- Mos. Deutschland* K. Parlasca, *Die römischen Mosaiken im Deutschland*, Berlin, 1959.
- Mos. Rom. Carthago Nova* S. F. Ramallo Asensio, *Mosaicos Romanos de Carthago (Hispania Citerior)*, Murcia, 1985.
- Mosaicos (Madrid)* *Mosaicos romanos*, Actas de la I Mesa Redonda Hispano-Francesa sobre Mosaicos Romanos habida en Madrid en 1985, Manuel Fernandez Galiano *In memoriam*, Madrid, 1989.
- MRB I* D. Neal e S. Cosh, *Roman Mosaics of Britain*, vol. 1, Londres, 2002.
- NEAL (1981) D. Neal, *Roman mosaics in Britain*, London, 1981 (Britannia Monograph; 1).

- NEIRA JIMENEZ (1994a) L. Neira Jimenez, “Mosaicos romanos con nereidas e tritons. Su relación con el ambiente arquitectónico en el Norte de Africa y en Hispania”, in *L’Africa Romana X* (Sassari, 11-13 dicembre 1992), 1994, p. 1259-1278.
- (1994b) L. Neira Jimenez, “Mosaicos de los tritones de Itálica en el contexto iconográfico del *thiasos* marino en Hispania”, *CMGR VI*, p. 359-367.
- NEUERBURG (1965) P. Neuerburg, *L’Architettura delle Fontane e dei Ninfei nell’Italia Antica*, Napoli, 1965.
- NOGALES (2003) T. Nogales Basarrate, fichas 87 e 88, in *Tavira. Território e Poder*, Lisboa, 2003, p. 265.
- NOGUERA (2000) J. M. Noguera Celdrán, “Una aproximación a los programas decorativos de las *villae* béticas. El conjunto escultórico de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba)”, in *Actas de la III Reunión sobre Escultura Romana en Hispania*, P. León Alonso e T. Nogales Basarrate (Coord.), 2000, p. 111-148.
- NOLEN (1994) J. Nolen, *Cerâmicas e Vidros da Torre de Ares – Balsa*, IPM, Lisboa, 1994.
- OLEIRO (1973) J. M. Bairrão Oleiro, “Mosaicos de Conimbriga encontrados durante as sondagens de 1899”, *Conimbriga*, 12, p. 67-158.
- (1986) J. M. Bairrão Oleiro, “Mosaico Romano”, in *História da Arte em Portugal: do Paleolítico à Arte Visigótica*, J. Alarcão (Coord.), Vol. I, Lisboa, 1986, p. 11-127.
- OLIVEIRA (2003) C. Oliveira, *A villa Romana de Rio Maior: Estudo de Mosaicos*, Lisboa, 2003 (Trabalhos de Arqueologia; 31).
- (2005) C. Oliveira, *Mosaicos de Conimbriga*, publicação editada no âmbito do *CMGR X*, Museu Monográfico de Conimbriga, 2005.
- (2006) C. Oliveira, “Mosaicos romanos: balanço de uma década de investigação em Portugal”, *Conimbriga*, 40, 2006, p. 275-299.
- (2007) C. Oliveira, “S. P. M. Estacio da Veiga e a ilustração de mosaicos: O caso de Milreu”, *Xelb*, 7, 2007, p. 143-158.
- (2008) C. Oliveira, “Mosaicos da villa romana de Cerro da Vila (Vilamoura)”, in *A Rota dos Mosaicos: o Sul da Hispânia (Andaluzia e Algarve)*, J. Lancha (Coord.), Faro, 2008, p. 102-127.
- OLIVEIRA et al. (no prelo) C. Oliveira, A. Carvalho e M. J. Almeida, “La villa de Quinta da Longas (Elvas-Portugal): les mosaïques du Bas-Empire”, *CMGR X*, no prelo.

- OLIVEIRA / VIEGAS (2005) C. Oliveira e C. Viegas, “Mosaicos romanos do Algarve: perspectivas de investigação”, *Xelb*, 5, 2005, p. 53-72
- (no prelo) C. Oliveira e C. Viegas, “*Corpus des mosaïques romaines du Portugal: discussion des questions stylistiques et chronologiques des mosaïques de l’Algarve Oriental*”, *CMGR X*, no prelo.
- OLIVEIRA / REIS (2009) C. Oliveira e P. Reis, “A água como elemento decorativo e a simbologia dos edifícios hidráulicos na Lusitânia romana. Alguns exemplos”, in *Portogallo e Mediterraneo*, Atti del Congresso Internazionale, Nápoles, 2009, p. 23-49.
- PAÇO (1964) A. do Paço, “Mosaicos romanos de la villa de Cardilius en Torres Novas (Portugal)”, *AEA*, 37, 1964, nº 109 y 110, p. 81-87 e 16 fig^{as}.
- PALOL (1967) P. de Palol, “Das Okeanos-Mosaik in der römischen Villa zu Dueñas (prov. Palencia)”, *MM*, 8, p. 196-225.
- (1990) P. de Palol, *La villa romana de La Olmeda de Pedrosa de la Vega (Palência)*, Palência, 1990.
- PATÓN LORCA (2001) B. Patón Lorca, “La mansión de Materno”, in *Carranque*, 2001.
- PELLEGRINO (1997) A. Pellegrino, “I mosaici di alcune ville rustiche del territorio ostiense: Acilia, loc. Dragoncello”, *AISCOM IV*, 1997, p. 233-246.
- PENCO (2005) R. Penco Valenzuela, “La villa de Santa Rosa”, *AAC*, 16, 2005, p. 11-34.
- PEREIRA (2007) M. L. Veiga Pereira, “Estácio da Veiga – o projecto do Museu Arqueológico do Algarve”, *Xelb*, 7, 2007, p. 195-210.
- PEREIRA (2008) R. Pereira, “Resultados dos trabalhos arqueológicos no Paço dos Vasconcelos (Maio de 2002 a Julho de 2004)”, in *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, 2008, p. 171-181.
- PERNICE (1938) E. Pernice, *Pavimente und Figürliche Mosaiken*, 1938, Berlin.
- PICARD (1968) M. Gilbert-Charles Picard, “Thermes du thiasse marin à Acholla”, *AntAfr*, 2, 1968, p. 95-151.
- PINTO (1934) R. de Serpa Pinto, “Inventário dos mosaicos romanos de Portugal”, *Anuário del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecários y Archeologos*, vol. I, 1934, p. 161-179.
- PISAPIA, *Stabiae* M. S. Pisapia, *Mosaici Antichi in Italia. Regione Prima, Stabiae*, Roma, 1989.
- PPM *Pompei, Pitture e Mosaici*, Roma, 1990-2003.
- PPP *Pitture e Pavimenti Pompei*, Roma, 1981-1986.

- QUET (1981) M.H. Quet, *La mosaïque cosmologique de Mérida*, Paris.
- RAINEY (1973) A. Rainey, *Mosaics in Roman Britain*, Newton Abbot, 1973.
- RAMALLO, *Mos. Rom. Cartago Nova* S. F. Ramallo Ascensio, *Mosaicos Romanos de Cartago Nova*, Murcia, 1985.
- (1995) S. F. Ramallo Asensio, “La villa romana de la Quintilla (Lorca): una aproximación a su proyecto arquitectónico y al programa ornamental”, in *Poblamiento rural romano en el Sureste de Hispania*, (Actas de las Jornadas celebradas en Jumilla del 8 a 11 de noviembre de 1993), J. M. Noguera Celdrán (Coord.), Murcia, p. 49-79.
- (2005) S. F. Ramallo Asensio, *et al.*, “La villa romana de la Quintilla (Lorca, Murcia): análisis de su programa decorativo e ornamental”, *CMGR IX-2*, p. 1001-1021.
- RASCÓN *et al* (1993) S. Rascón *et al*, “El mosaico del auriga da la villa romana de El Val (Alcalá de Henares – Madrid) y las carreras de carros en el entorno complutense”, *EFT*, 6, 1993, p. 303-342.
- REBELLO (1881, n° 95) J. I. de Brito Rebello, “Visita do museu archeologico do Algarve”, *O Occidente*, 4° ano, vol. IV, n° 95, 11 Agosto 1881, p. 182.
- (1881, n° 96) J. I. de Brito Rebello, “Antiguidades do Algarve”, *O Occidente*, 4° ano, vol. IV, n° 96, 21 Agosto 1881, p.190.
- (1882, n° 138) J. I. de Brito Rebello, “Antiguidades do Algarve”, *O Occidente*, 5° ano, vol. V, n° 138, 21 Outubro 1882, p. 238-240.
- (1885, n° 249) J. I. de Brito Rebello, “Antiguidades do Algarve”, *O Occidente*, 8° ano, vol. VIII, n° 249, 21 Novembro 1885, p. 262-264.
- REBELO / SANTOS (2007) P. Rebelo e R. Santos, “Carta arqueológica do concelho de Faro. Os sítios identificados por Estácio da Veiga”, *Xelb*, 7, 2007, p. 377-390.
- REBETEZ (1997) S. Rebetz, *Mosaïques*, Avenches, 1997 (Documents du musée romain d’ Avenches; n° 2).
- Recueil I1* H. Stern, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: I, Belgique – 1*, Paris, 1957.
- Recueil I2* H. Stern, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: I, Belgique – 2*, Paris, 1960.
- Recueil I3* H. Stern, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: I, Belgique – 3*. Paris, 1963.

- Recueil* II1 H. Stern, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: II, Province de Lyonnaise – 1*, Paris, 1967.
- Recueil* II2 H. Stern e M. Blanchard-Lemée, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: II. Province de Lyonnaise – 2*, Paris, 1975.
- Recueil* II3 J. P. Darmon e H. Lavagne, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: II, Province de Lyonnaise – 3*, Paris, 1977.
- Recueil* II4 M. Blanchard-Lemée, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: II, Province de Lyonnaise – 4*, Paris, 1991.
- Recueil* II5 J. P. Darmon, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: II, Lyonnaise – 5*, Paris, 1994.
- Recueil* III1 H. Lavagne, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: III, Narbonnaise – 1*, Paris, 1979.
- Recueil* III2 J. Lancha, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: III, Narbonnaise – 2*, Paris, 1981.
- Recueil* IV1 C. Balmelle, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: IV, Aquitaine – 1*, Paris, 1980.
- Recueil* IV2 C. Balmelle, *Recueil général des mosaïques de la Gaule: IV, Aquitaine – 2*, Paris, 1987.
- REGUERAS / PEREZ, mos. Salamanca F. Regueras Grande; E. Perez, *Mosaicos Romanos de la Provincia de Salamanca*, Monografías de Arqueología en Castilla y León, 2, Salamanca, 1997.
- REIS (2004) P. Reis, *Las Termas y Balnea Romanos de Lusitania*, Ministerio de Cultura / MNAR, 2004 (Studia Lusitana; 1).
- (2008) P. Reis, “A villa romana da Quinta do Prado Galego (Valbom, Pinhel). Primeiros resultados”, in *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Faro, 2008, p. 163-169.
- RIBEIRO (2002) J. Cardim Ribeiro, “Herma bifronte de cariz dionisíaco”, in *Religiões da Lusitânia*. Loquuntur Saxa, J. Cardim Ribeiro (Coord.), Lisboa, 2002, p. 403.
- RICCIONI (1984) G. Riccioni, “Mosaici pavimentali di Rimini del I e II secolo d. C. com motivi figurativi (scavi 1956-1965)”, *CMGR* III, 1984, p. 19-34.
- ROCHA (1895) A. dos Santos Rocha, “Notícias de algumas estações romanas e árabes do Algarve”, *AP*, 1 (8), 1895, p. 193-212.

- (1897) A. dos Santos Rocha, “Antiguidades de Marim”, in *Notícias de algumas Estações Romanas e Árabes do Algarve*, Memórias sobre a Antiguidade, Figueira da Foz, 1897, p. 163-234.
- (1899-1903) A. dos Santos Rocha, “Ruínas romanas de Ançã”, *Portugália*, 1(4), 1899-1903, p. 814-816.
- (1907) A. dos Santos Rocha, *O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálogo geral com indicação dos escriptos e desenhos que se têm publicado sobre muitos dos objectos catalogados*, Figueira da Foz, 1907.
- (1975) A. dos Santos Rocha, *Memórias e Explorações Arqueológicas, vol. III-Memórias sobre a Antiguidade*, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1975.
- RODRÍGUEZ (1988) P. Rodriguez Oliva, “Los mosaicos de la villa romana de Bobadilla (Málaga)”, *BSEAA*, 44, 1988, p. 137-169.
- ROSA (1969) J. A. Pinheiro e Rosa, “O passado, o presente e o futuro das ruínas de Milreu”, *AMF*, I, 1969, p. 67-65.
- (1976) J. A. Pinheiro e Rosa, “ Novas achegas para a localização de Ossonoba (Os últimos achados em Faro) ”, *AMF*, VI, (Comunicação ao III Congresso Nacional de Arqueologia no Porto), 1976, p. 37-42.
- ROSSI/IORIO (2005) D. Rossi e V. Iorio, “Mosaici e *sectilia pavimenta* dala villa della Tenuta di Castel di Guido, Monte delle Colonnace, Roma”, *CMGR IX-1*, p. 137-147.
- ROSSITER (2005) J. Rossiter, “Re-placing ‘Scorpionus’: mosaics from old and new excavations at Bir El-Jebbana, Carthage (Tunisia)”, *CMGR IX-1*, p. 263-274.
- ROTONDI (2005) A. Rotondi, in *Aqua Romana. Técnica Humana e Força Divina*, Lisboa, 2005, “Fonte” nº 30 (p. 221-222) e nº 31 (p. 223).
- ROYO (2003) J. I. Royo Guillén, *La Malena (Azular, Zaragoza)*, Azular, 2003.
- SA (1959) M. C. Moreira de Sá, *Mosaicos Romanos de Portugal*, Dissertação de Licenciatura, Universidade de Lisboa, 1959.
- SALGADO (1786) Frei V. Salgado, *Memórias Eclesiásticas do Reino do Algarve*, Lisboa, 1786.
- SANTOS (1997) M. L. E. V. Affonso dos Santos, “A Carta Arqueológica e o Museu do Algarve”, in *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*, F. Barata (Ed.), Lisboa, 1997, p. 21-43.
- SANTOS (2005) A. R. Soares dos Santos, *Mosaicos Romanos nas Coleções do Museu Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 2005.

- SANSONI (1998) U. Sansoni, *Il Nodo di Salomone: Simbolo e Archetipo d'Alleanza*, Milão, 1998.
- SANZ (1987) R. Sanz, "Notas sobre los mosaicos romanos de Balazote (Albacete)", *Caesaraugusta*, 64, 1987, p. 189-210.
- SEVERO (1899-1903) R. Severo, "Notícia da estação romana na Quinta da Ribeira em Tralhariz", *Portugália*, fasc. 2, 1899-1903, p. 391-398.
- SILVA (2006) L. Fraga da Silva, *Marim Romano*, Texto integral completo do estudo que fundamenta e serve de bibliografia ao poster apresentado ao 4º Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 24 e 25 de Novembro de 2006), in <http://www.arkeotavira.com> (consultado em 10/10/2008).
- SMITH (1969) D. J. Smith, "The mosaic pavements", in *The Roman Villa in Britain*, A. L. F. Rivet (Ed.), Londres, 1969, p. 70-125.
- (1975) D. J. Smith, "Roman mosaics in Britain before the fourth century", *CMGR* II, p. 269-290.
- SOUZA (1990) V. de Souza, *Corpus Signorum Imperii Romani, Portugal*, Coimbra, 1990.
- STERN (1978) H. Stern, "Sur un motif ornemental des mosaïques du Palais dit de Theodoric à Ravenne", *Felix Ravenna*, 4ª série, fasc. 2, 1978, p. 57-81.
- TEICHNER (1997) F. Teichner, "Die Römischen Villen von Milreu (Algarve/Portugal), Ein Beitrag zur Romanisierung der Südlichen Provinz", *MDAI(M)*, 38, 1997, p.106-162.
- (2001) F. Teichner, "Uma nova interpretação da área 21, a partir da planta elaborada por Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, sobre a villa de Milreu (Estói, Algarve) – notícia preliminar", *AP*, série IV, 19, 2001, p. 187-198.
- (2003) F. Teichner, "Resultados preliminares das últimas escavações na *pars rustica* noroeste da Villa Romana de Milreu", *Xelb*, 4, 2003, p. 103-114.
- (2004) F. Teichner, "Breve descrição dos vestígios arqueológicos identificados sob a Casa Rural de Milreu (Estói-Faro)", *Estudos / Património*, 6, 2004, p. 157-161.
- (2005) F. Teichner, "Cerro da Vila – aglomeração secundária e centro de produção de tinturaria no sul da província Lusitânia", *Xelb*, 5, 2005, p. 85-100.

- (2008) F. Teichner, *Entre Tierra y Mar. Zwischen Land und Meer: Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungsplätze im Süden der römischen Provinz Lusitanien (Portugal)*, Mérida, 2008 (Studia Lusitania; 3).
- TEICHNER *et al.* (2007) F. Teichner *et al.*, “Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga e as necrópoles romanas de Ossonoba (Faro)”, *Xelb*, 7, 2007, p. 157-178.
- THOUVENOT (1958) R. Thouvenot, *Maisons de Volubilis: le palais dit de Gordien et la maison à la mosaïque de Vénus*, Rabat, 1958 (PSAM; 12).
- TORRES (1988) M. Torres Carro, “Los mosaicos de la villa de Prado (Valladolid)”, *BSEAA*, 44, 1988, p. 175-202.
- (1990) M. Torres Carro, “Iconografia marinha”, in *Mosaicos Romanos. Estudos sobre Iconografia*, Actas del Homenaje in Memoriam de Alberto Balil Illana, Guadalajara, 1990, p. 107-134.
- VAQUERIZO (1997) D. Vaquerizo, J. M. Noguera, *La villa de El Ruedo (Almedinilla, Córdoba)*, Murcia, 1997.
- VASCONCELOS (1903) J. Leite de Vasconcelos, “Mosaicos romanos de Portugal”, *AP*, série 1, 7, p. 312-313.
- (1913) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, 1913.
- VEIGA (1866) S. P. M. Estácio da Veiga, *Povos Balsenses. Sua Situação Geographico-physica*, Lisboa, 1866.
- (1877-1878) S. P. M. Estácio da Veiga, *Catálogo das plantas dos edificios descobertos na exploração archeológica do Algarve e dos desenhos dos vários monumentos e mosaicos que acompanham as mesmas plantas, documento manuscrito*, MNA, Lisboa, 1877-1878.
- (1878) S. P. M. Estácio da Veiga, *Inventário do Museu Archeológico do Algarve*, documento manuscrito, MNA, Lisboa, 1878.
- (1880) S. P. M. Estácio da Veiga, *A Tábua de Bronze de Aljustrel*, Memória apresentada à Academia das Sciencias de Lisboa, 1880.
- (1891a) S. P. M. Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, II, Lisboa, 1891.
- (1891b) S. P. M. Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, IV, Lisboa, 1891.
- (1910) S. P. M. Estácio da Veiga, “Antiguidades Monumentaes do Algarve, V”, *AP*, XV, 1-12, 1910, p. 209-233 [reedição 2006].

- VICENTI (2004) V. Vicenti, “Mosaici inediti dei *Castra Praetoria*. Cenni preliminari”, in *AISCOM IX*, 2004, p. 253-270.
- VIANA (1949) A. Viana, “Restos de Ossonoba no Largo da Sé, em Faro”, *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, 4 (39-40), 1949, p. 358-373.
- (1952a) A. Viana, “Ossónoba e o problema da sua localização”, *Revista de Guimarães*, LXII, 1952, nº3-4, p. 250-285.
- VIANA (1952b) A. Viana, “Balsa y la necropolis romana de as Pedras d’ El Rey”, *AEA*, XXV (nº 86), 1952, p. 261-285.
- (1954) A. Viana, “Notas históricas arqueológicas etnográficas do Baixo Alentejo. IV: *villa* romana de Monte do Meio”, *AB*, 11, 1954, p. 13-18.
- (1958) A. Viana, “Notas históricas arqueológicas etnográficas do Baixo Alentejo. VI: *lápides de várias épocas*”, *AB*, 15, 1958, p. 35-41.
- (1959a) A. Viana, “Notas históricas arqueológicas etnográficas do Baixo Alentejo. IV: *villa* romana de Monte do Meio”, *AB*, 16, 1959, p. 36-43.
- (1959b) A. Viana, “Notas de corografia arqueológica”, *Brotéria*, LXIX, 1959, p. 320-330.
- VIANA *et al.* (1953) A. Viana *et al.*, “De lo prerromano a lo árabe en el Museo Regional de Lagos”, *AEA*, XXVI (nº 87), 1953, p. 113-138.
- VIEGAS (2006) C. Viegas, *A Cidade Romana de Balsa (Torre de Ares-Tavira): (1) A Terra Sigillata*, Tavira, 2006.
- (2007) C. Viegas, “A cidade de Balsa: investigações recentes”, *Xelb*, 7, 2007, p. 317-340.
- (2008) C. Viegas, “A cidade de Ossonoba: importações cerâmicas”, *IV Congresso de Arqueologia Peninsular* (Faro, 2004), Faro, 2008, p. 215-231.
- (2009) C. Viegas, *A ocupação Romana do Algarve: Estudos de Povoamento e Economia do Algarve Central e Oriental no Período Romano*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.
- VOUTE (1972) P. Voûte, “ Notes sur l’iconographie d’Océan, à propos d’une fontaine à mosaïques découverte à Nôle (Campanie) ”, *MEFRA*, 84, 1972, p. 639-673.
- XENIA *Recherches franco-tunisiennes sur la mosaïque de l’Afrique antique I: Xenia*, Institut d’Archéologie et d’Art de Tunis, Rome, École Française de Rome, 1990.

- WAYWELL (1979) S. E. Waywell, “Roman mosaics in Greece”, *AJA*, 83, 1979, p. 293-321
- WRENCH (1996) L. N. Correia Wrench, “Motivos Vegetalistas nos Mosaicos Portugueses, exemplos de Florões”, in *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa, 1996, p. 593-613.
- YACoub (1995) - M. Yacoub, *Splendeur des Mosaïques de Tunisie*, Paris.
- ZANKER (1993) P. Zanker, *Pompei*, Turim, 1993.

Documentação de Estácio da Veiga⁷

In Veiga, 1877-1878

Catálogo das Plantas dos Edifícios descobertos na exploração archeológica do Algarve e dos desenhos de vários Monumentos e Mosaicos que acompanham as mesmas Plantas – 1877-1878.

- Nº 25** Planta parcial dos antigos edifícios de Milreu, de um campo mortuário no Serro de Guelhim, e de uns vestígios de estrada romana, acompanhada de seis folhas manuscritas com as notas respectivas. Lev. por A. De P. Serpa.
- Nº 25A** Desenho das ruínas do edifício marcado com o nº 11 na planta do Milreu. Por Leite Ribeiro.
- Nº 25B** Desenho do revestimento do mosaico do muro C, do lado G', do edifício nº 11, pertencente à planta do Milreu. Por Leite Ribeiro.
- Nº 25C** Desenho do mosaico do muro do lado G e G''' do edifício marcado com o nº 11 na planta do Milreu. São dois peixes dês. Por Leite Rib.^{ro}, e um por D. A. de C. L. E. da V.
- Nº 25D** Desenho do fundo de mosaico da piscina hemicyrcular, marcada com o nº 12 na planta do Milreu.
- Nº 25E, F, G** Desenho dos mosaicos de três pavimentos marcados com o nº 16 na planta do Milreu. Por J. F. Tavares Bello. (E - sala do lado do edifício. F – Da sala do lado de Estói. G – Da sala do pavimento maior).
- Nº 25H** Desenho do mosaico do corredor marcado com o nº 23 na planta do Milreu.
- Nº 25I** Desenho do mosaico do pavimento da casa marcada com o nº 28^a na planta do Milreu. Por J. F. Tavares Bello.
- Nº 25J** Desenho parcial do mosaico da piscina quadrada, marcada com o nº 41 na planta do Milreu. Por J. F. Tavares Bello.
- Nº 25K** Desenho do mosaico da casa marcada com o nº 52 na planta do Milreu. Por J. F. Tavares Bello.
- Nº 28** Planta de um edifício romano parcialmente explorado no sítio de Amendoal, a 2 km de Faro. Lev. J. F. Tavares Bello.

⁷ Documentação consultada no arquivo no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).

- Nº 28A, B, C, D, E, F, G, H** Desenho de oito pavimentos de mosaico, descobertos no edifício parcialmente explorado no Amendoal, perto de Faro. Des. Por J. F. Tavares Bello. (à margem uma anotação indica que “faltam 4”).
- Nº 29** Planta de um edifício balneário parcialmente explorado na Quinta de Torrejão Velho. Lev. por A. de P. Serpa.
- Nº 30** Planta geral dos edifícios antigos explorado explorados na Quinta de Marim. Lev. por A. de P. Serpa.
- Nº 30A, B, C, D** Plantas especiaes dos diversos edifícios explorados na Quinta de Marim. Lev. por A. de P. Serpa.
- Nº 34** Planta dos edifícios balsenses, parcialmente explorados na Torre d’Ares. Lev. por A. de P. Serpa.
- Nº 36** Planta das antiguidades romanas observadas e exploradas nas contíguas quinta das Antas e do Arroio, com um mosaico das Antas. Lev. por A. de P. Serpa.
- Nº 49** Planta dos edifícios romanos explorados no Montinho das Laranjeiras. Por A. de P. Serpa.

Relatórios de trabalhos arqueológicos⁸

- Hauschild, Relatório 1985 T. Hauschild, *Informação sobre os trabalhos de escavação arqueológica em Milreu, Estói (Faro) em 1985*, IPPAR, Faro, 1985 (ex. dact.).
- Hauschild, Relatório 1986 T. Hauschild, *Relatório preliminar sobre as escavações efectuadas em Milreu, no Outono de 1986*, IPPAR, Faro, 1986 (ex. dact.).
- Hauschild, Relatório 1987 T. Hauschild, *Relatório sobre as escavações efectuadas na villa romana de Milreu, Estói, no Outono de 1987*, IPPAR, Faro, 1987 (ex. dact.).
- Hauschild, Relatório 1991 T. Hauschild, *Relatório preliminar sobre as escavações efectuadas em 1991*, IPPAR, Faro, 1991 (ex. dact.).
- Hauschild, Relatório 1993 T. Hauschild, *Relatório sobre as escavações arqueológicas na villa romana de Milreu, Estói (Algarve)*, IPPAR, Faro, 1993 (ex. dact.).
- Teichner, Relatório 1999 F. Teichner, *Relatório sobre as escavações na villa de Milreu*, IPPAR, Faro, 1999 (ex. dact.).

⁸ Relatórios consultados no arquivo da Direcção Regional de Cultura do Algarve, Faro (extinto IPPAR).

Catálogo de mosaicos romanos do Algarve Oriental

Villa de Montinho das Laranjeiras, Alcoutim / Alcoutim

- Nº 1 Fauna marinha.
Nº 2 Fragmento com um *kantharus*.
Nº 3 Fragmentos de uma bordadura geométrica

Villa de Cacela-a-Velha, Cacela-a-Nova / Vila Real de Santo António

- Nº 4 Três fragmentos de mosaico geométrico.

Cidade de Balsa, Quinta das Antas, Luz / Tavira

- Nº 5 Fragmento de uma composição losangulada de hexágonos e losangos adjacentes.

Cidade de Balsa, Torre d'Ares, Luz / Tavira

- Nº 6 Fragmento de mosaico bicolor com fauna marinha.

Villa de Pedras d' El-Rei, Santiago/Tavira

- Nº 7 Composição de octógonos com fauna marinha.

Villa de Quinta do Trindade, Santiago / Tavira

- Nº 8 Mosaico(s) destruído(s).

Villa de S. Domingos d'Asseca, Stª Maria / Tavira

- Nº 9 Fragmento informe bicolor.

Villa de Quinta de Marim, Quelfes / Olhão

- Nº 10 Três pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:
a) Pavimento mais antigo: destruído (tema figurativo);
b) Pavimento intermédio: destruído (tema figurativo);
c) Pavimento mais recente: dois fragmentos geométricos.
- Nº 11 Três fragmentos de uma composição geométrica.

- Nº 12** Dois fragmentos de uma composição geométrica.
- Villa de Torrejão Velho, Pechão / Olhão**
- Nº 13** Dois fragmentos com bordadura em trança.
- Villa de Milreu, Estói / Faro**
- Nº 14** Quatro painéis de *opus tessellatum* desnivelados:
Painel A, painel principal: destruído (?);
Painel B, painel principal: destruído;
Painel C, painel este com uma linha de ondas em oposição de três cores (*in situ*);
Painel D, painel principal: destruído.
- Nº 15** Composição centrada com estrela de oito losangos e quatro *kantharoi* em cantoneira.
- Nº 16** Fragmento de bordadura com onda de peltas.
- Nº 17** Fragmentos de uma composição ortogonal de estrelas de oito losangos acantonadas de quadrados.
- Nº 18** Fragmentos com decoração geométrica (meandro de suástica?).
- Nº 19** Painel A, tapete principal destruído;
Painel B, Grande fragmento com duas ramagens de videira, rematadas com folha de vinha, emergindo simetricamente de uma pétala trifida bulbosa (no campo?) e uma bordadura com uma pelta e um quadrado curvilíneo em linha.
- Nº 20** Mosaico monocromático.
- Nº 21** Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:
a) Pavimento mais antigo: destruído;
b) Pavimento mais recente: fragmentos de uma composição ortogonal de meandro de suástica em trança de dois cabos.
- Nº 22** Fragmentos de uma composição de octógonos secantes e adjacentes tratados em meandro de suástica.
- Nº 23** Fauna Marinha.
- Nº 24** Composição ortogonal de quadrados e losangos adjacentes tratados em meandro de suástica.

- Nº 25** Dois fragmentos geométricos bicolores com meandro de suástica.
- Nº 26** Composição ortogonal de escamas bipartidas.
- Nº 27** Mosaico destruído.
- Nº 28** Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:
- a) Pavimento mais antigo: destruído;
 - b) Pavimento mais recente: composição ortogonal de quadrados e losangos adjacentes tratados em meandro de suástica.
- Nº 29** Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:
- a) Pavimento mais antigo: totalmente destruído;
 - b) Pavimento mais recente: composição ortogonal de octógonos irregulares secantes e adjacentes, determinando hexágonos e quadrados sobre o vértice ou losango.
- Nº 30** Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:
- a) Pavimento mais antigo: Composição ortogonal de octógonos secantes e adjacentes, tratados em meandro de suástica;
 - b) Pavimento mais recente: Composição de octógonos e quadrados adjacentes.
- Nº 31** Mosaico constituído por painéis em número indeterminado:
- Painel A, painel da entrada: composição ortogonal de octógonos estrelados com rectângulos tangentes.
- Outros painéis em número indeterminado: destruídos.
- Nº 32** Composição centrada de quatro estrelas de oito losangos, determinando um quadrado central.
- Nº 33** Mosaico constituído por dois tapetes rectangulares geométricos e um absidal:
- Painel A, tapete rectangular: composição ortogonal de meandros de pares de suásticas, de volta dupla, intercalados por quadrados e rectângulos;
- Painel B, tapete da cabeceira: composição ortogonal de octógonos adjacentes, determinando quadrados tratados em meandro de suásticas;
- Painel C, abside: *kantharus* com suástica e ornatos de folhagem na abside.
- Nº 34** Composição de octógonos e quadrados adjacentes.
- Nº 35** Um tapete rectangular e abside com composições geométricas:

- Painel A, tapete principal: composição centrada de estrela de oito pontas formada por dois quadrados entrelaçados;
- Painel B, abside: linha de círculos entrelaçados com linha em ziguezague.
- Nº 36** Um tapete rectangular e abside:
Painel A, tapete principal: *opus tessellatum* (?) destruído;
Painel B, abside: *opus tessellatum* residual.
- Nº 37** Composição em coroa, num quadrado e em redor de um círculo, de oito arcadas laterais tangentes entre elas.
- Nº 38** Dois painéis geométricos:
Painel A, área do *lectus*: composição de dois octógonos estrelados por quadrados e losangos adjacentes, determinando losangos e triângulos (no local do *lectus*);
Painel B, tapete principal: Composição centrada com um octógono estrelado por rectângulos e quadrados alternadamente, tangentes.
- Nº 39** Quadrícula de bandas com quadrado de intersecção, tratada em bicromia.
- Nº 40** Quadrícula de bandas com quadrado de intersecção, tratada em bicromia.
- Nº 41** Fragmento de uma quadrícula de bandas bicolores com quadrados e rectângulos (?).
- Nº 42** Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:
a) Pavimento mais antigo: destruído;
b) Pavimento mais recente: destruído.
- Nº 43** Fragmentos de um painel quadrado cortando, no centro, uma composição ortogonal de octógonos irregulares secantes e adjacentes pelos lados menores, tratada em meandro de suástica.
- Nº 44** Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos (?):
a) Pavimento mais antigo: Grandes fragmentos de uma composição com bordadura em octógonos estrelados em redor de um painel central destruído;
b) Pavimento mais recente: destruído (fauna marinha?)
- Nº 45** Mosaico destruído.
- Nº 46** Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:
a) Pavimento mais antigo: totalmente destruído;

- b) Pavimento mais recente: fragmento de faixa de remate com linha de aspas opostas e bordadura em trança.
- Nº 47** Fauna marinha.
- Nº 48** Composição ortogonal de escamas bicolores.
- Nº 49** Fauna marinha.
- Nº 50** Fauna marinha.
- Nº 51** Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:
- a) Pavimento mais antigo: mosaico bicolor destruído.
- b) Pavimento mais recente: composição de quatro estrelas de oito losangos determinando dois quadrados.
- Nº 52** Fragmentos diversos sem proveniência determinada:
- A: Fragmentos de motivos geométricos e vegetalistas;
- B: Fragmentos de tranças;
- C: Fragmentos de outro tipo (monocromáticos e figurativos).
- Villa da Quinta do Amendoal, Sé / Faro**
- Nº 53** Dois painéis geométricos justapostos:
- Painel A, área do *lectus*: composição ortogonal de octógonos secantes e adjacentes;
- Painel B, tapete principal: quadrícula de filetes triplos denteados.
- Nº 54** Meandro formando longos rectângulos.
- Nº 55** Dois painéis geométricos justapostos:
- Painel A, área do *lectus*: composição ortogonal de octógonos adjacentes determinando quadrados;
- Painel B, tapete principal: composição ortogonal de círculos tangentes determinando quadrados côncavos.
- Nº 56** Composição centrada de rectângulos concêntricos.
- Nº 57** Dois painéis geométricos justapostos:
- Painel A, área do *lectus*: Composição ortogonal de octógonos adjacentes determinando quadrados;
- Painel B, tapete principal: Composição centrada.
- Nº 58** Fragmento de uma composição em quadrícula de fusos tangentes que criam quatro-folhas.

Nº 59 Fragmentos de uma composição ortogonal de círculos secantes que determinam quatro-folhas pretos.

Nº 60 Fragmento de mosaico com linha de florinhas e quadradinhos.

Villa de Vale de Carneiros, Sé / Faro

Nº 61 Mosaico(s) destruído(s).

Cidade de Ossonoba, S. Pedro / Faro

Nº 62 Mosaico composto por quatro painéis:

Painel A: inscrição em *tabula ansata*;

Painel B: composição ortogonal de hexágonos determinando quadrados e estrelas de quatro pontas;

Painel C: máscara do Oceano com dois ventos em cantoneira;

Painel D: composição ortogonal de hexágonos determinando quadrados e estrelas de quatro pontas;

Villa de Cerro da Vila, Quarteira / Loulé

Nº 63 Dois mosaicos sobrepostos:

a) Pavimento mais antigo: destruído (?).

b) Pavimento mais recente:

Painel A, soleira este: meandro de suásticas de volta simples e quadrados;

Painel B, tapete principal: Composição ortogonal de estrelas de quatro pontas tangentes.

Nº 64 Duas soleiras e um grande tapete geométrico:

Painel A, soleira este: destruído;

Painel B, tapete principal: Painel quadrado central interrompendo uma quadrícula de bandas com círculos tangentes circunscritos às casas e pequenos círculos na intersecção;

Painel C, soleiras oeste: dois painéis com linhas quebradas.

Nº 65 Três painéis geométricos:

Painel A, ala este: quadrícula de faixas com quadrados de intersecção;

Painel B, ala sul: composição de ganizes policromas;

- Painel C, ala oeste: destruído.
- Nº 66** Mosaico destruído.
- Nº 67** Fragmento de bordadura em folhagem.
- Nº 68** Composição de cruces de pétalas fuseladas formando uma quadrícula.
- Nº 69** Mosaico destruído.
- Nº 70** Três soleiras com decoração geométrica. Tapete composto por quatro painéis (A, B, C1 e C2) dispostos em T (invertido) + U (sem base):
Painel A: destruído;
Painel B: composição de octógonos,
Painel C1: composição de círculos secantes;
Painel C2: composição de círculos e quadrados adjacentes.
- Nº 71** *Opus tessellatum* monocromático.
- Nº 72** Fauna marinha bicolor.
- Nº 73** Dois painéis geométricos:
Painel A, soleira: destruída;
Painel B, tapete principal: composição ortogonal de círculos secantes determinando quatro-folhas e delimitando quadrados de lados côncavos.
- Nº 74** Dois tapetes geométricos adjacentes:
Painel A, tapete principal: Composição centrada com um octógono estrelado por rectângulos e quadrados alternadamente, tangentes;
Painel B, área do *lectus*: linha de octógonos secantes tratados em meandro de suástica com tirsos nos hexágonos longos.
- Villa de Loulé Velho, Quarteira / Loulé**
- Nº 75** Fragmento com decoração geométrica.
- Nº 76** Fragmento de *opus tessellatum* com decoração figurativa.
- Villa de Retorta, Boliqueime / Loulé**
- Nº 77** Fragmento de mosaico geométrico bicolor.
- Nº 78** Fragmentos de uma composição de octógonos adjacentes e secantes.

PARTE 1

**Mosaicos do Algarve Romano
Parte oriental**

Catálogo

A elaboração do catálogo obedeceu aos critérios metodológicos adoptados pelo *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal*. Assim, condensaram-se em cada ficha as informações descritivas referentes a cada um dos mosaicos objecto de estudo, por sítio arqueológico, incluindo as respectivas ilustrações (esquemas, desenhos, fotografias e plantas de pormenor). Cada ficha inclui as seguintes entradas:

Lugar e data do achado	Área conservada
Tema	Técnica de assentamento
Compartimento	Materiais
Dimensões do compartimento	Densidade das tesselas
Dimensões do mosaico	Estratégia de execução
Local de conservação	Restauros antigos
Área visível no momento da descoberta	Restauros modernos

Ilustração utilizada

Bibliografia

Descrição

Datação

Os sítios foram ordenados segundo critério geográfico, de este para oeste. Cada ficha é identificada com numeração árabe. Quando um mosaico apresenta diversos painéis justapostos, indicam-se através de letras maiúsculas (A, B, C) e, quando se trata de pavimentos sobrepostos, adopta-se letra minúscula (a, b, c). Finalmente, quando de um mesmo mosaico se conhecem diversos fragmentos, a opção foi a indicação com algarismo em itálico (1, 2, 3).

A identificação do *compartimento* faz-se com base nas plantas disponíveis, seja as do *Catálogo das Plantas* (Veiga, 1877-1878), seja as recentemente levantadas como é o caso de Milreu (planta IGESPAR) ou de Cerro da Vila (planta MSP), ou as do séc. XIX. A funcionalidade do espaço nem sempre está estabelecida, pelo que se apresentam propostas sempre que se apresentam sempre que possam ser consideradas viáveis. A indicação das dimensões depende da disponibilidade da informação. No caso dos sítios a descoberto ou de fragmentos, esta pode ser obtida; nas restantes, indica-se a que consta nas respectivas referências bibliográficas.

Do confronto entre *área visível no momento da descoberta* e *área conservada*, percebem-se as destruições sofridas. Em grande parte dos casos, não estão disponíveis informações sobre o momento da descoberta, sendo de salientar a importância atribuída à análise da documentação antiga de Estácio da Veiga na determinação desse estado. Só em raras situações foi possível caracterizar as camadas de assentamento uma vez que não se procedeu a trabalhos de escavação que permitissem a obtenção dessas informações.

O campo *estratégia de execução* só se revela pertinente quando o mosaico conserva uma boa parte da sua área que permita compreender a organização das diversas partes, a qualidade do trabalho executado, a sequência seguida pelo artista, e tantos outros aspectos quanto mais rica for a composição. No caso dos fragmentos depositados em museus, não é possível proceder a uma análise detalhada.

A *descrição* é feita da periferia para o centro do mosaico: faixa de remate à parede, bordadura, esquema do campo. O *Décor* serve de referência para a terminologia adoptada na descrição, primeiro nas suas linhas principais, depois nos seus motivos secundários. Embora na literatura especializada a utilização dos termos “moldura” e “bordadura” não siga nenhum critério específico, sendo aplicada a qualquer motivo em linha com aquela função, adopta-se neste catálogo a designação de “bordadura” para as linhas externas que contornam a totalidade do campo e “moldura” para as linhas que contornam as figuras geométricas criadas pelo esquema. No caso das tranças, utiliza-se preferencialmente o termo “fio” para indicar um dos elementos do motivo, em vez do termo “cabo”. A indicação das cores faz-se entre [...] e as medidas entre (...).

No item *datação*, introduzem-se não só os elementos estilísticos que permitem datar o mosaico, mas também os elementos arqueológicos disponíveis para cada um dos casos.

Lugar e data da descoberta

Montinho das Laranjeiras, 1877-1878.

Tema

Fauna marinha disposta livremente no campo.

Compartimento

Baptistério de uma *ecclesia*: compartimento E da planta de Estácio da Veiga (1877-1878, nº 49): (?). Da indicação de “piscina aberta num pavimento de mosaicos” (ARA II, p. 374), depreende-se que o mosaico pavimentava o solo em torno do pequeno tanque que desempenhou funções de baptistério (planta 3, espaço f).

Dimensões do compartimento

Estácio da Veiga apenas registou as dimensões do tanque: 1 x 0,60 m e 60 cm de profundidade.

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

MNA: inv. nº 18754.

Área visível no momento da descoberta

Não dispomos de qualquer informação sobre a descoberta.

Área conservada

Fragmento com 74 x 44 cm.

Técnica de assentamento

Destruída pelos restauros modernos.

Materiais

Calcário: preto, branco, ocre, cinzento claro na trança e escuro na faixa; as mesmas cores e castanho dominando o peixe; preto e cinzento-escuro no contorno do ser marinho parcialmente conservado e nas linhas de água.

Densidade das tesselas

66/dm², tesselas de 1,1 a 1,2 cm de lado.

Estratégia de execução

As tesselas apresentam um corte muito irregular e os interstícios são largos, denotando uma execução de má qualidade. Todavia, a mesma combinação cromática aplicada à faixa policromática e à trança constituem um apontamento harmonioso, embora um pouco monótono. Repara-se, por exemplo, na ausência de tesselas vermelhas na trança como é usual. A escolha de um calcário

acastanhado no peixe-agulha denota também essa monotonia. É também de realçar a aplicação de cinzentos claros e escuros como forma de criar volume nas figuras. Imagina-se que os restantes exemplares de fauna marinha teriam a mesma aparência, tosca, e até um pouco fantasiosa no modo como executaram o olho, de proporções exageradas, e a boca, completamente deslocada da sua real posição, no peixe-espada. É certo que os restauros modernos intervieram no fundo branco, deslocando tesselas, no entanto as zonas originais revelam uma colocação muito desordenada.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p. 50; ARA II, fig. 360. Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MNA 2004.

Bibliografia

Figueiredo, 1896, p. 56-57; Chaves, 1936, p. 56; Machado, 1970, p. 50; ARA II, p. 374-375, fig. 360; Gorges, *Villas*, PS31, p. 479, est. LXI; Cardoso / Gradim, 2004, p. 95, fig. 21; Santos, 2005, p. 36-37.

Descrição

Faixa de remate cinzento claro (2,7 cm).

Trança de dois cordões policromática [ocre amarelo e cinzento claro] (16,3 cm de largura).

Segue-lhe filete duplo branco e uma faixa policromática [um filete cinzento claro, um ocre amarelo, um cinzento-escuro e um preto] (5,4 cm).

Do campo, destaca-se junto da faixa policromática a parte superior de um peixe (cerca de metade do corpo) nadando para a esquerda, com um comprimento total de 48,6 cm. O seu rostro alongado, a cabeça redonda e as quatro reduzidas barbatanas dorsais, sem raios espinhosos, levam-nos a identificar a espécie como um peixe-agulha, na sua designação vulgar. O rostro é

Restauros antigos

A existirem, terão sido removidos aquando dos restauros modernos.

Restauros modernos

Em 2005 o fragmento foi extraído da moldura e remontado sobre suporte em resina epóxida na oficina de restauro do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas sob a responsabilidade de C. Beloto. O confronto com fotografias anteriores ao restauro confirma que se perderam algumas áreas de *opus tessellatum* junto à linha de fractura (cf. *infra* Observações). Pode ainda ver-se que algumas pequenas áreas do fundo branco foram substituídas por novo *opus tessellatum*.

realizado a ocre amarelo claro e vermelho e o corpo em tons de acastanhado (18,2 cm). O tratamento cinzento claro no ventre corresponde a outro traço distintivo desta espécie animal, em geral, branco prateado. O olho redondo preto destaca-se num fundo branco, bem como a boca a filete preto. O opérculo é realizado a preto.

Na fotografia anterior aos restauros modernos, pode ver-se a parte dianteira do corpo serpentiforme de uma espécie marinha anguiliforme (uma enguia?) vindo na direcção do peixe-agulha. Nessa fotografia vê-se toda a cabeça e o início do corpo do animal.

Na parte superior do fragmento reconhece-se, de forma mais completa na fotografia anterior aos restauros modernos, as espirais da cauda de um ser marinho do tipo tritão, realizado a preto e cinzento. No canto superior direito, pode ainda ver-se parte muito reduzida de um outro motivo formado por quatro tesselas pretas e tesselas cinzentas.

No fundo branco destacam-se quatro linhas (apenas três se podem actualmente ver) quebradas duplas constituídas por linha de tesselas sobre o vértice preta e linha cinzento-escuro representando a água.

Datação

As características técnicas e estilísticas do mosaico apontam para uma cronologia tardia, que se enquadram perfeitamente na primeira fase da *ecclesia* definida por J. Maciel: fins do séc. VI – inícios do séc. VII (1996, p. 94).

Lugar e data da descoberta

Montinho das Laranjeiras, 1877-1878.

Tema

Fragmento com um *kantharus*.

Compartimento

Desconhece a proveniência do fragmento.
Poderá pertencer à mesma *ecclesia* a que pertence o fragmento nº 1.

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

MNA: inv. Nº 18697.

Área visível no momento da descoberta

Descoberto ao tempo de Estácio da Veiga, não dispomos de qualquer informação sobre a descoberta.

Área conservada

Fragmento com 40 x 27 cm.

Técnica de assentamento

Destruída pelos restauros modernos.

Materiais

Calcário: preto, branco, ocre, cinzento-escuro e vermelho.

Densidade das tesselas

140/dm², tesselas com 8 a 9 mm de lado, no bojo do *kantharus*. Densidade ligeiramente inferior no fundo branco.

Estratégia de execução

Tal como o nº1, não é um trabalho de qualidade. O aspecto atarracado do *kantharus*, sobretudo ao nível do colo e da boca, parece dever-se ao constrangimento do espaço disponível. Dispondo de uma paleta muito reduzida, o mosaísta conseguiu, ainda assim, imprimir alguma volumetria ao bojo do vaso, criando o contraste entre zonas côncavas, mais escuras (cinzento), e zonas convexas, mais claras (ocre amarelo). No colo e boca, aplicou as mesmas cores, salientando os bordos com tesselas alaranjadas. Um filete denteado na zona superior da boca procura dar alguma profundidade à peça.

Restauros antigos

Nas fotografias anteriores ao restauro pode ver-se que a metade esquerda do *kantharus* foi objecto de restauro, assim como a trança da bordadura.

Restauros modernos

Em 2005 o fragmento foi extraído da moldura e remontado sobre suporte em resina epóxida na oficina de restauro do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas sob a responsabilidade de C. Beloto. O confronto com fotografias anteriores ao restauro leva a crer que uma

boa parte da área correspondente ao restauro antigo foi refeita e, no colo do *kantharus*, o elemento decorativo foi deturpado não correspondendo ao que se pode ver na fotografia mais antiga. Praticamente toda a trança foi refeita, tendo subsistido partes do filete ocre e cinzento claro.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p. 51; *ARA II*, fig. 361. Levantamento à escala 1/1 (*MSP 2005*)⁹. Foto MNA.

Bibliografia

Machado, 1970, p. 51; *ARA II*, p. 375, fig. 361; Gorges, *Villas*, PS31, p. 479, est. LXI; Cardoso / Gradim, 2004, p. 95, fig. 21; Santos, 2005, p. 36-37.

Descrição

Trança policromática de dois cordões [ocre amarelo, cinzento claro e branco] (12 cm), visível na fotografia anterior aos restauros, já que na mais recente praticamente toda a trança foi refeita. Adossado à trança na zona da boca, vê-se um *kantharus* completo (23 cm de altura), embora actualmente apenas a metade direita corresponda ao mosaico original. É um *kantharus* de duas asas pretas em S, sem pé, com um bojo em forma de taça canelada realizado a preto com caneluras rosa velho (14,4 cm de altura), colo atarracado desenhado com linha laranja e preenchido com mesclado beges e amarelos e com um elemento decorativo sem forma precisa desenhado a preto (8,6 cm de altura). A boca do vaso foi desenhada com filete preto na face principal e, em filete denteado laranja na face posterior como se pode ver na fotografia anterior aos restauros modernos.

Datação

Fins do séc. VI – inícios do séc. VII (*vide* nº 1).

⁹ Por se tratar de um fragmento muito restaurado, optou-se pelo levantamento das tesselas originais. Por essa razão, não se ilustra a trança, nem a metade esquerda do *kantharus*.

Lugar e data da descoberta

Montinho das Laranjeiras, 1991.

Técnica de assentamento

(?)

Tema

Fragmento de bordadura geométrica.

Materiais

Calcários: preto, branco, cinzento-escuro, ocre amarelo e ocre vermelho.

Compartimento

Ecclesia: braço sudoeste (planta 5).

Densidade das tesselas

64/dm², tesselas com 1 a 1,5 cm de lado.

Dimensões do compartimento

9,66 x 4,25 m.

Estratégia de execução

O mosaico é de fraca execução técnica, espelhando um período de declínio desta arte. Os elementos são muito irregulares nas dimensões demonstrando uma falta de planificação prévia. A colocação das tesselas é desordenada, não acompanhando as linhas dos diversos motivos.

Dimensões do mosaico

Três fragmentos: 1. 86 x 76,3 cm; 2. 1,11 x 62,5 cm; 3. 27,7 x 7 cm.

Local de conservação

In situ.

Restauros antigos

Não existem nos fragmentos.

Área visível no momento da descoberta

A mesma que actualmente.

Área conservada

Três fragmentos situados no ângulo este do braço sudoeste do edifício.

Restauros modernos

Consolidação *in situ*.

Ilustração utilizada

Maciel, 1993b, fig. 3 e 11; Maciel, 1996, fig. 9-10. Fotos da colecção pessoal de J. Maciel.

Bibliografia

Maciel, 1993a, p. 205-219.

Descrição

Faixa de remate à parede branca com quadrados irregularmente equidistantes, com xadrez de nove casas (10 cm de lado) desenhadas a preto e preenchidas a branco e cinzento-escuro (31 cm).

Bordadura com linha de rectângulos e quadrados adjacentes (cf. *Le Décor I*, variante de 18) (31 cm): o rectângulo inclui losango flanqueado de peltas desenhadas a preto e sublinhadas interiormente por um filete ocre amarelo e fundo branco, e ainda florinhas geométricas nos quatro espaços residuais; o quadrado inclui moldura quadrada desenhada com dois filetes vermelhos e um filete preto. Num dos lados, pode ainda ver-se três folhas fuseladas que deviam ter pertencido a um ornato de ramagens vermelhas.

O campo é delimitado por um filete preto, seguido de um filete vermelho, quádruplo filete branco e um filete triplo preto. Não se conservou o motivo/esquema central do mosaico, embora J. Maciel refira que é “possível ainda observar restos de molduras de eventuais *emblemata*” (Maciel, 1993a, p. 212).

Datação

Fins do séc. VI – inícios do séc. VII (*vide* nº 1).

Lugar e data da descoberta

Cacela-a-Velha, 1877-1878.

Tema

Três fragmentos de mosaico geométrico.

Compartimento

Compartimento indeterminado da planta de Estácio da Veiga (planta 6).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

1. MMSR: inv. nº 4693; 2. MMSR: inv. nº 4694; 3. MNA: inv. nº 18751.

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

1. 19,5 x 12,5 cm; 2. 18 x 15 cm; 3. 49 x 32 cm.

Técnica de assentamento

Os fragmentos 1 e 2 assentam num *nucleus* de 4 cm rosado, com pequenos grãos de

areia. Do *rudus*, ainda se podem ver os fragmentos de cerâmica e das pedras em negativo. O fragmento 3 recebeu novo suporte aquando dos restauros recentes e não é possível efectuar a sua caracterização.

Materiais

Calcário branco e preto.

Densidade das tesselas

49/dm². Tesselas com 1, 7 a 1, 8 cm.

Estratégia de execução

Os fragmentos são demasiado exíguos para uma análise da estratégia de execução, no entanto, pode dizer-se que se trata de um trabalho de fraca qualidade, com tesselas de corte muito irregular e colocadas assimetricamente.

Restauros antigos

Não existem nos fragmentos.

Restauros modernos

Os fragmentos foram objecto de restauro em 1988 na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga, sob a responsabilidade de C. Beloto, tendo sido montado sobre suporte de resina epóxida.

Ilustração utilizada

1 e 2. Cliché MSP 2004. Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005); 3. Machado, 1970, p. 49. Foto MNA 2004. Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005).

Bibliografia

1 e 2. Rocha, 1907, p. 147; 3. Machado, 1970, p. 49; ARA, I, p. 305-308; Gorges, *Villas*, PS35, p. 480; Santos, 2005, p. 38-39.

Descrição

Filete simples branco; filete simples preto; filete triplo branco.

Bordadura em filete duplo preto, seguido de linha de dentes de serra denteados pretos (cf. *Le Décor I*, 10g).

Composição em quadrícula de filetes simples preto, aqui com florinhas geométricas de cinco tesselas nas casas (cf. *Le Décor I*, variante de 123a) ou simplesmente uma linha de quadrados sobre o vértice.

Datação

Na ausência de elementos arqueológicos e perante a exiguidade dos fragmentos, é difícil estabelecer uma cronologia. A bicromia e o baixo nível técnico da execução não podem ser usados como critério para datar de época mais antiga, pois conhecem-se muitos mosaicos tardios com estas características. Os elementos estilísticos também não são esclarecedores. Os paralelos conhecidos no Algarve Oriental situam-se no séc. III.

Lugar e data da descoberta

Quinta das Antas, 1877-1878.

Tema

Fragmento de uma composição losângica de hexágonos e losangos adjacentes.

Compartimento

Compartimento indeterminado de umas termas levantadas por Estácio da Veiga (planta 7).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

MNA: inv. nº 18750.

Área visível no momento da descoberta

L. Chaves apresenta as dimensões do mosaico: 3,30 x 3 m (1936, p. 59). Desconhecemos a origem da sua informação: dimensões reais do mosaico encontrado ou aproximadas às dimensões da sala?

Área conservada

Fragmento de 66 x 53 cm.

Técnica de assentamento

Os restauros modernos destruíram o suporte original.

Materiais

Calcário: branco e preto.

Densidade das tesselas

84/dm², tesselas com 1 cm de lado.

Estratégia de execução

O fragmento é demasiado exíguo para se poder analisar a estratégia de execução.

Restauros antigos

Não existem no fragmento.

Restauros modernos

O mosaico foi objecto de restauro em 1988 na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga, sob a responsabilidade de C. Beloto, tendo sido montado sobre suporte de resina epóxida.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p. 43; Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MNA 2004.

Bibliografia

Chaves, 1936, p. 59; Machado, 1970, p. 43; ARA I, p. 000-000, fig. 000; Santos, 2005, p. 38-39.

Descrição

Fragmento de uma composição losângica de hexágonos e losangos adjacentes, deixando aparecer grandes hexágonos irregulares secantes traçada a filetes duplo preto em fundo branco, aqui com losangos pretos incluídos, deixando entrever grandes hexágonos irregulares secantes (cf. *Le Décor I*, 213a).

Datação

Tendo em conta a simplicidade do tratamento do esquema e o paralelo da *villa* de Abicada, propõe-se o séc. III como cronologia para o mosaico.

Lugar e data da descoberta

Torre d' Ares, 1877-1878.

Tema

Fragmento de mosaico bicolor com fauna marinha.

Compartimento

Tepidarium (sala B) das termas levantadas na planta de Estácio da Veiga (planta 8)

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

MNA: inv. nº 18706.

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

Fragmento de 62,5 x 57 cm.

Técnica de assentamento

Destruído pelos restauros modernos.

Materiais

Calcário: preto nas figuras e branco no fundo.

Densidade das tesselas

36/dm², tesselas com 1,4 cm de lado.

Estratégia de execução

A dimensão das tesselas revela que se trata de um trabalho bastante grosseiro, embora se note alguma elegância no traçado da cabeça do peixe que se conserva. As figuras delineadas a preto foram contornadas com um filete branco, antes de procederem ao enchimento do fundo, um pouco em todos os sentidos.

Restauros antigos

Não existem no fragmento que se conserva.

Restauros modernos

O mosaico foi objecto de restauro em 1988 na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga, sob a responsabilidade de C. Beloto, tendo sido montado sobre suporte de resina epóxida. Algumas tesselas foram pontualmente substituídas.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p. 41; Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MNA 2004.

Bibliografia

Chaves, 1936, p. 86; Machado, 1970, p. 41; ARA I, p. 219-280, fig. 238; Santos, 2005, p. 38-39; Nogales, 2003, n° 87, p. 285, fig. 82; Viegas, 2009, p. 279, fig. 43.

Descrição

No fragmento pode ver-se parte da cabeça de uma lula. Desta, vêem-se metade de dois olhos circulares com tessela preta no centro, de onde saem cinco tentáculos pretos cujas ventosas são representadas através de tesselas pretas triangulares. À direita, nada na sua direcção um peixe do qual se conserva unicamente a cabeça. É um peixe desenhado com filete preto, com pequena barbatana dorsal, dois opérculos representados por dois filetes pretos, e barbilhão no maxilar inferior. O olho é redondo com uma tessela preta incluída. A presença do barbilhão pode fazer pensar numa faneca. Mais acima, no lado esquerdo, ainda se vê parte da boca de um outro ser marinho, com boca afunilada, que não corresponde à anatomia da cabeça de um peixe e, por isso, se pode eventualmente atribuir a um anguiliforme do tipo moreia ou lampreia.

Datação

Os paralelos estilísticos e as características técnicas e artísticas do mosaico constituem argumentos a favor de uma datação dentro do séc. II. Esta proposta encontra, ainda, fundamento na história da própria cidade de *Balsa*, uma vez que corresponde ao auge político-administrativo e económico da cidade.

Lugar e data da descoberta

Pedras d' El-Rei, 1877-1878.

Tema

Quatro fragmentos de uma composição de octógonos decorados com fauna marinha.

Compartimento

Embora se desconheça qualquer levantamento das estruturas postas a descoberto por Estácio da Veiga, o tema do mosaico induz a pensar num *triclinium*.

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

1. MNA inv. nº 18684; 2. MNA inv. nº 18685;
3. MNA inv. nº 18703; 4. MNA inv. nº 18749;
5 e 6. MNA s/ nº inv. (reservas).

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

Conservam-se os seis fragmentos do MNA que permitem compreender o esquema e

sua bordadura: 1. 44,5 x 23 cm; 2. 1,10 m x 60,5 cm; 3. 56,5 x 39,5 cm; 4. 85,5 x 49 cm; 5. 9,2 x 5,7 cm; 6. 7,8 x 4,5 cm.

Técnica de assentamento

Destruído pelos restauros modernos.

Materiais

Mármore: branco com veios rosa velho na parte ventral do peixe; branco com veios cinzentos no interior da boca do peixe, extremidade do peixe incompleto do fragmento 4 e cabeça do peixe incompleto e extremidade de outro peixe incompleto do fragmento 3; branco com veios acinzentados claros na parte do ventre do peixe incompleto do fragmento 4.

Calcário: branco no fundo da composição; preto na trança, faixa de ligação aos muros, contorno dos peixes, linhas de representação da água sob os peixes e parra do fragmento 2; amarelo no cordão da trança, metade de flor e filete do caule do mesmo; ocre amarelo (amarelo torrado) no octógono e metade da flor; bege acastanhado acinzentado nos octógonos, opérculo do peixe, parra e filete do caule do fragmento 2; vermelho escuro no cordão da trança e filete do caule do mesmo; bege acastanhado nas barbatanas dos peixes; vermelho rosado na parte ventral (barriga) do

peixe; cinzento nas tesselas da cabeça do peixe do fragmento 4.

Densidade das tesselas

131/dm², tesselas de 8 a 9 mm de lado.

Estratégia de execução

A montagem dos fragmentos permite compreender, em parte, a forma como se organizava o tapete. Embora se trate de uma proposta cuja organização será sempre hipotética, uma vez que se trata de um esquema ortogonal, é possível destacar algumas particularidades de execução. A realização do caule da ramagem de videira é singular na forma como o mosaísta combinou três cores, dando ao motivo um aspecto muito realista. Por outro lado, o tratamento da trança é também muito peculiar. Os fios apresentam-se muito apertados, aumentando a densidade do entrançado de uma forma invulgar. A aplicação de uma moldura em faixa policromática é outra característica que merece destaque, já que comprime a composição, dando-lhe um ar muito pesado. Da colocação dos exemplares de fauna marinha, de que se conserva apenas um completo, parece notar-se uma certa

deslocação por falta de preparação prévia do espaço disponível. O peixe ficou com a cauda encostada à bordadura, sobrando espaço nos outros lados. Em relação às restantes figuras, não é possível fazer a mesma análise porque se encontram parcialmente destruídos. Também poderá suscitar dúvida a orientação dos motivos nos octógonos. Na montagem seguiu-se o critério de uma orientação no mesmo sentido,

Restauros antigos

Possível restauro antigo na flor de quatro pétalas fuseladas com botão central circular do fragmento 4. No restauro não se conseguiu refazer o motivo correctamente.

Restauros modernos

Os quatro fragmentos foram objecto de restauro em 1988, na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga (C. Beloto), tendo-lhes sido retirada a moldura de madeira que apresentavam e tendo sido montados sobre suporte de resina epóxida.

Nas fotos de arquivo do MNA podem observar-se os caules ondulantes com as parras do fragmento B, antes de terem sido objecto de restauro.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p. 44-47; *ARA II*, fig. 330-333; Levantamento à escala 1/1 (*MSP* 2005). Foto MNA 2004.

Bibliografia

Machado, 1970, p. 44-47; *ARA*, II, p. 307-317, fig. 330-333; Gorges, *Villas*, PS43, p. 483; Nogales, 2003, nº 87, p. 265 (d), nº 88, p. 265 (b); Santos, 2005, p. 32-33 a) c) d); Viegas, 2009, p. 283, fig. 48.

Descrição

Bordadura de folhagem de vinha da qual se conservam três caules ondulados rematados por folhas de parra com largura de 28 cm conservada apenas no fragmento 2. Os ramos ondulados são formados por dois filetes de tesselas [vermelho escuro e ocre amarelo], por vezes três filetes em que se acrescenta o cinzento-escuro às tonalidades já referidas. As folhas são desenhadas com tesselas cinzentas. Segue-se faixa de tesselas pretas com 4 cm de largura e nova faixa de tesselas branca com 5 cm.

Composição ortogonal de octógonos adjacentes determinando quadrados de tranças de dois cabos policromáticas [branca, ocre amarelo, vermelho escuro e preto] sobre fundo negro com largura de 7 cm (cf. *Le Décor I*, variante de 164d). Os octógonos (com largura de 42 cm) incluem outros cinzentos ou ocre vermelho, alternadamente, em fundo branco, onde se encaixam outros octógonos formados por duplo filete preto. Como preenchimento encontram-se diferentes figurações de seres marinhos: peixes de diferentes morfologias, muito incompletos dada a dimensão dos fragmentos, sobre fundo branco. Nos quadrados inscrevem-se flores de quatro pétalas fuseladas e botão central circular (15,5 cm de lado) desenhadas com duas tonalidades de ocre amarelo escuro e mais claro, sobre fundo branco. Cada pétala foi dividida em duas, no sentido longitudinal, cada um deles preenchido com um dos tons de ocre amarelo claro e mais escuro, sugerindo zonas de claro e escuro.

O fragmento 1 conserva parcialmente dois octógonos (um de moldura cinzenta e outro ocre amarelo). Apenas num deles se vê parte do corpo de um animal marinho delineado com filete de tesselas pretas e realizado com três tonalidades de cinzento. Parece corresponder a um golfinho cuja cabeça e cauda estão destruídas. A um duplo filete superior de tesselas cinzento acastanhadas segue-se triplo filete de tesselas cinzentas de mármore com veios e finalmente um outro tom de cinzento quase branco que se distingue da parte inferior do animal, branca da mesma cor que o fundo da composição. Na parte inferior do animal observam-se barbatanas pélvica e anal formadas por escassas três ou quatro tesselas formando filete que se destaca do corpo do animal, de cor vermelho escuro. Na parte superior do peixe, ainda antes da ondulação formada pela cauda, pode

ver-se também um pequeno filete de tesselas vermelho escuras (três tesselas) que representa a segunda barbatana dorsal.

O fragmento 2 conserva apenas parte muito reduzida de três dos octógonos da composição, sem que tenham subsistido indícios da presença de fauna marinha.

No fragmento 3 pode observar-se apenas parte do interior dos octógonos com figurações incompletas de peixes em dois casos. Possuímos a parte superior da cabeça de um peixe, delineado por duplo filete de tesselas pretas, com o respectivo olho, idêntico ao descrito para o peixe do fragmento 4. Um outro octógono, ocre amarelo, inclui outro animal marinho do qual apenas resta a cauda. Este animal teria o seu contorno delineado por filete de tesselas pretas, tal como sucede com a cauda do animal no fragmento 4. Pode tratar-se de outro golfinho. O seu corpo realizado por duplo filete de tesselas de mármore com veios cinzentos e filete de tesselas cinzento acastanhadas e branco parece sustentar esta identificação. O que aparenta ser a barbatana anal estaria representado por filete de quatro tesselas vermelho escuro e filete duplo de tesselas pretas. Paralelos ao ventre do animal, tal como sucede nos restantes casos, estão representados filetes de tesselas pretas (dois simples e um duplo) que corresponderiam ao movimento da água.

Apenas no fragmento 4 se vê um peixe completo (27,5 x 9,5 cm) no interior do octógono cinzento e preto, colocado na diagonal. O contorno superior do peixe foi delineado por filete simples de tesselas vermelho escuro no dorso e preto no ventre. O corpo do peixe foi desenhado em tons de rosa escuro, nos dois terços superiores e rosa claro na parte inferior. Apesar da representação deste animal ser bastante esquemática existem uma série de detalhes dignos de menção. Assim, as duas barbanas dorsais são ocre amarelo. Iguamente na parte inferior do peixe encontram-se desenhadas as barbatanas pélvicas na mesma cor, mas sublinhadas a preto sugerindo o contacto com a água representada por linhas pretas. Na cabeça, vê-se o olho, formado por um semicírculo de tesselas negras que inclui tessela negra circular central em fundo branco. A boca, de forma circular sugerindo que se encontra aberta, foi delineada por um filete de tesselas vermelhas escuras idênticas às do contorno superior do peixe e o seu interior foi preenchido com tesselas de mármore com veios cinzento azulado. O opérculo também foi representado com um filete simples ocre vermelho, colocado na vertical. Da boca ao olho, uma área cinzento claro completa o corpo do peixe. A cauda foi reduzida para poder incluir-se no octógono.

Sob o peixe encontram-se linhas paralelas de tesselas pretas com diferentes comprimentos que simulam o movimento da água. A primeira à frente da barbatana parte directamente da barbatana e cria a linha de água.

Outro octógono deste fragmento de mosaico, amarelo e negro, apenas podemos observar o que parece ser a extremidade das espirais da cauda de outro animal: um golfinho? Este é delineado a preto (dois filetes na parte superior e apenas um na inferior), observando-se ainda a barbatana anal formada por dois filetes de tesselas vermelho escuro e negro. O que resta do corpo (a extremidade do animal) encontra-se preenchido com um duplo filete simples de tesselas brancas. Um filete de tesselas pretas que se encontraria sob o peixe e que deveria corresponder à representação da água. Apenas neste fragmento não se observa a alternância correcta entre os octógonos cinzentos acastanhados e ocre amarelo.

Neste fragmento, a florinha incluída no quadrado foi certamente objecto de restauro, possivelmente ainda na Antiguidade, pois o desenho das pétalas fuseladas não foi bem conseguido. De igual modo, a divisão de duas tonalidades ocre amarelo mais claro e mais escuro não foi respeitada.

Datação

Do ponto de vista estilístico, designadamente no excesso decorativo, no recurso às faixas largas como segundas molduras em oposição de cores, assim como no estilo da fauna marinha, parece tratar-se de um mosaico do séc. IV. Embora resultante de um estudo preliminar, a proposta de uma cronologia no Baixo Império para a *terra sigillata* proveniente das escavações de M. e M. Maia em 1980, avaliza a ocupação das estruturas (Viegas, 2009, p. 283-284) e reforça a datação por critério estilístico apresentada para o mosaico.

Lugar e data da descoberta

Quinta do Trindade, 1877-1878.

Área conservada

(?)

Tema

Opus tessellatum destruído.

Técnica de assentamento

(?)

Compartimento

Proveniência desconhecida.

Materiais

(?)

Dimensões do compartimento

(?)

Densidade das tesselas

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Estratégia de execução

(?)

Local de conservação

MNA inv nº 15017B (contentor 1838, vol. IV).

Restauros antigos

(?)

Área visível no momento da descoberta

(?)

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

-

Bibliografia

Inédito¹⁰.

Descrição

Mosaico destruído.

Datação

-

¹⁰ Embora o sítio seja incluído em ARA II, a autora não faz referência a mosaicos (cf. p. 326-332).

Lugar e data da descoberta

S. Domingos de Asseca, 1877-1878.

Tema

Fragmento informe bicolor.

Compartimento

Trata-se de um achado avulso realizado por Estácio da Veiga. Desconhecem-se as estruturas arquitectónicas associadas.

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

MNA: inv. nº 18683.

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

Fragmento de 31 x 24 cm.

Técnica de assentamento

Os restauros modernos levaram à remoção da camada de assentamento.

Materiais

Calcário: branco, preto e rosa (?).

Densidade das tesselas

21/dm², tesselas com 2,5 cm de lado.

Estratégia de execução

Tratando-se de uma densidade tão baixa, tudo leva a crer que se trate de uma faixa de remate à parede, quiçá com uma ramagem de que se vê parte muito reduzida nas tesselas pretas contornadas por dois filetes brancos. No fundo, é evidente que algumas tesselas foram deslocadas aquando dos restauros, dando a impressão que estariam na origem colocadas em filetes paralelos.

Restauros antigos

Não se registam no fragmento conservado.

Restauros modernos

O mosaico foi objecto de restauro em 1988 na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga, sob a responsabilidade de C. Beloto, tendo sido montado sobre suporte de resina epóxida. Algumas tesselas deslocaram-se durante a execução de nova camada de assentamento.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p. 48. Foto MNA 2005.

Bibliografia

Machado, 1970, p. 48; *ARA II*, p. 335, fig. 339; Gorges, *Villas*, PS44, p. 483.

Descrição

Opus tessellatum branco em quase toda a área do fragmento. Num dos lados da fractura, algumas tesselas rosa (?) e o contorno de dois filetes de tesselas brancas. Vêem-se ainda três tesselas pretas no contorno circular, muito calcinadas.

Datação

Na ausência de elementos arqueológicos, não é possível estabelecer-se datação de um fragmento sem decoração.

Lugar e data da descoberta

Quinta de Marim, 1877-1878.

Tema

Três pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:

- a) **Pavimento mais antigo:** destruído (tema figurativo);
- b) **Pavimento intermédio:** destruído (tema figurativo);
- c) **Pavimento mais recente:** dois fragmentos geométricos.

Compartimento

Compartimento de função indeterminada do edifício assinalado na planta de Estácio da Veiga nº 30B (planta 11).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

a) (?); b) (?); c) 1. MNA inv. nº 18692; 2. MNA inv. nº 18756.

Área visível no momento da descoberta

L. Chaves refere a existência dos três mosaicos, salientando que os dois mais antigos tinham “tesselas pequenas de cores ou desenhos de figuras” e o último “tesselas brancas e azuis” (1936, p. 60). Depreende-se que ainda restava algo dos pavimentos mais antigos, mas não é possível saber mais.

Área conservada

Dois fragmentos do pavimento c) 1. 57,5 x 32 cm; 2. 47,5 x 34 cm.

Técnica de assentamento

Os restauros modernos destruíram o suporte original.

Materiais

a) (?); b) (?); c) calcário: branco e preto.

Densidade das tesselas

a) (?); b) (?); c) 20/dm², tesselas com 1,8 a 2 cm de lado.

Estratégia de execução

A disposição das tesselas em filetes paralelos parece indicar que se trata de um fragmento de bordadura e respectiva faixa de remate.

Restauros antigos

Não existem nos fragmentos conservados do pavimento c).

Restauros modernos

Os diferentes fragmentos foram objecto de restauro em 1988, na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga (C. Beloto), tendo sido montados sobre suporte de resina epóxida.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p. 39-40; ARA II, fig. 315 (18692). Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MNA 2004.

Bibliografia

Chaves, 1936, p. 59-60; Machado, 1970, p. 39-40; ARA II, p. 271, fig. 315.

Descrição

a) Pavimento mais antigo

Destruído.

b) Pavimento intermédio

Destruído.

c) Pavimento mais recente

Fragmento 1

Apresenta filete duplo preto em fundo branco e parece corresponder à bordadura de um tapete.

Fragmento 2

Pertence a uma bordadura em linha de fusos tangentes, em fundo preto (cf. *Le Décor I*, 21e).

Datação

As linhas de fusos documentam-se sobretudo em pavimentos tardios na Hispânia, pelo que é de considerar uma datação nesse período para o mosaico mais recente c), quiçá séc. IV.

Lugar e data da descoberta

Quinta de Marim, 1877-1878.

Tema

Três fragmentos de uma composição geométrica.

Compartimento

Local indeterminado de um dos dois edifícios adjacentes assinalados planta de Estácio da Veiga nº 30C (1877-1878): templos/santuários (ARA II, p. 270) ou mausoléus (Graen, 2005b).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

1. MNA, inv. nº 18688; 2. MNA, inv. nº 18698; 3. MNA, inv. nº 18705.

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

Três fragmentos: 1. 47 x 34 cm; 2. 55,5 x 42 cm; 3. 42 x 31,5 cm;

Técnica de assentamento

Os restauros modernos levaram à remoção das camadas de assentamento originais.

Materiais

Mármore: rosa e branco no fundo e na trança; calcário: branco no fundo; cinzento-escuro nos filetes e trança; ocre amarelo acastanhado e rosa na trança.

Densidade das tesselas

133/dm², tesselas de 7 a 8 mm.

Estratégia de execução

Os três fragmentos possuem características técnicas e uma paleta de cores idênticas, no entanto, os motivos são diferentes e, por isso, é difícil compreender a composição a que pertenceram e a respectiva estratégia de execução.

Restauros antigos

Não se registam nos fragmentos conservados.

Restauros modernos

Os diferentes fragmentos foram objecto de restauro em 1988, na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga (C. Beloto),

tendo sido montados sobre suporte de resina epóxida.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p. 36-38; *ARA II*, fig. 310, 313 e 314; Levantamento à escala 1/1 (*MSP 2005*). Foto MNA 2004.

Bibliografia

Machado, 1970, p. 36-38; *ARA II*, p. 270-271, fig. 310, 313 e 314; Gorges, *Villas*, PS39, p. 482; Santos, 2005, p. 34-35; Graen, 2005b, p. 263 e 268, fig. 14-18.

Descrição

Fragmento 1

Ângulo de uma bordadura de trança de dois fios policromática [rosa velho, ocre amarelo, branco, cinzento escuro] (com 12,5 a 13 cm de largura) emoldurando eventualmente uma composição. Losango formado por filete duplo de tesselas cinzentas escuras com altura de 28 x 22 cm, incluindo outro losango delineado cinzento-escuro com o interior preenchido a rosa. Na zona de fractura, pode ainda ver-se o arranque de um triângulo desenhado com filete cinzento-escuro com interior a amarelo ocre.

Fragmento 2

Círculo formado por trança policromática idêntica à do fragmento 1, com diâmetro exterior de 80 cm. O círculo inclui um quadrado desenhado com trança idêntica (com 12,5 cm de lado). No espaço residual, uma secção de círculo rosa escuro sobre fundo branco. Nos dois restantes lados o preenchimento devia ser diferente uma vez que se vê ainda, em cada um desses lados, um filete ocre amarelo tangente ao círculo exterior, contrariamente ao que acontece à secção de círculo rosa.

O quadrado em trança (com 37,5 a 38 cm de lado) inclui outro, desenhado com filete preto (8 cm de lado) com enchimento ocre amarelo.

Fragmento 3

Conserva-se parcialmente um lado da composição em trança policromática [rosa velho, ocre amarelo, branco, cinzento escuro]. O outro lado conserva ainda um filete duplo preto. O motivo principal é constituído por um segmento de círculo com a mesma trança e o mesmo diâmetro do

fragmento 2. O círculo divide-se ao meio com trança. No interior do semicírculo branco pode ver-se um pequeno semicírculo delineado a preto e preenchido a ocre amarelo. Não parece tratar-se da mesma decoração na secção oposta. Com efeito, a trança parece invadir essa área.

O espaço em cantoneira é preenchido com um triângulo desenhado a filete preto e preenchido a rosa escuro.

Datação

D. Graen datou a construção do edifício maior, com abside, da segunda metade do séc. III a inícios do séc. IV (2005a, p. 264) e o edifício anexo, menor, de fins do séc. II a inícios do séc. III (2003, p. 79). Tendo em conta que não há elementos suficientes que permitam atribuir os fragmentos a um ou a outro edifício, as cronologias apresentadas com base em critérios arqueológicos podem ajudar a esclarecer alguns pontos. Efectivamente, os fragmentos apresentam características estilísticas dos séc. III-IV, sendo muito improvável a sua execução no edifício mais antigo. Enquadram-se, pelo contrário, na cronologia proposta para o edifício mais tardio – segunda metade do séc. III. No entanto, é ao primeiro que D. Graen atribui os fragmentos com base numa camada de assentamento e nos restos de tesselas que encontrou (Graen, 2005b, p. 268), mas também encontrou fragmentos de mosaicos em camadas revolvidas do segundo (*id.*, p. 263), facto que reforça a proposta de datação nos meados do séc. III.

Lugar e data da descoberta

Quinta de Marim, 1877-1878.

Tema

Dois fragmentos de uma composição geométrica.

Compartimento

Local indeterminado de um dos dois edifícios adjacentes assinalados planta de Estácio da Veiga nº 30C (planta 12): templos/santuários (ARA II, p. 270) ou mausoléus (Graen, 2005b).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

1. MNA: inv. nº 18702; 2. MNA: inv. nº 18748.

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

Dois fragmentos: 1. 52 x 49 cm; 2. 51,5 x 44,5 cm.

Técnica de assentamento

Os restauros modernos levaram à remoção das camadas de assentamento originais.

Materiais

Mármore: rosa e branco no fundo e na trança; calcário: branco no fundo; cinzento-escuro nos filetes e trança; ocre amarelo acastanhado e rosa na trança.

Densidade das tesselas

70/dm², tesselas de 1,2 a 1,3 cm.

Estratégia de execução

Os dois fragmentos possuem características técnicas e uma paleta de cores idênticas, no entanto, os motivos são diferentes e, por isso, é difícil compreender a composição a que pertenceram e a respectiva estratégia de execução.

Restauros antigos

Não existem nos fragmentos conservados.

Restauros modernos

Os diferentes fragmentos foram objecto de restauro em 1988, na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga (C. Beloto), tendo sido montados sobre suporte de resina epóxida.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p. 34-35; ARA, II, fig. 311 e 312; Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MNA 2004.

Bibliografia

Machado, 1970, p. 34-35; ARA II, p. 270, fig. 311-312; Santos, 2005, p. 34-36.

Descrição

Fragmento 1

Faixa branca com largura máxima de 5 cm e trança policromática [rosa velho, amarelo ocre, branco e cinzento escuro] sobre fundo cinzento-escuro (12,5 cm de largura). Um filete simples preto perpendicular à trança marca o limite do painel. Um filete duplo branco marca o arranque desse segundo painel. Do esquema, pode ver-se um quadrado formado por trança idêntica à descrita (13 cm de largura), colocado sobre o vértice (60 cm de lado). Este quadrado inclui outro, formado por filete preto com um nó de Salomão, incompleto, no centro. O espaço residual triangular inclui um triângulo ocre amarelo.

No ângulo do painel, em cantoneira, vê-se um triângulo desenhado a filete preto (base de 40 cm e lados com 28,5 cm), incluindo um triângulo rosa escuro de três filetes de tesselas (base de 29 cm e lados com 20 cm) em fundo branco.

Fragmento 2

Da faixa de ligação aos muros resta uma faixa de quatro tesselas. Um filete preto simples assinala o limite do painel, como no fragmento 1., ao qual se segue filete branco simples e trança policromática idêntica à do fragmento 1. Segue-se uma linha de triângulos alternadamente opostos idênticos ao triângulo em cantoneira do fragmento 1 (27,5 cm na base x 18,5cm).

Datação

Meados do séc. III (*vide* nº 11).

Lugar e data da descoberta

Torrejão Velho, 1877-1878.

Tema

Dois fragmentos com bordadura em trança.

Compartimento

Compartimento indeterminado de umas temas levantadas por Estácio da Veiga (planta 15).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

1. MNA, inv. n° 18691; 2. MNA, inv. n° 18753.

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

Dois fragmentos: 1. 50,5 x 52,5 cm; 2. 66,5 x 43 cm.

Técnica de assentamento

As camadas de assentamento foram destruídas pelos restauros modernos.

Materiais

Calcário: branco, preto, ocre amarelo e rosa escuro.

Densidade das tesselas

76/dm², tesselas com 1 cm de lado.

Estratégia de execução

Embora só se tenha conservado parte muito reduzida da bordadura e faixa de remate à parede, pode ver-se que a execução é muito cuidada pois as tesselas são de bom corte e bem colocadas. Na faixa de remate, identificam-se muito bem os dois sentidos na colocação das tesselas. No lado menor, os filetes foram colocados paralelamente à parede, enquanto no lado mais comprido, cerca de dois terços encontram-se colocados na perpendicular ao tapete e um terço na horizontal. De qualquer forma, nota-se que seria uma área exposta visualmente tendo em conta o cuidado com que a realizaram.

Restauros antigos

Não existem nos fragmentos conservados.

Restauros modernos

Os fragmentos foram objecto de restauro em 1988 na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga, sob a

responsabilidade de C. Beloto, tendo sido montados sobre suporte de resina epóxida.

Ilustração utilizada

Machado, 1970, p.33 e 42; *ARA II*, fig. 295; Levantamento à escala 1/1 (*MSP 2005*). Foto MNA 2004.

Bibliografia

Machado, 1970, p. 33 e 42; *ARA II*, p. 244-246, fig. 294-295.

Descrição

Faixa de ligação aos muros com quadradinhos denteados rosa velho com tessela preta central em fundo branco com semis de tesselas ocre amarelo escuro (largura conservada: 28 cm no fragmento 1). Segue-se filete duplo preto, filete triplo branco.

Bordadura com trança de dois cordões policromática [ocre amarelo e rosa velho, branco] sobre fundo preto (largura máxima conservada: 13 cm).

Datação

O tratamento policromático pode servir a estabelecer um *terminus post quem* nos inícios do séc. III, não sendo possível atribuir uma datação precisa unicamente com base num motivo cuja divulgação é muito ampla.

Lugar e data da descoberta

Milreu, anos 70.

Tema

Quatro painéis desnivelados de *opus tessellatum*:

Painel A (nível da entrada exterior), painel principal: destruído (?);

Painel B (nível do primeiro degrau), painel principal: destruído;

Painel C (nível do primeiro degrau), painel este com uma linha de ondas em oposição de três cores;

Painel D (nível do segundo degrau), painel principal: destruído.

Compartimento

Sector A2, compartimento a: *vestibulum* arquitectonicamente organizado em três patamares pavimentados com *opus tessellatum* (planta 19). Os painéis A, B e D estão totalmente destruídos. O painel C reveste um pequeno espaço rectangular situado no lado direito da entrada na casa, à cota do primeiro degrau, encontrando-se *in situ*.

Dimensões do compartimento

4,18^{O-E} x 7,04^{N-S} m.

Dimensões do mosaico

A: 2,80 x 2,24 m; B: 2,40 x 1,32 m; C: 3,01 x 1,10 m; D: 2,40 x 2,80 m.

Local de conservação

Os painéis A, B e D estão destruídos e o painel C foi recolocado na posição original após restauros modernos.

Área visível no momento da descoberta

Nem na planta de Estácio da Veiga (planta 16), nem na de 1950 reproduzida por T. Hauschild (1984-1988, fig. 7), a zona se encontra claramente definida. Já, na planta de 1962 (*id.*, fig. 6) é apenas o nicho este que não se encontra representado, estando perfeitamente definida a restante área do vestibulo, inclusivamente o local do mosaico. T. Hauschild reescavou esta zona na década de 70 (1980, p. 209, fig. 13, corte IX; 1984-1988, p. 97) e, no desenho e na foto que publica, o painel C é mais completo do que actualmente (cf. Hauschild, 1980, fig. 13; Hauschild, 1984, fig. 6, respectivamente). É possível identificar, apesar da destruição que evidencia, dois painéis rectangulares adjacentes cobrindo todo o espaço até à abside-fonte. A decoração central do painel sul encontra-se hoje totalmente destruída, quiçá devido também aos restauros modernos efectuados, e é portanto

no citado desenho de T. Hauschild que se podem colher informações. Aí pode ver-se outro fragmento com uma pelta quase completa e ainda parte de uma segunda, sugerindo uma composição de peltas erguidas e deitada. Uma área muito diminuta de uma trança completa a decoração. Aparentemente, este fragmento está deslocado do seu local original, não se conhecendo aqui outro mosaico que apresente o mesmo esquema. Poderá eventualmente tratar-se de um restauro antigo ou então ser um fragmento deslocado do painel anexo (B). Actualmente, apenas se pode ver no lado sudoeste um pequeno fragmento com tesselas brancas dispostas em escamas e algumas tesselas pretas que não permitem nenhuma identificação, mas que pertencem certamente ao fragmento reproduzido no desenho de T. Hauschild (1980, fig. 13).

Área conservada

Conserva-se uma pequena área do painel C, a norte, assim como parte da bordadura, a este. Junto à parede oeste, no mesmo nível, ainda subsiste um pequeno fragmento de mosaico (17 x 7 cm) constituído por tesselas brancas de cerca de 1 cm de lado, que comprova a existência de *opus tessellatum* em toda a área do primeiro nível. No desenho de T. Hauschild (1980, fig. 13) podem ver-se, nesse lado este, dois

fragmentos sem desenho de motivos que correspondem aos que acima se indicaram. O resto do mosaico está praticamente todo destruído.

Técnica de assentamento

O assentamento sobre cimento moderno do painel C destruiu certamente o leito antigo do mosaico.

Materiais

A: (?); B: (?); C: calcário branco creme para o fundo; preto, castanho acinzentado, cinzento claro, ocre amarelo escuro, amarelo, verde-azeitona, verde-azeitona claro, rosa-salmão, rosa pálido e vermelho escuro para a trança na bordadura e na linha de ondas; D: (?).

Densidade das tesselas

A: (?); B: (?); C: bordadura: 100 /dm² até à trança, inclusive, com tesselas de 1,2 cm de lado, campo: 124 /dm², com tesselas de 7 mm a 1 cm; D: (?).

Estratégia de execução

O painel C foi mal centrado em relação ao espaço disponível, tendo sido certamente um artesão menos habilidoso que realizou as faixas de remate à parede com tesselas de maiores dimensões. Na bordadura em trança, obteve algum contraste ao combinar filetes de tesselas maiores e menores. Junto à parede este, o desajuste foi compensado com a

realização de uma linha de florinhas. A linha de ondas foi correctamente centrada e, quer a dimensão das tesselas, quer a combinação cromática, revelam uma certa preocupação estética. O *dégradé* de cores nas ondas foi conseguido com alguma qualidade, mesmo com a inserção de tesselas de maiores dimensões nas cores mais escuras (ocre amarelo escuro e vermelho escuro), para lhes acentuar o tom.

Restauros antigos

Não há certezas quanto à identificação do pequeno fragmento que parece fora do sítio original no painel C, mas pode tratar-se de um restauro antigo que hoje nos parece

descontextualizado. A sudeste do mesmo painel, uma pequeníssima área de bordadura, com duas florinhas em tesselas menores (cerca de 8 mm de lado), leva-nos a supor que se trata também de um restauro antigo.

Restauros modernos

Os trabalhos de restauro do painel C foram da responsabilidade de C. Beloto que levantou e recolocou, no Outono de 1987, o pavimento no lugar original (Hauschild, *Relatório*, 1987, p. 1). Cerca de 2/3 do tapete está assente em placa de cimento e foi consolidado com argamassa. Aqui e ali foram colocadas tesselas a rematar lacunas.

Ilustração utilizada

C: Hauschild, 1980, fig. 13, est. 53. Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Clichés MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 28; Hauschild, 1980, p. 209-210; Teichner, 2008, A1 e A2, p. 124, fig. 46, est. 13B e 14C.

Descrição

Painel A e B

Destruídos.

Painel C

Faixa de remate à parede branca (4,5 cm a norte e oeste; 4 cm a este); filete preto simples a norte e oeste; faixa branca (7,5 cm) com linha de florinhas pretas em cruz diagonal não contíguas,

irregularmente equidistantes de 7 cm a este (cf. *Le Décor* I, 4j); filete preto simples; faixa branca (7 cm).

Bordadura de um painel rectangular determinando dois espaços rectangulares, delimitados com trança de dois cordões policromáticos [preto, branco, cinzento claro/verde-azeitona claro, rosa-salmão/vermelho escuro, ocre amarelo escuro/amarelo claro] irregular na largura (14 cm a norte, 15 cm a oeste, 19 cm a este). Faixa branca (6 cm).

Conserva-se a porção norte de um dos espaços rectangulares (28 cm máx. conservado x 26,5 cm), desenhado a filete preto, com linha de ondas policromáticas [*dégradé* de dois a três filetes vermelho escuro, oito rosa-salmão, nove rosa pálido, um branco em oposição a *dégradé* de quatro filetes ocre amarelo escuro, onze verde-azeitona claro, seis branco creme] com sinusóide simples preta e filete denticulado ocre amarelo escuro/branco na união branco/amarelo da onda (cf. variante de *Le Décor* I, 60d).

Painel D

Destruído.

Datação

Estilisticamente, o painel C data de época tardia, não só pela rica combinação cromática, mas também pela presença do filete denticulado, indícios que nos levam a colocar o mosaico no decurso do séc. IV.

Arqueologicamente, o pavimento corresponde ao período das remodelações nesta zona da casa que viu dois nichos semicirculares opostos adornarem a sua entrada, coadunando-se perfeitamente o estudo estilístico com a interpretação e datação deste espaço (cf. Hauschild, 1980, p. 209-210; Teichner, 2008, p. 118-119: fase F, de meados do séc. IV). Embora destruídos, os painéis A, B e D teriam sido certamente colocados na mesma época das remodelações.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Composição centrada com estrela de oito losangos e quatro *kantharoi* em cantoneira.

Compartimento

Sector A2, compartimento g: compartimento que estabelecia a ligação entre a entrada na residência e o peristilo na sua última fase (planta 19).

Dimensões do compartimento

4,50 x 3,50 m.

Dimensões do mosaico

Mosaico documentado através de um desenho da colecção de Estácio da Veiga (est. XXII). Não existem referências às dimensões do mosaico no desenho, sendo de considerar como prováveis as mesmas do compartimento.

Local de conservação

Desconhece-se o paradeiro do mosaico documentado apenas através de uma aguarela de Estácio da Veiga (MNA, EV, Cx. 1, Capa 8, nº 27).

Área visível no momento da descoberta

A aguarela sobre cartão, da autoria de J. F. Tavares Bello, é o documento mais completo disponível sobre o mosaico no momento da sua descoberta (est. XXII). Embora não tenha concluído o tratamento dos detalhes, o que confere ao mesmo um aspecto de esboço, é possível identificar perfeitamente a composição. Duas fotografias de X. Meirelles, da colecção do MNA, completam a documentação do séc. XIX (est. XXI). Uma mostra cerca de um quarto da composição, bem conservada, com um dos *kantharoi* e três meandros de suástica. A outra apresenta um pormenor do *kantharus* e bordaduras exteriores, vendo-se apenas parte da trança do medalhão central e o arranque do meandro de suásticas.

O desenho corresponde a um cartão com 39,9 x 32 cm, identificado com o nº 251, onde pode ver-se cerca de metade da sua área central destruída, conservando-se a trança que desenha o medalhão, bem como os quatro *kantharoi* em cantoneira. A bordadura não foi reproduzida no desenho, mas é perceptível nas fotografias antigas que, apesar dos numerosos retoques, registam no seu canto superior direito uma linha de ondas de peltas com ápice decorado com meia florinha geométrica. Confrontando os documentos, pode identificar-

se a área do mosaico que foi fotografada e que corresponde àquela que melhor se preservada.

Uma observação atenta aos documentos citados permitem assinalar alguns aspectos que revelam, no entanto, uma fidelidade duvidosa do desenho em relação à fotografia. Em jeito de nota prévia, convém recordar que as fotografias, tal como as restantes da colecção, foram muito retocadas com pintas brancas, avivando os traços da composição, designadamente as tranças e o fundo branco. Apesar de ilustrarem parcialmente o mosaico, não há como duvidar da posição dos motivos nas fotografias, mesmo que os retoques tenham adulterado alguns deles. É o caso, por exemplo, do pé do *kantharus* que desapareceu na fotografia geral e se reproduz no desenho e na fotografia de pormenor. Assim, e tendo em conta que identifica bem a parte do desenho ilustrada na fotografia, neste caso, o quarto inferior direito do desenho, na posição da ilustração actualmente apresentada, verificamos um grande desajuste na orientação do medalhão central em relação ao *kantharus*. A secção de círculo preto situada entre os dois *kantharoi* no desenho está, na realidade, em posição frontal a dois desses *kantharoi*. É interessante verificar ainda que o desenhador não respeitou o erro do mosaísta na realização das asas do

kantharus. A asa do lado direito é um S perfeito, obedecendo aos cânones, enquanto a asa esquerda, que foi reproduzida no desenho, é representada com um 3 invertido. As folhagens que brotam dos *kantharoi*, representadas com três cores no desenho, têm na realidade quatro tonalidades diferentes que se adivinham na fotografia de pormenor através da gradação de escuros e claros. Certo é que estes pormenores não retiram, nem a um nem a outro documento, a sua mais-valia, devendo ser utilizados nos aspectos que maior fidelidade podem dar do que seria o mosaico original.

O mosaico devia encontrar-se já bastante destruído no momento em que foi desenhado pois grande parte da área central já não é ilustrada.

Área conservada

Não subsistirem quaisquer vestígios de *opus tessellatum* neste compartimento.

Técnica de assentamento

(?).

Materiais

Desconhecidos. É admissível que as cores aguareladas aplicadas no desenho procurassem aproximar-se do tapete original: preto e branco, vermelho na trança, ocre nos losangos; *kantharus* e respectiva folhagem realizados a preto, branco, vermelho, ocre

amarelo e cinzento-escuro. Estas cores encontram correspondência na tabela de cores estabelecida para outros mosaicos *in situ* de Milreu (cf. tab. 11)

Densidade das tesselas

(?).

Estratégia de execução

Os documentos disponíveis não são suficientemente esclarecedores. Verificam-

se várias discrepâncias na representação do mosaico (cf. Área visível no momento da descoberta).

Restauros antigos

(?).

Restauros modernos

(?).

Ilustração utilizada

Aquarela de J. F. Tavares Bello *in* Veiga, 1877-1878, nº 25I (MNA, EV, Cx. 1, Capa 8, nº 27). Uma fotografia de pormenor de um dos ângulos do mosaico publicado *in* ARA II, fig. 280 e uma foto de pormenor da colecção pessoal de Estácio da Veiga, no MNA, inédita.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 28a; Chaves, 1936, p. 60; ARA II, nº 8, p. 207; Machado, 1970, p. 341; Oliveira, 2007, p. 154-155, fig. 12; Teichner, 2008, A3, p. 125, fig. 46.

Descrição

Numa fotografia de X. Meirelles entrevê-se parcialmente uma linha de peltas que poderá constituir a bordadura do tapete.

Pode ver-se no desenho de J. F. Tavares Bello, realizado a lápis de grafite, uma moldura em trança de dois fios [vermelho, preto e branco] enquadrando uma composição centrada. No centro deste quadrado (?), pode ver-se um medalhão circular, muito destruído, com meandro de suástica em trança e losangos formando uma estrela de oito losangos (sem paralelos no *Décor* II). O meandro de suásticas contorna o motivo central. Os losangos são traçados a filete preto, com losango ocre incluído e respectivo enchimento branco. Nos espaços residuais são incluídas secções de círculos tratadas a preto.

Em cantoneira, quatro *kantharoi* com um tratamento policromático completam a decoração. Trata-se de vasos com duas asas, assentes em pés trapezoidais de lados côncavos, realizados a preto, vermelho, ocre e castanho. O pé é ocre, com um trapézio castanho incluído que lhe confere alguma volumetria. O mesmo acontece no bojo, onde o fundo castanho é aligeirado com um tratamento ocre, de forma globular. As asas em chaveta, bem visíveis na foto antiga, são tratadas a vermelho no desenho. Na boca do vaso, de um conteúdo preto brotam duas folhagens laterais, simétricas, tratadas em filete tricolor [preto/ocre/vermelho simples].

Datação

Do ponto de vista estilístico, é possível enquadrar este mosaico no séc. IV, tendo em conta o tratamento da onda de peltas e das suásticas em trança. Lamentavelmente, não dispomos de dados arqueológicos que permitam corroborar, e afinar, esta proposta cronológica, que se sustenta unicamente em bases estilísticas. A datação proposta por F. Teichner para a Fase F (2008, p. 118-119), em meados do séc. IV, pode corresponder à data de construção do mosaico.

Lugar e data da descoberta

Milreu, anos 70.

Tema

Fragmento de bordadura com onda de peltas.

Compartimento

Sector A2, compartimento c: compartimento de funcionalidade indeterminada, situado a oeste da entrada principal da residência (planta 19). Dotado de um nicho absidal a sul, possui dimensões apreciáveis, na última fase romana da casa. O solo em *opus tessellatum* revela um certo estatuto arquitectónico, mas não é possível assegurar-se que corresponda às estruturas mais tardias.

Dimensões do compartimento

8,63 x 4,12 m.

Dimensões do mosaico

Muito difíceis de identificar, tendo em conta o pequeno fragmento conservado e as alterações arquitectónicas que o espaço sofreu.

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

A sala encontra-se perfeitamente delimitada na planta de Estácio da Veiga (planta 16), mas não dispomos de informações sobre o momento da descoberta.

Área conservada

Fragmento de bordadura no ângulo nordeste (1,27 x 0,50 m) e uma faixa branca junto à parede este (60 x 8 cm).

Técnica de assentamento

Não existem lacunas que permitam essa leitura nos vestígios do suporte actualmente *in situ*.

Materiais

Calcários: branco para o fundo, ocre amarelo e preto nas peltas e cinzento metalizado na faixa de remate.

Densidade das tesselas

64 /dm², tesselas com cerca de 1,2 cm de lado.

Estratégia de execução

Para compensar a irregularidade da faixa de remate à parede, o mosaísta colocou as tesselas em linhas perpendiculares à mesma, à excepção das últimas duas fiadas que realizou junto ao filete preto duplo do campo. No fundo

branco da bordadura, não houve critério, o sentido varia indiscriminadamente.

brancas sobre a pelta ocre amarelo e, no eixo da pelta preta, contra o filete, com algumas tesselas rosas.

Restauros antigos

Podemos ver um restauro numa área a oeste, de cerca de 24 x 12 cm, com tesselas

Restauros modernos

Não existem no fragmento que se conservou.

Ilustração utilizada

Levantamento à escala 1/1 MSP 2002. Fotos MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 32; Teichner, 2008, A7, p. 128-129, fig. 50.

Descrição

Faixa de remate à parede (20 cm a este e 17 cm a norte) com tesselas cinzento metalizado, branco e sombra natural, em linhas irregulares. No fragmento da parede este, a faixa é branca.

Filete duplo preto. Bordadura de onda de peltas, ora ocre amarelo, ora preto (36 cm de largura, numa extensão conservada de 30 cm) (cf. *Le Décor I*, variante 58a). As peltas estão incompletas, mas reconhecem-se três exemplares.

Datação

Em primeiro lugar, as observações ao nível da arquitectura permitem atribuir o mosaico à mesma fase da soleira, ou seja, uma época anterior às remodelações do séc. IV. Em segundo lugar, a simplicidade no tratamento da pelta, recordando os seus modelos mais antigos, e a proximidade com a paleta de cores do nº 17, induzem a uma datação na mesma faixa cronológica: primeira metade do séc. III, em consonância com a fase arquitectónica definida por F. Teichner (2008, fase D, p. 118-119).

Lugar e data da descoberta

Milreu, Anos 70.

Tema

Fragmentos de uma composição ortogonal de estrelas de oito losangos acantoadas de quadrados.

Compartimento

Sector A2, compartimento i: primeiro compartimento a este da entrada principal da residência, um *cubiculum* (planta 19).

Dimensões do compartimento

4,15 x 3,07 m.

Dimensões do mosaico

O mosaico original atapetava todo o compartimento como se verifica pelas impressões de tesselas na argamassa que, ainda hoje, se evidenciam no chão em toda a área do compartimento.

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

A sala foi escavada por T. Hauschild numa área em que aparentemente Estácio da Veiga não interveio (cf. planta 16). No

desenho publicado por T. Hauschild (1980, fig. 13) apenas são representados os fragmentos da faixa de remate e um fragmento do octógono com aspas. Os restantes fragmentos, onde se identificam com elevado grau de certeza estrelas de oito losangos acantoadas de quadrados, não foram desenhados. Com base num dos fragmentos da bordadura, onde é visível o remate do esquema, pode classificar-se como composição de superfície.

Área conservada

Conservam-se oito fragmentos de dimensões desiguais no lado oeste, três fragmentos na bordadura sul e um na bordadura norte. Na restante área, subsiste a camada de assentamento com impressões de tesselas bem visíveis, mas que não permitem restituir o desenho do tapete. O compartimento sofreu um abatimento que provocou um desnível de 3 a 4 cm no mosaico, junto da parede oeste.

Técnica de assentamento

Por serem de maiores dimensões, as impressões das tesselas são bem visíveis na área da bordadura oeste. As do campo, menores, são somente perceptíveis. Não é possível caracterizar o assentamento do mosaico.

Materiais

Calcários: branco, castanho acinzentado, cinzento metalizado, ocre amarelo escuro e rosa-salmão.

Densidade das tesselas

Bordadura: 49 /dm², com tesselas de 1,5 de lado na faixa de remate; campo: 100 /dm² com tesselas de 1 cm de lado.

Ilustração utilizada

Hauschild, 1980, fig. 13. Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Clichés MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 14”; Hauschild, 1980, p. 209-210, fig. 13; Teichner, 2008, A12, p. 131, fig. 51, est. 14D.

Descrição

Faixa de remate à parede branca (38 cm); filete triplo preto (4 cm); faixa branca (11 cm); filete duplo preto (3 cm).

Composição desenhada a filete duplo castanho acinzentado, em fundo branco, de estrelas de oito losangos tangentes, acantoadas de quadrados, tangentes em dois quadrados e determinando losangos e octógonos (cf. *Le Décor I*, 178d) (3,01 x 2,2 m - dimensões deduzidas a partir das impressões das tesselas na argamassa, excluindo a bordadura). Nos quadrados foram inseridos outros, de lados direitos, realizados a ocre amarelo escuro ou cinzento metalizado. Nos octógonos, vê-se uma composição geométrica invulgar neste tipo de esquemas, constituída por quatro aspas formadas, cada uma, por três quadrados de 10 cm de lado (um ocre amarelo escuro, um cinzento metalizado e um rosa-salmão), com um quadrado central (14 cm de lado) formado por dois triângulos isósceles adjacentes pela base (um cinzento metalizado e um ocre amarelo escuro) e que apenas se conserva, parcialmente, num fragmento de 50 x 33 cm.

Estratégia de execução

Impossível de determinar dado o estado de destruição do mosaico.

Restauros antigos

Não se registam nos fragmentos conservados.

Restauros modernos

Os fragmentos foram consolidados *in situ*.

Datação

Tendo em conta o estudo estilístico, a composição de Milreu poderá situar-se na primeira metade do séc. III, quiçá até meados do século, correspondente à fase D recentemente definida por F. Teichner, com início no período severiano (2008, p. 118-119).

Lugar e data da descoberta

Milreu, anos 70 (?).

Tema

Fragmentos com filetes policromáticos em meandro de suástica (?).

Compartimento

Sector B1, compartimento a: *cubiculum* com um acesso directo à ala sul do peristilo (planta 19). O muro norte encontra-se hoje muito destruído e não há vestígios de soleira. A sul, o compartimento dá acesso a outro *cubiculum* com pavimento de mosaico (B1/c).

Dimensões do compartimento

4,62 x 2,94 m.

Dimensões do mosaico

O mosaico original devia cobrir todo o compartimento.

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

Compartimento perfeitamente delimitado na planta de Estácio da Veiga (planta 16), mas

não há registo do estado de conservação do pavimento nessa altura.

Área conservada

O mosaico encontra-se hoje em dia praticamente todo destruído, tendo-se apenas conservado uma reduzida área no canto sudeste do compartimento, correspondente à larga faixa de remate à parede e o arranque do que seria a composição do campo, cerca de 15 % do mosaico original (1 x 0,50 m). Embora muito danificada, a camada de assentamento ainda subsiste em vários pontos da sala.

Técnica de assentamento

Apesar da destruição do *opus tessellatum*, não existem lacunas na argamassa que permitam essa leitura.

Materiais

Calcários: branco para o fundo, preto e ocre amarelo para os filetes da composição.

Densidade das tesselas

Faixa de remate: 36 /dm², com tesselas 1,5 cm de lado; campo: 81 /dm², com tesselas 1,2 x 0,8 cm de lado.

Estratégia de execução

Não passa despercebida ao olhar a excessiva largura da faixa de remate à parede (ultrapassa

os 50 cm) sem decoração. Ainda que, como é habitual, as tesselas aí sejam de maiores dimensões, repara-se que houve um certo cuidado na sua colocação em linhas paralelas, pese embora, também, o mau estado de conservação em que se encontra.

Restauros antigos

Não existem na diminuta área que se conservou.

Restauros modernos

Apenas a consolidação *in situ*.

Ilustração utilizada

Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Clichés MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 14"; Teichner, 2008, A13, p. 132, fig. 52, est. 14E.

Descrição

Faixa de remate à parede branca (53 cm a este e 58 cm a sul).

Filete preto duplo delimitando o tapete; faixa branca (11,5 cm); filete policromático triplo (3 cm) [preto/cinzento/ocre]; faixa branca (10 cm). Dois filetes perpendiculares simetricamente opostos: um fragmento (18 x 8 cm) com filete bicolor triplo [um filete preto/dois filetes ocre] e outro fragmento (11,5 x 10 cm) com mesmo tipo de filete com combinação inversa [um filete ocre/dois filetes pretos] formavam talvez um esquema de meandro de suástica (cf. *Le Décor I*, variante 187 e 188).

Do resto do mosaico, apenas se conserva a camada de assentamento, fragmentada, e dois fragmentos de mosaico branco com filete duplo preto isolados, a oeste.

Datação

Os escassos elementos estilísticos disponíveis não permitem o estabelecimento de cronologia segura. Porém, atendendo à similitude destes fragmentos com o nº 17 e recordando que estes últimos possuem afinidades estilísticas que sustentaram atribuição à mesma época, então é plausível uma correlação. Assim, propõe-se uma datação na primeira metade do séc. III, em fase definida por F. Teichner do período severiano (2008, p. 118-119, fase D).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878 (?).

Tema

Dois painéis de *opus tessellatum* justapostos:

Painel A, tapete principal: destruído.

Painel B, faixa de alongamento: fragmento com duas ramagens de videira, rematadas com folha de vinha, emergindo simetricamente de uma pétala trífida bulbosa e uma faixa com uma sequência de quadrado curvilíneo e pelta em linha.

Compartimento

Sector B1, compartimento c: compartimento de função indeterminada (planta 19). Trata-se possivelmente um *cubiculum*.

Dimensões do compartimento

4,23 x 2,91 m.

Dimensões do mosaico

A: (?); B: fragmento actualmente remontado sobre placa de betão armado com 1,53 x 1,44 m.

Local de conservação

Actualmente, a placa de betão sobre a qual foi consolidado o fragmento do painel B parece fora do sítio, mas na foto de T. Hauschild (DAI R133-81-6) podemos confirmar que foi recolocado na posição original pelas impressões das tesselas na argamassa de assentamento.

Área visível no momento da descoberta

Não dispomos de informações sobre o momento da descoberta que pode ter ocorrido no tempo de Estácio da Veiga, já que o compartimento se encontra parcialmente descoberto na planta (Veiga, 1877-1878, nº 25).

Área conservada

O painel B encontra-se no canto nordeste do compartimento e corresponde a cerca de 15 % do pavimento. Pode tratar-se de um painel em jeito de faixa de alongamento à entrada. Nada se conserva do tapete principal A.

Técnica de assentamento

Apesar da destruição do *opus tessellatum*, não existem lacunas na argamassa que permitam essa leitura.

Materiais

A: (?); B: calcários: branco para o fundo; castanho acinzentado, cinzento metalizado e ocre amarelo para os motivos.

Densidade das tesselas

A: (?); B: ramagem e fundo: 49 /dm²; pelta e quadrado: 100 /dm², com tesselas com 1,3 x 0,9 cm.

Estratégia de execução

A: (?); B: uma observação atenta permite ver com nitidez nitidamente que foi primeiro realizado o motivo em ramagem,

contornado seguidamente com um a dois filetes de tesselas brancas e, finalmente, foi preenchido o fundo com fiadas paralelas no sentido este-oeste ou vice-versa. É de realçar a diferença na densidade do *opus tessellatum* entre a folhagem e a pelta e quadrado.

Restauros antigos

A: (?); B: não existem na área que se conservou.

Restauros modernos

A: (?); B: consolidação sobre placa de betão armado.

Ilustração utilizada

Clichés Hauschild (DAI R133-81-6). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Clichés MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 14"; Teichner, 2008, A14, p. 132, fig. 53, est. 14B.

Descrição

Painel A

Destruido.

Painel B

No estado actual, não é identificável a faixa de remate, porém, na foto de T. Hauschild, datada de 1981, e anterior aos trabalhos de conservação e restauro, ainda é possível reconhecer dois filetes brancos com tesselas da mesma dimensão da ramagem, junto à bordadura preta.

Do mosaico, conserva-se o ângulo nordeste da sala ostentando uma ramagem com uma grande voluta que constituía o motivo principal do painel situado topo norte da sala. No momento do

restauro perderam-se algumas tesselas do arranque da ramagem a oeste, mas estas ficaram nitidamente registadas na supracitada foto de T. Hauschild, fundamental para esta descrição. Nela pode ainda ver-se a impressão de três caules partindo de um pé, originando uma voluta na parte central do arranjo. Esta voluta parece rematada com uma florinha ou uma folha, não sendo porém segura esta identificação porque as marcas não são claras. A voluta lateral que se conserva parcialmente, de maiores dimensões, é desenhada a filete preto simples (diâmetro de 44 cm), com três longos filamentos que dela se desenrolam, num dos quais (o inferior esquerdo) ainda subsiste uma folha de vinha de contorno preto e enchimento branco. Nos restantes filamentos não há decoração e no remate da voluta principal o *opus tessellatum* está completamente perdido, não sendo possível identificar o tipo de decoração.

Deste painel, restam ainda dois motivos completamente distintos numa faixa adjacente ao tapete principal. Uma pelta com volutas (uma interna em cada extremidade e duas opostas no ápice) da qual se conserva a metade esquerda e cujo comprimento máximo era, de uma extremidade à outra, 63 cm e 30 cm de altura. As volutas são tratadas a ocre amarelo e cinzento esverdeado e a pelta preenchida a cinzento, com filete branco duplo em V sobre os dois arcos, realçando as volutas. Na foto de Hauschild ainda podemos ver as impressões na argamassa de assentamento da metade direita da pelta e, sob esta, um filete preto duplo que provavelmente emoldurava outro motivo.

À direita da pelta, inserido num caixilho em filete preto duplo que apenas se pode identificar na foto de Hauschild, restou um quadrado curvilíneo (26 x 18 cm) cinzento esverdeado com uma florinha branca no centro.

Datação

Atendendo aos paralelos estilísticos, o mosaico não parece posterior à primeira metade do séc. III, em consonância aliás com a cronologia apontada para os n^{os} 17 e 18. Quer a paleta de cores, quer a densidade do *opus tessellatum*, permitem situar estes três mosaicos na mesma faixa cronológica e, quiçá, obra de uma mesma oficina.

Lugar e data da descoberta

Milreu, (?).

Tema

Mosaico monocromático.

Compartimento

Sector A2, compartimento m: indeterminado. O mosaico tem hoje a forma de um estreito corredor (?) com função indeterminada (planta 19).

Dimensões do compartimento

Com excepção do lado em que dá acesso ao peristilo, a norte, o compartimento encontra-se bastante destruído, conhecendo-se as paredes sul e oeste a partir dos seus negativos. O comprimento devia igualar o do nº 30, a rondar os 4, 50 m, e a largura até ao remate este do mosaico é de 2,22 m.

Dimensões do mosaico

4,97 x 0,69 m (máximo).

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

Não existem informações sobre o momento da descoberta.

Área conservada

Toda a superfície do corredor com excepção de uma pequena lacuna a sul (55 x 82 cm). A norte, um muro tardio cobre parcialmente o pavimento.

Técnica de assentamento

(?)

Materiais

Calcário branco creme.

Densidade das tesselas

49 /dm².

Estratégia de execução

Linhas paralelas no sentido este-oeste e dois filetes brancos perpendiculares (norte-sul, no lado oeste) delimitando a área do *opus tessellatum*.

Restauros antigos

Não existem.

Restauros modernos

Não existem.

Ilustração utilizada

Clichés *MSP* 2002.

Bibliografia

Teichner, 2008, A17, p. 132-135.

Descrição

Opus tessellatum branco.

Datação

Na falta de elementos arqueológicos e/ou estilísticos, não é possível estabelecer uma datação. As estruturas arquitectónicas associadas são tardias.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1979.

Tema

Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:

- a) **Pavimento mais antigo:** destruído.
- b) **Pavimento mais recente:** fragmentos de uma composição ortogonal de meandro de suástica em trança de dois cabos.

Compartimento

Ala sul do peristilo (planta 18).

Dimensões do compartimento

27,64 x 2,94 m.

Dimensões do mosaico

a) ?; b) fragmentos dispersos numa área de 8,90 x 2,94 m. A leste, o painel da ala sul terminava junto da coluna do ângulo sudeste do peristilo.

Local de conservação

a) ?; b) pequenos fragmentos e muitas tesselas dispersas *in situ*.

Área visível no momento da descoberta

As escavações na área do peristilo foram numerosas desde o séc. XIX, sendo as mais antigas difíceis de precisar no tempo e de localizar com exactidão no espaço. Na planta de Estácio da Veiga (planta 16), o peristilo encontra-se totalmente definido, embora desde então tenha sofrido esporadicamente outros trabalhos arqueológicos. Nos inícios dos anos 70, T. Hauschild retomou escavações nesta área da *villa*, tendo, no *Relatório* de 1979, identificado “o braço sul com franjas em forma de tranças”. Trata-se do mesmo mosaico que J. P. Bernardes limpou na campanha de 2005, em toda a sua área, e que corresponde ao pavimento mais recente b). Foi então possível, através dos numerosos pequenos fragmentos dispersos por toda a ala, identificar o esquema geométrico à base de meandro de suástica. Nessa ocasião, J. P. Bernardes recolheu muitos litros de tesselas calcárias de cores diversas sob este mosaico, tendo porém verificado a ausência de calcário rosa pálido e cinzento metalizado que se regista no pavimento b), além da sua menor dimensão, associados ao registo estratigráfico de um pavimento junto do muro externo do peristilo, mais antigo (a) (Bernardes, 2006, p. 145).

Área conservada

a) Tesselas soltas encontradas nas escavações, sob o mosaico da ala sul; b) numerosos pequenos fragmentos e tesselas dispersos por toda a área ao longo de cerca de 8,90 m de comprimento. Talvez se conserve menos de 5 % do mosaico. A camada de assentamento identifica-se apenas nalguns pontos.

Técnica de assentamento

Identificam-se, nalguns pontos, o *nucleus* e a fina camada de cal. A maioria dos fragmentos assenta em terra.

Materiais

Calcários: a) preto, branco, vermelho e amarelo; b) calcários: branco para o fundo;

Ilustração utilizada

Levantamento à escala 1/1 (*MSP* 2005)

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 23; Teichner, 2008, A60, p. 168-172, est. 24C-D.

Descrição

a) Pavimento mais antigo

Destruído.

b) Pavimento mais recente

Faixa de remate com tesselas em cerâmica (2 cm).

Bordadura em linha de fusos brancos tangentes em fundo preto (cf. *Le Décor* I, 21e).

preto, cinzento claro, ocre amarelo escuro, vermelho escuro e rosa pálido na trança. Cerâmica no remate à parede, visível a norte.

Densidade das tesselas

100/dm², com tesselas de 1 cm.

Estratégia de execução

Os poucos e esparsos fragmentos que se conservam não permitem uma análise da estratégia de execução.

Restauros antigos

Não existem nas zonas que se conservam.

Restauros modernos

O mosaico foi apenas coberto com geotêxtil e areia.

Composição ortogonal de meandro de cruz suástica em trança de dois cabos: cinzento claro, ocre e vermelho escuro (12 cm). Não é possível identificar com rigor o tipo exacto dentro das numerosas variantes do esquema (cf. *Le Décor I*, 191d, 194c ou 195d).

Datação

O mosaico mais antigo (a) terá sido colocado aquando da construção do peristilo, por volta de meados do séc. III, segundo J. P. Bernardes, e fins do séc. III, segundo F. Teichner. O segundo mosaico (b) pertence à última fase romana, a fase F definida por F. Teichner, de meados do séc. IV (2008, p. 118-119).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1991.

Tema

Fragmentos de uma composição de octógonos secantes e adjacentes realizados em meandro de suástica.

Compartimento

Ala sul do primeiro peristilo da casa. Os fragmentos foram encontrados na área correspondente ao *hortus* na última fase do peristilo, junto ao muro interno sul (Teichner, 1997, p. 126-130 – corte 100; Teichner, 2008, p. 175).

Dimensões do compartimento

Não se conhecem as estruturas arquitectónicas correspondentes aos fragmentos (cf. Teichner, *Ob. Cit.*).

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

Em tratamento nas reservas do Centro de Interpretação.

Área visível no momento da descoberta

Nos inícios da década de 90, T. Hauschild, coadjuvado por F. Teichner, procede à abertura de um corte transversal à ala sul do peristilo (corte 100), de onde recupera os três fragmentos de um pavimento bicolor (cf. Hauschild, *Relatório*, 1993, p. 6; Teichner, 1997, p. 128, est. 9). Os recentes trabalhos de escavação de J. P. Bernardes (2008) situaram-se a oeste deste corte, ao nível dos mesmos estratos descritos por F. Teichner.

Área conservada

Conservam-se apenas três fragmentos: 1. 46 x 38 cm; 2. 68 x 15 cm; 3. 69 x 45 cm.

Técnica de assentamento

Os fragmentos assentavam numa fina camada de argamassa muito friável e terra (Hauschild, *Relatório*, 1991, p. 5).

Materiais

Calcários: branco para o fundo e preto para a composição.

Densidade das tesselas

110 /dm², tesselas com 1 a 1,1 cm de lado.

Estratégia de execução

As condições em que se encontram actualmente os fragmentos no centro de interpretação do sítio arqueológico e a inexistência de um levantamento geral dos mesmos, à escala, invalidam qualquer tentativa de análise. A reconstituição apresentada por F. Teichner (2008, fig. 75) pode considerar-se pertinente.

Ilustração utilizada

Foto DAI R40-91-1; Teichner, 1997, est. 9; Teichner, 2008, fig. 75.

Bibliografia

Hauschild, *Relatório*, 1983, 1986, 1991, p. 6; Hauschild, *Relatório*, 1993, p. 5-6; Teichner, 1997, p. 128; Teichner, 2008, A62, p. 175, fig. 75.

Descrição

Os fragmentos foram colocados sobre um espesso suporte em gesso, na face, que não permite a visualização dos motivos, sendo necessário recorrer à documentação produzida pelos arqueólogos para identificar a composição. A foto do DAI mostra-nos dois fragmentos *in situ* e permitem classificá-la como uma composição de octógonos secantes e adjacentes realizados em meandro de suástica (cf. *Le Décor I*, 171d). F. Teichner publica o desenho de um dos fragmentos onde se vê claramente uma cruz suástica desenhada a filete simples preto originando um octógono (Teichner, 1997, p. 128, fig. 9).

Na reconstituição que F. Teichner apresentou recentemente (2008, fig. 75) pode ver-se uma bordadura de linhas adossadas em arcos, em oposição de cores, deixando entrever uma linha de quadrados côncavos sobre o vértice (cf. *Le Décor I*, 48a) que não pudemos ver nos fragmentos depositados no Centro de Interpretação, pelas razões supracitadas.

Datação

Uma vez que datação dos fragmentos com base em critérios arqueológicos não oferece dúvidas (cf. Teichner, 1997, p. 128-129), podem destacar-se como os testemunhos de um

pavimento de mosaico pertencente à fase C (Teichner, 2008, p. 175), por enquanto, um dos mosaicos mais antigos que se conheça em Milreu: de inícios do séc. II.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:

- a) **Pavimento mais antigo:** mosaico destruído.
- b) **Pavimento mais recente:** Fauna marinha disposta livremente no campo.

Compartimento

Ala este do peristilo (planta 18).

Dimensões do compartimento

3,08 x 20,96 m.

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento.

Local de conservação

1. *In situ*; 2. MNA, inv. nº 18671; 3. Destruído (?).

Área visível no momento da descoberta

Embora a ala este do peristilo se encontre completamente delimitada na planta de Estácio da Veiga (planta 16), apenas uma reduzida parte foi objecto de registo gráfico (est. XL). Este desenho, incompleto, documenta uma parte do mosaico hoje em dia destruída, mas é inconclusivo quanto à

área que verdadeiramente foi descoberta por Estácio da Veiga. Tendo em conta o interesse do tema, é de crer que aquele arqueólogo tenha procurado pôr o mosaico totalmente à vista, se o tempo disponível lho permitiu. Não dispomos no entanto de documentação que possa confirmar que a parte hoje visível do mosaico já o era nos fins do séc. XIX, pelo que ficará esta no domínio da hipótese. T. Hauschild prosseguiu os trabalhos naquela área da *domus*, procedendo à redescoberta do mosaico.

Assim, apenas o fragmento depositado no MNA (2) e o fragmento documentado no desenho (3) se confirmam como descobertas de Estácio da Veiga.

Área conservada

1. 6,46 x 3,08 m (painel com fauna marinha); 2. 1,02 x 0,60 cm; 3. A área correspondente ao desenho está completamente destruída.

O painel *in situ* (1) conserva-se muito irregularmente, pois na metade norte do peristilo uma boa parte ainda apresenta o campo figurativo e as bordaduras completas numa extensão máxima de 5,54 m, enquanto na metade sul se preservaram apenas porções de bordaduras disseminadas de um lado e do outro.

Na porção maior do campo figurativo que se conserva a norte, registam-se pontualmente lacunas que merecem ser destacadas: na cabeça do barbo B (16 x 10 cm), no barbo C

(27 x 20 cm), na cauda do robalo K (15 x 8 cm). No golfinho F, registam-se na cauda (10 x 11 cm), no corpo (17 x 12 cm), cabeça (1,39 x 0,50 m) e ainda numa zona acima da cabeça cuja extensão atinge a bordadura de escamas (1,39 m). Uma outra lacuna atinge o golfinho J na zona da cabeça (1,35 x 1,34 m).

Técnica de assentamento

Aquando do levantamento do mosaico para intervenção de restauro, T. Hauschild procedeu a escavações nos níveis inferiores da ala norte, tendo descrito o assentamento deste mosaico como “um leito de argamassa de várias camadas, directamente preso à rocha natural” (*Relatório*, 1983, p. 2).

Materiais

Calcários: branco creme no fundo e barriga dos peixes; preto, cinzento-escuro, cinzento claro, castanho acinzentado, vermelho escuro, rosa lilás, bege, ocre amarelo escuro, salmão, bege esverdeado e rosa pálido no tratamento da fauna marinha.

Densidade das tesselas

79/dm², tesselas com 1 cm de lado. O olho do barbo B apresenta tesselas de 2 a 3 mm e na boca tesselas rectangulares de 2 x 8 mm. As mesmas dimensões reduzidas se

registam nos olhos dos restantes peixes e lulas.

Bordadura exterior com tesselas de 1,5 cm de lado.

Estratégia de execução

A irregularidade das bordaduras, contrastando com uma regularidade do campo figurativo, mostra que o trabalho inicial da equipa de mosaístas foi centrar o tema principal. As faixas de remate às paredes as diferentes bordaduras atenuavam a irregularidade das estruturas arquitectónicas. Aliás, vê-se, por exemplo, a linha de fusos cujo módulo vai progressivamente reduzindo de sul para norte, até metade do seu tamanho inicial. Ainda assim, o excesso de enquadramentos esmagou o tema principal que ficou reduzido a uma estreita faixa central.

Uma vez realizadas as bordaduras, foi organizado o campo figurativo de modo a incluir uma profusa fauna marinha que, nos seus principais actores foi certamente ordenado (peixes, golfinhos e lulas), mas nos elementos secundários a disposição parece ser aleatória, à medida dos espaços disponíveis (ouriços, linhas de água, algas). Por esta razão, a posição em linha dos peixes, golfinhos e lulas cria um contraste com as diferentes orientações dos restantes elementos, mercê do condicionamento ao espaço disponível. À excepção do cherne H, cuja colocação das tesselas é feita em arcos de círculo, imitando

as escamas, os restantes peixes apresentam o corpo tratado com tesselas sobre o vértice, dando a ideia da textura escamada um pouco diferente, mas com o mesmo objectivo de aproximação à realidade. Pelo contrário, os golfinhos, cuja pele é lisa, são representados com filetes direitos ao longo do corpo.

Restauros antigos

Não se identificam.

Ilustração utilizada

1. Foto geral de D. Pavone (2007). Fotos de pormenores MSP (2004-2007). Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005); 2. Foto MNA 2005; 3. Veiga, 1877-1878, nº 25H.

Bibliografia

1. Hauschild, 1980, p. 217-218; Hauschild, 1984, p. 98; Hauschild, *Relatório*, 1983, 1985, 1986, 1987, 1993; Hauschild / Teichner, 2002, p. 19-21; Lancha, 2008, p. 94-97, fig. 53-55; Teichner, *Relatório* 1999; Teichner, 2008, A60, p. 168-172, est. 23A e C.

2. Machado, 1970, p. 53; ARA II, p. 206, fig. 279; Kremer, 1999a, p. 513, fig. 8.

3. Oliveira, 2007, p. 153-154, fig. 10.

Descrição¹¹

1. Painei *in situ*

Faixa de remate à parede (8 cm). Quatro bordaduras sucessivas separadas por faixas brancas (5 cm) delimitam o campo figurativo:

– Linha de fusos brancos tangentes em fundo preto (cf. *Le Décor I*, 21e), apenas nos lados este e oeste (15 cm);

– Trança de quatro fios policromática [ocre amarelo claro, ocre amarelo, rosa pálido, rosa-salmão e vermelho] (cf. *Le Décor I*, 73e) (28 cm de largura);

¹¹ No âmbito dos trabalhos da equipa MSP, todas as medidas apresentadas na ficha foram levantadas por C. Viegas. Também lhe devemos a primeira versão da descrição que agora se apresenta revista e corrigida.

- Dois filetes denticulados adossados (cf. *Le Décor* I, 3b) (17 cm);
- Linha de escamas oblongas policromáticas [vermelho, ocre amarelo, rosa, branco] determinando ogivas policromáticas [branco, ocre amarelo, vermelho, preto] (cf. *Le Décor* I, est. 49a) (18 cm).

Campo rectangular com fauna marinha: peixes, golfinhos, lulas, ouriços e conchas, adensada com linhas de água e elementos em V, representando o meio aquático em que se desenvolvem.

Golfinho A (1,40 x 0,80 m): situado no ângulo nordeste do mosaico, nada para norte. Apresenta um dorso desenhado por filete duplo de tesselas pretas e tratado a cinzento escuro e verde-azeitona nos dois terços superiores e branco na barriga. A linha de separação entre o dorso e a barriga é representada através de um filete denteado verde-azeitona. A barbatana dorsal é desenhada por tesselas vermelho escuro e preenchida com rosa pálido. Na cabeça, a mandíbula superior foi desenhada com filete vermelho escuro, debruada internamente com filete castanho acinzentado, e preenchida com tesselas rosa pálido. A mandíbula inferior, foi delineada exteriormente com filete preto e preenchida com tesselas branco creme. A barbatana peitoral foi realizada no prolongamento da mandíbula superior. É proeminente e tratada em tons rubros: contorno vermelho escuro e preenchimento castanho acinzentado. Na boca, o contraste entre tesselas triangulares brancas e pretas evidenciam a dentição. O olho, amendoado, é particularmente elegante com um desenho a filete preto e um círculo preto no centro em fundo branco. Destaque ainda para um toque salmão no ângulo do olho. Finalmente, um filete de finas tesselas branco creme sobre o olho realça a sua expressão. A barbatana dorsal, junto à cauda, é desenhada a vermelho e tratada a rosa pálido, enquanto a barbatana anal é desenhada pelo contorno da barriga do animal, a preto. A barbatana caudal, tripartida, é desenhada por filete vermelho ocre, raiada a vermelho e branco.

Robalo B (69 x 38 cm conservado): nada para norte. Desenhado a filete preto simples no dorso e duplo na zona da barriga, apresenta três pequenas barbatanas dorsais junto à cabeça e na zona lombar. Além destas, possuía ainda barbatanas ventral e anal desenhadas com o mesmo filete preto que marca o contorno inferior do peixe. Os dois terços superiores do peixe são tratados a cinzento escuro onde apenas três filetes pretos de tesselas sobre o vértice imprimem alguma volumetria. A parte inferior do peixe é tratada a branco, com tesselas colocadas sobre o vértice até ao limite do dorso cinzento onde a união se faz através de três filetes direitos. Na cabeça, além do opérculo delineado por duplo filete vermelho escuro em S, podem ver-se, na zona inferior, os raios braquióstegos obtidos através de quatro rasgos de filetes cinzentos claros no fundo cinzento que se

prolongam para a barriga branco creme, em tons bege esverdeado. A transição entre o dorso do peixe e a barriga revela-se na diferente colocação das tesselas: sobre o vértice no dorso e direitas na barriga, revelando um grande apuro técnico na execução. O olho é tratado como uma circunferência preta incluindo um círculo branco de tesselas menores e uma tessela preta circular no centro. A boca foi desenhada com filete de tesselas pretas rectangulares.

O robalo C (1,02 x 0,36 cm) apresenta o mesmo tratamento do corpo do exemplar B, distinguindo-se unicamente na menor clareza no tratamento dos raios braqueóstegos, aqui tratados a verde-azeitona. Também a colocação de tesselas triangulares brancas de um lado e do outro do opérculo vermelho escuro.

Uma cauda vermelha (28 cm) situada junto à zona peitoral do robalo C é o único testemunho de uma dourada (D).

Junto ao dorso do peixe I, pode ver-se uma lula (40 x 28,5 cm) deslocando-se na diagonal para nordeste (E). Os diversos elementos que a constituem – corpo, cabeça e tentáculos – são desenhados por filete duplo ou triplo preto e cinzento escuro, em fundo branco creme. Esta possui uma cabeça circular ou ligeiramente ovalada, desenhada através de filete triplo preto e cinzento-escuro e dois olhos formados por círculos concêntricos de tesselas rectangulares pretas em fundo branco, com uma tessela central preta. Da cabeça partem quatro tentáculos formados por filete cinzento-escuro. O manto, fusiforme, é desenhado por um filete preto, seguido por filete duplo cinzento-escuro. Na base da cabeça, de um lado e do outro, podem ainda ver-se dois elementos do manto, desenhados por filete duplo cinzento-escuro.

O robalo F (98 x 38 cm) está voltado para este e desloca-se na diagonal para sudoeste. Apresentam as mesmas características que o exemplar C descrito atrás.

Uma segunda lula (G) desloca-se na horizontal, para sul, apresentando as mesmas características da lula E, à excepção do traçado, aqui com filete cinzento-escuro. Também se verificam algumas diferenças na execução da cabeça, dos olhos, na posição e configuração dos tentáculos.

No lado oeste, pode ver-se o cherne H (80 x 40 cm) que se distingue dos restantes pelo tratamento do corpo e a dimensão da cabeça. Com efeito, o corpo deste peixe é tratado em forma de gomos, alternando entre o cinzento escuro e o verde-azeitona, desde a zona da cabeça até à cauda, criando um efeito escamado singular. Contrariamente aos restantes exemplares, não apresenta a linha média do corpo e a zona da barriga é tratada através de filetes brancos paralelos. A mandíbula é desenhada por um filete cinzento escuro e o opérculo apresenta-se neste exemplar mais desenvolvido através de um duplo filete vermelho escuro em S. Os raios braquióstegos são

apenas perceptíveis, entre a mandíbula e o opérculo, através de seis (?) filetes beges acinzentados alternando com filete branco creme.

O robalo I (94 x 32,5 cm) desloca-se na diagonal, para cima, e apresenta as mesmas características dos peixes B, C e F.

No lado oeste, pode ver-se um terceiro golfinho J (2,13 m x 0,67 m) em movimento para norte e cuja morfologia geral se aproxima do golfinho do painel 6 do templo. O corpo foi desenhado através de um filete cinzento-escuro, duplo na zona da barriga. Tal como o golfinho A, mais de dois terços da parte superior do corpo, correspondente ao dorso, são tratados a cinzento escuro e o terço inferior, correspondente à barriga, em filetes paralelos branco creme. As barbatanas (dorsal, ventral e caudal) foram desenhadas com tesselas vermelho escuro, seguido de filete salmão e fundo branco creme.

A sul, nadando para norte, pode ver-se outro cherne (K) (77,5 x 37,5 cm), mais largo e mais curto do que os seus congéneres, mas com o mesmo tratamento plástico.

Do robalo L (68 x 32,5 cm) apenas se conserva o corpo, com o mesmo tratamento dos seus congéneres.

Entre a fauna marinha que domina a composição, podem ver-se outros elementos que representam ouriços-do-mar, conchas, bivalves, algas marinhas e o movimento da água. Distribuem-se por todo o campo, ocupando o espaço residual e variam na dimensão em função da disponibilidade de espaço.

Os ouriços são elementos recorrentes nos painéis com fauna marinha de Milreu, tendo-se conservado nove exemplares neste mosaico. As suas dimensões variam entre os 17 cm de diâmetro, no caso do exemplar sobre a lula E, e os 18 cm, no caso do exemplar sobre o cherne H. O tratamento policromático é variável de exemplar para exemplar, mas apresenta sempre o mesmo contorno cinzento-escuro.

As conchas são menos numerosas, mas conservam-se quatro de grandes dimensões (24 x 18 cm) e um par de menores dimensões (18 x 10 cm).

Os elementos que representam o movimento da água são constituídos por segmentos de recta quebrados, desenhados através de filete duplo preto/cinzento-escuro. Não apresentam uma disposição padronizada, nem uma dimensão regular, variando na direcção em função do espaço disponível. Aqui e ali, a sugestão da ondulação da água é dada através de linha em S formada por filete simples ou duplo preto.

Finalmente, podem ver-se quatro elementos em V formados por filete duplo de tesselas pretas, encimados, em três casos, por linhas curvas. A literatura especializada identifica estes elementos como “moscas de água” e são recorrentes nos painéis com fauna marinha.

2. Paineis do MNA

No fragmento pode ver-se parte da bordadura de ogivas que comprova a sua proveniência. Da fauna marinha conserva-se um peixe completo M com características diferentes dos exemplares *in situ*. Foi desenhado da mesma forma, porém, as tesselas do corpo apresenta um tratamento plástico diferente, aqui em filetes paralelos ou ondulados, verde-azeitona, desde a zona da cabeça até aos raios braquióstegos. Estes, obedecem ao mesmo princípio de execução dos robalos *in situ*. A representação da boca é também ligeiramente diferente dos exemplares *in situ*, tendo sido desenhado por filete preto de tesselas rectangulares, na zona branca do peixe, ligeiramente entreaberta de forma a verem-se alguns dentes obtidos através de pequenas tesselas triangulares brancas.

Sob o peixe M, vê-se a metade inferior de um segundo peixe com a mesma morfologia geral dos restantes exemplares. Vêem-se ainda duas conchas e diversos segmentos de recta representando a água.

3. O desenho nº 25H (Veiga, 1877-1878)

A representação das quatro diferentes bordaduras não oferece dúvidas quanto à proveniência do mosaico ilustrado. O desenho está inacabado e o tratamento é muito esquemático mas apresenta fauna marinha constituída por quatro peixes completos, um golfinho, um polvo, uma espécie singular que poderá corresponder a uma raia, além das conchas, ouriços e segmentos de filetes que representam a água. A representação devia ser mais extensa porque o desenho está visivelmente cortado.

Se, por um lado, parece haver alguma preocupação com a fidelidade da paleta, repare-se por exemplo nas bordaduras, na dominante cinzento prateado do corpo dos peixes e do golfinho ou no rosa/vermelho da barbatana; por outro lado, nota-se bem uma certa rigidez e falta de volume na representação da fauna marinha, com um investimento mínimo no detalhe: omitem-se os raios braquióstegos, reduz-se o número de barbatanas, salientam-se olhos e boca.

O golfinho representado retoma característica dos seus congéneres, nomeadamente no tipo de olho amendoado, na mandíbula proeminente e na cauda tripartida contornada a vermelho e preenchida a rosa-salmão. De resto, o tratamento é sumário, faltando barbatanas, dentes, etc...Mas

é o enrolamento da cauda que suscita as maiores dúvidas, por se tratar invulgar no contexto em análise. Nenhum dos golfinhos da *villa* apresenta este tipo de cauda enrolada. Os únicos paralelos são as caudas das duas criaturas marinhas do podium do templo. Muitos dos pequenos elementos que ocupam os espaços residuais foram certamente omissos, pois estes parecem excessivos quando comparados com os que se conhecem *in situ*, profusamente preenchidos. Faltam também as chamadas “moscas de água”. Assim, o interesse do desenho reside fundamentalmente na ilustração de duas novas espécies marinhas: um polvo rosa de quatro tentáculos e uma raia rosa em movimento (?), tratados de forma muito esquemática. Trata-se de espécies habitualmente presentes neste tipo de representações sob formas mais ou menos realistas.

Datação

O mosaico mais antigo (a) deve ser atribuído à fase E definida por F. Teichner nos fins do séc. III (2008, p. 118-119) e o mais recente (b) é de atribuir seguramente a meados do séc. IV, ou seja, a fase F segundo o autor supramencionado.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878 (?).

Tema

Composição ortogonal de quadrados e losangos adjacentes realizados em meandro de suástica.

Compartimento

Ala este do peristilo: exedra (planta 18).

Dimensões do compartimento

6,16 x 3,65 m.

Dimensões do mosaico

2,02 x 0,84 m (Max.) / 0,51 m (min.).

Local de conservação

Recolocado na posição original após restauros modernos.

Área visível no momento da descoberta

A exedra encontra-se já perfeitamente delimitada na planta de Estácio da Veiga (planta 16), não tendo no entanto ficado registo do seu estado no momento da descoberta. Nos anos 80 são redescobertas as alas norte e este, sob a responsabilidade de T. Hauschild, época em que se procede

ao levantamento e restauro dos seus mosaicos.

Área conservada

Conserva-se cerca de 20 % do pavimento que se encontra consolidado, na metade norte. Na restante área, a sul, conservou-se a argamassa de assentamento original, ainda que consolidada com cimento moderno.

Técnica de assentamento

Não foi possível analisá-la a olho nu por se encontrar oculta sob o cimento dos restauros modernos.

Materiais

Calcários: branco para o fundo; preto, cinzento metalizado, cinzento claro, ocre amarelo escuro, sombra natural, vermelho escuro, rosa-salmão e rosa pálido para a trança da composição.

Densidade das tesselas

124 /dm², com tesselas de 8 mm.

Estratégia de execução

Na parte do mosaico que se conserva, a norte, é de sublinhar a precisão do remate da composição, sem o habitual recurso a corte brusco dos motivos. A forma como a trança dos meandros se funde com a trança da bordadura

é também de realçar pela sua boa execução. Aliás, a trança é uma dos melhores exemplares do género no sítio, alternando três combinações cromáticas [ocre amarelo/sombra natural, vermelho escuro/rosa pálido e cinzento metalizado/cinzento claro].

Ilustração utilizada

Cliché Hauschild (R85-79-10, R85-79-7, R86-79-16 e R43-91); Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005). Clichés MSP 2002, 2004, 2005.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 24”; Teichner, 2008, A60, p. 168-172, fig. 79, est. 23B.

Descrição

Faixa de remate à parede com dois filetes brancos. Filete duplo preto, faixa branca (5 cm).

Bordadura em trança de dois fios (8 cm) [cinzento claro/cinzento metalizado, ocre amarelo escuro/sombra natural, vermelho escuro/rosa pálido].

Composição ortogonal de quadrados e losangos adjacentes, realizados em meandro de suástica com trança de dois fios igual à da bordadura (cf. *Le Décor I*, variante 161c). Ainda pode ver-se a extremidade de um losango desenhado a filete preto e preenchido a rosa. O remate da composição nos dois ângulos conservados criou espaços residuais triangulares onde foram incluídos pequenos triângulos cinzento claro e cinzento metalizado ou rosa pálido e rosa-salmão destacando-se num fundo branco.

Datação

A cronologia dos paralelos estilísticos, situada nos inícios do séc. IV, coaduna-se com a cronologia dos últimos mosaicos da ala este (nº 23), colocados em meados do séc. IV que serão portanto contemporâneos do mosaico da exedra.

Restauros antigos

Não existem no fragmento que se conserva.

Restauros modernos

Levantado na década de 80, o mosaico foi recolocado no lugar original por C. Beloto no Outono de 1987 (cf. Hauschild, *Relatório* 1987, p. 1).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1985.

Tema

Dois fragmentos com filetes bicolores em meandro de suástica (?).

Compartimento

Ala norte do primeiro peristilo: no *hortus* da última fase do peristilo. Na planta de Estácio da Veiga (planta 16) é representado como ala de peristilo, apesar de assinalar um segmento de muro a este, separando-o da ala desse lado. O muro norte desta “ala primitiva” está perfeitamente assinalado na planta de Estácio da Veiga e é hoje em dia um pequeno troço de 6,30 m com 35 cm de largura, realizado com materiais cerâmicos e argamassa, a 2, 55 m do tanque central.

Dimensões do compartimento

À excepção do troço de muro assinalado no item anterior, não se conhecem as estruturas arquitectónicas correspondentes aos fragmentos. A posição desta “ala primitiva” em relação ao tanque central confirma que se tratam de estruturas com cronologias diferentes, sendo o tanque uma construção bem posterior que terá levado à

destruição do complexo arquitectónico a que pertenceu a porção de mosaico.

Dimensões do mosaico

Os vestígios da camada de assentamento podem ver-se numa área de 2,20 x 2,30 m no sentido este-oeste.

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

Os fragmentos surgiram em 1985 no corte 59 das escavações de T. Hauschild (*Relatório*, p. 1-2). Tratava-se de poucos fragmentos “cobertos com concreção calcária” e “em mau estado de conservação” (*ibid.*).

Área conservada

1,42 m x 0,63 m (área conservada dos dois fragmentos).

Técnica de assentamento

(?)

Materiais

Calcários: preto e branco.

Densidade das tesselas

64 /dm², com tesselas de 1, 5 cm de lado.

Estratégia de execução

Na ausência de estruturas arquitectónicas que delimitem a área pavimentada pelo mosaico, de que os reduzidos fragmentos dão uma pálida imagem, não é possível compreender a estratégia de execução.

Restauros antigos

Não existem nos fragmentos conservados.

Restauros modernos

Remates pontuais com argamassa de consolidação

Ilustração utilizada

Levantamento à escala 1/1 MSP 2002. Foto MSP 2001.

Bibliografia

T. Hauschild, *Relatório*, 1985; Teichner, 2008, A61, p. 172, fig. 74.

Descrição

Faixa de remate à parede destruída.

Bordadura com pares de linhas adossadas de arcos em oposição de cores, deixando entrever uma linha de quadrados côncavos sobre o vértice (29 cm), tangentes (cf. *Le Décor I*, 48a). No centro dos quadrados côncavos vê-se um quadradinho denteado branco com uma tessela preta no centro. Conservam-se quatro quadrados e supõe-se a existência de outro na lacuna. A leste, pode ver-se o início de outro, depois, filete duplo preto, faixa branca (8 cm), filete duplo preto.

Da composição resta parte de dois filetes em ângulo recto, opostos simetricamente (12 e 47 cm de comprimento conservados em cada um), que podem ter pertencido a uma composição de superfície em meandro de suástica que não é possível identificar com rigor (cf. *Le Décor I*, variante 187 e 188).

Datação

A cronologia com base no estudo estilístico da bordadura pode estabelecer-se em data entre os fins do séc. I e os fins do séc. II. Tendo em conta a semelhança com o nº 22 na aplicação da bordadura, bem como o estudo arquitectónico, é de refinar a datação à fase C de Teichner, ou seja, período de Adriano (2008, p. 118-119).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Composição ortogonal de escamas bipartidas.

Compartimento

Ala norte do peristilo (planta 18).

Dimensões do compartimento

26,47 x 2,94 m.

Dimensões do mosaico

Provavelmente, o mosaico cobria a totalidade da área da ala norte, embora todo o sector oeste tenha sido obliterado em época posterior com a construção do conjunto de compartimentos assinalados por Estácio da Veiga com o número 21 (cf. Teichner, 2001).

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

Escavada ao tempo de Estácio da Veiga, estaria à vista a área situada frente aos *hospitalia* (n^{os} 37-41), ou seja, a metade este, já que o sector oeste se encontrava

sob a área 21. Esta ala norte está, porém, oculta na planta de 1962 publicada por Hauschild (1984/88, fig. 6), bem como os *hospitalia*.

Área conservada

Conserva-se a parte este do mosaico: 5,66 (comprimento máximo visível em 2002) x 2,95 m. Uma lacuna de 1,20 m x 82 cm parece ter sido provocada pelo derrube do telhado ou um muro tardio como é visível na foto de escavação. Actualmente o mosaico encontra-se em avançado estado de destruição, tendo sido coberto com areia enquanto aguarda intervenção especializada.

Técnica de assentamento

Não foi possível efectuar uma leitura das camadas.

Materiais

Calcários: branco para o fundo; preto, vermelho escuro, ocre amarelo escuro, cinzento metalizado, cinzento claro, verde-azeitona, rosa-salmão e rosa pálido no tratamento dos motivos geométricos.

Densidade das tesselas

81 /dm², com tesselas de 1,3 cm de lado.

Estratégia de execução

Ressalta à vista a preocupação dos mosaístas em criar um tapete harmonioso, com o mínimo de espaços em branco, valorizando as múltiplas bordaduras, policromáticas (1,29 m de largura no total), em detrimento do campo central bicolor (1,51 m de largura). Esta desproporção não surtiu nos efeitos desejados, uma vez que as bordaduras estrangularam o efeito das escamas e criaram a impressão de um corredor estreito. No entanto, é de sublinhar a paleta de cores aplicada nas bordaduras que recorda a combinação já aplicada no nº 28C e, com mestria, no nº 38. A colocação em filetes paralelos de toda a área das bordaduras e da faixa de remate com florinhas geométricas demonstra um certo

cuidado na execução de áreas muito expostas visualmente. As escamas, por sua vez, organizam-se segundo um módulo repetido até à exaustão e que permitia um compasso de execução livre e perfeitamente ajustável a qualquer comprimento.

Restauros antigos

Uma lacuna de 1,08 m x 76 cm restaurada com *opus signinum* é a única actualmente visível numa área onde foram intensas as intervenções de conservação e restauro em época moderna que levaram à remoção de muitos desses restauros antigos.

Restauros modernos

Remate de lacunas com argamassa.

Ilustração utilizada

Cliché Hauschild (DAI R85-79-10, R85-79-7, R86-79-16 e R43-91); Hauschild, 1980, p. 214, fig. 17; levantamento à escala 1/1 (MSP 2002). Clichés MSP 2002, 2004, 2005.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 20'; Hauschild / Teichner, 2002, fig. 16 e 17; Teichner, 2008, A60, p. 168-172, fig. 77, est. 25A.

Descrição

Faixa de remate à parede branca (2 cm a norte e 12 cm a sul). A leste, pode ver-se a continuação da bordadura de fusos brancos em fundo preto a ala da fauna marinha. Quatro bordaduras sucessivas (71 cm a norte e 58 cm a sul) separadas por faixas brancas delimitam o tapete:

- Linha de florinhas geométricas pretas entre dois filetes pretos (11 cm a sul). A este, a bordadura é fechada com um filete preto, criando uma pseudo-soleira.
- Linha de meandro fraccionado com fracções imbricadas policromáticas [cinzento metalizado, verde-azeitona/ocre amarelo escuro e vermelho escuro/rosa pálido] (cf. *Le Décor I*, variante 32j) (8 cm a norte e 14 cm a sul). Faixa branca.
- Linha de meandro bicolor [branco e cinzento metalizado] com ressaltos desiguais, formando dois filetes denticulados opostos deslocados e desiguais (cf. *Le Décor I*, 31b) (20 cm a norte e 12 cm a sul).
- Trança de dois fios [vermelho escuro/rosa-salmão, ocre amarelo escuro/verde-azeitona, cinzento metalizado/cinzento claro] (12 cm a norte).

Campo (1,51 m de largura) delimitado a sul por um filete preto, seguido de branco, este ausente a norte, com composição ortogonal de escamas bipartidas adjacentes em oposição de cores – preto com enchimento cinzento metalizado e branco – (cf. *Le Décor I*, 217d). Cada escama possui um módulo de 43 x 43 cm.

Datação

O estudo estilístico coaduna-se perfeitamente com a proposta cronológica, com base em critérios arqueológicos, atribuída às alas este e norte, a saber, os meados do séc. IV (cf. Datação, nº 23).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878 (?).

Tema

Mosaico destruído.

Compartimento

Sector B5, compartimento a: estreito corredor em L de acesso aos aposentos privados do proprietário, através de umas escadas procedentes do peristilo (zona habitacional a este) (planta 20).

Dimensões do compartimento

3,59 x 3,47 m. Escadas com 1,30 m de largura situadas junto à parede norte.

Dimensões do mosaico

Certamente as mesmas do compartimento.

Local de conservação

In situ, apenas fragmentos da faixa de remate presos à parede sul.

Área visível no momento da descoberta

Não dispomos de informação. Estaria provavelmente já muito destruído no tempo de Estácio da Veiga, pois dele não se realizou desenho, como aconteceu para os restantes mosaicos deste sector.

Área conservada

Fragmento de 34 x 17 cm junto à parede sul. A oeste, ainda pode ver-se a camada de assentamento.

Técnica de assentamento

Embora identificável em certos pontos, não se conservou em área suficiente para permitir a sua caracterização.

Materiais

Calcário nos fragmentos conservados. Densidade impossível de determinar.

Densidade das tesselas

Densidade impossível de determinar devido não só à exiguidade dos vestígios de *opus tessellatum*, como ainda à espessa camada de concreção que os cobre.

Estratégia de execução

Os vestígios residuais de mosaico não permitem a sua compreensão.

Restauros antigos

Não existem nos fragmentos conservados.

Restauros modernos

Não existem.

Ilustração utilizada

Foto MSP 2004.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 16”; Teichner, 2008, A43, p. 150-151.

Descrição

Um fragmento da faixa de remate branca (?) *in situ* junto à parede sul e um fragmento incluído na parede norte que parece um reaproveitamento.

Datação

Os vestígios de *opus tessellatum* são insuficientes para qualquer análise estilística. Na verdade, é unicamente com base no estudo arquitectónico e arqueológico que uma cronologia pode ser viabilizada. A cronologia atribuída à edificação desta nova área residencial da casa é o *terminus post quem* possível para este mosaico – séc. III (Teichner, 2008, p. 118-119, fase D).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:

- a) **Pavimento mais antigo:** destruído.
- b) **Pavimento mais recente:** composição ortogonal de quadrados e losangos adjacentes realizados em meandro de suástica.

Compartimento

Sector A1, compartimento m: vestíbulo de acesso aos aposentos privados do dono da casa: Este conjunto de salas (A1/d, k, l e m) situado no ponto mais elevado da casa, a nascente, constituía os aposentos privados do proprietário (planta 20).

Dimensões do compartimento

7, 41 x 4,20 m.

Dimensões do mosaico

Não existem de informações precisas sobre o mosaico a), porém, os numerosos testemunhos *in situ* do interface com o mosaico b), designadamente nas zonas de remate do tapete à parede, confirmam a sua existência em todo a área.

Local de conservação

A existência de um mosaico mais antigo a) é perceptível nos vestígios de argamassa de suporte existentes sob a camada de assentamento dos raros fragmentos *in situ* do mosaico mais recente b). São portanto apenas fragmentos da faixa de remate, que ainda se podem ver presos às paredes norte e sul, que nos servem de pontos de referência. A colocação do segundo mosaico obrigou os mosaístas a destruírem o anterior. O paradeiro do mosaico b) é hoje uma incógnita, uma vez que à data da descoberta ainda se conservava uma área considerável como demonstra a documentação antiga de Estácio da Veiga (cf. Área visível no momento da descoberta). Terá sido levantado nessa época para incluir o acervo do Museu do Algarve? Os fragmentos que se conservam no MNA e no MMF são os únicos testemunhos da existência desse mosaico.

Área visível no momento da descoberta

A descoberta da sala data das escavações de Estácio da Veiga. Desconhecemos o estado de conservação do mosaico a) nessa ocasião, mas é muito provável que se encontrasse bastante destruído devido à colocação do mosaico b). Estácio da Veiga deixou dois

documentos de inestimável valor que nos permitem hoje identificar a decoração mosaística da sala, na sua fase mais recente: uma fotografia de X. Meirelles onde se vê uma vasta área da sala com um mosaico de dimensões apreciáveis (est. XLVI) e um desenho de J. F. Tavares Bello (est. XLVII). Obtida no sentido noroeste-sudeste, desde a entrada da sala A1/d, pode ver-se um tapete bem conservado até à entrada para a sala A1/l. A orientação da fotografia escolhida por X. de Meirelles prende-se certamente com a área que se encontrava conservada nessa época. Não se vê a parede norte da sala, mas o ângulo sul da foto mostra o início da área destruída. Documenta ainda uma lacuna no tapete nesse mesmo lado. Estes argumentos levam-nos a considerar que, pelo menos, cerca de metade do mosaico devia estar conservado no momento da descoberta. O segundo documento antigo é o desenho nº 25G que, por ser parcial, vem reforçar a ideia de que uma boa parte do mosaico se encontrava destruída. O desenhador terá escolhido como área a ilustrar o ângulo sudeste do tapete, o mesmo que se vê na foto de X. Meirelles.

T. Hauschild retomou os trabalhos arqueológicos nesta área no início da década de 80 e, na planta que publica, podemos somente ver cinco pequenos fragmentos de uma bordadura de peltas,

disseminados na metade este do compartimento (Hauschild, 1980, p. 211-214, fig. 15, corte XII) que já nem sequer encontramos hoje em dia no sítio. Uma fotografia do arquivo do DAI de 1981 clarifica a decoração: aí se vê perfeitamente uma onda de peltas com ápice em meia florinha denticulada e a bordadura exterior do tapete em trança (est. XLVIII, 2). O resto do mosaico tinha já desaparecido à data da redescoberta de T. Hauschild.

M. L. Santos publica a fotografia de X. Meirelles com a mesma composição que atribui ao desenho nº 25L (Veiga, 1877-1878). Ora, em 1936, este desenho não era citado por L. Chaves porque se encontrava certamente já desaparecido, ou jamais terá existido, levando a questionar os argumentos (não invocados aliás) da autora para tal atribuição.

No MNA encontram-se em reserva quatro fragmentos, dos quais um apenas se inventariado e no MMF seis fragmentos: 1 *et al.* MNA, inv. nº 15261; 2. MMF, inv. nº 430; 3. MMF, inv. nº 431; 4. MMF, inv. nº 677; 5. MMF, inv. nº 678; 6. MMF, inv. nº 679; 7. MMF, inv. nº 680.

Área conservada

Actualmente, o *opus tessellatum* encontra-se totalmente destruído, exceptuando alguns pequenos fragmentos de faixa branca presos às paredes, pertencentes ao mosaico b). Na metade oeste da sala, o suporte original deste

mosaico que corresponderá aproximadamente à área de onde foi retirado o mosaico na época da descoberta. Conservam-se sete fragmentos: 1 *et al.* 15 x 15 cm a 5 x 5 cm de lado; 2. 38,5 x 26 cm; 3. 19 x 14 cm; 4. 14 x 10,5 cm; 5. 8 x 7 cm; 6. 15 x 11,5 cm; 7. 33 x 25 cm.

Técnica de assentamento

A camada de cal do mosaico mais antigo a) ainda está bem visível na metade este da sala, assim como nalguns pontos do lado oeste. Junto à parede sudoeste, a fractura do *opus tessellatum*, possivelmente aquando do arranque, permite-nos dimensionar as camadas sobre as quais assentavam os dois pavimentos, mas não caracterizá-las na sua constituição. Do mosaico a), resta a marca de um *nucleus* de 4 cm, seguido de uma camada de cal. Do *opus tessellatum*, não há vestígios, tendo certamente sido destruído para colocar o mosaico b). Este foi assente sobre um *nucleus* de argamassa alaranjada de 2 cm e um fino leito de cal. O leito branco pode ver-se ainda numa área apreciável nos lados norte e sul da metade este. Apesar da existência de marcas impressas na argamassa, não é possível identificar o motivo. Os fragmentos conservados no MNA conservam o leito de assentamento original e um *nucleus* rosa de 1 cm enquanto nos do MMF ainda podemos ver

um *nucleus* de 4,5 cm no fragmento 7 e 4 cm nos fragmentos 4 e 5.

Materiais

a) destruído; b) calcário (nos fragmentos conservados): *in situ*, preto, branco e cinzento metalizado; nos fragmentos do MNA e MMF, ocre amarelo escuro, ocre vermelho, cinzento claro, verde-azeitona, cinzento metalizado, terracota nas tranças. Pontualmente, algumas tesselas rosa pálido e cinzento claro.

Densidade das tesselas

a) (?); b) tesselas com 1 cm de lado nos fragmentos conservados da faixa de remate *in situ*. Nos fragmentos com 6 mm a 1 cm.

Estratégia de execução

Não é possível compreender a estratégia do mosaico b), uma vez que apenas conhecemos um desenho parcial, inacabado no tratamento de pormenor, no entanto, a opção por uma composição constituída por elementos colocados obliquamente obrigou a cortes abruptos bem visíveis nas cruces suásticas em todos os lados do desenho nº 25G.

Restauros antigos

Não se registam.

Restauros modernos

Os vestígios de *opus tessellatum* junto às paredes e as argamassas de assentamento

foram rematados com cimento moderno. Dois dos fragmentos do MMF estão inseridos numa moldura em madeira (fragmentos 2 e 3), tendo um deles sido

reconstituído para preencher toda a área do quadro. Essa reconstituição é totalmente aleatória.

Ilustração utilizada

Aquarela de J. F. Tavares Bello, desenho nº 25G (Veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 8, nº 26). Foto DAI R-128-81-8. ARA II, fig. 281. Planta de T. Hauschild (*Relatório*, 1983, fig. 1). Foto MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 16; Chaves, 1937, p. 60; Sá, 1959, nº 27, p. 54; ARA II, nº 6, p. 206-207; Hauschild, 1980, p. 211-214, est. 15; Oliveira, 2007, p. 150-151, fig. 9; Teichner, 2008, A41, p. 146 e 150, fig. 64, est. 17A.

Descrição

a) Pavimento mais antigo

Destruído.

b) Pavimento mais recente

Na ausência de evidências no terreno, é naturalmente com base na documentação gráfica disponível (cf. *ilustração utilizada*) e nos fragmentos conservados no MNA e no MMF que se pode descrever este mosaico.

Linha de ondas de peltas cinzentas, debruadas a preto, entre dois filetes duplos pretos na bordadura (cf. *Le Décor* I, 58a) visíveis na documentação antiga e ainda na planta de T. Hauschild. Os fragmentos do MNA (1 *et al.*) pertencem a esta bordadura e permitem-nos estabelecer a sua paleta de cores: preto e cinzento metalizado. Segue-se uma faixa branca de 5 a 6 cm de largura e uma trança policromática de dois cordões na bordadura do tapete, tratada a cinzento metalizado num dos cordões, pelo menos.

A composição é ortogonal, composta por quadrados e losangos adjacentes realizados em meandro de suástica (cf. *Le Décor* I, variante de 161c). A trança é constituída por dois fios [cinzento metalizado, verde-azeitona e cinzento claro e ainda ocre vermelho ou terracota e ocre amarelo escuro] como se pode ver nos fragmentos 2, 3 e 5. Os espaços residuais do meandro apresentam

um losango incluído, emoldurado com linha de meandro fraccionado [alternadamente ocre amarelo escuro, cinzento metalizado e ocre vermelho]. Segue-lhe um losango denteado preto e, no centro, um florão longuiforme constituído por dois fusos bicolores [preto e ocre amarelo escuro] com duas folhinhas laterais cinzentas. Conserva-se em parte do fragmento 7.

Datação

Os motivos geométricos do mosaico mais recente b) coadunam-se perfeitamente com a datação proposta para as remodelações mais tardias nesta zona da casa – meados do séc. IV (cf. Teichner, 2008, p. 118-119, fase F). Naturalmente, o pavimento mais antigo a) terá sido colocado num período situado entre a data da edificação desta área, no séc. III, até aos meados do séc. IV.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:

- a) **Pavimento mais antigo:** destruído.
- b) **Pavimento mais recente:** composição ortogonal de octógonos irregulares secantes e adjacentes, determinando hexágonos e quadrados sobre o vértice.

Compartimento

Sector A1, compartimento I: *cubiculum* dos aposentos privados, com acesso a norte a partir de A1/m (planta 20).

Dimensões do compartimento

3,81 x 3,73 m.

Dimensões do mosaico

Os mosaicos atapetavam certamente todo o compartimento.

Local de conservação

a) destruído; b) destruído.

Área visível no momento da descoberta

Não se conhecem quaisquer documentos relativos ao mosaico mais antigo a). Este teria sido destruído para dar lugar ao mosaico mais recente b). Tal como no número anterior, conhece-se a composição através de dois documentos do séc. XIX: um desenho de Tavares Bello (est. LII¹²) e uma fotografia de X. Meirelles da colecção pessoal de Estácio da Veiga do MNA (est. LIII). O mosaico foi integralmente desenhado, deduzindo-se, por isso, que estaria bem conservado, apesar das incongruências que se detectaram nos motivos de enchimento, designadamente nos quadrados, quando confrontado com a fotografia de X. Meirelles (cf. Descrição). Esta, por sua vez, regista um dos ângulos do tapete, incluindo a bordadura. Tal como se verifica nas restantes fotografias da colecção, foi muito retocada com pintas brancas, avivando o fundo do mosaico. Na zona inferior da fotografia, percebem-se alguns erros no tratamento que adulteraram o esquema original: repare-se, por exemplo, que no lado esquerdo do quadrado em primeiro plano, o filete preto continua direito quando, na verdade, deveria inflectir para cima,

¹² O MNA dispõe de uma cópia do desenho preparada para publicação, provavelmente ao tempo de Leite de Vasconcelos uma vez que foi entre a documentação pessoal deste que o desenho foi encontrado pelas técnicas do museu. O desenho original encontra-se na posse de M. L. Pereira que o publicou em 2007 (fig. 16).

a fim de formar o hexágono adjacente, ou ainda, no lado direito desse mesmo quadrado, um triângulo preto que corresponde a uma área do hexágono não retocada. Assim, é de ter em atenção que eventuais lacunas possam ter sido disfarçadas com este tratamento de imagem. Convém ainda realçar que o desenho apresenta outras incorrecções que devem ter-se em consideração. Efectivamente, os triângulos pretos incluídos nos espaços residuais triangulares no remate da composição não se encontram adjacentes ao filete da bordadura, como se vê no desenho, mas sim centrados no espaço, como se vê na fotografia. De qualquer modo, aceita-se a ideia de que se conservava na totalidade.

Área conservada

Os dois pavimentos estão totalmente perdidos, conservando-se apenas as respectivas camadas de assentamento e vestígios de *opus tessellatum* do mosaico b) junto às paredes. A forma como ainda se conservam as tesselas presas às paredes revela bem que o mosaico foi arrancado do seu leito original em tempos modernos.

Técnica de assentamento

Do pavimento mais antigo podemos ver no lado oeste (18 cm), onde a parede está destruída, um assentamento constituído por

um *rudus* de 12 cm, um *nucleus* de 5 cm e 1,2 cm de argamassa branca com impressão de tesselas. Para colocar o mosaico seguinte foi coberto com uma argamassa rosa com cerâmica e muitas tesselas provenientes da destruição do pavimento anterior (6 a 8 cm de altura).

Materiais

a) totalmente destruído; b) calcário branco e cerâmica nos fragmentos que se conservam.

Densidade das tesselas

a) totalmente destruído; b) o campo está totalmente destruído e os vestígios junto às paredes não permitem a contagem. As tesselas brancas possuem cerca de 1,1 cm de lado e as de cerâmica cerca de 1,5 a 2 cm de lado.

Estratégia de execução

O desenho mostra um esquema aparentemente bem adaptado ao espaço disponível, não tendo sido necessário cortar elementos decorativos. O aspecto final é equilibrado e elegante. Por apresentar algumas incorrecções (cf. Área visível no momento da descoberta), não se pode ter por base de trabalho fidedigna o desenho nº 25E. Além disso, o tratamento reticulado que pretende representar as tesselas não corresponde à realidade, sendo apenas uma forma de aproximar o desenho do original.

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

Os fragmentos na parede norte foram apenas rematados.

Ilustração utilizada

Clichés MSP 2002. Pereira, 2007, fig. 16. Cópia do desenho Veiga, 1877-1878, nº 25E (MNA – colecção Estácio da Veiga).

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 16; Chaves, 1937, p. 60; ARA II, p. 206; Pereira, 2007, p. 206, fig. 16. Teichner, 2008, A40, p. 146, fig. 61 e 63, est. 16C.

Descrição

a) Pavimento mais antigo

Destruído.

b) Pavimento mais recente

Junto da parede norte do compartimento, encontram-se raros vestígios do mosaico mais recente que correspondem à faixa de remate à parede, observáveis em três pontos de ambos lados da porta: faixa branca (36 x 5 cm), faixa de tesselas de grandes dimensões em cerâmica e calcário branco (1,16 m de comprimento; 2 x 1,5 cm de lado para as tesselas de cerâmica e 1,1 cm de lado para as calcárias); faixa branca (43 x 4 cm). Nas paredes este e sul, ainda cobertos pelo reboco das paredes, conservaram-se uma a duas fiadas do tapete, incluindo algumas tesselas de cerâmica.

A descrição tem por base os documentos antigos disponíveis: o desenho do *Catálogo das Plantas* (est. LII) e a fotografia de X. Meirelles (est. LIII). Assim, pode dizer-se que o mosaico possuía uma bordadura em linha de fusos brancos, tangentes, em fundo preto (cf. *Le Décor I*, 21e), em redor de um esquema de octógonos secantes (3 x 2 octógonos) com nó de Salomão ou quadrilobo inscrito no quadrado e florões longuiforme com dois fusos [preto/vermelho] com chavetas laterais e folhinhas nos hexágonos em oposição a diversos motivos geométricos, formados por hexágonos oblongos [preto/vermelho], ora com remates em laço e chavetas laterais, ora apenas com SS duplos.

O esquema é claramente uma composição ortogonal de octógonos irregulares secantes e adjacentes, determinando hexágonos e quadrados sobre o vértice ou losango como é descrito (cf. *Le Décor I*, 169c) e não há equívoco possível com o desenho nº 25F do nº 30, com uma composição muito semelhante nos seus elementos decorativos secundários, mas com um esquema diferente de octógonos e quadrados adjacentes.

Datação

Na falta de informações em relação ao mosaico mais antigo a), e por associação ao nº 28 e 30, apenas se pode propor como hipótese uma cronologia no séc. III no momento da edificação deste sector (fase D). O mosaico mais recente b), colocado provavelmente por volta dos meados do séc. IV, no momento das reformas arquitectónicas (fase F) (cf. Teichner, 2008, p. 118-119), enquadra-se perfeitamente nos modelos pictóricos em voga no final da Antiguidade.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:

a) Pavimento mais antigo:

Composição ortogonal de octógonos secantes e adjacentes, realizados em meandro de suástica.

b) Pavimento mais recente:

Composição de octógonos e quadrados adjacentes.

Compartimento

Sector A1, compartimento k: *cubiculum* dos aposentos privados, com acesso a partir de A1/m (planta 20).

Dimensões do compartimento

3,85 x 3,02 m.

Dimensões do mosaico

Ambos os pavimentos cobriam certamente toda a área do compartimento.

Local de conservação

a) fragmentos *in situ*; b) dois fragmentos da bordadura este depositados no centro de interpretação da estação arqueológica.

Área visível no momento da descoberta

Ao contrário do que sucedeu com os dois números anteriores, conservaram-se aqui vários fragmentos do mosaico mais antigo a). Não existem no entanto informações sobre a área conservada ao tempo de Estácio da Veiga. O compartimento foi escavado nessa época, embora não se saiba se foi atingido o nível deste mosaico inferior. A ser verdade, não terá sido desenhado por se encontrar já bastante destruído. O levantamento de T. Hauschild (1980, fig. 14) ilustra a mesma área que hoje se conserva.

Quanto ao mosaico mais recente b), dão conta da sua existência um desenho de Tavares Bello (est. LVI) e uma fotografia de pormenor da X. Meirelles (est. LVIII). Estaria já em parte destruído e, por essa razão, o fotógrafo não terá captado, como fez noutros casos, o ângulo do tapete, optando por uma perspectiva parcial da composição, sem qualquer estrutura arquitectónica. Na documentação mais recente (Hauschild, 1980, fig. 14, est. 52b), pode ver-se uma bordadura de fusos no ângulo sudeste e ao longo da parede este nessa mesma área que não é representada no desenho do séc. XIX. Este facto coloca a questão das circunstâncias do desenho, pois, se esta não foi desenhada, ainda que parcialmente, é porque não estaria diante do desenhador. É

assim possível que a ilustração tenha sido realizada depois de arrancado o pavimento, deixando *in situ* a bordadura. A questão permanece porém sem resposta segura.

Área conservada

Conservam-se *in situ* três fragmentos do pavimento mais antigo (a) na metade sul do compartimento. Também subsistiram algumas áreas de camada de assentamento de mosaico, ainda que muito destruídas. Do pavimento mais recente b), que veio cobrir o anterior, resta uma área considerável do *nucleus* que corresponde praticamente à metade norte do compartimento (3,10 x 2,05 m). Dois fragmentos da bordadura este (3,52 x 0,54 m e 1,15 x 0,16 m) com bordadura de fusos foram levantados e depositado no centro de interpretação, onde aguarda intervenção de conservação. Os vestígios de *opus tessellatum* são muito diminutos, resumindo-se a pequenos fragmentos: dois isolados no tapete e outros junto do muro oeste na faixa de remate à parede. Ao desenho de T. Hauschild (1980, fig. 14) falta um fragmento de mosaico que hoje se vê muito bem junto da parede este.

Técnica de assentamento

Do pavimento a) não foi possível obter dados, este terá servido de base de assentamento do pavimento b), possivelmente já em parte danificado nessa

ocasião. Sobrepueram-lhe um *nucleus* cor de laranja com 4 cm de espessura que se conserva na metade norte do compartimento. O leito de cal sobre o qual dispuseram as tesselas observa-se nalguns pontos dessa camada com marcas de impressão.

Materiais

a) calcário: cinzento para a composição, branco no fundo e vermelho escuro nos quadrados; b) calcário: vermelho escuro, preto e branco. Cerâmica na faixa de remate à parede. No desenho: preto, branco, vermelho e amarelo.

Densidade das tesselas

a) 64 /dm²; b) 78 dm² no fragmento das reservas.

Estratégia de execução

Os fragmentos do pavimento a) não permitem uma leitura do sentido de execução do mosaico. Pela natureza da composição, é natural que as suas figuras se apresentem truncadas a norte e a sul. É também difícil compreender o mosaico b) com base no seu desenho parcial e incompleto. A composição é equilibrada e ritmada na distribuição dos elementos decorativos que são realizados em oposição nos hexágonos e em linhas alternadas nos grandes quadrados direitos.

Restauros antigos

Não existem na área conservada.

Restauros modernos

Uma camada de cimento moderno foi aplicada para consolidar os remates do

mosaico mais antigo a) e do *nucleus* do mais recente b).

Ilustração utilizada

Aquarela de J. F. Tavares Bello, desenho nº 25F (Veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 8, nº 25) e reprodução em papel nº 25¹. Hauschild, 1980, fig. 14, est. 52b. Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Clichés MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 16; Chaves, 1936, p. 60; ARA II, p. 207; Hauschild, 1980, p. 210-211, fig. 14 e est. 52b; Teichner, 2008, A39, p. 143-146, fig. 61, est. 16c.

Descrição

a) Pavimento mais antigo

Faixa de remate à parede branca (34 cm) com cruzetas pretas em cruz diagonal não contíguas (cf. *Le Décor*, est. 4e), das quais subsistem duas incompletas.

Um filete preto duplo desenha uma composição de três por dois octógonos irregulares secantes e adjacentes pelos lados maiores, realizado em meandro de suástica (cf. *Le Décor* I, est. 171d). Da reconstituição apresentada por T. Hauschild (1980, fig.14) identificam-se três fiadas no sentido este-oeste e duas no sentido norte-sul, das nove que provavelmente lhe se lhe podem atribuir, supondo que o motivo cobria todo o compartimento. Os espaços hexagonais (40 cm de comprimento por 19 cm no lado menor) são decorados com quadrado denteado vermelho com uma tessela branca no centro, colocado ora no terço superior, ora no terço inferior do espaço.

b) Pavimento mais recente

A bordadura de fusos brancos em fundo preto (cf. *Le Décor* I, 21e), acompanhada por uma faixa de remate com florinhas geométricas pretas equidistantes, documentada por T. Hauschild (1980, fig. 14, est. 52b) foi levantada do sítio. Não existem informações sobre esse levantamento, porém, o facto de já não figurar nas fotografias tiradas de T. Hauschild obriga a situar esse levantamento em época anterior. Os dois fragmentos levantados encontram-se depositados nas reservas. Estão entretelados e não foi possível proceder a intervenção de restauro no período deste estudo. Apresentam ainda uma linha de tesselas em cerâmica na zona do remate.

Um outro fragmento (12 x 7 cm), *in situ*, apresenta tesselas sobre o vértice desenhando linhas a preto, cinzento claro, bege, branco e depois cinzento claro, cinzento-escuro e novamente preto. Os fragmentos da faixa de remate são em tesselas pretas e brancas na parede oeste e tesselas de maiores dimensões em cerâmica na parede norte.

O fragmento muito pequeno, situado a norte (19 x 11 cm), com um desenho incompreensível de contornos curvos, sobre a camada de assentamento do pavimento mais recente, parece estar fora do sítio original, no entanto, podemos reconhecê-lo na fotografia de T. Hauschild (1980, est. 52b). Pode tratar-se de um restauro antigo que se desprendeu do leito aquando da remoção do mosaico b).

O desenho nº25F do MNA (est. LVI) ilustra parcialmente o mosaico, omitindo as bordaduras e representando apenas parte do esquema de octógonos e quadrados (cf. *Le Décor I*, variante, 163b). A composição é desenhada a filete triplo, com octógonos formados por quatro hexágonos oblongos que determinam um quadrado direito sobre o vértice. No centro desse quadrado pode ver-se uma moldura quadrada a filete simples preto com um pequeno florão em cruz com remates em flor de lótus vermelhas.

Os hexágonos são também emoldurados com filete simples preto e decorados, em oposição, por um hexágono incluído desenhado a filete simples vermelho claro, um amarelo e o centro branco e por um florão longuiforme constituído por duas pétalas lanceoladas [preto/amarelo/vermelho] e *hederae* laterais [preto/vermelho].

Nos quadrados direitos entre os octógonos (seis completos e quatro truncados no limite do desenho) foi incluída uma moldura a filete simples preto onde dois motivos alternam em linha: um quadrilobo [preto/vermelho/branco] e um florão compósito formado por um quatro folhas e quatro pétalas de lis.

Datação

Tendo em conta as remodelações arquitectónicas e as afinidades estilísticas com outros pavimentos da casa, pode apontar-se para o mosaico mais recente b) uma cronologia por volta dos meados do séc. IV, sendo muito provável que o pavimento mais antigo a) se situe nos inícios do séc. III, em perfeita harmonia com os paralelos estilísticos que registados na província da Proconsular e Bizacena onde encontra filiação artística.

Lugar e data da descoberta

Milreu, (?).

Tema

Mosaico constituído por painéis em número indeterminado:

Painel A, painel da entrada: composição ortogonal de octógonos estrelados com rectângulos tangentes.

Outros painéis em número indeterminado: destruídos.

Compartimento

Sector A1, compartimento d: sala de recepção com uma pequena fonte de mármore (56 x 56 cm) no centro, inserida num tanque forrado a mármore branco (planta 20).

Dimensões do compartimento

12,50 x 9 m.

Dimensões do mosaico

O compartimento era certamente todo revestido com *opus tessellatum*. Os fragmentos conservados do painel A pertenceram a um dos painéis que constituíram esse grande tapete compósito.

Local de conservação

A: *in situ*; B: destruídos.

Área visível no momento da descoberta

Na planta de Estácio de Veiga o compartimento não está claramente definido. É a M. Lyster Franco que se deve a descrição de um “precioso recinto todo revestido de mármore branco, tendo ao centro os restos de uma espécie de *cippus* de forma quadrangular e, um pouco mais abaixo, o pequeno *immissarium* ou *dividiculum*” (1943, p. 20). O autor não faz referência a mosaicos (*ibid.*). Em 1987, T. Hauschild define o limite este da sala a atribui a destruição do pavimento de mosaico ainda a época antiga pois, no canto exterior sudeste, a um nível um pouco mais elevado, encontrou restos de um esqueleto e um jarro atribuíveis a época visigótica (*Relatório*, 1987, p. 4). Associa ainda vários fragmentos de t. s. clara à época posterior à destruição do mosaico, momento em que se reutiliza o espaço para novas funções (*Relatório*, 1991, p. 7).

Área conservada

Os fragmentos conservados situam-se junto à entrada numa área de 3,03 (E-O) x 2,77 m (N-S).

Técnica de assentamento

As lacunas nas zonas sem *opus tessellatum* não são suficientes para analisar as camadas de assentamento.

Materiais

Calcários: branco para o fundo; preto, ocre amarelo, terracota e vermelho escuro para os motivos.

Densidade das tesselas

Faixa de remate: 81 /dm²; campo: 102 /dm², tesselas com 0,5 a 0,6 cm de lado.

Estratégia de execução

Não existem elementos suficientes, mas é bastante plausível que o tapete fosse constituído por vários painéis, dos quais nos restam, hoje, fragmentos de um. É um trabalho cuidado com tesselas menores que nos outros mosaicos, bem aplicadas e com interstícios mínimos. Junto à entrada, a

faixa de remate foi executada em fiadas paralelas às do tapete para norte, até ao limite conservado do painel e, para sul, até ao ponto que se supõe ser o seu limiar. Destes pontos em diante, nota-se uma diferente estratégia na colocação das tesselas, em filetes perpendiculares à parede. Apenas as duas últimas fiadas, junto à parede, são colocadas horizontalmente. Ainda se podem ver impressas na argamassa as tesselas que marcam o limite do painel A. A qualidade do trabalho também se reconhece nas faixas de remate e contrasta com os restantes pavimentos do sítio, onde esta zona é normalmente descurada e realizada com *opus tessellatum* menos denso.

Restauros antigos

Não existem na área conservada.

Restauros modernos

Consolidado *in situ* com cimento moderno.

Ilustração utilizada

Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Foto MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 17; Franco, 1943, p. 20; Hauschild, 1984, p. 98; Hauschild, *Relatório*, 1987, p. 4; Hauschild, *Relatório*, 1991, p. 7; Hauschild / Teichner, 2002, p. 23-24, fig. 19; Teichner, 2008, A38, p. 141-143, fig. 56, est. 17B.

Descrição

Faixa de remate à parede (29 cm) com quadrados policromáticos denteados [vermelho escuro, ocre amarelo e preto]. Em frente da entrada, até ao limite norte, conservam-se três desses quadrados. O arranque do primeiro, a sul, é a bordadura do painel do lado. Está destruído a sul e conserva-se em 27 x 20 cm a norte, com vestígios incompletos e um quadradinho denteado. Filete duplo preto, faixa branca (9 cm) com filete denticulado vermelho escuro de 4 tesselas (cf. *Le Décor* I, 2j).

Painel A

Composição centrada, num quadrado e em torno de um octógono flanqueado de 8 rectângulos perpendiculares à diagonais e às medianas, de 8 meias estrelas de oito losangos laterais, contíguas e nos vértices do octógono e acantonando os rectângulos, determinando triângulos laterais e em cantoneira, e quadrados nas diagonais (cf. *Le Décor* II, 394a). A composição foi desenhada com trança de dois cordões [ocre amarelo, vermelho escuro e rosa]. Os rectângulos que se conservam (34 cm) possuem trança desenhada com filete branco; voluta vermelho escuro com dois enleios [preto e vermelho escuro] e linha de quatro triângulos [preto e vermelho escuro] num caixilho vermelho escuro. Nos losangos, há losangos menores pretos e vermelhos incluídos. O único quadrado que se conserva leva um nó de Salomão em fundo preto, desenhado a filete branco.

O fragmento de mosaico que identifica o limite do painel A, a norte, ainda conserva as bordaduras: parte da trança, filete denteado vermelho, filete duplo preto, e uma faixa branca com cerca de 20,5 cm onde se pode ver metade de um quadradinho denteado idêntico aos da faixa a oeste. A localização deste motivo induz a pensar numa faixa branca de, pelo menos, 40 cm com uma linha de quadradinhos a marcar o limite com o painel vizinho.

Datação

Com base em fragmentos de t. s. sudgálica e de lucernas, a data da construção da sala foi situada nos séc. II-III (Hauschild, *Relatório*, 1991, p. 7; fase D de Teichner, 2008, p. 118-119), não sendo porém clara a sequência cronológica da ocupação até ao período mais tardio, documentado por vários fragmentos de t. s. clara (cf. *ibid.*) Apesar da maioria dos paralelos estilísticos apontarem para os inícios do séc. III, o traçado carregado da composição parece antes aproximar-se dos modelos mais tardios, do séc. IV.

Atendendo às remodelações que se conhecem para os outros compartimentos deste sector, com os quais se deve relacionar do ponto de vista funcional (cf. nº 28, 29 e 30, em particular), pode

colocar-se a hipótese de se tratar de um segundo pavimento, de meados do séc. IV, apesar da ausência de registo de um mosaico mais antigo como nos compartimentos vizinhos. O listelo de mármore intercalado entre o mosaico e a soleira é idêntico ao que encontramos entre a exedra do peristilo e o mosaico da ala este, de meados do séc. IV (cf. nº 24).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1941.

Tema

Composição centrada de quatro estrelas de oito losangos, determinando um quadrado central.

Compartimento

Sector B5, compartimento a: antecâmara de uma sala com abside (B5/b), com acesso a partir da ala este do peristilo (planta 20). Balneário segundo M. Lyster Franco (1943, p. 16).

Dimensões do compartimento

2,76 x 3,22 m.

Dimensões do mosaico

2,76 m (E-O) x 3,22 m (N-S).

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

Mosaico descoberto em 1941 nas escavações realizadas por M. Lyster Franco (1943, p. 18). A falta de documentação gráfica e/ou fotográfica dessa época não permite uma avaliação abalizada da área

visível. O levantamento realizado por T. Hauschild apresenta a mesma área que hoje se conserva.

Área conservada

Um dos contrafortes cilíndricos da Casa Rural apoia directamente sobre o painel, ocultando a sua área central. É, por isso, muito provável que o mosaico se encontre destruído nessa zona. Frente à entrada para a sala anexa, a este, existe uma grande lacuna que se prolonga sobre o lado sul. Outra lacuna, de menores dimensões, destaca-se no ângulo noroeste do painel. Conserva-se cerca de 40 % deste pavimento. Na faixa de remate, no ângulo noroeste, ainda se vêem alterações nas tesselas, aqui mais rosadas, indicando acção de uma fonte de calor: uma braseira?

Técnica de assentamento

Não foi possível determiná-la devidos aos restauros modernos que selaram o suporte do mosaico.

Materiais

Calcário branco, preto, ocre vermelho, rosa pálido, rosa-salmão, sombra natural e ocre amarelo escuro.

Densidade das tesselas

Nas brancas: 65 / dm², com tesselas de 1,5 cm de lado; nas restantes: 121 / dm², com tesselas de 1 cm de lado.

Estratégia de execução

As faixas de remate à parede foram realizadas com linhas paralelas às paredes. Não é possível determinar com rigor o sentido e a estratégia de execução por se encontrar em grande parte oculto/destruído

(?) sob o pilar da casa, contudo, parece-nos um tapete bem centrado, com faixas laterais bem distribuídas.

Restauros antigos

Não existem na área visível.

Restauros modernos

As lacunas foram preenchidas com argamassa de consolidação.

Ilustração utilizada

Clichés Hauschild (DAI R155-68-6 e R76-83-14). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MSP 2004.

Bibliografia

Franco, 1942, p. 17-19; Sá, 1959, p. 54-55; *ARA II*, nº 16, p. 208-209, fig. 285; Blázquez, 1994, fig. 5, p. 190-191; Hauschild / Teichner, 2002, p. 24, fig. 20 e fig. 60; Teichner, 2004, p. 158-159; Teichner, 2008, A44, p. 154, fig. 66, est. 18C.

Descrição

Faixa de remate à parede branca (36 cm frente à soleira, a oeste, 26 cm a este, 45 cm a sul) com cruzetas e, alternadamente, quadradinhos denteados pretos, equidistantes de 55 a 60 cm (cf. *Le Décor I*, 4e). A oeste, dois quadradinhos e duas cruzetas; a norte, a faixa de remate é branca (57 cm) e não apresenta elementos decorativos. A este, pode ver-se um quadradinho denteado preto com tessela central branca e, a sul, três quadradinhos e duas cruzetas. O filete duplo preto que emoldura o campo apresenta ângulos prolongados com filete denteado preto rematado com borla. Vêem-se dois desses elementos apenas a oeste.

Composição de quatro estrelas de oito losangos (58 cm de comprimento) determinando um grande quadrado no centro (cf. *Le Décor II*, est. 413a). As estrelas, das quais uma se conserva praticamente completa, com o centro formado por quatro tesselas brancas e losangos incluídos [alternadamente preto e vermelho]. Dos quadrados situados nos ângulos da composição, apenas se

podem ver dois (31 cm de lado): um no ângulo sudoeste, com quadrado de lados côncavos, sobre o vértice, formado através de quatro triângulos em oposição de cores [preto e vermelho] determinando um quadrado branco no centro, com um quadradinho denteado vermelho de centro branco; o segundo, no ângulo noroeste, com um nó de Salomão em quadrado de fundo preto (24 x 23 cm) [rosa e vermelho]. Nos pequenos quadrados, entre as estrelas, podem ver-se quadrados côncavos sobre o vértice e ainda um nó de Salomão. Num dos rectângulos completamente conservado vê-se ainda uma trança.

A decoração do quadrado central está completamente perdida. Apenas se vêem dois dos quadrados sobre o vértice nos espaços residuais criados pelas estrelas, decorados com quadrado de lados côncavos sobre o vértice, preto com quadradinho denteado vermelho ou rosa escuro e centro com tessela branca. Apenas no que se situa a este, os ângulos foram decorados com triângulo policromático de base denteada [rosa escuro, ocre, vermelho, ocre e rosa escuro].

Do quadro central, vê-se uma pequena parte do ângulo sudeste, sob o pilar, que nos leva a pensar num motivo em entrançado ou apenas numa moldura em trança para esta zona.

Os espaços residuais triangulares, criados pelas estrelas na linha de remate da composição, são preenchidos com triângulos policromáticos [vermelho e ocre] nos três conservados. Dos quatro rectângulos situados nas medianas, conserva-se apenas um completo, a este (pelo menos 54 x 32 cm), em fundo branco, decorado com uma trança em fundo preto (44,5 x 16 cm), rosa escura e vermelha. No lado oposto, a oeste, é ainda visível parte do mesmo motivo decorativo e, a sul, apenas se vê um filete vermelho semicircular na pequena parte que se conserva. A norte, encontra-se sob a Casa Rural.

Datação

Estilisticamente, este mosaico pode datar-se do séc. III, não só no que à composição principal diz respeito, mas também na excessiva largura da bordadura ou na simplicidade do seu tratamento. Tendo em conta as observações já feitas no capítulo III, considera-se que o mosaico foi realizado nos inícios do séc. III (fase D definida por F. Teichner). F. Teichner data os mosaicos deste sector do séc. IV, não justificando porém a sua cronologia (2004, p. 159).

Estampas LXIV, LXV, LXVI, LXVIII, LXVIII e LXIX

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1941.

Tema

Mosaico constituído por dois tapetes rectangulares e um absidal:

Painel A, tapete rectangular: composição ortogonal de meandros de pares de suásticas, de volta dupla, intercalados por quadrados e rectângulos.

Painel B, tapete da cabeceira: composição ortogonal de octógonos adjacentes, determinando quadrados realizados em meandro de suásticas.

Painel C, abside: *kantharus* com suástica e ramagem na abside.

Compartimento

Sector B5, compartimento d: sala rematada com abside, parcialmente coberta, a norte, pelo edifício do séc. XVIII (planta 20). *Nymphaeum* segundo Lyster Franco (1942, p. 19); sala do balneário segundo M. L. Santos (ARA II, p. 208); termas segundo Teichner (1997, fig. 6). A identificação como sector termal foi suscitada pela existência da sala anexa sobre hipocausto situada a norte (B5/d). No entanto, essa hipótese foi afastada pela ausência de fofalha. Assim,

parece que a identificação desta sala como um espaço de recepção é perfeitamente aceitável tendo em conta as suas características arquitectónicas.

Dimensões do compartimento

7,16 x 2,70 m. A largura total não pode determinar-se com exactidão por se encontrar sob a parede sul da Casa do séc. XVIII.

Dimensões do mosaico

A: 3,47 m^{min} (E-O) [4, 17 m^{max} na soleira] x 2,70 m (N-S) [1,86 m^{min}]; B: 2,60 m (N-S) x 2,20 m (E-O); C: 2, 55 m de base e 79 cm de corda.

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

Mosaico descoberto em 1941 nas escavações realizadas por M. Lyster Franco (1942, p. 18) cujo testemunho ilustra o estado de conservação à época da descoberta: “mosaico quasi intacto” (*ibid.*). Das fotografias que publica, pouco claras, pode ver-se que o mosaico apresentava já algumas áreas destruídas (*id.*, fotos p. 16 e 17).

Área conservada

A área central do painel A está bastante danificada, não invalidando porém a compreensão do esquema geral do mosaico. A parede da casa do séc. XVIII oculta totalmente a bordadura norte do pavimento, bem como a do painel B. Esse, conserva-se parcialmente, pois uma grande lacuna na zona da ligação ao painel A mutila a área central do esquema, ainda que o possamos identificar com clareza. A destruição deve-se certamente aos trabalhos de conservação e restauro pois, no momento da descoberta, o painel C está praticamente todo conservado (cf. Franco, 1942, foto p. 17). Na abside, apenas uma pequena parte do *kantharus* está danificada.

Técnica de assentamento

Os restauros modernos selaram o suporte antigo, não sendo possível efectuar uma leitura das camadas de assentamento.

Materiais

Calcário branco, preto, vermelho escuro, rosa-salmão, ocre amarelo e verde-azeitona. Cerâmica no painel B (no meandro de suástica e numa moldura em trança).

Densidade das tesselas

A: na faixa oeste: 64 / dm² com tesselas de 1,5 cm de lado; no centro: 81 / dm² com

tesselas de 1 cm de lado; nas suásticas: 121 / dm² com tesselas de 0,8 a 1 cm; B: 64 / dm²; C: 64 / dm².

Estratégia de execução

Nos painéis A e B a estratégia de execução da faixa de remate obedeceu ao esquema de duas linhas paralelas ao filete do esquema e depois enchimento em fiadas perpendiculares. De uma forma geral, o esquema das suásticas foi realizado com cuidado, as tesselas estão bem alinhadas, com interstícios mínimos. Já, no centro e na faixa de remate, a qualidade de execução é menor (cf. Densidade das tesselas). A ramagem a oeste foi também realizada com tesselas de maiores dimensões. A disposição do painel A parece correcta, mas a bordadura este sofreu a intrusão de uma parede no ângulo sudoeste, que veio ocultar o ângulo externo da bordadura. A leste, esta não pôde ser realizada pelo que passou para o painel B. Dos pontos de vista estilístico, técnico e cromático, podemos distinguir dois tipos de trabalho:

- O meandro de suásticas e rectângulos do painel A, de melhor execução.
- O painel B, a abside, ramagem, bordadura e faixa de remate, de menor qualidade.

Restauros antigos

Na faixa de remate do painel A, a sudoeste, a cerca de 54 cm do ângulo da parede sudoeste e numa área de 50 cm de comprimento, é bem

visível uma área de restauro antigo perceptível na quebra da estratégia de execução da faixa branca. Em vez de serem colocados perpendicularmente, os filetes são paralelos à bordadura do tapete. Por outro lado, em vez de uma cruzeta, que estaria em falta, foram realizadas duas,

muito mais irregulares e muito próximas, desrespeitando a estratégia dos artistas anteriores.

Restauros modernos

As lacunas foram preenchidas com argamassa de consolidação.

Ilustração utilizada

Clichés Hauschild (DAI R155-68-6 e R76-83-14). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MSP 2004.

Bibliografia

Franco, 1942, p. 17-19; Sá, 1959, nº 29, p. 54-55; ARA II, nº 16, p. 208-209, fig. 285; Blázquez, 1994, fig. 5, p. 190-191¹³; Hauschild / Teichner, 2002, p. 24, fig. 20 e fig. 60; Teichner, 2004, p. 158-159; Teichner, 2008, A45, p. 155, fig. 66, est. 18A, B e D.

Descrição

Painel A

Faixa de remate à parede branca (21 a 24 cm) com nove cruzetas pretas a sul, irregularmente equidistantes (40 cm em quase todas, com excepção de duas a oeste, numa área de restauro antigo) (cf. *Le Décor I*, 4e). A oeste, uma faixa com ramagem de volutas (52 cm) vem decorar um espaço criado pelo constrangimento da parede. Esta é composta por dois elementos: assente num pé em V invertido rosa-salmão com uma tessela rosa escuro e uma preta em cada lado da base do V, duas pétalas em forma de cálice, tratadas sucessivamente a preto, ocre vermelho e rosa-salmão, e uma flor-de-lis com duas folhas e uma pétala, central, maior (26 cm), com o mesmo tratamento cromático. Daqui arrancam duas volutas em filete simples preto, visíveis apenas a sul: uma (36 cm de diâmetro) rematada com *hedera* preta e ocre vermelho e a outra com múltiplas volutas concêntricas (36 cm de diâmetro máximo), rematadas com duas tesselas. Três dos espaços residuais são preenchidos com quadrado denteado rosa-salmão com cruz preta.

¹³ Ilustra e analisa sumariamente este mosaico que localiza, erradamente, na *villa* de Abicada.

Entre dois filetes pretos duplos, uma linha de pares tangentes de peltas adossadas alternadamente deitadas e erguidas (30 cm) emoldura o campo nos lados visíveis a este, sul e oeste (cf. *Le Décor I*, 57f). O ápice das peltas é rematado com meia florinha [ocre vermelho, rosa-salmão, preto] e todos os espaços residuais também são preenchidos com o mesmo motivo; faixa branca (5 cm).

Encerrada por uma linha de meandro de suástica de volta dupla com filete duplo externo (ocre amarelo e preto ou ocre vermelho e preto ou ainda rosa escuro e preto) desenvolve-se uma composição ortogonal de meandro de pares de suásticas de volta dupla, quadrados e rectângulos (cf. *Le Décor I*, variante de 193d) (47 cm de largura). As suásticas são desenhadas a filete triplo policromático [preto, ocre vermelho, rosa escuro e rosa-salmão]. A maioria dos quadrados e os rectângulos possuem molduras em trança de dois fios e são preenchidos com volutas com enleios, xadrez denteado, linha de cálices ou ainda entrançado. A sul, pode ainda ver-se um rectângulo (72 x 35 cm, máximo conservado) com entrançado [ocre amarelo, rosa escuro, ocre vermelho e preto]. A leste, vê-se parte muito reduzida de um rectângulo (80 x 34 cm, máximo visível) emoldurado com trança de cabos (9,5 cm) [rosa-salmão, ocre vermelho, rosa escuro e ocre amarelo] com uma linha de cálices dos quais resta apenas um, contornado a filete preto [ocre vermelho e ocre amarelo] com centro preto. A oeste, o rectângulo apresenta bordadura em trança semelhante ao anterior (70 x 36, máximo conservado). No campo interno, destruído em cerca de metade, ainda se pode ver um motivo com elementos em volutas formando um 8 que se conserva em 26 cm de comprimento [preto, ocre amarelo, rosa-salmão e rosa escuro]. Na área central, apesar de muito destruída, ainda se vê um rectângulo com bordadura em trança (43 x 36 cm) com seis (2x3) casas denteadas no centro, tratadas a preto com quadradinho policromático [branco, ocre amarelo, preto e branco, ocre vermelho, preto] em oposição.

Painel B

Faixa de remate à parede branca (29 cm) com quatro cruzetas pretas visíveis apenas a sul, irregularmente equidistantes (37 a 40 cm) (cf. *Le Décor I*, 4e). A oeste, a mesma bordadura do painel A.

Composição ortogonal de octógonos adjacentes, determinando quadrados (30 cm de lado), realizados em meandro de suásticas (cf. *Le Décor I*, est. 166b). Os espaços octogonais (54 x 56 cm) são decorados com quatro fusos dispostos em círculo (28 cm de diâmetro) contornados a filete duplo preto e preenchidos a rosa-salmão e ocre vermelho em oposição, com um quadradinho denteado no centro e nas quatro medianas do círculo, em fundo branco.

Painel C

De um *kantharus* situado ao centro da abside, a cerca de 1,40 m do limite sul do esquema, com o pé adjacente ao filete que desenha a composição, saem dois ramos volutas rematados com folhas de hera. O *kantharus*, de duas asas (61 cm de altura), assenta num pé em triângulo (20 cm de base), realizado em bicromia [rosa-salmão, ocre vermelho e preto]. O efeito convexo/côncavo das caneluras do bojo (29 cm) foi obtido através de filetes policromáticos [rosa-salmão, ocre vermelho, preto e branco] convergindo para o centro onde se forma um fuso preto com enchimento branco. Um filete preto separa o bojo do colo que, embora parcialmente destruído, deixa-nos ver uma cruz suástica branca e contornada a ocre amarelo, rosa-salmão, rosa escuro, branco e preto, com um denticulado branco no lado externo dos braços maiores.

O lábio apresenta-se sob a forma de um filete denticulado ocre amarelo e branco, seguido de filete denteado ocre vermelho e rosa-salmão, seguindo-se um enchimento rosa-salmão e vermelho, antes do fecho do *kantharus* através de um filete preto côncavo que contorna o corpo do objecto. A boca do vaso não é desenhada.

As asas são compostas por uma voluta preta com enrolamento para baixo e uma pequena folha ocre vermelho. Um filete côncavo preto termina junto ao bojo em voluta com enrolamento para cima e a pequena folha ocre vermelho no mesmo sentido.

As ramagens laterais que brotam do *kantharus* ramificam-se em três novas ramagens em filete simples preto rematadas em simples folha policromática [vermelho e rosa-salmão] ou *hedera* com mesmo tratamento.

Datação

Tendo em conta a evolução arquitectónica deste compartimento e os elementos de carácter estilístico recolhidos, é de crer que o painel A tivesse sido colocado por volta dos inícios do séc. III, em época correspondente à fase D definida por F. Teichner (2008, p. 118-119), enquanto o painel B foi realizado no momento da ampliação da sala, por volta de meados do séc. IV segundo o autor supramencionado (2008, fig. 65B).

Lugar e data da descoberta

Milreu, anos 80.

Tema

Composição de octógonos e quadrados adjacentes.

Compartimento

Sector B5, compartimento e: vestíbulo de acesso à sala absidal B5/f, a partir da ala este do peristilo (planta 20).

Dimensões do compartimento

A parede oeste da Casa Rural assenta directamente sobre o pavimento, estando totalmente inacessível. Estão disponíveis apenas os dados/documentos das escavações de T. Hauschild e de F. Teichner.

Dimensões do mosaico

4,45 m x 3 m aproximadamente (Teichner, 2004, fig. 5).

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

A área foi escavada e documentada por T. Hauschild (1980, p. 215, fig. 14, corte XIV).

O desenho e a fotografia publicados são uma representação parcial do mosaico, ilustrando o ângulo nordeste descoberto nas sondagens, hoje no interior da Casa Rural (cf. Hauschild, 1980, fig. 17; Hauschild, 1994, fig. 58a). As fotos, preto e branco, parciais, do momento da descoberta disponíveis no DAI (est. LXX) permitem uma avaliação do tipo de mosaico no que diz respeito ao esquema e traços estilísticos, mas não dão uma visão de conjunto por não ter sido possível realizar uma escavação em área.

Área conservada

No ângulo nordeste (dentro da Casa Rural), conserva-se um troço do mosaico de 1,36 x 0,91 m, sem grandes sinais de destruição e no lado sudoeste (fora da Casa Rural) conserva-se outro troço com as mesmas dimensões, aproximadamente.

Técnica de assentamento

Por não ser possível aceder ao mosaico, não pôde ser feita a caracterização da mesma.

Materiais

Calcários (?). Não existem fotografias a cores ou qualquer registo das mesmas.

Densidade das tesselas

Os arqueólogos responsáveis pelas escavações não indicaram as dimensões das tesselas. Por não ser possível aceder ao mosaico, não pôde ser calculada.

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

(?)

Estratégia de execução

O esquema parece pouco adequado a um espaço ovalado, no entanto, não é invulgar encontrar esta aparente incoerência.

Ilustração utilizada¹⁴

Hauschild, 1994 est. 58a. Fotos DAI R86-79-1 e R166-82-9.

Bibliografia

Hauschild, *Relatório*, 1983, 1984, 1985; Hauschild, 1980, p. 215, fig. 14, corte XIV; Hauschild, 1994, est. 58a; Hauschild / Teichner, 2002, p. 24; Teichner, 2004, p. 158-159; Teichner, 2008, A46, p. 155-156, fig. 66, est. 19B.

Descrição

Na documentação disponível (est. LXX), pode ver-se, a nordeste, uma faixa de remate à parede cuja cor não é possível identificar, mas que não é branca. Segue-se um filete preto duplo, uma faixa branca, depois, a composição ortogonal de octógonos irregulares secantes e adjacentes, determinando hexágonos e quadrados aqui a filete duplo preto (cf. *Le Décor I*, 169c). No remate do esquema, vê-se um trapézio, a este, com outros trapézios incluídos e, talvez, um filete denteado no centro.

A norte, é um hexágono oblongo, incompleto, com um seis-folhas incluído num hexágono branco, destacando-se sobre um disco preto. Não é possível identificar a decoração do único quadrado visível no desenho. A sudoeste, identifica-se perfeitamente um nó de Salomão num dos quadrados da composição, um trapézio da zona de remate com bordadura em linha de trapézios adjacentes policromáticos. O único hexágono visível em cerca de metade da sua extensão mostra a

¹⁴ Por razões alheias de carácter técnico, não foi possível efectuar o levantamento tessela a tessela preconizado pela missão MSP. O mosaico encontra-se sob a parede oeste da Casa Rural, devidamente protegido, mas inacessível.

mesma bordadura do trapézio e inclui um hexágono com linha de meandro de redentes quadrados, policromáticos (cf. *Le Décor I*, 30h).

Datação

Os elementos estilísticos e a evolução arquitectónica do espaço (Teichner, 2008, fig. 65B) sustentam com segurança uma datação do mosaico em meados do séc. IV.

Lugar e data da descoberta

Milreu, anos 80.

Tema

Um tapete rectangular com abside:

Painel A, tapete principal: composição centrada de estrela de oito pontas formada por dois quadrados entrelaçados.

Painel B, abside: linha de círculos entrelaçados com linha em ziguezague.

Compartimento

Sector B5, compartimento f: sala de representação, dotada de um vestíbulo (B5/e) (planta 20). A abside e a sala intermédia foram providas de *suspensurae*, porém, não havendo ligação à fornalha, é de excluir a identificação como termas, mas sim uma simples elevação para conservar a seco os pavimentos (Hauschild / Teichner, 2002, p. 24).

Dimensões do compartimento

A: 3,73 m (N-S) x 2,93 m (E-O, até à parede da Casa Rural); B: abside: 2,45 m de raio (até à parede da Casa Rural) e 3,82 m de corda.

Dimensões do mosaico

A: 3,73 x 1,70 m (área visível); B: 2,10 m de raio e 3,48 m de corda.

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

Área escavada e documentada por T. Hauschild: corte 77 e 14 para o painel A e corte 37 para o painel B (1980, p. 215, fig. 14, corte XIV; *Relatório*, 1985, p. 3, corte 66). É aproximadamente a mesma que hoje resta, ainda que algumas tesselas se tenham desagregado aqui e ali. Já o próprio escavador regista o estado de dissolução destas (*Relatório*, 1983, p. 5-6).

Área conservada

Ainda que o estado de conservação das tesselas seja muito irregular, conserva-se uma grande parte do painel A, na área actualmente visível, com excepção do conjunto de bordaduras e parte da composição no lado oeste que perfaz uma faixa de 3,73 m x 90 cm totalmente destruída. As bordaduras do lado sul encontram-se em elevado estado de destruição. Desconhecemos a área que se conserva sob os alicerces da parede da Casa Rural. O painel B apresenta-se igualmente em

mau estado, embora se reconheça perfeitamente a composição através das impressões das tesselas. São numerosas as áreas em que as tesselas já não existem, muitas outras estão fracturadas e os seus interstícios vácuos aceleram a desagregação do tapete.

Técnica de assentamento

Não foi possível observá-la.

Materiais

Calcários: preto, branco, cinzento-escuro, ocre amarelo, vermelho escuro.

Densidade das tesselas

100 /dm². Tesselas com 1 cm de lado.

Estratégia de execução

No painel A, a multiplicação de diversas bordaduras pode levar-nos a pensar na necessidade de colmatar as largas faixas laterais criadas por um motivo central, aqui quadrado, cujas dimensões foram pré

definidas sem ter em conta o espaço a que se destinava. As bordaduras comprimem a composição central, na mesma ordem de proporções que se verificou no mosaico da ala norte do peristilo (nº 40). A execução sofrível e a reduzida paleta de cores revelam a presença de artesãos pouco originais nas opções estéticas, mas com algum domínio na execução de tranças. Repare-se nos diversos pontos de união entre bordaduras ou ainda na execução dos ângulos, em ambos painéis.

Restauros antigos

T. Hauschild regista restauros de *opus signinum* na zona central do painel A. Segundo este, datariam de uma época romana tardia, quando se ergueram como reforço, estreitos muros de fragmentos de tijolos e pedras junto às paredes laterais (*Relatório*, 1983, p. 3).

Restauros modernos

Lacunas e bordaduras foram rematadas com cimento.

Ilustração utilizada

Clichés Hauschild (DAI R325-84-17; R166-82-9; R66-83-3; R86-79-1; R326-84-2; R326-84-4). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MSP 2004, 2005.

Bibliografia

Hauschild, *Relatório*, 1983, 1984, 1985; Hauschild / Teichner, 2002, p. 24; Teichner, 2004, p. 158-159; Teichner, 2008, A47, p. 156-157, fig. 66, est. 19A e C.

Descrição

Painel A

Faixa de remate à parede com três filetes brancos, apenas visíveis a norte.

Quatro bordaduras sucessivas:

- Trança de dois cabos [ocre amarelo e vermelho escuro] (15 cm); faixa branca (7 cm);
- Linha de meandro branco com ressaltos desiguais [ocre amarelo, preto] (cf. *Le Décor I*, 31b) (11 cm); faixa branca (6 cm);
- Guilhoché largo de alma curva (cf. *Le Décor I*, 74c), policromático [branco, ocre amarelo, vermelho escuro e preto] (24 cm); faixa branca (6 cm);
- Linha de meandro fraccionado com fracções imbricadas (11 cm) [ocre amarelo e vermelho escuro] (cf. *Le Décor I*, variante 32j); faixa branca (6 cm).

Composição centrada, inserida numa moldura a filete preto simples, possivelmente quadrada (2,02 m de lado visíveis a oeste), constituída por uma grande estrela de oito pontas formada por dois quadrados entrelaçados (1,48 m de lado) em trança de dois fios (15 cm) (cf. *Le Décor II*, Variante 393a). Nos espaços residuais criados pelo motivo em estrela vê-se em cantoneira uma composição em aspa emoldurado por filete preto simples, com uma onda de seis peltas desenhadas a filete preto simples, com enchimento alternadamente ocre amarelo e vermelho escuro e ápice em borla vermelho escuro (naqueles que se conservam). As peltas a oeste estão totalmente destruídas, restando apenas o negativo da sua impressão. O mesmo motivo devia decorar o ângulo este, uma vez que ainda é bem visível o arranque de uma das peltas da onda.

A sul, uma moldura em linha de meandro branco com ressaltos desiguais [vermelho escuro e preto] decora um espaço similar, devendo também existir idêntico a oeste. No centro da estrela, foi incluído um octógono (1 m de largura) com moldura em meandro branco fraccionado (10 cm) com fracções imbricadas [ocre amarelo e vermelho escuro]. Depois de uma faixa branca (6 cm), um octógono com fundo preto (68 cm de largura N-S), muito destruído, possuía um grande florão compósito do qual ainda se podem ver dois dos quatro cálices bífidos branco e vermelho escuro, assim como uma das quatro *hederae*, vermelho escuro, nos intervalos das pétalas de lis, apontando ao centro (cf. *Le Décor II*, variante de 272b).

Painel B

Faixa de remate à parede branca (9 cm, máximo conservado); filete simples preto; faixa branca (7 cm).

Bordadura em trança de dois cabos (14 cm) [ocre amarelo e vermelho escuro]. A mesma trança subdivide o mosaico da abside em dois painéis: um superior, em semicírculo (2,85 m de diâmetro e 98 cm de raio), com um tratamento decorativo geométrico de sucessivas molduras: faixa branca (7 cm); linha de facções imbricadas (10 cm) [branco, ocre amarelo e vermelho escuro]; faixa branca (7 cm); trança de dois cabos (15 cm) [ocre amarelo e vermelho escuro]; faixa branca (6 cm); espaço em forma de quarto minguante com aspas policromáticas [branco, ocre amarelo, vermelho escuro e preto].

O segundo painel, rectangular (2,90 m x 70 cm), apresenta quatro círculos adjacentes, mas não tangentes (71 cm de diâmetro), que se entrelaçam com duas tranças de dois cabos, em ziguezague, opostas. Cada círculo apresenta uma moldura em meandro branco fraccionado (11 cm de largura) [ocre amarelo, vermelho escuro e preto] nos nº 2 e 4. Nos 1 e 3 a moldura é de fracções imbricadas com o mesmo tratamento cromático. Nos espaços residuais foram colocados triângulos pretos, de base convexa.

Datação

Com base nos paralelos estilísticos e na caracterização arquitectónica, pode situar-se o mosaico nos meados do séc. IV.

Lugar e data da descoberta

Milreu, anos 80.

Tema

Um tapete rectangular e abside:

Painel A, tapete principal: *opus tessellatum* (?) destruído (?).

Painel B, abside: *opus tessellatum* residual.

Compartimento

Sector B4, compartimento a: sala absidal, orientada norte-sul, com funcionalidade difícil de determinar, cujo acesso se faz através de um estreito corredor desde a ala este do peristilo (planta 21).

Dimensões do compartimento

A: 6,08 m (E-O) x 4,34 m (N-S); B: 3,91 x 3,44 m (3,44 x 1,24 m actualmente visível).

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento (?).

Local de conservação

Destruído (?).

Área visível no momento da descoberta

A zona da casa do séc. XVIII foi escavada por T. Hauschild e F. Teichner, aparentemente em terreno virgem de

remeximentos que não sejam os das fundações do edifício moderno (corte 56, 66, 79, 79ª e 85). O painel A encontra-se totalmente soterrado sob a casa, desconhecendo-se o seu estado de conservação. O painel B já terá sido encontrado praticamente todo destruído.

Área conservada

Dois fragmentos da faixa de remate à parede da abside, a norte (30 x 12 cm) e a este (50 x 14 cm).

Técnica de assentamento

(?)

Materiais

Calcário: branco nos fragmentos conservados da faixa de remate à parede.

Densidade das tesselas

36 /dm², com tesselas 2 cm de lado.

Estratégia de execução

(?)

Restauros antigos

Não existem nos fragmentos conservados.

Restauros modernos

Remate com argamassa.

Ilustração utilizada

Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MSP 2005.

Bibliografia

Hauschild, *Relatório*, 1985, p. 3; *Relatório*, 1987, p. 4; Teichner, 2008, A49, p. 157 e 159.

Descrição

Painel A

Opus tessellatum destruído (?).

Painel B

Dois fragmentos monocromáticos da faixa de remate à parede conservados na abside. O resto do mosaico está totalmente perdido.

Datação

Os dados disponíveis são insuficientes para estabelecer uma cronologia do pavimento com no estudo estilístico. Se o critério arquitectónico encontra fundamento na proposta de F. Teichner, então poder-se-à equacionar uma datação por volta de meados do séc. IV (2008, fig. 40).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1983.

Tema

Composição em coroa, num quadrado e em redor de um círculo, de oito arcadas laterais tangentes entre elas.

Compartimento

Sector B4, compartimento b: antecâmara do *cubiculum*, com acesso directo a partir da ala norte do peristilo (planta 21).

Dimensões do compartimento

4,31 x 4,20 m.

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento.

Local de conservação

Em parte, recolocado na posição original após restauros modernos.

Área visível no momento da descoberta

Conhecido desde Estácio da Veiga (planta 16), redescoberto durante as escavações de T. Hauschild de 1983-1984 (*Relatório*, 1983, p. 6-7). Apresenta-se hoje em dia com a mesma área conservada dessa época (cf. Clichés DAI).

Área conservada

A área de destruição do pavimento é bastante alargada, mormente na zona central e junto às duas soleiras. Talvez se conserve cerca de 60 % do mosaico. Ainda assim, a destruição não invalida a compreensão da composição do esquema e seus elementos. São ainda visíveis grandes áreas de mosaico enegrecido por uma qualquer fonte de calor, que pode bem ter sido uma braseira. Estas vêm-se também junto ao muro este, mais ligeiramente, na bordadura do muro oeste e na zona do medalhão central.

Técnica de assentamento

Statumen: rocha base; *rudus*: terras argilosas e poucos inertes (25 cm); *nucleus*: argamassa de cal com inertes de pequena dimensão – areão e cerâmica moída (Braga, 2000, p. 169).

Materiais

Calcário: preto (mesclado de cinzento-escuro e cinzento), branco e vermelho escuro.

Densidade das tesselas

Bordadura: 36 /dm², com tesselas de 1,5 a 2 cm de lado; campo: 49 /dm², com tesselas com 1,5 cm de lado.

Estratégia de execução

A dimensão correcta do quadrado da composição obrigou a faixas de remate à parede desiguais, ainda que seja mínima a diferença. O tapete foi, como é habitual, previamente centrado. Seguiu-se o preenchimento das faixas junto à parede com fiadas perpendiculares até às peltas e, daí até ao campo central, em fiadas paralelas ao muro.

O enchimento do fundo dos módulos com quadrilobo merece também algumas considerações, pois, em vez de seguir o contorno do motivo, como é usual, o preenchimento foi feito perpendicularmente ao dorso da pelta. Também o preenchimento dos semicírculos das medianas não foi feito no sentido paralelo, mas na diagonal, depois de um contorno de um a dois filetes. Não tendo sido efectuados levantamentos para restauro nestas zonas (cf. *item* restauros modernos), temos alguma garantia de que não foram

adulteradas e se encontram verdadeiramente *in situ*, situação que nem sempre se verifica e que pode interferir na compreensão do trabalho do mosaísta romano.

Restauros antigos

Não existem na área original do *opus tessellatum*.

Restauros modernos

O pavimento foi alvo de restauros modernos em dois momentos. O cimento *portland* e a gravilha aplicados nas lacunas datam da primeira intervenção na década de 80. Os mosaicos permaneceram no seu suporte original, mas foram feitas algumas consolidações do *opus tessellatum* (Braga, 2000, p. 166). A empresa *ERA-Arqueologia, Lda* precedeu recentemente ao levantamento de duas placas na bordadura este e no semicírculo a oeste, onde as depressões impediam a drenagem de águas (*id.*, p. 169).

Ilustração utilizada

Clichés Hauschild (R327-84-7, R328-84-6; R328-84-17). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MSP 2004.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 20; Hauschild, *Relatório*, 1983, p. 3; 1984, 1985, p. 2-3; Teichner, *Relatório*, 1999; Braga, 2000, p. 168-169, compartimento 14d; Hauschild / Teichner, 2002, p. 25-26, fig. 21; Teichner, 2008, A51, p. 159 e 161, fig. 68, est. 20D e 21B.

Descrição

Faixa de remate à parede branca (44 cm a oeste, 52 cm a sul, 58 cm a este e 53 cm a norte) decorada com uma onda de peltas, desenhadas a filete duplo preto em fundo branco, com ápice rematado por meia florinha (cf. *Le Décor I*, 58b), à exceção dos ângulos onde a pelta é rematada com borla (presume-se que também o eram as duas que se encontram destruídas, a sul).

Numa moldura quadrada em filete duplo preto, foi inserida uma composição em coroa de oito arcadas laterais e desiguais tangentes entre elas, em redor de um círculo (1,80 m de diâmetro) (cf. *Le Décor II*, variante de 314). As arcadas dos quatro ângulos são preenchidas, em oposição, com um quadrilobo de peltas (89 cm de largura máxima) com ápice em meia florinha, traçado simplesmente a filete duplo preto, em redor de um florão unitário de quatro elementos contíguos, em lótus bífido (cf. *Le Décor II*, variante de 260a), também realizado a preto, e com um arranjo de duas *hederae* afrontadas tangentes pelo vértice, contornada internamente com dois filetes brancos e centro vermelho, com volutas laterais. Nas restantes quatro arcadas, situadas nas medianas do quadrado, apenas se vê uma grinalda de sete filetes denteados alternadamente realizados a preto, branco e vermelho, com um filete preto denteado preto em cada lado.

Nos espaços residuais entre o círculo central e as arcadas foram colocados triângulos pretos e vermelhos, alternadamente, acentuando o efeito em estrela da composição. No grande medalhão central, desenhado a filete triplo preto, uma pequena composição centrada de quatro quadrados nas diagonais (49 cm de lado), em redor de um quadrado sobre o vértice, adjacentes ao quadrado central (54 cm de lado) e determinando triângulos de base convexa, em efeito de cruz diagonal, a traço. No quadrado central, uma cruz diagonal em grinalda tricolor denteado com triângulos denteados policromáticos adjacentes pela base aos lados e, nos quadrados das diagonais, um florão unitário de quatro elementos contíguos, em lótus bífido (cf. *Le Décor II*, variante de 260a). Finalmente, nos espaços triangulares, há simplesmente triângulos equiláteros pretos.

Datação

As escavações de T. Hauschild em 1984 não forneceram dados arqueológicos que permitissem uma datação segura, tendo este arqueólogo datado os mosaicos com base em critérios estilísticos: "...fazendo-se a comparação das formas dos mosaicos, pode dizer-se que pertenceram ao séc. III (*Relatório*, 1984, p. 9, corte 47 e 48, fig. 1 – planta das sondagens).

O material arqueológico encontrado imediatamente sob o mosaico estabelece um *terminus post quem* no séc. II para as quatro salas deste sector (Teichner, *Relatório*, 1999, p. 12). A reutilização de alguns tijolos neste nível de construção induz a situar a construção do mosaico

aquando da renovação do peristilo (*id.*, fig. 9 – perfil sul do corte 209). Quer o estudo estilístico, designadamente a aplicação da linha de peltas com ápice em meia florinha, quer o estudo arquitectónico induzem a colocar o mosaico em data por volta de fins do séc. III, na fase E definida por F. Teichner (2008, p. 118-119).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1983.

Tema

Dois painéis geométricos justapostos:

Painel A, área do *lectus*: composição de dois octógonos estrelados por quadrados e losangos adjacentes, determinando losangos e triângulos.

Painel B, tapete principal: Composição centrada com um octógono estrelado por rectângulos e quadrados alternadamente, tangentes.

Compartimento

Sector B4, compartimento *c*: *cubiculum* (planta 20).

Dimensões do compartimento

5,67 m (N-S, mais 23 cm até à soleira) x 4,18 m.

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento (sem faixa de remate). A: 3,02 x 1,44 m; B: 3,02 x 3,04 m.

Local de conservação

Em parte, recolocado na posição original após restauros modernos.

Área visível no momento da descoberta

Conhecido desde Estácio da Veiga (planta 16), foi redescoberto durante as escavações de T. Hauschild de 1983-1984 (*Relatório*, p. 7-8), apresenta-se com a mesma área conservada dessa altura.

Área conservada

Da zona do *lectus*, resta-nos praticamente todo o pavimento, apenas uma pequena lacuna na parede norte atinge a bordadura e a Sete-estrela da composição. O mesmo não pode dizer-se do resto do mosaico, pois aí as lacunas são consideráveis. Não invalidam a compreensão da composição no seu geral, pois a decoração é repetitiva, mas afectou o motivo central que já não podemos identificar. Efectivamente, uma grande parte da área central deste tapete está totalmente destruída. No painel B, próximo do *lectus*, apresenta zonas enegrecidas pelo fogo.

Técnica de assentamento

Mesma que no nº 51, excepto o *rudus*, aqui com 30 a 40 cm (Braga, 2000, p. 169).

Materiais

Calcário: preto (mesclado de cinzento e cinzento-escuro), branco e vermelho escuro.

Densidade das tesselas

Bordadura: 36 /dm² com tesselas de 1,5 a 2 cm de lado; campo: 49 /dm² com tesselas de 1,5 cm de lado.

Estratégia de execução

O mosaico foi construído a partir da inserção do painel principal (2,90 m de lado, aproximadamente 10 pés romanos), geralmente marcado através do traçado das diagonais de um quadrado num dos lados da sala (aqui, o lado sul). Este painel principal apresenta uma execução muito correcta do ponto de vista geométrico, sem erros visíveis. Todos os elementos são cuidadosamente realizados apesar da pobreza da paleta de cores e da baixa densidade do *opus tessellatum*. O esquema

escolhido para o painel do *lectus* não se adaptou correctamente ao espaço disponível e foi necessário recorrer a uma linha de triângulos para compensar essa área residual. A bordadura manteve-se com uma largura constante nos quatro lados, o que comprova uma certa planificação do espaço.

Restauros antigos

Não existem na área original do *opus tessellatum*.

Restauros modernos

O mosaico sofreu os mesmos trabalhos de restauro do nº41. Foram levantadas cerca de 10 placas neste pavimento (Braga, 2000, p. 170, com localização dos cortes).

Ilustração utilizada

Clichés Hauschild (R328-84-17). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MSP 2004.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 20; Braga, 2000, p. 167; Hauschild / Teichner, 2002, fig. 21; Hauschild, 2008, A52, p. 159 e 161, fig. 69, est. 20D e 21A.

Descrição

Faixa de remate à parede preta (6 cm); filete branco.

Linha de losangos deitados e de quadrados curvilíneos sobre o vértice (48 cm), tangentes – três losangos nos lados maiores e dois nos menores, desenhados a filete branco (cf. *Le Décor I*, variante 22h). No interior dos losangos foram colocadas grandes cruzetas brancas, nos quadrados,

florinhas brancas e nos espaços residuais entre os elementos, meias cruzetas. Nos quatro ângulos foram colocadas quatro tesselas e uma borla, igualmente brancas. Segue-se filete duplo branco.

O campo divide-se em dois painéis emoldurados por filete duplo preto:

Painel A

Composição de dois octógonos estrelados por quadrados e losangos adjacentes, desenhados a filete, determinando losangos e triângulos (cf. *Le Décor I*, variante de 175f). Os quadrados (irregulares, pois medem 30 x 33 cm) levam alternadamente florões unitários de quatro flores de lótus bifido com ápice e grande quadrado denteado com xadrez policromático no centro (cf. *Le Décor II*, variante de 260a). Os quadrados (52 cm de lado) no centro dos octógonos foram decorados com florões semelhantes. Para compensar a deficiente *ordinatio*, o mosaísta realizou uma linha de espinhas rectilíneas curtas (cf. *Le Décor I*, 11d) no lado oeste deste painel (23 cm de largura). Os losangos residuais criados pela composição levam outros incluídos a vermelho. Junto à linha de remate, estes tornam-se triângulos e são, ora pretos, ora vermelhos.

Painel B

Composição centrada num octógono estrelado por rectângulos e quadrados alternadamente, adjacentes, com losangos em cantoneira contíguos ao octógono e adjacentes aos quadrados e rectângulos, determinando trapézios laterais (cf. *Le Décor II*, variante de 373e). O octógono central (1,26 m de largura total) apresenta moldura em trança de dois cabos (13 cm), tratada a vermelho. Da decoração interna nada podemos registar a não ser uma borla que subsiste no canto sudeste do quadrado (67 cm de lado) a filete duplo preto inserido dentro do octógono. Também se vê um dos quatro trapézios que preenchem o espaço residual entre o quadrado e o octógono, vermelho. Os rectângulos (62 x 37 cm) levam uma trança tratada a vermelho em fundo preto (54 x 15 cm) e os quadrados (48 a 47 cm de lado) um nó de Salomão vermelho inserido num quadrado com os ângulos externos em borla tratada a preto e vermelho. Nos trapézios há dois pares de peltas afrontadas, com centro vermelho e meias florinhas vermelho e preto nos ápices. As extremidades são em voluta preta com remate em folha preta e vermelha.

Nos quatro cantos da composição, pode ver-se uma moldura triangular de linha de dentes de serra denteados vermelhos (cf. *Le Décor I*, 10g), com filete denteado de quatro a cinco tesselas vermelhas nas três extremidades, em volta de um *kantharus* com uma cruz suástica e volutas laterais. Os quatro *kantharoi* (32 cm de altura) são desenhados a filete preto e apresentam uma cruz suástica vermelha (11 x 10 cm) e um conteúdo vermelho. As ramagens que brotam do *kantharus*,

de ambos lados, são rematadas com duas tesselas vermelhas e possuem pétalas bicolores [preto e vermelho]. O mosaísta realizou dois tipos de *kantharoi* que colocou em oposição:

– *Kantharus* noroeste e sudeste: boca virada para o interior e base circular (6 cm de diâmetro). Enchimento realizado com uma fiada de tesselas brancas. O bojo do vaso é carenado.

– *Kantharus* sudoeste e nordeste: boca virada para o exterior e base fusiforme. Enchimento reduzido porque leva duas fiadas de tesselas brancas. Contorno feito com duas fiadas de tesselas pretas. O centro da suástica é uma tessela branca e a folhagem é mais simples e rematada com meia florinha vermelha. O bojo do vaso é redondo.

Datação

A datação proposta assenta em critérios já apresentados e coadunam-se com o estudo arquitectónico. Assim, elementos como a bordadura de losangos e o tratamento das peltas em triângulos denteados, são bem conhecidos nos fins do séc. III, época à qual é de atribuir o mosaico.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1983.

Tema

Quadrícula de bandas com quadrado de intersecção, tratada em bicromia.

Compartimento

Sector B4, compartimento d: antecâmara de um *cubiculum*, com acesso directo a partir da ala norte do peristilo (planta 21).

Dimensões do compartimento

4,48 x 3,86 (soleira a soleira).

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento.

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

A mesma que actualmente (cf. Hauschild, cliché DAI 328-84-17).

Área conservada

Conservam-se cerca de 80 % do pavimento. Porém, algumas lacunas importantes marcam o estado de conservação (cf. Braga, 2000, p. 167-168 para o estado de

conservação no momento dos restauros). Tal como no pavimento confinante, na faixa de remate este pode ver-se uma mancha cinzenta azulada.

Técnica de assentamento

Statumen: rocha; *rudus*: terras argilosas e inertes dispersos (15 cm); *nucleus*: argamassa de cal com inertes de pequena dimensão (areão e cerâmica moída) (5 cm) (Braga, 2000, p. 169).

Materiais

Calcário: preto (mesclado de cinzento e cinzento-escuro) e branco para a composição. Cerâmica na faixa de remate à parede.

Densidade das tesselas

Nas tesselas brancas: 36 /dm²; nas tesselas pretas: 64 /dm²; tesselas de cerâmica com 3 cm de lado.

Estratégia de execução

Na faixa de remate à parede as tesselas foram colocadas na perpendicular em relação ao campo mosaístico. A execução geral do mosaico é bastante grosseira, irregular no traçado e muito simples no esquema. Apesar de centrado, os artesãos recorreram a cortes para integrar a malha mosaística. Na última

linha, a oeste, o mosaísta não pôde completar o módulo (56 cm) por falta de espaço, pelo que eliminou a linha de rectângulos e realizou de forma muito deficiente a linha de quadrados (alguns deles nem possuem decoração interna). Este corte revela um sentido de execução de este para oeste. A bordadura de escamas parece não ter sido afectada por esses acertos. O sentido de colocação das tesselas não é o mesmo em todos os quadrados: ora estão na vertical, ora na horizontal.

Ilustração utilizada

Fotos e levantamento Hauschild (DAI R74-83-4; R328-84-17). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Foto MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 20; Hauschild, *Relatório*, 1991, p. 8; Blázquez, 1994, p. 189-190, fig. 4¹⁵; Braga, 2000, p.169-176, Hauschild / Teichner, 2002, fig. 38; Teichner, 2008, A53, p. 161 e 164, fig. 70, est. 20D e 22B.

Descrição

Junto às paredes, antes da faixa de remate e em toda a volta, pode ver-se uma linha de tesselas em cerâmica que ficava coberta pelas argamassas parietais. Segue-se a faixa de remate à parede (29 cm a sul) com linha de quadrinhos denteados pretos equidistantes de cerca de 43 cm a este e a sul e 20 a 24 cm a norte e oeste (cf. *Le Décor I*, 5a).

Bordadura com linha de escamas oblongas pretas determinando ogivas brancas (cf. *Le Décor I*, 49a), delimitada exteriormente por um filete preto e um branco (25 cm).

Restauros antigos

Os restauros antigos em *opus signinum* terão sido removidos aquando dos trabalhos de conservação e restauro (cf. Hauschild, *Relatório*, 1991, p. 8). De outro tipo de restauro antigo não há registo.

Restauros modernos

C. Beloto levantou partes do mosaico em 1990; P. Braga realizou também levantamentos para instalação de equipamento de drenagem (2000, p. 169-176, compartimento 14c).

¹⁵ Apresenta erradamente este pavimento como proveniente de Abicada.

Quadrícula de bandas de quadrados e rectângulos (cf. *Le Décor I*, variante de 142, 144, 145). Os quadrados grandes (31 cm de lado) possuem um quadrado denteado preto com uma cruzeta branca, os menores (20 a 22 cm de lado), apenas um quadrado denteado preto, ambos em fundo branco. Os rectângulos (31 x 22 cm), com larga moldura preta (6 cm) não têm decoração.

Datação

Tal como os n^{os} 37 e 38, o mosaico data de fins do séc. III.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1983.

Tema

Quadrícula de bandas com quadrado de intersecção, tratada em bicromia.

Compartimento

Sector B4, compartimento e: *cubiculum* (planta 21).

Dimensões do compartimento

5,74 x 3, 89 m.

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento.

Local de conservação

Recolocado na posição original após trabalhos de restauro.

Área visível no momento da descoberta

A mesma que actualmente (cf. foto Hauschild, DAI 328-84-17).

Área conservada

O mosaico encontra-se em razoável estado de conservação mercê dos restauros efectuados (cf. Braga, 2000, p. 166 o estado de conservação no momento dos restauros

modernos). A norte, perdeu-se uma faixa de cerca de 1,25 m de largura.

Técnica de assentamento

Statumen: rocha; *rudus*: terras argilosas e inertes dispersos; *nucleus*: argamassa de cal com inertes de pequena dimensão (areão e cerâmica moída) (Braga, 2000, p. 169).

Materiais

Calcários: preto (mesclado de cinzento e cinzento-escuro) e branco. Cerâmica na faixa de remate à parede.

Densidade das tesselas

49 /dm² nas tesselas calcárias. Tesselas de cerâmica com 3 cm de lado.

Estratégia de execução

Tal como o mosaico nº 39, a execução é grosseira e o esquema muito simples. O esquema era composto por 10 x 6 módulos quadrados de 56 x 56 cm (mesma dimensão do nº 39). Dos dez módulos existentes no sentido sul-norte, conservam-se oito completos e parte do nono. Ainda que razoavelmente centrado, o mosaísta foi inábil no cálculo dos módulos, vendo-se constringido a reajustes que hoje são bem perceptíveis. Entre o sexto e o sétimo módulo, o artesão eliminou uma linha de

rectângulos/quadrados. Tratando-se de um *cubiculum*, é muito provável que o *lectus* escondesse esta zona do tapete mosaístico.

Restauros antigos

Não existem. As áreas de tonalidade azul cinza parecem corresponder a áreas de incêndio ou marca de qualquer outra fonte de calor.

Restauros modernos

Braga, 2000, p. 169-176, compartimento 14^a.

Ilustração utilizada

Fotos e levantamento Hauschild (Cliché DAI R328-84-17). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Foto MSP 2002 (22.1, 22.2).

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 20; Braga, 2000, p. 169-176; Hauschild / Teichner, 2002, p. 25-26; Teichner, 2008, A54, p. 161 e 164, fig. 71, est. 20D e 22A.

Descrição

Junto às paredes, antes da faixa de remate e em toda a volta, pode ver-se uma linha de tesselas em cerâmica que ficava coberta pelas argamassas parietais, como no nº 39.

Faixa de remate à parede preta (43 cm), conservada a oeste, este e sul, com uma linha irregular de cruzetas denteadas brancas (23 cm de largura) ou quadrados denteados sobre o vértice realizados em xadrez bicolor (17 a 20 cm de lado) (cf. *Le Décor I*, variante de 4e).

Quadrícula de bandas de quadrados e rectângulos (cf. *Le Décor I*, variante de 142, 144, 145). Os quadrados grandes levam um quadrado curvilíneo sobre o vértice desenhado a filete preto duplo com florinha preta no centro. Os quadrados menores e os rectângulos não têm decoração.

Datação

O mosaico data de fins do séc. III.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1983.

Tema

Quadrícula bicolor de bandas com quadrados e rectângulos (?).

Compartimento

Sector B4, compartimento f: antecâmara de um *cubiculum* (?). As estruturas arquitectónicas encontram-se sob a chamada área 21 da planta de Estácio da Veiga (planta 16), mais tardia, que poderá corresponder a um terceiro compartimento de aposentos com acesso a partir da ala norte do peristilo, à semelhança dos n^{os} 39 e 40 (planta 21).

Dimensões do compartimento

Não é possível precisá-las no limite das escavações de T. Hauschild, mas na planta de Estácio da Veiga identifica-se um grande conjunto de salas (sector 21) que, a sul, se sobrepõem ao pórtico do peristilo mais tardio.

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

Fragmento *in situ*.

Área visível no momento da descoberta

Se o conjunto de salas desenhadas na planta de Estácio da Veiga são posteriores, então pouco deveria restar do mosaico no momento da descoberta.

Área conservada

Fragmento de 2,29 x 0,83 m no ângulo sudeste do compartimento.

Técnica de assentamento

(?)

Materiais

Calcários: preto e branco.

Densidade das tesselas

49 /dm².

Estratégia de execução

Não é possível analisá-la com base num fragmento de reduzidas dimensões.

Restauros antigos

Tesselas vermelhas nalguns pontos da faixa de remate, nomeadamente junto da cruzeta do ângulo sudeste.

Restauros modernos

Não existem.

Ilustração utilizada

Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Foto MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 21; Teichner, 2008, A55, p. 164, fig. 72.

Descrição

Faixa de remate à parede preta (59 cm a este e 53 cm a sul) com linha de cruzetas e quadrados denteados com xadrez bicolor colocados alternadamente (cf. *Le Décor I*, variante de 4e).

Quadrícula bicolor de bandas com quadrados e rectângulos (cf. nºs 39 e 40). Nenhum dos elementos que compõem o esquema se encontra integralmente preservados. Vê-se parte de três quadrados e dois rectângulos e, no ângulo externo, do campo uma borla branca.

Datação

O mosaico de fins do séc. III.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Dois pavimentos sobrepostos, ambos destruídos.

Compartimento

Sector B3, compartimento a: *triclinium* rematado com abside (planta 17).

Dimensões do compartimento

11,79 x 9,74 m; abside: 6,03 m (corda) e 2,20 m (flecha) à parede preexistente (50 cm de largura).

Dimensões do mosaico

É de crer que o mosaico cobria toda a superfície do compartimento, exceptuando a zona dos leitos, aqui em alvenaria.

Local de conservação

O mosaico está completamente destruído, apenas se encontram tesselas soltas espalhadas pelo chão e um fragmento aparentemente *in situ* no lado nordeste da sala.

Área visível no momento da descoberta

Não existem informações da época da descoberta que terá provavelmente decorrido nas escavações do séc. XIX, uma vez que o compartimento está perfeitamente delimitado na planta nº 25 de Estácio da Veiga.

Área conservada

O *opus tessellatum* perdeu-se praticamente todo, restando apenas o seu testemunho num fragmento de tesselas brancas (75 x 64 cm), junto da parede este, que deve corresponder a uma faixa de remate. Ainda se vêem vestígios de argamassa de assentamento com tesselas soltas e terra, a sul e no ângulo sudeste.

Técnica de assentamento

Impossível de analisar a partir dos escassos elementos disponíveis.

Materiais

Conserva-se *in situ* unicamente um calcário branco. Tesselas pretas e amarelas avulso.

Densidade das tesselas

36/dm², no fragmento conservado da faixa de remate à parede.

Estratégia de execução

(?)

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

Não existem.

Ilustração utilizada

Fotos MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 22; Hauschild, 1964; Hauschild, *Relatório*, 1993, p. 6; Hauschild, *Relatório*, 1997, p. 4; Hauschild / Teichner, 2002, p. 26-28; Teichner, 2008, A64, p. 176-178, est. 25B.

Descrição

Do pavimento, resta unicamente um fragmento de *opus tessellatum* branco, na parede nordeste, com uma boa parte da camada de assentamento que parece pertencer à última fase de ocupação da sala, a avaliar pela cota a que se encontra. Já em 1987, T. Hauschild encontrou *in situ*, no ângulo nordeste, um fragmento de mosaico (*Relatório*, 1993, p. 4). Registou ainda o achado de grande quantidade de tesselas na zona em frente à abside (*id.*, p. 6, corte 112).

De resto, apenas vestígios de argamassa de assentamento com tesselas soltas e terra, a sul (1,14 x 1,10 m) e no ângulo sudeste (3,67 x 1,70 m).

Datação

Os indícios arqueológicos resultantes de trabalhos recentes, indiciam a existência de duas fases de pavimentação em *opus tessellatum*, uma por volta dos fins do séc. III e outra nos meados do séc. IV, como se verificou no peristilo. Os vestígios de mosaico que subsistem pertenceram à fase de utilização mais tardia.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Painel quadrado cortando, no centro, uma composição de octógonos irregulares secantes e adjacentes pelos lados menores, tratada em meandro de suástica.

Compartimento

Sector C, compartimento a: *apodyterium* das termas (planta 22).

Dimensões do compartimento

7,32 x 13,33 m.

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento.

Local de conservação

Fragmentos *in situ*.

Área visível no momento da descoberta

A sala encontra-se perfeitamente delimitada na planta de Estácio da Veiga, mas não existem informações sobre o momento da descoberta.

Área conservada

Um grande fragmento (6,40 x 1,50 m) junto da parede este e fragmentos isolados junto da parede sul, no ângulo a sudoeste e noroeste.

Técnica de assentamento

Não existem lacunas que permitam essa leitura.

Materiais

Calcários: preto e branco.

Densidade das tesselas

64 p/ dm², tesselas com 1,5 cm de largura.

Estratégia de execução

A faixa de remate à parede, inusitadamente larga, foi realizada com fiadas paralelas aos muros.

Restauros antigos

É possível que as áreas remendadas com *opus signinum* correspondam a restauros antigos, pois encontramos-los também no tanque vizinho (nº 49).

Restauros modernos

Remates em cimento.

Ilustração utilizada

Fotos DGEMN (n^{os} 172653 e 1726436). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002).
Foto MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento n^o 39; Hauschild / Teichner, 2002, p. 12, fig. 26; Teichner, 2008, B1, p. 188-191, fig. 87, est. 29A.

Descrição

Faixa branca (1,37 m) com duas linhas de florinhas ou cruzetas pretas alternadamente (cf. *Le Décor I*, 4e) e quadrinhos denteados; filete duplo preto; faixa branca (20 cm) com linha de dentes de serra denteados pretos (cf. *Le Décor I*, 10g).

Painel quadrado cortando, no centro, uma composição de octógonos irregulares secantes e adjacentes pelos lados menores, tratada em meandro de suástica desenhado a filete duplo (cf. *Le Décor II*, 419e). Os hexágonos são preenchidos com um quadrado denteado preto. Do quadro central, conserva-se apenas o ângulo nordeste das bordaduras (três?), em filete duplo preto.

Com excepção de oito nichos pavimentados com tijoleira, na parede este, todos os restantes apresentam *opus tessellatum* branco até ao limite da parede.

Datação

Este mosaico deve pertencer à primeira fase das termas, ou seja, inícios do séc. III (Hauschild / Teichner, 2002, p. 29; Teichner, 2008, fase IIIa, p. 188).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1942.

Tema

Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos (?):

- a) **Pavimento mais antigo:** painel central interrompendo uma composição ortogonal de octógonos estrelados.
- b) **Pavimento mais recente:** destruído (fauna marinha?).

Compartimento

Sector C, compartimento b: *frigidarium* das termas (planta 22).

Dimensões do compartimento

12 x 9,50 m.

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento (?).

Local de conservação

Os fragmentos do mosaico a) foram levantados e recolocados na posição original. Desconhece-se o paradeiro do pavimento b).

Área visível no momento da descoberta

Não há registos do momento da descoberta, apesar de bem delimitada na planta de Estácio da Veiga, a escavação do interior do compartimento parece não estar concluída (planta 16). M. Lyster Franco faz referência à existência de peixes nos mosaicos desta sala, revelados aquando do desentulhamento desta zona (1942, p. 21).

Área conservada

Vários fragmentos do mosaico a) remontados em placas de betão numa área de 9,05 x 5,10 m (este-oeste). Na metade norte o mosaico está completamente destruído ao passo que a sul se conservam alguns fragmentos. No ângulo noroeste da sala conserva-se um fragmento (17 x 11 cm).

Técnica de assentamento

Os vestígios de assentamento ainda se podem ver em vários pontos da sala, mas não é possível caracterizá-la.

Materiais

a) Calcário: preto, branco, vermelho escuro, rosa-salmão e ocre amarelo; b) (?).

Densidade das tesselas

- a) 36 / dm². Tesselas com 1,5 cm de lado;
- b) (?).

Estratégia de execução

A escolha de uma bordadura com um motivo tão complexo, quanto carregado de elementos decorativos secundários, revela bem a imponência do mosaico a). Foi possível estabelecer para a bordadura 25 módulos de octógonos no sentido este-oeste. O ângulo actualmente conservado revela a precisão na *ordinatio* do esquema, apesar da menor mestria na execução do mosaico. Efectivamente, ressalta à vista a

exactidão com que é realizada a estrela de oito losangos, aconchegando na perfeição o ângulo do campo principal.

Restauros antigos

Restauros em *opus signinum* em vários locais da sala.

Restauros modernos

Os trabalhos de restauro foram da responsabilidade de C. Beloto que levantou porções de mosaico na sequência das sondagens de T. Hauschild, recolocadas no lugar original em 1986 (Hauschild, *Relatório*, 1987, p. 1).

Ilustração utilizada

Foto DGEMN (172746). Levantamento tessela a tessela à escala 1/1 (MSP 2002). Foto MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 62; *ARA* II, nº 6, p. 206-207; Hauschild / Teichner, 2002, p. 30; Reis, 2004, p. 114; Teichner, 2008, B2, p. 191-193, fig. 89, est. 30A.

Descrição

a) Pavimento mais antigo

Faixa branca (26 cm a este e 30 cm a sul); filete preto duplo; faixa branca (7,3 cm); linha de meandro de suástica de volta simples alternando com quadrados (cf. *Le Décor* I, 38c). Os quadrados (39 cm de lado) são desenhados a filete preto duplo e preenchidos com florinha branca em fundo vermelho.

Faixa branca (8 cm); painel central interrompendo uma composição ortogonal de octógonos estrelados tangentes por dois vértices, determinando losangos e fazendo aparecer meias estrelas de oito losangos (cf. *Le Décor* II, 421b). Os octógonos (28 cm de lado) são preenchidos com quadrado (47 cm de lado) com entrançado [vermelho escuro e ocre amarelo] ou com florão unitário

de quatro elementos não contíguos, em *hederae* apontando ao centro, um quadrado curvilíneo preto sobre o vértice no centro e chavetas não adjacentes, dos quais se conservam dois (cf. *Le Décor* II, 255h). Os quadrados em redor do octógono são preenchidos ora por um quadrado denteado [vermelho escuro, rosa-salmão, preto] com tessela branca no centro, ora por quatro folhas, ora por nó de Salomão. Nos losangos foram incluídos pequenos losangos vermelho escuro.

Do painel central pouco nos resta, apenas o ângulo sudeste com uma faixa branca de 8 cm e parte da bordadura em trança policromática de três cabos [rosa-salmão/branco e ocre amarelo/branco] (cf. *Le Décor* I, variante de 72d).

b) Pavimento mais recente

Destruído.

Datação

Os estratos inferiores ao mosaico foram datados do séc. I-II com base nos materiais arqueológicos encontrados (Hauschild, 1988, p. 3), deduzindo-se a construção das termas em época imediatamente posterior, no séc. III (cf. Datação nº 43). Os fragmentos que se conservam do pavimento mais antigo a) são estilisticamente compatíveis com esta datação arqueológica. Admitindo a existência de um pavimento mais recente b), devemos colocá-lo no séc. IV, quiçá na mesma época em que se forra a piscina do pequeno *frigidarium* (nº 47).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Mosaico destruído.

Compartimento

Sector C, compartimento d: *tepidarium*
(planta 22).

Dimensões do compartimento

4,34 x 3,91 m.

Dimensões do mosaico

Provavelmente as mesmas do
compartimento.

Local de conservação

Destruído.

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

Conserva-se apenas a base de
assentamento numa porção visível no lado
nordeste.

Ilustração utilizada

Fotos MSP 2005.

Técnica de assentamento

Pode ainda ver-se uma das tijoleiras que
assentava sobre o hipocausto, sobre a qual se
aplicaram as camadas de assentamento: *rudus*
de pequenas pedras misturadas com uma
argamassa de cal (4 cm), seguido do *nucleus*,
rosa, com cerâmica moída (5 cm) e do leito de
cal sobre o qual assentavam as tesselas.

Materiais

(?)

Densidade das tesselas

(?)

Estratégia de execução

(?)

Restauros antigos

Não existem.

Restauros modernos

Não existem.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 43; Teichner, 2008, B14, p. 202.

Descrição

O mosaico encontra-se totalmente destruído.

Datação

Na ausência de vestígios, não é possível estabelecer uma cronologia. No entanto, o pavimento parece corresponder à construção inicial, ou seja, inícios do séc. III. Sobre este, foi posteriormente colocada uma espessa camada de *opus signinum* que terá levado à destruição do mosaico.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:

- a) **Pavimento mais antigo:** totalmente destruído.
- b) **Pavimento mais recente:** fragmento de faixa de remate com linha de aspas opostas e bordadura em trança.

Compartimento

Sector C, compartimento c: *frigidarium* das termas (planta 22) com piscina revestida com *opus tessellatum* (nº 47).

Dimensões do compartimento

6,08 x 5,65 m.

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento.

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

A sala encontra-se perfeitamente delimitada na planta de Estácio da Veiga, mas não

existem informações sobre o momento da descoberta.

Área conservada

O mosaico a) encontra-se totalmente destruído. Do mosaico que se lhes sobrepôs, conservou-se um fragmento da bordadura e do arranque do campo ao longo do muro norte, até à entrada do *apodyterium*, situada a este. Junto da parede este também se conserva parte da bordadura (1,28 m x 28 cm). Ao longo da parede oeste, quer no lado do pedilúvio, coevo do pavimento mais antigo, quer no lado oposto, ainda se pode ver o arranque do mosaico e a sua base de assentamento. Na parede norte, um fragmento (48 x 15 cm) marca a continuação da bordadura.

Técnica de assentamento

O mosaico b) assenta sobre um pavimento anterior a), pelo que apenas uma camada de argamassa rosada com cerca de 2,5 cm o consolida. Do pavimento a) ficou o suporte essencial: um *nucleus* de 5 a 6 cm, um *rudus* de 17 cm com seixos de pedras, terra e fragmentos de cerâmica.

Materiais

a) (?); b) calcários: branco para o fundo; preto e cinzento metalizado nas aspas; rosa pálido,

ocre vermelho, ocre amarelo e amarelo na trança.

Densidade das tesselas

64 /dm². Tesselas com 1 a 1,2 cm de lado.

Estratégia de execução

Impossível de determinar devido ao estado de destruição.

Restauros antigos

A este, até ao tanque, assim como junto à parede norte, existem ainda restos de uma argamassa alaranjada que cobriu certamente o mosaico em época tardia, colmatando assim as áreas destruídas.

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

Levantamento à escala 1/1 MSP 2002. Foto MSP 2002, 2004 e 2005.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 42; Hauschild / Teichner, 2002, p. 29-30; Reis, 2004, p. 114; Teichner, 2008, B13, p. 199-202, fig. 94, est. 32B.

Descrição

a) Pavimento mais antigo

Destruído.

b) Pavimento mais recente

Faixa de remate à parede com linha de aspás opostas (26 cm de largura conservada), tangentes por um ângulo. As aspás (17 cm de altura por 9,5 cm da largura) são desenhadas a filete preto e preenchidas a cinzento metalizado (cf. *Le Décor I*, variante de 13a).

Faixa branca (8 cm); trança policromática de dois fios [rosa pálido/ocre vermelho e ocre amarelo/amarelo] (12 cm). Da trança conserva-se uma área de 63 x 20 cm no ângulo nordeste do tapete que inclui o início da composição principal formada por uma trança na diagonal e o início de uma segunda paralela à precedente, não sendo possível todavia identificá-la.

Datação

O pavimento mais antigo a), destruído, deve ter pertencido ao momento da edificação do conjunto termal, ou seja, inícios do séc. III (cf. Datação nº 43). O segundo pavimento b) corresponde ao nível de utilização contemporâneo da piscina com os peixes (nº 47), de meados do séc. IV.

Estampas XCV, XCVI, XCVII, XCVIII, XCIX, C, CI e CII, 1

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

(superior) /1,69 (base) x 1,22 m; E (pavimento)
– 1,95 x 1,69 m.

Tema¹⁶

Fauna marinha policromática disposta livremente no campo nas paredes e degraus; florinhas geométricas no pavimento.

Dimensões do mosaico

As mesmas dimensões da piscina, à excepção do degrau 1, que não apresenta revestimento de *opus tessellatum*.

Ainda há a registar um rebordo superior em torno do tanque com 16 cm de largura nos lados norte, este e sul.

Compartimento

Sector C, compartimento c: tanque do *frigidarium* das termas (planta 22), composto por umas escadas de quatro degraus (A), três paredes (B, C, D) e um solo (E) revestidos com *opus tessellatum*. Compartimento nº 41 da Planta de Estácio da Veiga (planta 16).

Local de conservação

In situ.

Dimensões do compartimento

A (escadas): degrau 1 – 1,97 x 0,22 x 0,29 m; degrau 2 – 1,97 x 0,30 x 0,32 m; degrau 3 – 1,97 x 0,31 x 0,25 m; degrau 4 – 1,97 x 0,35 x 0,24 m; B (parede norte) – 2,47 (superior) /1,66 (base) x 1,24 m; C (parede leste) – 1,95 x 1,23 m; D (parede sul) – 2,48

Área visível no momento da descoberta

A área que Estácio da Veiga terá encontrado conservada aquando da sua descoberta parece consideravelmente superior àquela que hoje é possível observar, fazendo prova disso os dois documentos da Colecção Pessoal de Estácio da Veiga no MNA: uma cópia do desenho nº 25J do *Catálogo das Plantas* (est. XCVI, 1) e uma fotografia de X. Meirelles (est. XCV, 1).

O desenho nº 25J, da autoria de J. F. Tavares Bello, ilustra a parede norte do mosaico. Não tendo tido acesso ao documento original que se encontra na posse de M. L. Santos (2007, fig. 18), uma cópia preparada para publicação onde se podem ver três peixes, um golfinho, algumas linhas de água e, junto ao solo, uma

¹⁶ No âmbito dos trabalhos da equipa MSP, todas as medidas apresentadas na ficha foram levantadas por C. Viegas. Também lhe devemos a primeira versão da descrição que agora se apresenta revista e corrigida.

linha de três pares de conchas alternando com dois ouriços com um tratamento muito sumário e uma paleta de cores reduzida. A representação dos degraus no lado esquerdo do desenho indica que se trata da parede norte da piscina, cujo mosaico se encontra hoje praticamente destruído, à excepção de uma cauda de peixe que se conserva no lado superior direito. A fotografia, de Xavier Meirelles, reproduzida sob a forma de gravura num periódico do séc. XIX (Rebello, 1882, p. 240; Oliveira, 2007, fig. 13), mas publicada pela primeira vez no *Portugal Romano* de J. Alarcão (1973, p. 196 e 263, fig. 65), permite-nos completar o dossier de documentação relativo a este mosaico. A fotografia foi obtida desde o ângulo sudoeste do tanque e ilustra a parede norte e cerca de metade da parede este. Apesar de muito retocada no fundo branco e reconstituída na zona da barbatana pélvica do primeiro peixe e na mandíbula do golfinho onde incidia a sombra, na parede norte, e de algumas linhas de água visíveis no desenho não o serem na fotografia, permite-nos completar a informação sobre a área que se conservava na parede leste: dois peixes, uma mosca de água, dois bivalves, um ouriço e duas linhas de água. Os dois documentos permitem-nos afirmar com alguma segurança que o mosaico do tanque estaria praticamente completo à época de

Estácio da Veiga que terá escolhido ilustrar o mais rico, no caso, o da parede norte onde existia um golfinho. Hoje, apenas se conserva a parede sul, os degraus e o solo.

Área conservada

Com bastantes lacunas na metade esquerda, o mosaico dos degraus conserva o número de elementos suficientes para a sua compreensão. A parede B apresenta-se conservada junto ao solo numa extensão de 1 m.

Técnica de assentamento

Nas lacunas existentes, pode ver-se que as paredes B e C foram previamente picadas para se aplicar a camada de assentamento sobre a qual se acamaram as tesselas. Pode acreditar-se que o revestimento anterior do tanque não era de mosaico, quiçá de *opus signinum*. No solo (E) uma camada de *opus signinum* de 3 cm de espessura serviu de assentamento ao mosaico, seguindo-se uma argamassa fina de cal e areia.

Materiais

Calcário: preto, branco, cinzento metalizado, cinzento claro, castanho acinzentado, vermelho escuro, bege, salmão, rosa pálido.

Densidade das tesselas

68 /dm².

Estratégia de execução

A disposição dos diversos exemplares de fauna marinha foi adaptada à disponibilidade do espaço, procurando criar a ilusão de um cardume com um sentido de deslocação para a esquerda em todas as paredes, em duas linhas, mais uma inferior de elementos secundários. A colocação do fundo branco na parede sul que conserva o mosaico *in situ* revela uma estratégia interessante de organização do espaço. A área residual entre as três linhas de motivos apresenta uma execução em filetes paralelos como se o objectivo tivesse sido, em primeiro lugar, a definição de três grandes zonas a decorar. Efectivamente, chamou a atenção a ausência de linhas de contorno dos peixes como habitualmente acontece e, esse facto, deve-se precisamente à exiguidade do espaço disponível depois do enquadramento feito com tesselas brancas em jeito de moldura. Aliás. O mesmo procedimento foi aplicado no sentido horizontal nos remates entre os painéis. Os peixes terão sido realizados numa segunda fase e, posteriormente,

colocados os elementos marinhos secundários nos espaços residuais. O enchimento final do fundo branco foi realizado de forma um pouco aleatória, no sentido vertical preferencialmente.

Restauros antigos

Na lacuna do espelho do degrau pode ver-se um restauro antigo em *opus signinum* numa área de 15 x 10 cm. No respectivo espelho parece ter havido um restauro do motivo de florzinhas, embora o resultado seja pouco conseguido. No solo (5) são visíveis lacunas com revestimentos de *opus signinum* grosseiro onde os fragmentos de cerâmica atingem 1 a 1,5 cm.

Restauros modernos

São feitas intervenções amiúde, designadamente de remate de lacunas, sendo bem visíveis as diferentes colorações dos cimentos aplicados. Em 2007, o tanque sofreu um importante trabalho de limpeza que permitiu a remoção dos líquenes, favorecendo a leitura dos motivos.

Ilustração utilizada

Fotografia de X. Meirelles da Colecção pessoal de Estácio da Veiga do MNA. Pereira, 2007, fig. 18. Fotos gerais e de pormenores *MSP* (2004-2007). Levantamento à escala 1/1 (*MSP* 2005).

Bibliografia

Rebello, 1882, nº138, p. 238 e 240; Kremer, 1999a, p. 510-513 e 516, fig. 1; Hauschild, *Relatório* 1993; Oliveira, 2007, p. 155-157; Hauschild, 2007, p. 310, fig. 8 e 12b.

Descrição

Painel A (escadas)

O degrau 1 é constituído por um silhar.

O degrau 2 apresenta uma linha de espinhas rectilíneas curtas denteadas pretas sobre fundo branco (cf. *Le Décor I*, 12a), da qual se conservam oito no ângulo sudoeste. No espelho deste degrau pode ainda ver-se uma linha de seis florzinhas pretas (entre 12x16 cm e 16x16 cm) irregularmente dispostas (entre 6 a 10 cm de distância). Da primeira florzinha só se observa metade, seguindo-se três completas e uma quarta, incompleta. A quinta e a sexta estão igualmente destruídas.

No degrau 3, pode ver-se a mesma linha de espinhas no cobertor e, no espelho, a linha de oito florzinhas irregularmente equidistantes. O seu estado de conservação é também inconstante. No degrau 4, a decoração é constituída por motivos marinhos tais como conchas e ouriços, assim como as linhas de representação da água: por ordem, de sul para norte, podem ver-se, concha colocada horizontalmente ligada a uma segunda que ocupa já o espelho do mesmo degrau, linhas quebradas que representam a água, um ouriço (13 cm de diâmetro), linhas quebradas que representam a água, um bivalve colocado verticalmente e duas conchas. No espelho do mesmo degrau pode ver-se uma concha, dois segmentos de linha representando a água e, junto à lacuna, um novo segmento colocado verticalmente, no limite, à esquerda, de novo na horizontal.

Painel B (parede norte)

O painel está praticamente todo destruído, à excepção de um ouriço-do-mar junto ao degrau 3 e uma porção de um peixe nadando para oeste no lado superior constituída por parte do ventre e o lobo inferior da barbatana caudal. O contorno do peixe é obtido através de filete triplo preto e o dorso tratado com tesselas cinzentas colocadas sobre o vértice. A parte inferior do mesmo é delineada por filete duplo branco. Junto ao painel 3, registam-se quatro linhas pretas verticais formadas por filete duplo representando a água.

Junto ao solo, à altura do espelho do degrau 4, pode ver-se um bivalve do qual apenas metade se conserva. Está colocado verticalmente. Podem ainda ver-se três linhas horizontais

simulando o movimento da água. Duas linhas de círculo que parecem corresponder a porções de ouriços completam a decoração visível hoje em dia.

Painel C (parede este)

Os vestígios de *opus tessellatum* localizam-se nas margens da parede. Pode ver-se a parte inferior de um ouriço, duas lapas verticais incompletas das quais apenas a parte inferior se conserva, uma mosca de água, a metade superior de um segundo ouriço e três linhas perpendiculares e duas horizontais representando o movimento da água.

A faixa que se conserva à direita do painel, junto à aresta, apresenta sucessivamente de cima para baixo: quatro tesselas que formam a extremidade do elemento que representa a água e outro elemento de difícil identificação e o que parece constituir o lobo inferior da barbatana caudal de um peixe, já que se conservam apenas as tesselas do contorno exterior.

Depois, conserva-se outro elemento representando a água e ainda um elemento não identificável. Toda a zona superior do mosaico está destruída, mas é perceptível a continuidade da faixa no rebordo superior (18 cm de largura), certamente em trança como a que se conserva na parede 3.

Painel D (parede sul)

Trata-se da parede em melhor estado de conservação, apesar de uma lacuna no rebordo superior (65 x 30 cm). Nessa zona, conserva-se uma trança de dois cordões, policromática (14 cm de largura) [rosa, bege, branco e preto]. Na parede propriamente dita podem ver-se cinco peixes de duas espécies diferentes alternadamente: peixes de dominante cinzenta (robalos) e peixes de dominante rosa (garoupa), de idênticas dimensões e nadando em cardume para a esquerda. A preocupação em representar de forma realista os exemplares ictiológicos revela-se no grau de pormenor que o mosaísta procurou imprimir ao seu trabalho. Nos espaços residuais, vêem-se as linhas de representação do movimento da água: uma linha horizontal, duas linhas verticais e duas linhas horizontais, bem como ouriços.

O peixe A é um robalo (71 x 29 cm) e foi desenhado com filete preto simples desde a primeira barbatana até à barbatana caudal, depois a filete duplo nas barbatanas ventral e anal. O opérculo é tratado com filete curvo castanho acinzentado e o olho como um disco branco contornado por filete preto de tesselas muito pequenas e ainda uma tessela preta no centro. A mandíbula, curva, foi obtida com tesselas rectangulares de dimensões mais reduzidas. No corpo, a linha lateral foi obtida através de um filete de tesselas pretas sobre o vértice, demarcando a zona da

barriga em gradação de tons cinzento metalizado claro até ao rosa pálido, em filete paralelos, criando um efeito de contraste com a execução da parte superior com tesselas sobre o vértice, em jeito de escamas.

O peixe B, uma garoupa (70 cm x 29 cm de largura máxima conservada), está parcialmente destruído na zona da cabeça. O contorno superior é desenhado a vermelho escuro e o inferior a preto, incluindo o traçado das barbatanas. O opérculo é tratado a vermelho escuro e toda a zona superior do corpo do peixe é tratada em tons de vermelho e rosa escuro, colocadas em linhas paralelas, embora sinusóides na cabeça e, progressivamente, sobre o vértice na zona da cauda. A zona da barriga apresenta o mesmo tratamento do peixe A. O olho obedece também ao mesmo princípio plástico do peixe A, embora de dimensões mais reduzidas.

Por se encontrar junto ao degrau, o peixe C é de dimensões mais reduzidas (51,5 x 27 cm). Apresenta o mesmo tratamento plástico do peixe B, embora a dominante rosa domine sobre o vermelho. A linha lateral do peixe é formada por filete de tesselas vermelhas sobre o vértice.

O peixe D (70 x 33 cm) é idêntico ao peixe C, com domínio do tom vermelho sobre o rosa escuro.

O peixe E (62 x 26 cm) é uma reprodução do peixe A, embora se nota uma maior qualidade na execução, patente na menor dimensão das tesselas utilizadas. A cauda apresenta tesselas de 8 x 3 mm e na cabeça, 2 x 5 mm.

Os espaços residuais são preenchidos com os mesmos elementos marinhos que se encontram nos mosaicos nº 23, 49 e 50. Por um lado, vêm-se conchas, ora isoladas, ora unidas, desenhadas a preto e tratadas a rosa escuro e claro. A sua disposição, horizontal ou vertical, é determinada pela disponibilidade de espaço, embora contribua para criar a sensação de dinamismo que se verifica no meio aquático real. O movimento da água é representado através dos segmentos de filetes duplos pretos. O motivo em V, habitualmente designado por “mosca de água”, encontra-se a espaços entre os peixes, mas também os ouriços desenhado através de filete preto, com a parte central em tonalidades rosa.

Os elementos marinhos distribuem-se da seguinte forma:

– Linhas de água: no topo, entre a parte inferior do peixe A (colocado na vertical); sobre o peixe A, junto à cabeça e corpo (colocados na horizontal); sob o peixe A junto à barbatana anal e sob a caudal; acima do peixe B, junto à barbatana caudal e dorsal; entre a cauda do peixe C e o degrau em pedra; à frente do peixe D, sob a cabeça e junto à esquina da parede 2 (colocado na vertical); entre o peixe D e E (colocado na vertical) e sob o peixe E (colocado na horizontal). Estes

elementos encontram-se sobretudo no terço inferior da parede e apresentam diferentes dimensões (entre 11,5 cm e 50 cm)

- Ouriços: entre o peixe D e E. Os ouriços têm um diâmetro médio de 12 cm.
- Moscas de água: apresentam dimensões médias entre 24 e 17 cm.
- Conchas: sobre o peixe D (colocada na vertical). As conchas apresentam dimensões diversas (entre os 19 x 12 cm e os 24 x 13 cm).

Painel E (pavimento)

O pavimento do tanque conserva-se numa reduzida extensão de 60 x 26 cm e apresenta uma composição ortogonal de florzinhas pretas sobre fundo branco. Originariamente, era constituído por sete linhas de florzinhas com sete a oito elementos por linha.

Datação

Primeira metade do séc. IV.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Composição ortogonal de escamas bicolores.

Compartimento

Sector C, compartimento j: latrinas (planta 22).

Dimensões do compartimento

5,52 x 1,89 m (até à soleira).

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento.

Local de conservação

In situ.

Área visível no momento da descoberta

O mosaico já era conhecido no tempo de Estácio da Veiga que dele deixou desenho com o nº 25 K (Veiga, 1877-1878), hoje desaparecido. Esta lacuna documental não permite uma avaliação da área visível no

momento da descoberta.

Área conservada

Fragmento conservado em 2,31 x 2,04 m.

Técnica de assentamento

Não foi possível caracterizá-la.

Materiais

Calcário: preto, branco e cinzento metalizado.

Densidade das tesselas

81 /dm² nas tesselas brancas e 64 /dm² nas pretas.

Estratégia de execução

As escamas foram realizadas no sentido norte/sul, ignorando o contorno circular da parede norte, facto que prova a anterioridade da sala e do seu mosaico.

Restauros antigos

Não existem.

Restauros modernos

Não existem.

Ilustração utilizada

Levantamento à escala 1/1 (MSP 2002). Foto MSP 2002.

Bibliografia

Veiga, 1880, p. 65, compartimento nº 50; Chaves, 1937, p. 60; *ARA II*, nº 10, p. 207; Teichner, 2008, B25, p. 205-207, fig. 97, est. 35A, B e D.

Descrição

Faixa de remate à parede cinzento-escuro (16 cm a sul, 18 cm em redor da base e 8 cm a oeste), faixa branca (7 cm).

Composição ortogonal de escamas bicolores (cf. *Le Décor I*, est. 217d), desenhadas a filete preto e preenchidas a cinzento (altura das escamas: 20 a 22 cm). Conservam-se nove escamas no sentido norte-sul e 8,5 no sentido este-oeste, pois na linha de remate, a este da base, as escamas foram truncadas. A norte da base verifica-se uma falha no enchimento.

Datação

O mosaico terá pertencido a uma fase antiga das termas, quiçá as primeiras, instaladas nos inícios do séc. III.

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema

Fauna marinha disposta em linha nas paredes e fundo:

Painel A (parede sul): fauna marinha;

Painel B (parede norte): fauna marinha;

Painel C (pavimento): destruído;

Painel D (parede exterior sul): trança policromática.

Compartimento

Sector D, espaço g: fonte semicircular situada frente ao templo.

Dimensões do compartimento

Parede sul: 3,07 x 0,89 m (altura máxima conservada);

Parede norte: 3,55 x 0,35 m (altura máxima conservada);

Pavimento: 3,07 m de corda x 1,50 m de flecha.

Dimensões do mosaico

Desconhecendo-se a altura total da fonte e as suas características arquitectónicas, é difícil calcular a real dimensão que o mosaico possuía. Poderia ter coberto

parcialmente a fonte, designadamente a zona do receptáculo da água.

Local de conservação

In situ. Paradeiro desconhecido do mosaico do pavimento da fonte.

Área visível no momento da descoberta

Conhecemos três ilustrações do pavimento da fonte realizadas aquando dos trabalhos de Estácio da Veiga: o “desenho do fundo de mosaico da piscina hemicyrcular, marcada com o nº 12 na planta do Milreu” (Pereira, 2007, fig. 17) cuja cópia se encontra no MNA (est. CVI, 1); dois croquis, um publicado por Brito Rebello “segundo desenho do sr. Estácio da Veiga”, como se pode ler na legenda (Rebello, 1885, p. 264), e um segundo, publicado por M.^a L. Estácio da Veiga Santos “segundo desenho de Brito Rebello” (Santos, 1972, fig. 278). Com algumas diferenças (*vide* Oliveira, 2007, p. 149-150) os desenhos ilustram o mosaico do pavimento (painel C). Das paredes, não existe qualquer registo gráfico, provando que já se encontrariam muito destruídas à época em que foram encontradas.

Área conservada

Conserva-se a painel A numa altura máxima de 89 cm e mínima de 61 cm. Quanto ao mosaico

que a revestiu, apenas subsiste uma pequena faixa na base da parede, com uma altura variável, entre os 45 e 12 cm.

O mosaico do painel B, bastante destruído, não ultrapassa os 70 cm de área conservada, sendo a mínima de 15 a 35 cm. Em diversos locais observam-se marcas profundas do instrumento utilizado para remover o mosaico, atingindo a tijoleira da estrutura da fonte. A forma arredondada de algumas dessas marcas parece demonstrar que se recortou em volta de um determinado motivo de interesse, aqui, certamente um peixe. Do pavimento apenas uma reduzida parte da trança se conservou.

Técnica de assentamento

A destruição do mosaico em diversos locais permite compreender a técnica de assentamento do mosaico sobre a parede. Assim, foi colocada uma camada de *opus signinum* fino, cujas partículas de cerâmica são bem calibradas e não ultrapassam 1 mm de secção, sobre o aparelho do muro. Esta camada de 3 cm foi coberta por uma argamassa de cal e areia fina onde se assenta o *opus tessellatum*. É a mesma técnica de assentamento do mosaico do *podium*.

Materiais

Calcário: preto, branco, cinzento metalizado, cinzento claro, ocre vermelho, rosa-salmão, bege esverdeado, rosa pálido, ocre amarelo.

Densidade das tesselas

68 /dm².

Estratégia de execução

Os poucos vestígios que restam *in situ* não são totalmente esclarecedores, no entanto, tendo em conta o desenho de Estácio da Veiga, é provável que a execução se organizasse em linhas, em jeito de cardume. Quer fosse no mesmo sentido, quer em sentidos opostos, como parece indicar o desenho, podemos admitir uma prévia definição das faixas a decorar como se verificou no mosaico nº 47. Nos diminutos fragmentos *in situ* constata-se que o preenchimento do fundo foi realizado com filetes brancos paralelos colocados no sentido horizontal. Uma linha contornou o peixe que se preserva *in situ*.

Restauros antigos

Não se identificam nos fragmentos conservados.

Restauros modernos

Em 2007, a fonte sofreu um importante trabalho de limpeza que permitiu a remoção dos líquenes, favorecendo a leitura dos motivos.

Ilustração utilizada

Cópia de uma aguarela *in* Veiga, 1877-1878, nº 25D (MNA, EV, Cx. 1, capa 8, nº 28). Levantamento à escala 1/1 MSP 2002. Foto MSP 2002, 2004 e 2005. Rebello, 1885, p. 264; Santos, 1972, fig. 278; Pereira, 2007, fig. 17.

Bibliografia

Rebello, 1885, nº 249, p. 263-264; Franco, 1943, p. 14-15; ARA II, p. 206, fig. 278; Hauschild, 1964; 1980; 1984-88; 1997; Oliveira, 2007, p. 149, fig. 8; Hauschild, 2007, p. 312, fig. 13; Teichner, 2008, p. 256-258.

Descrição

Painel A (parede interior – sul)

Bordadura inferior destruída. Conserva-se a primeira fiada de motivos marinhos contituída por segmentos de filetes duplos pretos colocados horizontalmente representando a água (27 a 33 cm de comprimento), em conjuntos de três a quatro elementos, e ouriços policromáticos (8 a 11 cm de diâmetro). Ainda subsistem, de oeste para este, dois conjuntos de quatro elementos de água e dois conjuntos de três elementos. Dos ouriços, apenas um se conserva intacto, subsistindo seis exemplares parcialmente destruídos.

Painel B (parede interior – norte)

Bordadura inferior constituída por um filete preto triplo, praticamente conservado em toda a extensão. Embora muito destruído, ainda se vê uma linha de cinco elementos designados vulgarmente por mosca de água, completos. Um sexto elemento, a oeste, apenas conserva o remate em V. Uma segunda linha de motivos era constituída por ouriços, dos quais se podem ver três exemplares parcialmente destruídos.

Na metade oeste do painel, subsiste o único exemplar de fauna marinha, ainda que incompleto. Trata-se de um peixe de dominante rosa. O contorno inferior da barriga a filete cinzento metalizado simples desenha ainda as barbatanas peitoral e anal, assim como a parte inferior da cabeça e parte da barbatana caudal. O corpo do peixe foi obtido com uma série de filetes de tesselas sobre o vértice, numa gradação de tons rosa mais escuro no dorso [rosa-salmão] e mais claro no ventre do peixe [rosa pálido]. O opérculo e a linha média do corpo foram desenhados com tesselas ocre vermelho. Um fino filete côncavo de tesselas cinzento metalizado desenha a

mandíbula do peixe. Uma tessela cinzento metalizado, afeiçoada nas arestas para lhe dar um aspecto arredondado, marca o olho.

Painel C (pavimento)

In situ, conserva-se um pequeno fragmento da trança policromática que cercava o pavimento [rosa pálido/rosa-salmão, bege esverdeado/ocre amarelo]. Da decoração central do painel não restam vestígios, mas o desenho nº 25D (est. CVI, 1) permite-nos compreender a decoração original. Apresenta sete linhas de peixes alternadamente cinzentos e rosas, intercaladas com linhas de ouriços-do-mar e moscas de água, ou linhas de água, alternadamente, tratadas a rosa, ocre e cinzento.

Painel D (parede exterior – sul)

Trança policromática de três fios [rosa pálido/rosa-salmão, bege esverdeado/ocre amarelo escuro, cinzento claro/rosa pálido].

Painel E (parede exterior – nordeste)

Na parede exterior do lado nordeste, subsistem fragmentos muito diminutos de revestimento em *opus tessellatum* com uma bordadura em filete duplo preto e meias florinhas pretas.

Datação

A fonte é contemporânea do templo (D), sendo a execução dos mosaicos de datar na mesma faixa cronológica, ou seja, meados do séc. IV (cf. Datação nº 50)

Estampas CX, CXI, CXII, CXIII, CXIV, CXV, CXVI, CXVII,
CXVIII, CXIX, CXX, CXXI, CXXII, CXXIII, CXXIV e CXXV

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1877-1878.

Tema¹⁷

Fauna marinha policromática disposta livremente no campo no *podium*, em sete paredes:

Painel A (parede este das escadas): fauna marinha;

Painel B (parede nordeste): fauna marinha e pé humano;

Painel C (parede este): destruído;

Painel D (abside sul): destruído;

Painel E (parede oeste): fauna marinha, cena mitológica e embarcação;

Painel F (parede noroeste): fauna marinha;

Painel G (parede oeste das escadas): fauna marinha.

Escadas de acesso ao templo: mosaico destruído;

Fonte no interior da *cella*: mosaico destruído.

Compartimento

Sector D - templo dedicado ao culto às águas: paredes exteriores do *podium*, escadas e fonte interior (planta 23).

Dimensões do compartimento

A parede do *podium* é constituída por uma faixa de cerca de 66,47 m de extensão ao longo de sete paredes, com um máximo de 1 m de altura. Para as dimensões de cada parede, vejam-se as dimensões do mosaico.

A fonte central é representada na planta de Estácio da Veiga (Rebello, 1881, p. 190), mas não substitiram quaisquer vestígios.

Dimensões do mosaico

Dimensões máximas conservadas

Painéis *in situ*

Painel A: 2,55 x 0,85 m; painel B: 4,80 x 0,86 m; painel C: 16,52/15,65 x 0,84 m; painel D: 18,50 x 0,84 m; painel E: 16,92 x 0,84 m; painel F: 4,68 x 0,80 m e painel G: 2,50 x 0,82 m.

Os mosaicos das escadas e da fonte estão totalmente destruídos.

Fragmentos de museus

1. 50 x 19 cm; 2. 19,5 x 17 cm; 3. 20,5 x 18 cm; 4. 72 x 26,5 cm; 5. 1,49 x 0,41 m; 6. 48 x 30 cm; 7. 49 x 30,5 cm; 8. 1,11 x 0,26 x 0,33 m; 9.

¹⁷ No âmbito dos trabalhos da equipa MSP, todas as medidas apresentadas na ficha foram levantadas por C. Viegas. Também lhe devemos a primeira versão da descrição que agora se apresenta revista e corrigida.

41,5 x 29,5 cm; 10. 39 x 39 cm; 11: 24 x 14 cm; 12: 34 x 18 cm.

Local de conservação

In situ. À excepção do painel D, totalmente destruído, os restantes painéis apresentam vestígios de *opus tessellatum*.

Fragmentos de museus

MNA: 1. Inv. nº 18677; 2. Inv. nº 18678; 3. Inv. nº 18680; 4. Inv. nº 18686; 5. Inv. nº 18689; 6. Inv. nº 18693; 7. Inv. nº 18699; 8. Inv. nº 18700; 9. Inv. nº 18701; 10. Inv. nº 18704;

MMSR: 11. Inv. nº 4226;

Centro de interpretação da *villa* de Milreu (Estói): 12. s/ nº de inv.

Área visível no momento da descoberta

Os elementos disponíveis para compreender a área conservada no momento da descoberta de Estácio da Veiga são muito diminutos, embora T. Hauschild refira que a maioria dos muros que se vêem actualmente tenha sido descoberta por aquele arqueólogo (1980-1984, p. 124 e 126). As fotografias antigas do arquivo de Estácio da Veiga ilustram o templo, designadamente, desde o lado sul e permitem visualizar o volume da construção no séc. XIX. Uma construção moderna nesse lado, sul, só seria removida nos anos 40 por M. Lyster Franco. Assim, ao tempo de Estácio da Veiga estariam exposta a

parede oeste e este, embora não haja provas quanto à segunda. Efectivamente, o texto que Brito Rebello publica em 1881 (p. 190) diz que “os muros do claustro inferior G denunciaram internamente um rico revestimento de precisos mosaicos de variados ornatos, especialmente de peixes, molluscos, monstros marinhos, etc...”, sendo que a letra G corresponde precisamente às paredes este, oeste e sul como se pode ver na planta do templo que o mesmo artigo dá a conhecer. A certeza quanto à exposição da parede oeste do *podium* é segura uma vez que X. Meirelles tirou fotografia de dois monstros marinhos afrontados (est. CXI, 1), hoje destruídos, que foram também objecto de desenho (est. CXI, 2). A parte superior dos dois corpos estaria já destruída no momento da descoberta como se depreende das palavras de Brito Rebello (1882, p. 238). Por outro lado, os diversos fragmentos que se encontram no MNA eram certamente provenientes destas duas paredes que Estácio da Veiga pôde ver nos fins do séc. XIX. É provável que uma boa parte do mosaico estivesse conservada, mas o estado de ruína e abandono a que o monumento esteve votado durante anos foi um chamariz ao furto de porções de mosaicos, não sendo hoje possível restituir a área original.

Toda a zona norte do templo foi desimpedida por T. Hauschild nos anos 70 e devem-se-lhe os primeiros registos fotográficos. Não terá havido tanta destruição uma vez que os

depósitos térreos eram seculares e os painéis A, B, F e G se preservaram melhor. No entanto, uma das fotografias de T. Hauschild permite verificar pelo menos uma situação grave de destruição recente na cabeça do golfinho do painel F (est. CXVIII). O fragmento 11 terá sido recolhido em 1894 e descrito por A. Santos Rocha (1905, p. 157), no entanto, as fotografias de X. Meirelles, datadas de um período compreendido entre 1878 e 1881 (cf. Oliveira, 2007, p. 148), já não apresentam os membros posteriores do icticentauro. Não conhecemos as condições do achado de A. Santos Rocha, pelo que é difícil explicar as razões subjacentes a esta constatação. Recolha de superfície?

O fragmento 12 foi removido durante os trabalhos de T. Hauschild e, não tendo sido ainda objecto de trabalhos de restauro, conserva a mesma área do momento em que foi encontrado.

Área conservada

In situ: O painel A encontra-se praticamente todo destruído, tendo-se conservado unicamente o limite inferior do mosaico numa extensão de 2,31 x 0,47 m (altura máxima), a norte, junto à base, e no restante painel uma faixa com uma altura de cerca de 18 cm. Do painel B conservam-se dois troços. Um de 1,63 x 0,18 m, no qual apenas se conservou a trança policromática

de dois cordões que contorna todo o friso e um pé feminino junto à trança. O segundo troço apresenta maiores dimensões e conserva-se na sua altura máxima (84 cm) e numa extensão máxima de 2,50 m. O canto inferior direito do painel encontra-se também destruído por uma lacuna de cerca de 1,10 x 0,85 m. O painel C apresenta lacuna em toda a zona superior. A trança policromática conserva-se em porções muito desiguais ao longo da parede. Assim, ainda subsistem três porções de mosaico: uma com 1,25 m de comprimento, outra com 1,20 m e uma terceira com cerca de 70 cm de comprimento e 31 cm de altura máxima. Do painel D, correspondente à abside do templo não conserva nenhuma parte do campo, apenas pontualmente se podem ver restos da trança policromática ou o seu negativo na argamassa de assentamento que aqui e ali se foi conservando. O painel E está também muito destruído tendo-se preservado de forma muito irregular a bordadura em trança policromática e um troço correspondente à área onde se encontraria os monstros marinhos afrontados, aqui numa extensão de 4,07 m, de que se conserva hoje apenas a trança policromática e uma parte muito reduzida do campo onde se pode ver uma porção do enrolamento do ictiocentauro e a zona inferior da pata, bem como os contornos inferiores das figuras. No MMSR encontra-se um fragmento com uma pata do icticentauro (11) e no Centro de

interpretação encontra-se um fragmento (12) que corresponde à crina do leão-marinho.

O painel F é o que se conserva melhor, numa extensão de 3,53 m e numa altura de 80 cm. A parte destruída no lado oeste não ultrapassa os 80 cm de altura e uma extensão de 2,20 m. No painel G conserva-se numa extensão máxima de 2,33 m e numa altura de 80 cm. Podem ver-se algumas lacunas tais como a do lado sul (66 x 65 cm). Uma segunda lacuna pode ver-se na extremidade norte do painel (1,56 m x 0,80 m), onde se conserva apenas o limite inferior.

Fragmentos de museus

10 fragmentos foram trazidos por Estácio da Veiga para o Museu do Algarve e são hoje acervo do MNA. Não terá havido destruição dos fragmentos, uma vez que foram devidamente emoldurados como era costume fazer-se no séc. XIX. Em 2005 foram apresentados ao público com novos suportes.

Técnica de assentamento

A argamassa que liga a alvenaria do muro do podium é constituída por cal e areia. Sobre este terá sido aplicada uma camada de *opus signinum* fino onde assenta o mosaico. A espessura desta camada é de 5 cm no painel A; 3,5 cm no painel B e D; 5

cm no painel B e C; 3 cm no painel E; 4 cm no painel F e 2 cm no painel G. Uma camada esbranquiçada e muito fina cobre os interstícios.

Os fragmentos do MNA foram assentes em resina epóxida aquando dos recentes trabalhos de restauro, tendo perdido o seu assento original. O assentamento do fragmento do MMSR é impossível de identificar por se encontrar inserido em caixilho de madeira. O fragmento da crina do leão-marinho do Centro de interpretação assenta sobre uma pedra: 5 mm de argamassa de base sobre a pedra, *nucleus* de 3 cm de argamassa alaranjada e leite de cal, correspondente às dimensões verificadas *in situ* no painel a que pertence.

Materiais

Calcário: branco, preto, verde-azeitona, cinzento-escuro, cinzento, cinzento claro, ocre vermelho, rosa escuro, rosa-salmão, bege esverdeado, rosa claro, rosa pálido, ocre amarelo escuro, amarelo, amarelo claro.

Referência a tesselas de vidro colorido (Rebello, 1881, nº 96, p. 190; Hauschild, *Relatório*, 1987, p. 5) e tesselas com folha de ouro (Hauschild, *Relatório*, 1987, p. 5).

Densidade das tesselas

103/dm². As tesselas do fragmento com crina de leão possuem 1 cm de lado, à excepção das pretas com 0,5 cm.

Estratégia de execução

Dado o elevado estado de destruição do mosaico em toda a sua extensão, é difícil compreender a estratégia de execução, embora seja possível alguma interpretação pertinente com base nos diversos elementos disponíveis. Assim, a execução de uma trança delimitando o painel afigura-se como um bom meio para centrar os diversos motivos do campo numa faixa de cerca de 80 cm de altura, por mais de 66 m de extensão. Os vestígios conservados permitem-nos deduzir que não houve uma preocupação obsessiva pela sequência rigorosa das espécies, numa tentativa de recriar a realidade do ambiente marinho. A sensação de movimento é dada pelo tratamento ondiforme dos peixes e golfinhos, mais ou menos acentuado, assim como pela sua posição, ora ascendente, ora descendente, em sentidos diversos. A forma como os artesãos mosaístas colocaram as tesselas mostra que foram primeiro realizados peixes e golfinhos, seguidos dos diversos elementos secundários, tais como os ouriços, os bivalves, as linhas de água e as mosacas de água. Percebe-se que estes diversos elementos marinhos eram contornados com duas a três fiadas de tesselas, antes de procederem ao enchimento do fundo branco. O tratamento do fundo apresenta duas técnicas. No painel B, foi realizado em jeito de escamas,

sobretudo na metade superior, dando um movimento mais acentuado ao conjunto iconográfico, aparentemente um dos mais ricos, já que se situava em posição frontal ao transeunte. Nos restantes painéis, o enchimento foi feito em fiadas paralelas, contorno em sentidos diversos os diferentes motivos. Das opções iconográficas e respectiva execução, verifica-se alguma rigidez na realização do motivo e monotonia na sequência figurativa nos painéis A e G por razões que se prendem com a sua menor exposição visual, embora a procura de algum equilíbrio se ateste na reprodução de quatro espécies em cada um dos supracitados painéis. Como já salientámos, o painel B apresenta uma execução técnica que se revela nos detalhes da colocação das tesselas e na realização do golfinho. A presença do pé feminino reforça esta análise, comprovando a existência de iconografia mitológica elaborada. Os dois longos painéis laterais do podium (C e E) também documentam iconografia mitológica, mas o estado de destruição dos vestígios não permite considerações de relevo quanto à estratégia de execução. Apenas de realçar que no painel C a criatura mitológica de que se conserva o enrolamento ocupava uma posição central no painel, enquanto no painel E, estas criaturas se situavam primeiro terço, a norte. Não sabemos se razões estratégicas assim o determinaram ou se resultaram de qualquer outra opção. J.

Lancha salienta a importância do contexto na colocação dos diversos elementos. Destinavam-se a ser contemplados por qualquer um dos lados por onde entrasse o visitante (Lancha, 2008, p. 95). O painel que melhor se conserva, o F, em posição de grande exposição visual, aparentemente, reduziu o repertório iconográfico a fauna marinha, sendo porém certo que os artesãos procuraram o equilíbrio da composição não só na colocação do golfinho em posição aproximadamente central, como também na

arquitectónico – uma galeria – na justificação dimensão dos diversos peixes representados. Nada sabemos do mosaico que cobriu a abside (painel D), a sul, por se encontrar totalmente destruído, assim como das escadas de acesso à cela e da fonte interior. A estratégia de execução cromática será analisada em detalhe no capítulo II, 3.2.

Restauros antigos

Não existem na área conservada.

Ilustração utilizada

Fotos gerais e de pormenores *MSP* (2004-2007). Levantamento à escala 1/1 (*MSP* 2005). Fotografia de Xavier Meirelles da Coleção pessoal de Estácio da Veiga do MNA. Aquarelas de Leite Ribeiro (Veiga, 1877-1878, nº 25A, 25B e 25C).

Bibliografia

Salgado, 1786, p. 87; Lopes, 1848, p. 28; Rebello, 1881, nº 96, p. 190; Rebello, 1882, nº 138, p. 238 e 240; Rocha, 1905, p. 157; Franco, 1943, p. 10-14; Hauschild, 1964; *ARA* II, p. 204-206 e 209, fig. 276, 277, 277A e 284; Hauschild, 1984, p. 101-104; Hauschild, 1994; Hauschild, 1997, p. 409; Kremer, 1999a, p. 510-513 e 516, fig. 2 e 3; Graen, 2004, 2005a, 2005c; Oliveira, 2007, p. 2007, p. 146-149, fig. 2-7; Hauschild, 2007, p. 312-315; Teichner, 2008, p. 250-268.

Descrição

Painéis *in situ*

Uma trança de dois cabos (11 cm de largura), policromática [ocre amarelo/amarelo claro e ocre vermelho/vermelho escuro] delimita em cima e em baixo o campo onde evoluem diversas espécies marinhas e seres mitológicos. Esta trança conserva-se muito irregularmente nas sete paredes, em melhor estado na parte inferior, já que praticamente não subsistiu a superior, à excepção dos painéis B e F. Também no painel D praticamente desapareceu em toda a sua extensão.

A descrição dos diversos elementos figurativos inicia-se pelo lado este do podium, fazendo-se por painel, identificado com letras capitais, e por espécies marinhas (peixes, golfinhos e criaturas marinhas), identificadas com algarismos, sempre da esquerda para a direita.

Painel A

A área conservada é muito reduzida e limitada à zona inferior do painel. Podem ver-se a zona da barriga de quatro peixes nadando de forma ascendente e oblíqua (dois virados para a esquerda e dois virados para a direita), assim como alguns segmentos de filetes duplos pretos representando o movimento da água. No canto inferior direito conservou-se parte da trança policromática de dois cordões fixando os limites do campo figurativo: na base, numa extensão de 3,54 m e, na parte superior, com um comprimento de 17 cm, apresentando lacuna de 54 cm. Após esta lacuna, conserva-se numa extensão de 1,68 m e só a parte superior em mais 29 cm.

O peixe 1, desloca-se em sentido ascendente e oblíquo para a esquerda. Deste, apenas se conservou a metade inferior do corpo desenhado por filete preto formando as barbatanas ventral e anal, assim como parte da cauda. O corpo é tratado a tesselas cinzento claro. Ainda se pode ver o opérculo com tesselas salmão, da mesma cor das que se encontram na parte da cauda desenhada a filete ocre vermelho. Da barriga, branca, vêem-se também dois a três filetes.

O peixe 2 apresenta-se no mesmo sentido do 1, conservando-se apenas os dois filetes pretos que constituem o limite inferior da barriga do peixe e cerca de metade da cauda.

O peixe 3 desloca-se no sentido oposto, também em sentido ascendente e oblíquo, e conserva o contorno inferior da barriga, preto, assim como uma pequena parte da cauda tratada a cinzento escuro-escuro e cinzento claro.

O peixe 4 apresenta a mesma inclinação e orientação do 3. Conserva-se o contorno da barriga de dois filetes cinzento-escuro e a parte inferior da barbatana caudal, tratada a ocre vermelho e rosa pálido. Do corpo, conserva-se cerca de 1/3 em comprimento e pode ainda ver-se a linha média realizada através de tesselas sobre o vértice salmão e o dégradé rosa pálido até à linha que marca a zona da barriga, esta em filetes paralelos brancos. Da cabeça, apenas resta o opérculo ocre vermelho e vestígios das dos raios braquióstegos, rosa pálido, salmão e cinzento claro.

A representação da água é visível sob o peixe 3, incompleta sob o 4 e junto ao limite do painel entre este último e o filete preto da trança. Trata-se de linhas quebradas formadas por filete duplo preto horizontal e vertical.

Painel B

Apenas se conservam dois troços do mosaico. O primeiro (1,63 x 0,18 m), à esquerda, conserva apenas a trança policromática inferior e, do campo, um pé feminino junto ao limite inferior (apenas um filete branco separa o pé da trança). O pé, de perfil e com 11,2 cm de comprimento, está voltado para a direita e foi desenhado por um filete de tesselas ocre vermelho e tratado com tom salmão escuro e claro. As tesselas são de dimensão mais reduzida em relação às do campo, muitas delas rectangulares (7 x 3 mm). O espaço disponível para a representação da figura é de 60 cm. A hipótese de uma nereida cavalgando sobre um golfinho, como é comum encontrar nestes conjuntos iconográficos marinhos, pode ser uma proposta séria de análise. A 40 cm deste pé, pode ver-se o limite inferior do peixe 1, desenhado a filete simples preto, com as barbatanas ventrais e anais.

No troço de mosaico de maiores dimensões (1,06 x 0,84 m) podem ver-se a cauda de um peixe (2), um peixe completo (3) e um golfinho (4) nadando para a esquerda, em sentido ascendente e oblíquo. Do peixe 2, conserva-se apenas a barbatana caudal desenhada com filete preto, com o lobo superior tratado a cinzento-escuro com tesselas sobre o vértice e o inferior com tesselas brancas.

O peixe 3, um robalo em posição idêntica ao peixe 2, é também desenhado por filete preto e cinzento-escuro, salientando as barbatanas. A parte do corpo foi executada com tesselas cinzento e verde-azeitona, colocadas sobre o vértice, em jeito de escamas, sendo a linha média do corpo desenhada com filete de tesselas pretas, também sobre o vértice. A gradação dos tons acentua-se na zona da barriga, desde tons cinzento claro ao branco, agora em filetes direitos. Na cabeça, o sentido dos filetes é condicionado pelo traçado do opérculo ocre vermelho, assim como da barbatana peitoral. A mandíbula foi executada com tesselas rectangulares pretas e o olho, circular, também, com uma tessela quadrada no centro, em fundo branco.

Do golfinho 4, nadando no sentido dos peixes anteriores, conserva-se a cabeça e talvez cerca de dois terços do corpo. A parte superior da cabeça (uma barbatana?) foi desenhada com filete ocre vermelho, seguidas de filete duplo branco, e filete duplo preto na zona da barriga. A maior parte do corpo é tratada em faixas de tesselas direitas, sucessivamente cinzento-escuro e verde-azeitona. A transição para a zona da barriga, mais clara, faz-se através de filete denteado rosa pálido e depois filetes brancos. Na cabeça, a mandíbula foi bem vincada com tesselas ocre vermelho, seguidas de rosa-salmão e branco. Os dentes foram obtidos com tesselas triangulares de dimensões mais reduzidas cinzento-escuro, sublinhado exteriormente com filete cinzento claro. O

desenho do olho é amendoado e foi executado com pequenas tesselas rectangulares. Uma tessela preta em fundo branco marca a íris.

Entre os peixes, podem ver-se outros elementos marinhos, designadamente dois ouriços e uma mosca de água. O fundo, branco, é tratado em escamas.

Painel C

São escassas as porções de mosaico que se conservam neste lado do podium, circunscrevendo-se praticamente à bordadura em trança policromática. De resto, conserva-se a zona da barriga de três peixes. No primeiro troço conservado (2,18 x 0,35 m), o peixe 1 desloca-se para a direita, na diagonal, em sentido ascendente. Deste exemplar apenas se conservou o filete preto que delimitava a barriga, com as barbatanas anal e caudal. O lobo superior da barbatana caudal apresenta contorno ocre vermelho, seguido de rosa escuro e cinzento, sendo o contorno inferior desenhado a filete preto. À direita, conserva-se um bivalve.

O segundo troço conservado situa-se na zona inferior do painel (2,83 x 0,35 m) e regista um motivo em espiral (2) que correspondia à cauda de um qualquer monstro marinho, hoje praticamente todo destruído e um peixe (3), à sua direita, nadando na horizontal para a direita. O enrolamento conservado (2) apresenta-se tratado em gradação de cinzentos (do escuro para o claro, até ao branco). O peixe 3 localiza-se junto à trança policromática inferior. Conserva apenas a metade inferior da barriga, com a linha média do corpo em filete preto de tesselas sobre o vértice, num corpo tratado a cinzento, com as suas barbatanas ventral e anal, bem como o lobo inferior da barbatana caudal, em filete preto duplo.

Do terceiro troço conservado (1,40 x 0,25 m) apenas subsiste a trança policromática e o limite inferior de um bivalve.

Painel D

O painel está inteiramente destruído.

Painel E

Os vestígios de fauna marinha *in situ* são muito diminutos, conservando-se apenas a bordadura em trança numa extensão apreciável de 2,08 m, num primeiro troço. Após uma lacuna, identifica-se uma porção de mosaico com parte da trança inferior e o registo de um enrolamento constituído por quatro filetes cinzentos e um elemento constituído por filete duplo branco com contorno inferior cinzento e remate ocre amarelo. Esta porção muito diminuta atesta a proveniência

da cena registada em desenho e fotografia no séc. XIX, sob os cuidados de Estácio da Veiga. Efectivamente, os vestígios do enrolamento pertencem às espirais do corpo de um ictiocentauro. O desenho de J. Leite Ribeiro (est. CXI, 2) e a fotografia de X. Meirelles (est. CXI, 1) mostram, à esquerda, um ictiocentauro do qual se conservou tronco, visto de frente, com peitorais musculados, e espirais rematadas por uma barbatana caudal idêntica à do golfinho do muro F. O corpo do monstro marinho é delineado por filete duplo cinzento-escuro. Na zona superior do dorso vêem-se três barbatanas à direita, em triângulo. Embora parcialmente conservados, é possível identificar os membros superiores e os objectos que segurava nas mãos. Assim, na mão direita, segurava uma *nebris* e, na esquerda, um cabo que poderá ter pertencido a um *vexillum*, um remo ou um *pedum* (objectos que se documentam nos seus congéneres hispânicos), pois o remate encontra-se destruído, como é comum encontrar-se neste tipo de iconografia. À direita, em posição frontal, identifica-se um leão-marinho pela juba volumosa ocre amarela. Pode ver-se a parte inferior da cabeça e mandíbula, as patas dianteiras desenhadas a preto e preenchidas a tesselas cinzento-escuro. O corpo apresenta um tratamento muito semelhante ao do ictiocentauro.

Da comparação entre o desenho e a fotografia do séc. XIX resultaram observações interessantes que foram já apresentadas no IV Encontro de Arqueologia de Silves, em homenagem a Estácio da Veiga, dispensando-se aqui essa análise (Oliveira, 2007, p. 147-149). O fragmento do MMSR (11) ilustrando uma pata com casco de equídeo é, por força da ilustração de Leite Ribeiro, de atribuir a um ictiocentauro, afastando a identificação de tritão que se atribuía com base na fotografia de X. Meirelles, onde os membros inferiores não se atestam. Por outro lado, uma análise atenta do fragmento que se encontra depositado no Centro de Interpretação (12) levou-nos a identificá-lo como parte da juba do leão-marinho.

Daqui para diante conserva-se uma extensão de 2,02 x 0,08 m. Depois, o muro conserva-se apenas ao nível das fundações.

Painel F

A iconografia retoma o tema dos peixes, em número de seis, e um golfinho em posição central. Entre estes, em cima e em baixo, podem ver-se ouriços com tonalidades variadas e bivalves, na horizontal e na vertical. O elemento que representa o movimento da água localiza-se sob o golfinho. Além deste, regista-se um segundo exemplar na extremidade direita do painel, colocado na horizontal. A trança policromática que delimita o campo conserva-se numa extensão assinalável, de ambos os lados, superior e inferior.

O peixe 1 (57 x 22 cm) é uma garoupa, desloca-se para a esquerda, na diagonal, em sentido ascendente. Foi desenhado com tesselas ocre vermelho no dorso, cauda, opérculo e barbatana peitoral, sendo depois pretas na zona da barriga. As tesselas do corpo, sobre o vértice, são de dominante rosa pálido, rosa escuro e ocre vermelho, constituindo uma das principais características do tratamento plástico dado aos peixes de Milreu. Vêem-se duas linhas de tesselas vermelhas, sobre o vértice, na linha média do corpo. Na cabeça, a boca foi desenhada com tesselas retangulares, mais reduzidas, sublinhada com filete rosa pálido. O olho é formado por um círculo preto, com tessela preta central em fundo branco.

O peixe 2 (66 x 61 cm) é um robalo, desloca-se no mesmo sentido do anterior e é muito semelhante no tratamento ao B3, com ligeiras diferenças que é pertinente ressaltar. A cabeça foi desenhada por tesselas cinzentas e a linha que define a mandíbula também apresenta uma configuração diferente. A linha média do corpo é formada por tesselas pretas sobre o vértice. Sensivelmente ao centro da composição, a 1,26 m do ângulo, à esquerda e 2,66 m do extremo à direita, vê-se o golfinho 3 (79 x 23 m), nadando para a esquerda, com os mesmos traços gerais do exemplar da mesma espécie do B4, aqui quase completo, se exceptuarmos uma pequena lacuna na cabeça. O animal foi desenhado com tesselas pretas e o tratamento do corpo foi feito com sucessivas linhas paralelas dando assim uma aproximação realista à pele do golfinho, em contraste com os peixes dotados de escamas. Do ponto de vista cromático, nota-se a preocupação com uma graduação de tons: terço superior cinzento-escuro, terço médio cinzento e castanho-escuro, e terço inferior claro (branco e rosa pálido). Destaca-se a primeira e a segunda barbatanas dorsais, desenhadas com um filete de tesselas ocre vermelho, assim como as mandíbulas e a cauda tripartida que têm a mesma cor, seguida de filete de tesselas de tom mais claro. Ao contrário do B4, o olho deste é circular, desenhado através de um filete preto com 1,2 cm de diâmetro, idêntico aos dos restantes peixes. Os dentes são semelhantes aos do B4, mas este parece levar algo mais na sua mandíbula, pois regista-se aí um filete de tesselas pretas de difícil interpretação, talvez simplesmente mal executados.

O peixe 4 (61,5 x 16 cm) possui morfologia idêntica ao B3 e, de um modo geral, idêntico aos peixes cinzentos dos restantes painéis do *podium*. A diferença situa-se ao nível da configuração da primeira e segunda barbatana dorsal que são únicas e não em série de duas como no exemplar supracitado. Dirige-se no mesmo sentido dos restantes animais, mas nadando em sentido descendente.

O peixe 5 (55 x 20 cm, máximas conservadas) reproduz a mesma espécie do peixe 1, com a mesma paleta de cores: uma garoupa. O tratamento do corpo em xadrez de tons salmão, rosa

escuro e rosa pálido imprime a este exemplar um cunho especial, destacando-se pela execução mais cuidada em relação ao seu congénere.

Segue-se outro robalo, 6 (44 x 15 cm), nadando sob a garoupa 5, em sentido oposto, em posição paralela à trança policromática que limita inferiormente o painel. Apresenta o mesmo tratamento do peixe 2.

Embora se conserve apenas dois terços do peixe, correspondentes ao corpo, o salmonete 7 é singular pelas suas reduzidas dimensões (16 x 6 cm). Contornado inferiormente por filete preto de tesselas rectangulares, conservado até à barbatana anal, o corpo foi tratado em gradação de cores, branco e rosa pálido no ventre, salmão e ocre vermelho no dorso e barbatana caudal. Duas pequenas barbatanas dorsais ocre vermelho completam a descrição deste exemplar.

Painel G

Embora bastante destruído, uma vez que nenhuma espécie se conservou completa, é possível identificar a localização e respectiva identificação das diversas espécies presentes: três peixes e um golfinho. Completam a iconografia marinha outros elementos comuns aos painéis anteriores e visíveis na metade direita do painel: três ouriços policromáticos, incompletos, um bivalve e duas linhas de água.

Do peixe 1, um robalo (?), conserva-se apenas a cauda, atestando um sentido de nado descendente, oblíquo, para a esquerda. A cauda, de contorno preto, é tratado a bege esverdeado, rosa e ocre amarelo no lobo inferior e preto no superior.

A segunda espécie representada é um golfinho (2), de que se conserva unicamente a parte superior da cabeça. Desloca-se para a direita, em posição ligeiramente oblíqua e sentido ascendente. Reconhece-se uma barbatana na parte superior da cabeça desenha a filete ocre vermelho. O olho apresenta um tratamento idêntico ao do F3. Avaliando o espaço disponível entre o peixe 1 e o 3, é de crer que o golfinho apresentava dimensões bastante menores dos seus congéneres descritos acima, designadamente o B4 e o F3.

É visivelmente de grandes dimensões a espécie (3) que se segue ao golfinho pois, embora destruído na cabeça e cauda, estima-se que poderia atingir os 70 cm de comprimento (conservam-se actualmente cerca de 43 cm). O peixe desloca-se para a esquerda, em posição direita. Embora o tratamento geral se aproxime dos robalos, com matizes de base cinzenta, a dimensão do exemplar pode sugerir outra identificação cuja proposta é dificultada pela ausência da cabeça. O corpo é desenhado por filete duplo preto, contornando as barbatanas anais, caudal e dorsais. Duas linhas médias no corpo, uma preta e, outra, rosa pálido, destacam-se no corpo verde-azeitona, tratado

com tesselas sobre o vértice. Uma linha de tesselas triangulares brancas marca a transição para a zona da barriga, tratada com três filetes brancos de tesselas direitas.

A quarta espécie (4), situada no canto inferior direito do painel, deslocando-se para a direita, em posição paralela à bordadura inferior, em trança policromática, corresponde a um robalo (41 x 31 cm conservados). Conserva-se apenas um terço do corpo e a cauda. O tratamento é idêntico ao peixe anterior (3), embora haja a destacar o prolongamento da linha média do corpo, rosa pálido, até ao lobo inferior da barbatana caudal.

Fragmentos do MNA

Fragmento 1 (inv. nº 18677)

Três ouriços policromáticos [preto, ocre vermelho, salmão, rosa pálido, ocre amarelo, ocre amarelo claro e branco] remontados num suporte comum que, aparentemente, não parece corresponderem à sua posição original. O ouriço central é de maiores dimensões.

Fragmento 2 (inv. nº 18678)

Um ouriço tratado a preto, salmão, rosa pálido, branco e cinzento.

Fragmento 3 (inv. nº 18680)

Cauda de um robalo tratada a cinzento-escuro, verde-azeitona, branco e cinzento claro na transição entre o dorso e a barriga. Conserva-se ainda parte de uma barbatana anal.

Fragmento 4 (inv. nº 18686)

Robalo completo nadando horizontalmente para a esquerda. Provavelmente o exemplar reproduzido no desenho nº 25A (Veiga, 1877-1878). Embora com tons mais esverdeados, brilhantes, devido às diferentes condições de conservação em ambiente fechado, o peixe apresenta as mesmas características técnicas dos congéneres conservados *in situ*, designadamente, o do painel B. Trata-se muito provavelmente do exemplar desenhado por Leite Ribeiro (Veiga, 1877-1878, nº 25A). Um exemplar da mesma espécie foi reproduzido noutra estampa, podendo tratar-se do mesmo robalo (Veiga, 1877-1878, nº 25C).

Fragmento 5 (inv. nº 18689)

A bordadura inferior em trança policromática de dois cabos [ocre vermelho e ocre amarelo/amarelo claro e branco] confirma a proveniência do fragmento do muro do templo. O

fragmento conserva porções de fauna marinha, designadamente, a cauda de um peixe de tons rubros, o manto de uma lula, também tratada em tons rubros [ocre vermelho, ocre amarelo e rosa pálido], um peixe nadando em posição oblíqua ascendente para a esquerda a zona do ventre de um peixe cujo corpo foi tratado com tesselas sobre o vértice salmão e branco (em jeito de xadrez de uma tessela), e ainda a zona inferior da boca de um terceiro peixe (boca e arranque do opérculo), no extremo direito do fragmento. Uma linha de água formada por cinco segmentos de linhas, sublinha o movimento do segundo peixe.

Fragmento 6 (inv. nº 18693)

Exemplar único de uma espécie não identificada *in situ* acompanhado de um molusco cujo tratamento também é singular. O peixe nada para a esquerda, em posição ligeiramente oblíqua e descendente. O seu tratamento, em xadrez gradual de cinzento acastanhado, ocre amarelo e ocre vermelho recorda o salmonete. A boca e o olha apresentam grande similitude na execução, com finas tesselas pretas, assim como o opérculo, embora realizado com vermelho mais escuro. É, de facto, no tratamento do corpo, em filetes direitos, e não sobre o vértice, assim como na cauda, aqui arredondada, contrariamente às restantes espécies documentadas. Em baixo, à direita, um mexilhão entreaberto foi desenhado com contorno vermelho escuro. Uma linha de tesselas brancas triangulares, em fundo preto, cria um certo efeito de profundidade e revelam preocupação pela representação naturalista do molusco. Não oferece dúvidas que se trata do exemplar reproduzido num dos desenhos da colecção de Estácio da Veiga do MNA (Veiga, 1877-1878, nº 25C).

Fragmento 7 (inv. nº 18699)

Conserva uma lula inteira nadando na vertical, desenhada com filete preto e tratada em gradação de tons verde-azeitona e branco no manto e na cabeça ovalada. Os cinco tentáculos foram representados através de filete simples preto, ondulantes. Estão truncados, não se tendo conservado os remates. Merece ainda destaque o tratamento dos olhos, em pequenas tesselas, como nos peixes.

Fragmento 8 (inv. nº 18700)

Não tendo sido possível encontrar o paradeiro deste fragmento no MNA, a descrição baseia-se na única fotografia disponível. Conservam-se dois peixes inteiros, em posição de nado ascendente em V, com as caudas contíguas. À esquerda, uma dourada retoma o modelo já documentado no painel

F e, à direita, um robalo idêntico aos exemplares por diversas vezes aqui citados, designadamente o do fragmento 4.

Fragmento 9 (inv. nº 18701)

A porção reduzida da bordadura em trança policromática que se conserva na parte inferior do fragmento atesta a proveniência da parede do podium. Representa uma pequena embarcação da qual se conserva a popa em cerca de três quartos. O casco, contornado a filete vermelho, é tratado em filetes paralelos em três faixas delimitadas por filete simples vermelho e preenchidas a duplo filete ocre amarelo entre filetes rosa-salmão. Na zona de fractura do fragmento documentam-se ainda parte dos dois remos da embarcação, em filete simples ocre amarelo, interrompidos junto ao bordo da embarcação.

Na popa, pode ver-se o lobo inferior da barbatana caudal de um peixe de dominante rosa, nadando par a direita. A barbatana é desenhada por um filete de tesselas rectangulares muito estreitas pretas, seguido de filete duplo vermelho. Segue-se uma gradação de tons rosa-salmão/rosa pálido que corresponde ao tratamento dado ao corpo dos peixes já descrito nos painéis *in situ*.

Fragmento 10 (inv. nº 18704)

Conservam-se porções de dois peixes nadando paralelamente, embora em sentido opostos, cujas espécies já se documentaram *in situ*: uma dourada e um robalo. Da dourada, nadando para a esquerda, resta-nos parte inferior da cabeça, em tons salmão e rosa pálido, com boca, olho e opérculo. Também se conservou parte do ventre branco com contorno preto e a barbatana ventral. Do robalo conservou-se cerca de metade do corpo. Reproduz o mesmo tipo do fragmento 4.

Fragmento 11

A. Santos Rocha (1905, p. 157) descreveu-o como uma “perna d’uma cabra proveniente das termas romanas de Milreu”. M. L. Santos, muito oportunamente, considera que antes se deve tratar de uma “pata de um animal marinho do tipo do tritão”, muito semelhante ao do muro C do lado G’ do edifício nº 11 de S. P. Estácio da Veiga (ARA II, nº 17, p. 209), ou seja, o templo. O fragmento apresenta uma pata de equídeo constituída pelo casco, quartela, boleto, canela, joelho e parte do antebraço. É debruada a preto e preenchida a cinzento num fundo branco.

Fragmento 12

Pela paleta de cores que apresenta, de dominante ocre amarelo, e pelo suporte em pedra, é de supor que provém da crina do leão-marinho do painel E.

Outros registos de mosaicos do templo

Do mosaico das escadas, apenas conhecemos uma referência de meados do séc. XIX a “mosaicos na escadaria de acesso” ao templo, em “quatro ou cinco degraus”, sem mais detalhes (Lopes, 1848, p. 28). Provavelmente, nada já existiria quando Estácio da Veiga chegou ao local.

A fonte interna, hoje totalmente destruída teria, segundo Brito Rebello (1881, nº 96, p. 190), “mosaicos de vidros corados no interior da cella” que se acharam em grande quantidade espalhados na zona envolvente. Não dispomos de mais informações.

Datação

T. Hauschild apresentou argumentos para datar o templo de meados do séc. IV (Hauschild, 1984-88, p. 142-147).

Lugar e data da descoberta

Milreu, 1983.

Tema

Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:

- a) **Pavimento mais antigo:** mosaico bicolor destruído.
- b) **Pavimento mais recente:** composição de quatro estrelas de oito losangos determinando dois quadrados.

Compartimento

Sector F, compartimento a: sala de um pequeno edifício a este do ninfeu. Desconhece-se a função do compartimento, mas, uma vez que está separada da *villa* pela rua, pertence certamente a outra casa (planta 24). Esta estaria relacionada com o alojamento dos escravos.

Dimensões do compartimento

3,17 x 3,11 m.

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento.

Local de conservação

Recolocado na posição original após restauros modernos.

Área visível no momento da descoberta

A área foi redescoberta por T. Hauschild em 1983 (cf. *Relatório*, p. 5). Em 1991 o mesmo arqueólogo realizou nova escavação sob o mosaico a fim de analisar as camadas de assentamento e nessa ocasião terá identificado um mosaico mais antigo debaixo da argamassa, do qual restaram tesselas pretas e brancas (*Relatório*, 1991, p. 8).

Área conservada

As partes conservadas do pavimento b), muito recortadas, perfazem talvez cerca de 50 % da superfície total e são suficientes para proporcionar uma correcta reconstituição do esquema.

Técnica de assentamento

Assenta em terreno natural (Hauschild, *Relatório*, 1983, p. 5).

Materiais

a) Calcário (?): preto e branco; b) calcário: cinzento metalizado, branco, ocre amarelo e ocre vermelho e cerâmica (?).

Densidade das tesselas

64 /dm², tesselas de 1 a 1,2 cm de lado..

Estratégia de execução

O esquema foi muito bem centrado de modo que não há motivos truncados abruptamente. A escolha das dimensões adequadas para cada um dos elementos explica a regularidade dos motivos. É também de realçar a opção por um filete bicolor (preto e ocre) para delimitar o tapete. As diferentes opções decorativas para as bordaduras justificam-se precisamente por esse motivo. Primeiro, centrou-se o tapete, criando bordaduras de larguras irregulares,

às quais foi necessário, posteriormente, adaptar as ramagens.

Restauros antigos

Não são actualmente visíveis quaisquer restauros, no entanto, é possível que eventuais remendos em *opus signinum* tenham sido removidos aquando do levantamento do mosaico em época moderna.

Restauros modernos

O mosaico foi levantado por C. Beloto e restaurado no Museu Monográfico de Conímbriga e recolocado na posição original em 1991.

Ilustração utilizada

Desenho e reconstituição *in* Teichner, 1997, fig. 7 e est. 9a; Hauschild / Teichner, 2002, fig. 39. Levantamento à escala 1/1 (MSP 2002). Fotos MSP 2002.

Bibliografia

Hauschild, 1983, p. 8; Hauschild, 1991, p. 7-8; Teichner, 1997, p. 122-125; Hauschild / Teichner, 2002, p. 43; Teichner, 2008, F1, p. 247-248, fig. 124, est. 50C.

Descrição

a) Mosaico mais antigo

Destruído.

b) Mosaico mais recente

Faixa de remate à parede destruída.

Bordadura norte (33 cm) com ornato de ramagem (cf. *Le Décor I*, variante de 64b) e) conservada ao longo de cerca de 2,01 m. O fragmento de ramagem situado actualmente no eixo do ângulo nordeste parece estar descentrado para este. Esta é desenhada por filete simples preto com

uma folha cordiforme preta no interior de cada voluta [ora ocre amarela, ora vermelha]. A norte, nota-se o início de uma gavinha de tesselas ocre amarelo virando à esquerda.

Bordadura este (17,5 cm de largura e 99 cm de comprimento conservados na metade sul) com ornato de ramagem de volutas menores do que as anteriores [ora ocre amarelo, ora preto]. Nada resta nas restantes bordaduras.

Campo delimitado a filete preto triplo [um filete ocre amarelo ou vermelho e dois pretos]; faixa branca (10,5 cm); filete preto duplo. Composição de quatro estrelas de oito losangos tangentes acantoadas por quatro pequenos quadrados, determinando dois grandes quadrados (cf. *Le Décor I*, variante de 173b), desenhada a filete duplo preto. O único quadrado que se conserva parcialmente (63 cm de lado) é preenchido por xadrez ocre amarelo e vermelho (casas de 10 cm de lado). Dos pequenos quadrados acantoados às estrelas restam poucos motivos conservados: uma bobina ponteaguda ocre amarela, um octógono oblongo de oito lados curvilíneos (parcialmente conservado), um quadrado curvilíneo vermelho e outro ocre amarelo (parcialmente conservados).

Na linha de remate da composição vêem-se ainda rectângulos preenchidos com motivos geométricos dos quais se conservam, a norte, um elemento formado por duas escamas afrontadas [semi amarela e preta e outra semi ocre amarelo e vermelha]; a este, o mesmo motivo realizado a vermelho; a sul, um quatro folhas ocre amarelo com um par de peltas adossadas, desenhadas a preto e preenchidas a ocre amarelo, determinando *hederæ* afrontadas.

Datação

O mosaico mais antigo a) está datado por critério arqueológico do séc. II (Hauschild, 1991, p. 8). Em relação ao pavimento mais recente b), as afinidades estilísticas com os mosaicos hispânicos parecem apontar para uma datação entre os fins do séc. II e os inícios do séc. III.

Lugar e data da descoberta

Milreu, entre 1877-1878 e nos anos 80.

Tema

Fragmentos diversos sem proveniência determinada:

I: Fragmentos de motivos geométricos e vegetalistas;

II: Fragmentos de tranças;

III: Fragmentos de outro tipo (monocromáticos e figurativos).

Dimensões dos fragmentos de mosaicos

I1: 9,5 x 7 cm; I2: 8 x 4,5 cm; I3: 7 x 5 cm;
II1: 7 x 7,5 cm; II2: 8 x 6,7 cm; II3: 10,5 x 5 cm;
II4: 12 x 8 cm; II5: 8 x 6,5 cm; II6: 6 x 4 cm;
II7: 9 x 5,5 cm.

III1: 5,6 x 5,5 cm; III2: 7,5 x 5 cm; III3: 12 x 10 cm;
III4: 5 x 6 cm; III5: 7 x 4 cm; III6: 10 x 8 cm.

Local de conservação

I1, I2: MMSR s/ nº de inv; I3: MNA inv. nº 19136;

II1: MMSR inv. nº 4695; II2, II3, II4, II5, II6, II7: MMSR s/ nº de inv;

III1: MMSR inv. nº 4701; III2: MMSR inv. nº 4702; III3 e III4: MMSR s/ nº de inv; III5: MNA inv. nº 19139; III6: MNA inv. nº 15979.

Técnica de assentamento

I1: leito de cal quase imperceptível, *nucleus* de 1,5 cm constituído por bastante cal, pouca cerâmica e alguns grãos de areia., I2 e I3: leito de cal com 0,2 cm, *nucleus* esbranquiçado constituído por bastante cal, cerâmica muito moída e alguns grãos de areia (1 a 2 cm).

II1: ainda se pode ver o *nucleus* original, com cerca de 1,5 cm; II2 e II3: leito de cal quase imperceptível, *nucleus* de 1,5 cm constituído por bastante cal, pouca cerâmica e alguns grãos de areia; II4, II5, II6, II7: *vide* I2.

III1: leito de cal invulgarmente espesso com 5 a 6 mm; III2: leito de cal quase imperceptível, *nucleus* alaranjado com 1 a 1,2 cm constituído por fragmentos de cerâmica bem visíveis e pequenas pedras; III3 e III4: assentamento muito grosseiro com *nucleus* de 1,7 cm, constituído por argamassa rosada com nódulos de cal e pedras visíveis a olho nu, com pouca cerâmica; III5: conservam-se 4 a 5 cm da camada de assentamento sobre pedra (?) dos quais 0,2 a 3 cm correspondem ao *nucleus*. O *rudus* é rosa com fragmentos de cerâmica; III6: suporte destruído.

Materiais

Calcário.

I1: preto, branco, cinzento, rosa; I2: preto, branco e verde; I3: preto e branco.

II1: preto, branco e rosa; II2: preto, branco, cinzento, rosa e ocre; II3: preto, branco, vermelho, cinzento e ocre; II4: preto, branco e verde; II5: preto, branco e vermelho; II6: preto, branco; II7: preto, branco, vermelho e cinzento claro.

III1: preto, branco e cinzento; III2: branco; III3: preto, branco, vermelho, amarelo e verde; III4: preto, branco, vermelho; III5: branco, ocre, vermelho, cinzento avermelhado; III6: preto, branco, rosa e vermelho.

Densidade das tesselas

I1, I2 e I3: tesselas com 1 cm.

II1: 49/dm², tesselas com 1, 5 cm; II2: tesselas com 0,7 a 1 cm; II3, II4, II5, II6, II7: tesselas com 1 cm.

Ilustração utilizada

Fotos MSP (2004-2005).

Bibliografia

I1, I2, I3, II2, II3, II4, II5, II6, II7, III3, III4, III5 e III6: Inéditos.

II1, III1, III2: Rocha, 1907, p. 147.

Descrição

I: Motivos geométricos e vegetalistas

Fragmento 1

Parte central de um florão de quatro elementos: duas folhas fusiformes [base vermelha e ponta preta] ainda visível, em parte, numa das duas folhas e provavelmente duas *hederae* apontando ao centro com o mesmo tratamento cromático. Pode ver-se a ponta da *hedera* preta e duas tesselas vermelhas do resto da folha. O centro é uma tessela preta.

III1 e III2: tesselas com 0,7 a 1 cm; III3 e III4: tesselas com 1 cm; III5: tesselas do fundo com 0,8 cm e tesselas rectangulares com 0,3 cm de lado; III6: tesselas com 0,8 cm.

Estratégia de execução

Não pode ser determinada com base em pequenos fragmentos.

Restauros antigos

Não se identificam nos fragmentos.

Restauros modernos

Não se identificam nos fragmentos.

Fragmento 2

Fragmento de dois fusos em fundo preto, desenhados a branco, com fuso verde incluído.

Fragmento 3

Num fundo branco de tesselas, colocadas em jeito de cunha contornando uma figura indeterminada, destaca-se um filete cinzento, quiçá de uma bordadura, e um vértice de um motivo constituído por tesselas pretas.

II: Tranças

Fragmento 1

Filete duplo preto, filete triplo branco, parte de uma trança ou entrançado tratada a rosa (5,5 cm de largura conservada).

Fragmento 2

Parte de uma trança [cinzento, rosa e ocre].

Fragmento 3

Fragmento de uma trança tratada em policromia [vermelho, ocre e cinzento].

Fragmento 4

Faixa branca (3,5 cm) e trança (7cm de largura conservados) [preto, branco e esverdeado].

Fragmento 5

Trança policromática [preto, branco e vermelho]

Fragmento 6

Trança [preto e branco].

Fragmento 7

Fragmento de motivo em trança tratada a vermelho, com inclusão de algumas tesselas cinzentas.

III: Outros motivos

Fragmento 1

Fragmento de *opus tessellatum* branco constituído por quatro filetes paralelos e, num quinto filete, três tesselas [preta e cinzenta] e duas brancas.

Fragmento 2

Fragmento monocromático branco constituído por cinco filetes paralelos e cinco perpendiculares. Pode tratar-se de um fragmento de uma faixa de remate à parede onde é muito vulgar identificar esta disposição do *opus tessellatum*.

Fragmento 3

O fragmento parece pertencer à proa de um navio (?). Um filete vermelho, talvez duplo, sublinha o casco e a proa é tratada também a vermelho, com cinco tesselas pretas. Um filete branco, seguido de filete amarelo, filete esverdeado e finalmente preto definem o corpo do navio.

Fragmento 4

Opus tessellatum policromático informe.

Fragmento 5

Cinco filetes brancos; três filetes [ocre vermelho, cinzento avermelhado e ocre amarelo], um filete franco de tesselas rectangulares (5 mm de largura); quatro filetes [ocre vermelho, dois cinzento avermelhado e ocre amarelo], um filete branco de tesselas rectangulares, três filetes [ocre vermelho, cinzento avermelhado e ocre vermelho] e um filete branco.

Fragmento 6

Um filete preto, seguido de um a dois filetes rosa com três tesselas brancas de permeio e um filete vermelho constituem parte de um tema figurativo. Reconhecem-se ainda quatro filetes brancos que contornavam a figura e o arranque de quatro filetes dispostos perpendicularmente em relação aos do contorno que formavam o enchimento do fundo.

Datação

Dado o estado fragmentário em que se encontram os exemplares e a ausência de dados arqueológicos e/ou arquitectónicos, não é possível estabelecer qualquer datação. Pode apenas salientar-se que a introdução da policromia em Milreu data dos inícios do séc. III, o que estabelece um *terminus post quem* para os fragmentos policromáticos. Não se registando no sítio mosaicos posteriores aos meados do séc. IV, pode considerar-se esta data um *terminus ante quem*.

Lugar e data da descoberta

Quinta de Amendoal, 1878.

Tema

Dois painéis geométricos justapostos:

Painel A, área do *lectus*: composição ortogonal de octógonos secantes e adjacentes;

Painel B, tapete principal: quadrícula de filetes triplos denteados.

Compartimento

Compartimento 1: *Cubiculum* (planta 25).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

Paradeiro desconhecido.

Área visível no momento da descoberta

Desconhece-se a área visível no momento da descoberta, no entanto, o desenho não apresenta quaisquer lacunas e por essa razão pode deduzir-se que estaria completo.

Área conservada

Destruído (?).

Técnica de assentamento

(?)

Materiais

Calcários (?): branco, azul ardósia e amarelo (ARA I, p. 174). As cores atribuídas pela autora estão em conformidade com os tons aplicados na aguarela nº 28A.

Densidade das tesselas

Não é possível calcular com base num desenho.

Estratégia de execução

O *opus tessellatum* nas faixas de remate dos lados maiores está desenhado de forma perpendicular ao muro, ao contrário dos lados menores onde as tesselas estão desenhadas longitudinalmente. Não sabemos dizer se é uma representação fiel do original ou uma opção do desenhador.

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

Desenho original de J. F. Tavares Bello nº 28A (Veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, nº 1).

Bibliografia

Pinto, 1934, p. 168-169; Chaves, 1936, p. 56; Sá, 1959, n. 47, p. 47; Machado, 1970, p. 9; *ARA II*, nº 1, p. 174, fig. 248.

Descrição

Faixa de remate à parede com linha de dezassete quadrinhos denteados não contíguos nos lados maiores apenas (cf. *Le Décor I*, 5a).

Um filete preto duplo emoldura o campo formado por dois painéis justapostos:

Painel A

Composição ortogonal de octógonos secantes e adjacentes nos lados maiores, determinando quadrados e hexágonos oblongos, desenhada a filete duplo preto (cf. *Le Décor I*, variante de 169c). Nos quadrados, o *opus tessellatum* é desenhado de forma mais densa, apresentando uma florinha preta de quatro tesselas.

Painel B

Bordadura em dentes de serra (cf. *Le Décor I*, 10a); faixa branca com quatro filetes; filete preto duplo.

Composição em quadrícula de filetes triplos [ocre/branco/ocre] denteados, aqui com asas decoradas alternadamente com cruz fuselada e cruz gamada (?) (cf. *Le Décor I*, 124c).

Datação

A ausência de dados arqueológicos dificulta o estabelecimento de datação segura. Com base em critérios estilísticos, M. Cristina Sá datou o conjunto dos fins do séc. IV (1959, p. 50). Os paralelos hispânicos da composição em quadrícula indicam, de facto, uma cronologia dentro do séc. IV. O recurso ao esquema à base de octógonos é também indicador da mesma cronologia.

Lugar e data da descoberta

Quinta de Amendoal, 1878.

que o mosaico estaria completo nesse momento.

Tema

Meandro formando longos rectângulos.

Área conservada

Destruído (?).

Compartimento

Compartimento 2: *cubiculum* (?) (planta 25).

Técnica de assentamento

(?)

Dimensões do compartimento

(?)

Materiais

Calcário (?): preto e branco.

Dimensões do mosaico

(?)

Densidade das tesselas

(?)

Local de conservação

(?)

Estratégia de execução

(?)

Área visível no momento da descoberta

No desenho produzido aquando da descoberta não são assinaladas quaisquer áreas destruídas, pelo que se depreende

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

Desenho original de J. F. Tavares Bello nº 28B (Veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 1).

Bibliografia

Chaves, 1936, p. 56; *ARA* II, nº 2, p. 174-175, fig. 249.

Descrição

Faixa de remate à parede com linha de cruzetas não contíguas em filete denticulado em cruz diagonal (cf. *Le Décor I*, variante de 4e) alternando com travessão denteado oblíquo de cinco tesselas nos lados maiores e ramagem nos lados menores. Faixa preta.

O esquema é constituído por uma linha de meandro de seis longos redentes formando rectângulos (não documentado pelo *Décor*).

Datação

Se considerarmos verosímil a contemporaneidade do conjunto de mosaicos encontrados por Estácio da Veiga na Quinta de Amendoal (nº 53-60), aceita-se uma cronologia situada no séc. IV (*vide* nº 53).

Lugar e data da descoberta

Quinta de Amendoal, 1878.

Tema

Dois painéis geométricos justapostos:

Painel A, área do *lectus*: composição ortogonal de octógonos adjacentes determinando quadrados

Painel B, tapete principal: composição ortogonal de círculos tangentes determinando quadrados côncavos.

Compartimento

Compartimento 3: *cubiculum* (planta 25).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

(?)

Área visível no momento da descoberta

Afora uma cova de 1 m de profundidade assinalada na margem inferior da reprodução do desenho original com 28C e que também se encontra na planta nº 28, o

desenho do mosaico não apresenta mais lacunas.

Área conservada

Destruído (?).

Técnica de assentamento

Uma observação atenta dos desenhos revela algumas particularidades na orientação do traçado das tesselas. É o único elemento de que dispomos para poder, ainda que ponderadas as observações, identificar esses pormenores.

Materiais

Calcários (?): branco, azul ardósia, cinzento, amarelo e vermelho arroxeadado (Sá, 1959, p. 48).

Densidade das tesselas

Não é possível calcular com base num desenho.

Estratégia de execução

(?)

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

Desenho original de J. F. Tavares Bello nº 28C (Veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, nº 3) e reprodução do original com anotações em margem (MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, nº 3¹).

Bibliografia

Vasconcelos, 1913, p. 624, fig. 338; Sá, 1959, nº 17, p. 48; Chaves, 1936, p. 56; ARA II, nº 3, p. 175, fig. 250.

Descrição

Faixa de remate à parede com três florinhas apenas no lado maior do *lectus* (oeste ?) e ramagem (cf. *Le Décor I*, 64a) nos restantes três lados. O fundo, provavelmente branco, é representado através de doze filetes de tesselas. A ramagem é simples e os remates são decorados com três tipos de pequenos elementos decorativos, situados nas zonas mais expostas visualmente, a saber, as paredes à esquerda da entrada e a que ficava de frente: ramos com duas *hederae*, quatro meias florinhas e cinco gavinhas descontínuas tratadas a preto e colocadas de forma ritmada e coerente.

Um filete duplo preto emoldura os dois painéis justapostos.

Painel A

Composição ortogonal de oito octógonos adjacentes determinando quadrados desenhada a filete preto duplo (cf. *Le Décor I*, variante de 163a). Os quadrados são realizados a amarelo ocre. Os seis octógonos externos são levam uma cruz suástica desenhada a filete preto simples com o centro decorado com um quadrado direito realizado em xadrez bicolor [rosa e preto], enquanto os dois octógonos centrais são decorados com uma cruz grega de remates amarelos ocre e centro branco. No remate da composição, os octógonos são seccionados para dar lugar a trapézios, decorados com uma pequena *hedera* preta com ponta virada para fora nos lados menores e com um pequeno elemento vegetal formado por dois V, nos lados maiores.

Painel B

Filete duplo cinzento; bordadura de rectângulos de 5 x 4 tesselas alternadamente rosa e branco (cf. *Le Décor I*, 19e).

Composição ortogonal de 5 x 6 círculos tangentes determinando quadrados côncavos desenhado a filete preto (cf. *Le Décor I*, 231b). Nos círculos alternam dois tipos de decoração. Um módulo com fundo preto com um florão branco de quatro folhas lobulares e um quadrado denteado sobre o vértice no centro [preto/rosa/branco e centro amarelo ocre]. Deste grupo, apenas um octógono apresenta um polígono de lados côncavos. O outro módulo apresenta, em fundo branco, um florão composto por uma folha central fusiforme [preto e rosa] com duas pétalas de cinta curvada em cada um dos lados [rosa e cinzento] e com duas volutas opostas no topo.

Datação

Séc. IV (*vide* nº 54).

Lugar e data da descoberta

Quinta de Amendoal, 1878.

Área conservada

42 x 39 cm.

Tema

Composição centrada de rectângulos concêntricos.

Técnica de assentamento

(?)

Compartimento

Compartimento 4: *cubiculum* (?) (planta 25).

Materiais

Calcário (?): preto e branco.

Dimensões do compartimento

(?)

Densidade das tesselas

110 /dm²; tesselas com 1 a 1,1 cm de lado no fragmento do MNA.

Dimensões do mosaico

Dimensões totais desconhecidas.

Estratégia de execução

(?)

Local de conservação

Um fragmento no MNA (inv. n.º 18696).

Restauros antigos

(?)

Área visível no momento da descoberta

Exceptuando a lacuna circular, não foi desenhada qualquer outra parte destruída, pelo que se deduz que o mosaico estaria completo na época em que foi descoberto.

Restauros modernos

O fragmento do MNA foi retirado do caixilho em madeira e recebeu suporte ligeiro em 1988 (Abraços, 1999).

Ilustração utilizada

Desenho original de J. F. Tavares Bello n.º 28D (Veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, n.º 4).
Foto MNA (inv. n.º 18696) e desenho tessela a tessela MSP (2005).

Bibliografia

Chaves, 1936, p. 56; ARA II, nº 5, p. 175; Machado, 1970, p. 32; Abraços, 1999, p. 366; Oliveira / Viegas, 2005, p.69.

Descrição

Faixa branca com linha de cruzetas (cf. *Le Décor* I, 4e).

Composição centrada de sete rectângulos concêntricos inseridos numa moldura rectangular preta (não documentada pelo *Décor*).

Datação

Séc. IV (*vide* nº 54).

Lugar e data da descoberta

Quinta de Amendoal, 1878.

Tema

Dois painéis geométricos justapostos:

Painel A, área do *lectus*: Composição ortogonal de octógonos adjacentes determinando quadrados;

Painel B, tapete principal: Composição centrada.

Compartimento

Compartimento 6: *cubiculum* (planta 25).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

Destruido (?).

Área visível no momento da descoberta

O desenho mostra claramente uma grande área destruída em mais de metade do tapete principal. Essa destruição parece ter ocorrido em dois momentos diferentes tendo em conta a diferente forma da sua

representação. Com efeito, a área castanha, com nuances que parecem representar um solo em terra, assinala uma área destruída em época antiga e a lacuna circular preenchida a cinzento-escuro representa os buracos abertos em época moderna para plantação de árvores, como aliás se verifica em outros mosaicos deste sítio.

Área conservada

Destruido (?).

Técnica de assentamento

(?)

Materiais

Calcário (?): preto e branco.

Densidade das tesselas

(?)

Estratégia de execução

(?)

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

Desenho original de J. F. Tavares Bello nº 28E (Veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, nº 6).

Bibliografia

Chaves, 1936, p. 56; Sá, 1959, nº 19, p. 49; *ARA* II, nº 4, p. 175, fig. 251.

Descrição

Faixa de remate à parede sem decoração. Campo com dois painéis justapostos.

Painel A

Composição ortogonal de oito octógonos adjacentes determinando quadrados (cf. *Le Décor* I, variante de 163a) desenhada a filete, com decoração de quadradinhos denteados nos octógonos, apenas.

Painel B

Composição centrada com um octógono preenchido com decoração vegetalista que não é possível descrever pormenorizadamente, mas que corresponde a um grande florão compósito cujo número de elementos não é possível determinar (oito ou doze ?), assim como o número de corolas (duas pelo menos), mas que seguramente apresentava quatro elementos em *hederae* com limbo apontando ao centro.

Datação

Séc. IV (*vide* nº 54).

Lugar e data da descoberta

Quinta de Amendoal, 1878.

destruído no momento da descoberta, já que os limites do compartimento estão bem definidos na planta de Estácio da Veiga.

Tema

Fragmento de uma composição em quadrícula de fusos tangentes que criam quatro folhas.

Área conservada

Destruído (?).

Compartimento

Compartimento 7: funcionalidade indeterminada (planta 25).

Técnica de assentamento

(?)

Dimensões do compartimento

(?)

Materiais

Calcário (?): preto e branco.

Dimensões do mosaico

(?)

Densidade das tesselas

(?)

Local de conservação

Destruído (?).

Estratégia de execução

(?)

Área visível no momento da descoberta

O desenho ilustra um fragmento de um canto do mosaico que pode induzir a pensar que este se encontrava já bastante

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

Desenho original nº 28G (veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, nº 7) e reprodução do original com anotações em margem (MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, nº 7¹)

Bibliografia

Pinto, 1934, p. 168-169; Chaves, 1936, p. 56; Sá, 1959, nº 20, p. 49; *ARA* II, p. 176.

Descrição

Bordadura com ramagem muito simples, preta. Filete duplo preto.

Composição em quadrícula de fusos tangentes que criam quatro folhas (cf. *Le Décor* I, 131b).

Podem ver-se dois quadrifólios completos e metade de um terceiro.

Datação

Séc. IV (*vide* nº 54).

Lugar e data da descoberta

Quinta de Amendoal, 1878.

Tema

Fragmentos de uma composição ortogonal de círculos secantes que determinam quatro folhas pretos.

Compartimento

Compartimento 8: funcionalidade indeterminada (planta 25).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

Destruído (?).

Área visível no momento da descoberta

O desenho ilustra um fragmento de um canto do mosaico que pode induzir-nos a pensar que este se encontrava já bastante

destruído no momento da descoberta mas, ao contrário do anterior, o compartimento não foi totalmente escavado pelo que se desconhece se haveria mais fragmentos.

Área conservada

Destruído (?).

Técnica de assentamento

(?)

Materiais

Calcário (?): preto e branco.

Densidade das tesselas

(?)

Estratégia de execução

(?)

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

Desenho original nº 28G (Veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, nº 7) e reprodução do original com anotações em margem (MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, nº 7¹)

Bibliografia

Pinto, 1934, p. 168-169; Chaves, 1936, p. 56; ARA II, p. 176.

Descrição

Faixa de remate à parede branca formada por cinco filetes, seguida de duplo filete preto.

Composição de círculos secantes que criam quatro folhas pretos e determinam quadrados côncavos (cf. *Le Decor I*, 237a).

Datação

Séc. IV (*vide* nº 54).

Lugar e data da descoberta

Quinta de Amendoal, 1878.

momento em que Estácio da Veiga o encontrou, até porque a área escavada no compartimento 9 é considerável.

Tema

Fragmento de mosaico com linha de florinhas e quadradinhos.

Área conservada

Destruído (?).

Compartimento

Compartimento 9: corredor (?) (planta 25).

Técnica de assentamento

(?)

Dimensões do compartimento

(?)

Materiais

Calcário (?) preto e branco.

Dimensões do mosaico

(?)

Densidade das tesselas

Não é possível calcular.

Local de conservação

Destruído (?).

Estratégia de execução

(?)

Área visível no momento da descoberta

Tal como nos nºs 58 e 59, o desenho reproduz um pequeno fragmento do mosaico que leva a acreditar que este estaria praticamente todo destruído no

Restauros antigos

(?)

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

Desenho original nº 28G (Veiga, 1877-1878; MNA, EV, Cx. 1, Capa 1, nº 6) e reprodução do original com anotações em margem (EV, Cx. 1, Capa 1, nº 7¹)

Bibliografia

Pinto, 1934, p. 168-169; Chaves, 1936, p. 56; Sá, 1959, nº 20, p. 49.

Descrição

Fragmento de uma faixa de remate à parede constituída por um filete duplo branco, filete simples preto e linha de quadradinhos denteados com florinha simples incluída (conservam-se dois) alternando com cruzeta não contígua (cf. *Le Décor* I, 4e); segue-se filete duplo preto e faixa branca na zona da fractura.

Datação

Séc. IV (*vide* nº 53).

Lugar e data da descoberta

Vale de Carneiros, 1899.

Área conservada

Destruído.

Tema

Mosaico(s) destruído(s).

Técnica de assentamento

(?)

Compartmento

(?)

Materiais

(?)

Dimensões do compartimento

(?)

Densidade das tesselas

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Estratégia de execução

(?)

Local de conservação

Destruído (?).

Restauros antigos

(?)

Área visível no momento da descoberta

(?)

Restauros modernos

(?)

Ilustração utilizada

-

Bibliografia

Botto, *Glossário*, p. 42; *ARA II*, p. 171

Descrição

Mosaico destruído.

Datação

(?)

Estampas CXXXVI, CXXXVII, CXXXVIII, CXXXIX, CXL, CXLI, CXLII e CXLIII

Lugar e data da descoberta

Esquina das ruas Infante D. Henrique e Ventura Coelho, em Faro, Maio de 1976.

Tema¹⁸

Painel quadrado com cabeça do Oceano e os Ventos em cantoneira, cortando uma composição ortogonal de hexágonos tangentes por dois vértices, determinando quadrados e estrelas de quatro pontas; as estrelas com quadrado sobre o vértice no centro e os hexágonos com florões variados, e uma inscrição em *tabula ansata*.

Compartimento

Desconhece-se o edifício a que pertenceu o mosaico. Aponta-se para umas termas ou *schola*.

Dimensões do compartimento

9,40 x 3,40 m

Dimensões do mosaico

Idem.

Local de conservação

Em exposição numa sala do MMF.

Área visível no momento da descoberta

A área central da inscrição encontrava-se destruída limitando a leitura do texto, assim como o ângulo inferior esquerdo do tapete. Também pouco resta da ramagem que ornava a bordadura, apenas no lado direito restam vestígios de dois enrolamentos. No painel geométrico anexo à inscrição, a lacuna atingiu o primeiro florão à esquerda e, desde a sétima linha de florões, destruída até ao eixo central, até à zona da barba do Oceano, incluindo os dois Ventos acantonados, o mosaico não resistiu ao tempo. Na cabeça do Oceano, que se conserva em bom estado geral, não se conservaram os dois golfinhos junto à barba, dos quais apenas se podem ver as barbatanas dorsais. Algumas lacunas pontuais se detectam nos diversos motivos, sendo de realçar as que atingem as tesselas de vidro nos olhos e bigode do Oceano. A secção inferior do medalhão está totalmente destruída, mas os dois ventos acantonados no quadro central encontram-se bem preservados. Do painel geométrico superior, estão destruídas as duas linhas de florões junto ao remate do tapete, assim como as bordaduras dessa zona.

¹⁸ As dimensões constantes na ficha foram levantadas por J. Lancha no quadro da missão MSP, que é autora da respectiva ficha no *CMRP II2* (no prelo).

Área conservada

Idem.

Técnica de assentamento

Os restauros modernos destruíram os suportes originais aquando do levantamento em 1976.

Materiais

Calcário: Fundo branco e preto nas linhas principais; Oceano: preto, chocolate, chocolate carmesim, ocre vermelho, Vermelho cereja, violeta claro, rosa, rosa pálido, castanho claro esverdeado, ocre amarelo, ocre amarelo-torrado, laranja de crómio, verde-azeitona escuro e branco creme; Ventos: preto, chocolate, chocolate carmesim, vermelho escuro, vermelho veneziano, salmão, ocre amarelo, rosa e branco creme; nos florões: preto, cinzento azulado, verde-azeitona, ocre amarelo, ocre amarelo-torrado, salmão, violeta claro e rosa pálido.

Vidro: Oceano: azul-turquesa, azul ultramarino, azul de Delft, azul claro; nos ventos: azul-turquesa, azul ultramarino, azul escuro e azul cobalto.

Densidade das tesselas

115/dm², tesselas com 0,5 a 1 cm de lado no Oceano; 110/dm², tesselas com 1 cm de lado nos Ventos; tesselas de 0,5 cm no fundo do quadro central.

Estratégia de execução

A correcta disposição dos diversos painéis que compõem o mosaico revela uma prévia divisão do espaço, nas suas linhas principais. O painel central, quadrado, determinou as dimensões dos restantes painéis. A extremidade do nariz do deus Oceano corresponde ao ponto de intersecção das medianas mostrando o rigor do planeamento. Os dois painéis geométricos, rectangulares, foram calculados de forma a evitar a o seu corte abrupto. As dimensões equilibradas e constantes das bordaduras rematam um tapete de notável execução. Revelando-se sábios na distribuição dos espaços, os mosaístas optaram por uma folhagem para decorar uma faixa mais larga situada à entrada.

A estratégia na execução dos rostos do deus Oceano e dos ventos constitui matéria de destaque no capítulo referente à paleta de cores.

Restauros antigos

Não se identificam actualmente. Eventualmente, terão sido removidos aquando dos restauros modernos.

Restauros modernos

Aquando do seu levantamento, em 1976, o mosaico foi cuidadosamente limpo através de processos mecânicos, a fim de remover a terra e as concreções calcárias que o cobriam. Também se fixaram os estuques pintados da parede, para que não caíssem no momento do

levantamento. A superfície do mosaico foi coberta com uma gaze e uma tela fixadas com uma emulsão vinílica, mais fraca na área do medalhão central. Depois de bem seco, o pavimento foi serrado em várias placas, seguindo as linhas principais do desenho para evitar cortes no meio das figuras. Em redor do mosaico, foram abertas valas para desprender o mosaico da terra e, após a completa secagem da emulsão, com auxílio de lâminas de ferro colocadas entre o tapete de tesselas e o *nucleus*, foi-se despreendendo o mosaico. Cada placa foi posteriormente colocada sobre um estrado de madeira, a fim de retirarem a tela e a gaze, limpar a emulsão, para ser encaixotada e seguir para o museu.

Antes de ser remontado no espaço que lhe estava destinado, foi melhorado o seu aspecto, restaurando as pequenas lacunas e disfarçando as grandes áreas destruídas. Reutilizando as tesselas antigas ou talhando

novos cubos de pedra nos mesmos calcários dos originais, os técnicos reconstituíram as pequenas falhas, assim como as linhas principais que estavam destruídas. Os interstícios foram preenchidos com caseinato de cálcio. Nas grandes zonas onde não era possível completar os motivos destruídos foi aplicada uma argamassa de cal, areia e Vinavil, com cor muito semelhante à do fundo do mosaico.

Finalmente, as placas foram assentes num suporte de resina e colocadas sobre uma estrutura rígida em favo de papel Kraft. A remontagem foi realizada no espaço onde, ainda hoje, podemos apreciar o mosaico. Para se manter bem fixo, as placas foram ligadas umas às outras com tubos de latão. O toque final foi dado com uma cola misturada com cal que se passou nos intervalos das tesselas e as grandes zonas de restauro com argamassa foram coloridas com tinta vinílicas.

Ilustração utilizada

Levantamento à escala 1/1 (MSP 2001). Foto vertical (MSP/MMF/Pavone 2003). Fotos de pormenores MSP (2003).

Bibliografia

Rosa, 1976; Alarcão, 1980; Lancha, 1984a, p. 58-61; Lancha, 1985; Encarnação, 1986; Encarnação, *IRCP*, nº 35; Gómez, 1997, *FAR* 1, p. 181-185; Lancha, 2004, p. 413-414, fig. 1 e 2; Lancha, 2008, p. 75-84, fig. 40-56; Viegas, 2009, p.113-121.

Descrição

Faixa branca (20 cm); ramagem conservada parcialmente (53 cm de largura) no lado que constituía a entrada no compartimento (*Le Décor I*, variante de 64b); filete duplo preto; faixa branca (8 cm); linha de dentes de serra brancos em fundo preto com 16 cm de largura (*Le Décor I*, 10g); filete duplo preto; faixa branca (8 cm); filete duplo preto.

Inscrição em *tabula ansata* inserida em rectângulo desenhado a filete duplo preto (2,48 x 0,41 m).

Texto da inscrição:

C. CAL. PVR. NI. VS [...] NVS. ET. GVI. BI. VS. QUINTI.
LI. A. NVS. ET. L.AT.TI [...] S. ET. MVER. RIVS. CE. MI. NVS. /
SOL [VM] TES. SEL. LAS [TRAVER] RVNT. ET. DO. NA. R [VN] T.

Tradução:

Caius Calpurnius (...)nus e Caius Vibius Quintilianus e Lucius Attius (...)us
e *Marcus Verrius Geminus* mandaram executar o solo e as tesselas.

Composição centrada com motivo axial interrompendo o esquema (cf. *Le Décor II*, 419e): painel quadrado com cabeça do Oceano e os Ventos em cantoneira, cortando uma composição ortogonal, desenhada a filete duplo preto, de hexágonos tangentes por dois vértices, determinando quadados e estrelas de quatro pontas; as estrelas com quadrado sobre o vértice no centro e os hexágonos com florões variados (cf. *Le Décor I*, 186e).

A composição geométrica divide-se em dois painéis (A e B) com dezassete florões em cada um deles, cinco dos quais totalmente destruídos no painel B. A composição é desenhada a filete duplo preto. As estrelas de quatro pontas apresentam um quadrado sobre o vértice no centro com florão de quatro pétalas em dardos pretas incluído. Os quadrados ostentam nó de Salomão policromático, alternando as cores da paleta dos florões.

Painel A

a1: florão composto de oito elementos não contíguos, quatro em pétala fuselada em gradação de cores ocre amarelo, salmão e rosa pálido, e quatro em pétala biconvexa verde-azeitona de ponta preta, com centro em círculo com cinco florinha de cinco tesselas pretas incluída (*Le Décor II*, 268b).

a2: florão unitário de quatro pares de volutas afrontadas desenhadas a filete preto simples, preto e salmão, com quatro triângulos equiláteros de base denteada rosa pálido e ocre amarelo no centro, em oposição.

b1: florão composto de oito elementos não contíguos, quatro em pétala fuselada em gradação de cores rosa alaranjado, cinzento e preto, e quatro em pétala biconvexa larga e recurvada, com centro em círculo com cinco florinhas de cinco tesselas pretas incluída (variante de *Le Décor II*, 268b).

b2: florão composto de oito elementos não contíguos, quatro em haste de filete simples denteado rematado com cálice verde-azeitona e preto, e quatro em pétala biconvexa rosa pálido, ocre amarelo, salmão, de ponta verde-azeitona e preta, com centro em círculo com tesselas rosa pálido incluída (variante de *Le Décor II*, 268c).

b3: florão unitário de quatro elementos não contíguos, em oposição, dois em pétala lanceolada salmão e rosa pálido e dois em lótus trifido preto (variante de *Le Décor II*, 260a).

c1: florão composto de oito elementos não contíguos, quatro em pétala fuselada verde-azeitona e preto, e quatro em cálice de folha preta e ponta verde-azeitona, com pétala lanceolada incluída ocre amarela e salmão, com centro em círculo com tessela preta incluída (variante de *Le Décor II*, 267c).

c2: florão composto de oito elementos não contíguos, quatro em cálice bifido rosa pálido e salmão, com ápice verde-azeitona e preto, e quatro em fuso salmão e rosa pálido, com círculo preto central (variante de *Le Décor II*, 259e).

d1: cf. b1, pétala biconvexa preto e verde-azeitona e pétala fuselada rosa alaranjado e rosa pálido.

d2: cf. d1, com troca de cores nos elementos.

d3: florão composto por duas peltas afrontadas com volutas pretas e enchimento verde-azeitona prolongando-se no ápice, círculo preto central e rematadas nas extremidades por *hedera* com ponta virada ao centro em gradação rosa-salmão ocre amarelo e rosa pálido (sem paralelo no *Décor II*).

e1: florão composto de oito elementos não contíguos, quatro em pétala fuselada em verde-azeitona e preto, e quatro em pétala fuselada larga e recurvada rosa pálido, rosa alaranjado e preto, com centro em círculo com cinco florinhas de cinco tesselas pretas incluída (variante de *Le Décor II*, 268b).

e2: florão unitário de quatro elementos ligados apontando ao centro em filete simples preto e verde-azeitona, em cálice de volutas, com hederá salmão e rosa pálido, com círculo central preto com florinha de cinco tesselas rosas (variante de *Le Décor* II, 260c).

f1: florão compósito de oito elementos não contíguos, quatro em pétala biconvexa preto e verde-azeitona e quatro em palmeta simples de haste verde-azeitona e folha salmão, com círculo central cobrindo os elementos e quadradinhos dentado preto e salmão (sem paralelo no *Décor* II).

f2: florão unitário de quatro elementos não contíguos, em cálice bífido rosa pálido e salmão, com ápice verde-azeitona e preto, com círculo preto central e triângulos de base denteada pretos nos quatro espaços residuais entre os cálices (variante de *Le Décor* II, 259e).

f3: florão compósito de oito elementos não contíguos, quatro em hederá apontada ao centro salmão, rosa pálido e ocre amarelo, quatro em pétala fuselada ocre amarelo, verde-azeitona e preto, com círculo preto com tessela central preta (variante de *Le Décor* II, 267a).

g1: parcialmente destruído. Talvez um seis-folhas.

g2: parcialmente destruído. Talvez igual a h2.

Painel B

h1: florão unitário de seis elementos não contíguos, em pétala fuselada alternadamente preto e rosa pálido (*Le Décor* II, 257b).

h2: ver b1.

i1: florão compósito de oito elementos não contíguos, quatro em pétala biconvexa de ponta salmão, quatro em pétala lanceolada, giratória, preto e cinzento, com círculo preto com florinha de cinco tesselas pretas (variante de *Le Décor* II, 268b).

i2: florão compósito de oito elementos não contíguos, quatro em pétala fuselada ocre amarelo e salmão, quatro em volutas pretas com tessela preta, e centro em círculo preto com florinha de cinco tesselas pretas (sem paralelo no *Décor* II).

i3: ver f3.

j1: ver b1.

j2: florão unitário de quatro elementos em pétala de acanto salmão e ocre amarelo, com centro recobrando os elementos, em círculo preto com florinha de cinco tesselas pretas (sem paralelo no *Décor* II).

l1: florão compósito de oito elementos não contíguos, quatro em pétala fuselada preto e cinzento, quatro em *hedera* concava, ocre amarelo e salmão, com círculo preto com florinha de cinco tesselas pretas (variante de *Le Décor* II, 268b).

l2: variante de d3. Sem volutas nem prolongamento do ápice da pelta.

l3: variante de f1. Pétala biconvexa preto, salmão e ocre amarelo, raminho de três folhas preto.

m1: florão composto de seis elementos ligados, quatro em cálice bífido rosa pálido e salmão, com ápice preto e pé ocre amarelo, e dois em pelta preta, com círculo preto e tessela central (variante de *Le Décor II*, 260a).

m2: florão composto de oito elementos não contíguos, quatro em pétala fuselada ocre amarelo e salmão, quatro em volutas pretas afrontadas, ligadas por filete salmão ou ocre amarelo, com círculo preto e três tesselas salmão (não documentado pelo *Décor II*).

n1, n2, n3, o1 e o2: destruídos.

Quadro central

O quadro central (2,95 x 2,45 m) inclui um medalhão de 2,38 m de diâmetro constituído por filete preto duplo, faixa branca (4 cm), trança de dois cabos policromática (9,5 cm) e uma linha quebrada de fusos em oposição de cores ocre amarelo e salmão, deixando entrever semi círculos (*Le Décor I*, 45f) e combinado com uma linha de peltas em oposição de cores da mesma paleta (15,5 cm), depois filete duplo preto. O rosto do deus Oceano (1,05 x 0,81 m) ocupa o centro do medalhão e, em cantoneira, por cima à esquerda e à direita, um vento personificado. Os dois ventos dos cantos inferiores estão destruídos.

Ventos

O Vento situado à esquerda do Oceano é um jovem rapaz, visto de perfil, com cabelo ondulado salpicado de madeixas pretas, chocolate, vermelho veneziano e ocre amarelo. As duas asinhas, realizadas com vidro azul [turquesa, ultramarino, escuro e cobalto] e já muito destruídas, recordam a sua condição. Com uma testa pequena, um nariz curto e um maxilar bem definido, poderá representar Zéfiro ou *Eurus*. O vento à direita, com uma barbicha pontiaguda e um rosto mais severo, foi realizado com mais cuidado. Os cabelos e a barba foram obtidos com tesselas de diversos coloridos [preto, chocolate, vermelho escuro, ocre amarelo e rosa]. As asas são tratadas com a mesma paleta de Zéfiro. O seu ar grave e um nariz aquilino fazem dele um vento terrífico. Deve tratar-se de Bóreas.

Oceano

O deus, representado a três quartos, é tratado como um homem maduro, com barba e soberbo bigode, desviando o olhar, muito expressivo, para a esquerda. Uma tessela preta num fundo de vidro azul claro evidencia essa expressividade. Por entre a farta cabeleira de caracóis, realçados com madeixas coloridas [preto, chocolate, chocolate carmesim, violeta claro, castanho claro esverdeados e ocre amarelo], entrevê-se um par de pinças de caranguejo [preto, chocolate, vermelho cereja, salmão, ocre amarelo e laranja de crómio] e dois pares de antenas de lagosta colocadas simetricamente [chocolate, vermelho cereja e laranja de crómio]. A combinação de cores em tesselas de calcários diversos é notável. As sobrancelhas, franzidas, chocolate e preto, acentuam o seu ar severo. O vidro azul [turquesa, ultramarino e e Delft] no bigode vem completar esta belíssima e rica paleta de cores. Junto ao pescoço, de um lado e do outro, apenas se conservam as barbatanas dorsais dos dois golfinhos [castanho claro esverdeado] que o acompanhavam, já que o mosaico está totalmente destruído do queixo para baixo.

Datação

Segundo J. Lancha, o mosaico é de datar de fins do séc. II ou inícios do séc. III com base em critérios estilísticos. O estudo das cerâmicas associadas permitiu a C. Viegas confirmar esta cronologia (2009, p. 117-118 e 121).

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, 1971.

Tema

Dois pavimentos de *opus tessellatum* sobrepostos:

a) **Pavimento mais antigo:** destruído (?).

b) **Pavimento mais recente:**

Painel A, soleira este: meandro de suásticas de volta simples e quadrados;

Painel B, tapete principal: composição ortogonal de estrelas de quatro pontas tangentes.

Compartimento

Sector I, compartimento B1: vestíbulo de acesso ao peristilo na galeria este (planta 27). O mosaico mais antigo, actualmente situado 8 cm abaixo do mosaico b), é visível na lacuna à esquerda, desconhecendo-se o tipo de compartimento que decorava.

Dimensões do compartimento

a) (?); b) A: 3,37 x 0,57 m; B: 4,42 x 2,54 m; C: 4,16 x 0,50 m.

Dimensões do mosaico

a) (?); b) A: 3,37 x 0,57 m; B: 4,42 x 2,54 m; C: (?).

Local de conservação

a) e b) *In situ*.

Parte visível aquando da descoberta

A mancha gráfica da planta de J. L. Matos (1971, planta: quad. K/12, a', b), indica-nos com rigor a área descoberta e conservada nessa época. Uma parte considerável do campo estava conservada.

Parte conservada

Segundo E. Arsénio, apenas se conserva a bordadura do mosaico mais antigo a) a cerca de 8 cm, sob o mosaico mais recente b), encontrando-se totalmente destruído o seu tapete principal.

Registam-se duas lacunas nas extremidades norte e sul da soleira este do mosaico b). A área original conservada dessa soleira é muito reduzida e limita-se a uma faixa de cerca de 10 cm muito irregular. A maior parte do mosaico que hoje em dia se vê resulta dos restauros efectuados por E. Arsénio.

Do tapete, conserva-se cerca de 70 % da área original, sendo a restante também obra de restauros modernos.

Técnica de assentamento

a) (?); b) É visível a camada de argamassa de assentamento com 10 cm de espessura na

soleira este e 8,5 cm no tapete principal. Na soleira oeste, o *nucleus* ainda é visível na bordadura (lado sul) com uma espessura de cerca de 8,5 a 10 cm. Esta camada de preparação assenta directamente no pavimento anterior, que ainda podemos ver no corte tesselas brancas um filete preto duplo (numa área de 29 x 9 cm).

Materiais

a) (?); b) calcário: preto e branco.

Densidade de tesselas

a) 76 /dm², tesselas com 1 a 1,5 cm de lado; b) A: 60 /dm², tesselas com 1cm de lado; B: 94 /dm², tesselas pretas entre 0,8 a 1,2 cm e brancas entre 1 e 1,5 cm.

Estratégia de execução

a) (?); b) Os restauros efectuados no painel principal B por E. Arsénio não contrariaram a estratégia seguida pelos mosaístas romanos, mantendo o mosaico muito fiel ao original. Sem ser um trabalho de fina execução, quer a soleira, quer o tapete, foram centrados com correcção e realizados com bastante rigor. Não houve necessidade de trincar motivos, nem de alterar excessivamente o módulo das estrelas que compõem o esquema. Simples no tratamento cromático e na estrutura, a

composição proporciona um pavimento elegante, ao gosto clássico. A sua bordadura apresenta um pequeno ajuste nos lados maiores. Com efeito, a oeste, o mosaísta realizou vinte e uma escamas e, a este, apenas vinte. Uma compensação mínima, praticamente imperceptível. Nos lados menores, a execução é justa (onze escamas). Realce ainda para o pormenor do arranjo dos ângulos e a alternância ritmada do pequeno motivo no centro dos quadrados brancos que confirmam a sensibilidade estética dos artistas para soluções discretas e sóbrias.

Restauros antigos

Não existem, pois terão sido removidos aquando dos restauros modernos.

Restauros modernos

a) (?); b) o restauro moderno cobre cerca de 60 % da superfície total da soleira este. Ainda assim, a parte conservada permitiu a reconstituição da composição, salvo na extremidade norte, onde se vê a repetição do motivo do quadrado quando, na verdade, deveria alternar com a suástica. A utilização de tesselas antigas e modernas na execução dos restauros dificulta por vezes a distinção entre zonas antigas e modernas. No tapete principal os restauros localizam-se na faixa de remate à parede e na moldura.

Ilustração utilizada

Desenho de E. Arsénio 1979. Levantamento à escala 1/1 de uma estrela e parte da bordadura (MSP 1994). Fotos MSP 1994.

Bibliografia

Matos, 1971, p. 212; Matos, 1984, p. 138; Matos, 1997, p. 388, fig. 4; Lancha / Carrez, 2003, p. 123-124, fig. 4; Teichner, 2008, A3, p. 292, fig. 157, est. 61A e B.

Descrição

a) Pavimento mais antigo

Tesselas brancas com um filete duplo preto visível numa área de 29 x 9 cm, à esquerda da entrada, delimitando o tapete ou formando bordadura.

b) Pavimento mais recente

Painel A

Faixa branca (13 cm) seguida de meandro de suásticas de volta simples que alternam com quadrados desenhados através de filete duplo preto, em fundo branco (cf. *Le Décor I*, 38c). Os quadrados são decorados com cruzetas, salvo o extremo direito que, mercê de restauros modernos, levou um rectângulo preto.

Painel B

Faixa branca (5 cm a norte; 15 cm a sul e 21 cm a oeste) seguida de bordadura de escamas oblongas pretas em fundo branco (cf. *Le Décor I*, 49a) entre dois filetes triplos pretos. Faixa branca. Filete duplo preto.

Composição ortogonal de estrelas de quatro pontas tangentes, determinando losangos erguidos e deitados (cf. *Le Décor I*, 184b). O esquema desenvolve-se em duas linhas de quatro estrelas. Dentro das estrelas inscrevem-se grandes quadrados direitos brancos (39 cm de lado), alternadamente decorados com uma florinha geométrica ou um pequeno quadrado denteado pretos. Os espaços residuais consistem em losangos com cerca de 42 cm de comprimento máximo, sem decoração. Nos ângulos, as escamas são elegantemente tratadas em fuso bicolor (ponta preta e corpo branco).

Datação

O pavimento mais antigo (a) pode corresponder ao período das primeiras grandes remodelações da *villa*, no séc. III (Teichner, 2008, p. 293, fig. 153, fase IIIa). Não existem elementos suficientes para uma datação mais incisiva. Quanto ao mosaico b), se considerarmos como factor de ponderação cronológica o estudo estilístico, não pode datar-se de época anterior ao séc. III. Uma proposta de datação na primeira metade do séc. IV parece-nos coerente não só ao nível estilístico, como também ao nível arquitectónico (Lancha / Carrez, 2003, p. 123).

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, 1971.

Tema

Duas soleiras e um grande tapete geométrico:

Painel A, soleira este: destruído.

Painel B, tapete principal: painel quadrado central interrompendo uma quadrícula de bandas com círculos tangentes circunscritos às casas e pequenos círculos na intersecção.

Painel C, soleiras oeste: dois painéis com composição de linhas quebradas de filete simples, em arco-íris.

Compartimento

Sector I, compartimento C1: vestíbulo da entrada este da residência e soleira de acesso ao peristilo (planta 27).

Dimensões do compartimento

A: 4,42 x 0,50 m; B: 6,07 x 5,84 m; C: 4,47 x 0,91 m.

Dimensões do mosaico

A: 4,42 m x 0,50 m; B: 5,84 x 5,84 m (dim. Totais) e 1,89 x 1,89 m (quadro central); C: 4,57 m x 0,91 m.

Local de conservação

In situ, com intensos restauros modernos.

Parte visível aquando da descoberta

A mancha gráfica da planta de J. L. Matos (1971, planta: quad. K/12, b'; J/12, a'; K/13, b' e J/13, a') ilustra bem o estado de destruição do pavimento no momento em que foi descoberto. Apenas no canto sudoeste, uma área de cerca de 4 x 4 m junto às paredes, e sete fragmentos dispersos pelo resto do compartimento foram representados. O mosaico foi parcialmente destruído em época árabe por uma canalização.

Parte conservada

Conserva-se em 15 % da área total do tapete principal B. Provavelmente permanece assente sobre argamassa antiga. Das soleiras C conservam-se cerca de 20 % do painel norte e cerca de 50 % do painel sul.

Técnica de assentamento

A camada de assentamento encontra-se coberta pelo cimento de consolidação aplicado nas orlas do pavimento.

Materiais

Calcário: branco, rosa, cinzento-escuro, ocre amarelo e ainda ocre vermelho na soleira.

Densidade de tesselas

A: (?); B: 71 /dm², tesselas com 1 a 1,2 cm de lado; C: 79 /dm², tesselas com 0,6 a 0,8 cm de lado.

Estratégia de execução

A reduzida área original que se conserva dificulta a análise da estratégia. Porém, se considerarmos que os restauros de E. Arsénio foram bastante correctos relativamente ao original, pode afirmar-se que o mosaico foi bem planeado em função do espaço disponível, por sinal, um compartimento quadrado, que certamente facilitou o trabalho do artesão que procedeu ao traçado base do pavimento.

Restauros antigos

No tapete principal são visíveis, a norte, dois restauros antigos em *opus signinum*

grosseiro: um a oeste (1,52 x 0,96 m) e outro a este (1,59 x 0,80 m). A soleira C, a norte, apresenta um restauro antigo com linhas perpendiculares em relação à faixa de ligação aos muros (14 x 4 cm). A sul, subsistem vestígios de um restauro antigo também em *opus signinum* (4 x 3 cm) do qual se observam duas camadas distintas, relativamente grosseiras. A camada mais recente veio colmatar uma lacuna de 14 x 13 cm.

Restauros modernos

São muito abundantes e abrangem a quase totalidade do pavimento. Numerosas tesselas antigas colocadas por E. Arsénio completam o esquema, tornando difícil a detecção desses restauros. A soleira oeste foi apenas consolidada.

Ilustração utilizada¹⁹

Desenho de E. Arsénio 1979 (ângulo sudoeste do tapete e soleira). Fotos MSP 1994

Bibliografia

Matos, 1997, p. 388 e 391, fig. 4; Teichner, 2008, A12, p. 297-299, fig. 159, est. 61A e C.

Descrição

Painel A

¹⁹ Os restauros modernos estendem-se por todo o mosaico, sendo muitas vezes difícil distinguir o tapete original das intervenções e, por esta razão, entendeu-se como prescindível a realização do levantamento gráfico, tendo em consideração os objectivos que norteiam a metodologia (cf. cap. I, 2.3.2.).

Soleira totalmente destruída.

Painel B

Faixa de remate à parede conservada a sul (17 cm) e a oeste (8 cm).

Linha de quadrados adjacentes (57 cm de largura) formados por quatro rectângulos desenhados a filete cinzento duplo em torno de um quadrado (57 cm de lado) (cf. *Le Décor I*, 95a). Cada rectângulo inclui um segundo [rosa ou ocre vermelho], com contorno cinzento-escuro de um filete simples. O quadrado central, também desenhado a filete cinzento simples, inclui um segundo cinzento claro. Segue-se uma faixa branca (6 cm).

Bordadura em trança (40 cm) de quatro cabos policromática [branco, cinzento claro, cinzento escuro, ocre amarelo, ocre vermelho e rosa] sobre fundo cinzento (cf. *Le Décor I*, 73e). Segue-se uma faixa branca (4 cm).

O tapete, que possuía provavelmente um quadro central, é delimitado exteriormente por um filete preto duplo e consiste numa quadrícula de bandas, em fundo rosa escuro, com círculos tangentes circunscritos às casas (6 x 5 fiadas E/O e N/S) e pequenos círculos na intersecção (cf. *Le Décor I*, 147b). Os círculos são delineados por um filete cinzento simples com um quadrado desenhado por um filete preto duplo, num fundo branco. Em cada um dos lados externos desse quadrado foi adossada meia florinha rosa e cinzento. Os motivos que preenchem os quadrados foram restaurados, restando apenas três originais, situados no ângulo sudoeste do compartimento. Os grandes círculos apresentam motivos variados (a partir do ângulo sudoeste):

- Quadrado com encanastrado - motivo reconstituído em época moderna;
- Coxim desenhado através de um filete cinzento simples incluindo um segundo triplo, rosa; o interior é realizado como um quadrado côncavo cinzento com quadrado direito rosa incluído em redor de uma tessela central branca. Nos espaços residuais das medianas foi inserido um semicírculo concêntrico policromático [rosa, branco, cinzento e ocre amarelo].
- Quadrado com encanastrado executado [rosa, ocre amarelo, branco e cinzento]; aqui, a meia florinhas apenas se encontram em duas medianas externas do quadrado;
- Florão compósito de oito elementos não contíguos, quatro em *hedera* bicolor apontando ao centro e quatro em pétalas fuseladas, aqui o centro cobrindo as folhas (cf. *Le Décor II*, variante de 267a) e 273 b). As *hederae* são tratadas a cinzento-escuro e rosa ou cinzento-escuro e ocre amarelo. As combinações de cor deviam alternar no motivo original. As quatro pétalas fuseladas [alternadamente cinzento escuro e rosa ou cinzento escuro e ocre amarelo], possuem um botão central timbrado com uma florinha rosa em redor de uma

tessela cinzenta. Um filete bicolor [rosa e cinzento escuro], com folhas cinzentas no eixo das *hederae*, serpenteia em volta do florão;

- Quadrado com encanastrado (motivo reconstituído em época moderna);
- Quadrado com coxim (motivo reconstituído em época moderna);
- Quadrado com encanastrado (motivo reconstituído em época moderna);
- Florão (motivo reconstituído em época moderna).

Os restantes motivos encontram-se praticamente destruídos.

Os pequenos círculos situados na intersecção dos grandes são timbrados com quadrado ou círculo denteado [rosa e cinzento-escuro ou ocre amarelo e cinzento-escuro]. No ângulo sudoeste, um arco de círculo levou um quadrado denteado cinzento e branco no qual se encaixa um segundo, ocre amarelo. No ângulo noroeste do quadrado cinzento, encontra-se um quarto de florinha cinzenta e rosa.

Na linha de remate, de um lado e do outro dos grandes círculos, há arcos de círculo com meia florinha rosa e cinzento-escuro.

O painel central (1,70 m de lado) encontra-se totalmente destruído, mas ainda se vê a moldura em filete cinzento duplo e parte de uma trança de dois cabos policromáticos [amarelo, rosa e cinzento] sobre fundo cinzento. Os dois fragmentos grosseiramente restaurados em época moderna que se encontram no centro não estão *in situ*.

Painel C

Faixa de remate à parede cinzenta, deixando em negativo as pedras de ângulo, hoje perdidas, (39 cm a sul, com largura mínima de 20 cm), destacando dois painéis: a sul (1,53 m x 39 cm) e a norte (1,42 m x 39 cm), simétricos de um lado e do outro de um quadrado central (55 x 52 cm), composto por faixa branca (6 cm), filete duplo cinzento, filete triplo branco e filete cinzento simples. Um esquema de linhas quebradas, em filete simples, produzindo um efeito de arco-íris [cinzento, rosa, amarelo e branco] (cf. *Le Décor* II, 199b) preenche os dois painéis (27 cm de largura).

Datação

O grupo de paralelos para a bordadura do tapete não ultrapassa o séc. III, embora a composição principal se documente na Hispânia até ao séc. IV e os elementos que a preenchem se conhecerem nos séc. III e IV. O mosaico deve, por isso, datar-se de meados do séc. III.

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, 1971.

Tema

Três painéis geométricos:

Painel A, ala este: quadrícula de faixas com quadrados de intersecção.

Painel B, ala sul: composição de ganizes policromáticas.

Painel C, ala oeste: destruída.

Compartimento

Sector I, compartimento D: peristilo (planta 27).

Dimensões do compartimento

A: 5,46 x 2,96; B: 11,95 x 2,66 m; C: 11,80 x 2,30 m.

Dimensões do mosaico

A: 5,46 x 2,96 m; B: 11,95 x 2,66 m; C: destruído.

Local de conservação

Recolocado no lugar de origem, remontado em diversas placas de betão.

Parte visível aquando da descoberta

A planta de L. Matos (1971) assinala um longo fragmento de menos de 1 m de largura ao longo do muro exterior da ala sul B e dois fragmentos na ala este A.

Parte conservada

Conservam-se 5 % da ala sul e um pouco menos de 20 % da ala este.

Técnica de assentamento

A: Onze painéis colocados sobre placas de betão armada com 1,10 x 1,08 m, das quais dez se encontram reposicionados no local original; B: Uma longa placa de 11,95 m e uma placa de 1,10 x 1,06 m; C: (?).

Materiais

Calcário: branco para o fundo; preto, cinzento, rosa e vermelho para o tratamento dos diversos motivos da ala este; rosa e cinzento para as ganizes da ala sul.

Densidade de tesselas

A: 74 /dm², com tesselas de 1 a 1,2 cm de lado; B: 68 /dm²; C: (?).

Estratégia de execução

No estado actual em que conhecemos o mosaico, é muito ousado assinalar as linhas estratégicas do mosaísta romano. Porém, acreditando na fidelidade das remontagens feitas por E. Arsénio podemos, pelo menos, estabelecer o módulo da quadrícula que teria cerca de 82 cm. As certezas quanto à existência de três módulos na largura não são seguras. Aliás, à primeira vista até nos pareceu

uma remontagem pouco correcta pois ela deixou uma larga faixa (1,67 m) junto ao tanque, no lado este, sem pavimento. Tê-lo-ia ou não na época romana? A faixa em questão comportaria muito bem mais dois módulos. A união feita nos quadrados sobre o vértice parece no entanto correcta. No comprimento total da ala, é possível aceitar a existência de cerca de 10 módulos, perfazendo 8,21 m a área da composição (descontando do comprimento total as bordaduras e a composição de ganizes). A execução é visivelmente mais cuidada no campo do que na bordadura, como é habitual. Parece ainda original a estratégia na realização da bordadura: cinco fiadas paralelas à parede seguidas do meandro cujo fundo é de execução desordenada onde as tesselas são irregularmente dispostas em fiadas ora verticais, ora horizontais. O mesmo já não aconteceu no campo onde, apesar da reduzida paleta, se evidencia algum cuidado na feitura do *opus*

Ilustração utilizada

Desenho de E. Arsénio 1979. Fotos MSP 1994.

Bibliografia

Teichner, 2008, A30, p. 302-303, fig. 160-161, est. 62A.

Descrição

tessellatum, sem no entanto se tratar de um trabalho notável.

Restauros antigos

Não existem. Terão sido removidos aquando dos restauros modernos.

Restauros modernos

Na ala sul, 95 % do pavimento foi restaurado por E. Arsénio de forma idêntica ao original, usando tesselas antigas e modernas. Estas identificam-se facilmente pela sua dimensão, com cerca de 1,5 a 2 cm de lado. O pavimento em placas de betão armado (1,10x1,08 m) foi remontado sobre cimento moderno.

Na ala este não há reconstituições importantes, apenas alguns retoques pontuais que não alteram o esquema original. Foi também remontado em placas de betão. A localização dos painéis parece mais ou menos correcta com alguns desacertos na zona de acesso ao compartimento C1.

Faixa de remate à parede branca (20 cm), seguida de faixa branca com meandro de ressaltos quadrados (cf. *Le Décor I*, 30d) desenhada por filete duplo rosa, com uma florinha bicolor [cinzento e rosa] em torno de uma tessela branca em cada ressalto e filete duplo preto (57 cm de largura na ala este e 50 cm na ala sul).

Painel A

Quadrícula de faixas desenhadas a filete simples, com quadrado de intersecção com decoração geométrica (cf. *Le Décor I*, variante de 143a, 144 e 145), determinando três fiadas de quadrados grandes (na largura). Os quadrados maiores, com bordadura rosa e preta de quatro filetes, são alternadamente preenchidos com nós de Salomão inscritos num quadrado preto, quadrados sobre o vértice com quadrado denteado policromático no centro e quadrados com os lados côncavos, igualmente sobre o vértice. Os rectângulos adjacentes inscrevem alternadamente outros rectângulos de lados direitos com borlas pretas nos vértices ou losangos. Na zona de remate da composição, a este, os rectângulos e os quadrados são decorados com quadrados denteados sobre o vértice, com uma cruz branca no centro.

Os quadrados e os losangos são emoldurados através de quatro filetes [preto, rosa, vermelho e preto]. Os quadrados menores são preenchidos com quadrado denteado [cinzento e rosa] em fundo branco, sobre o vértice. Os quadrados maiores são decorados com três motivos (um por fiada): na primeira fiada, a este, com quadrados de lados direitos sobre o vértice, desenhados através de dois filetes rosa, com um quadrado denteado da mesma cor, contorno cinzento e tessela branca no centro; na fiada central, com nós de Salomão policromáticos [preto, branco, vermelho e rosa] inserido num quadrado direito preto; na terceira fiada, a oeste, com quadrados côncavos sobre o vértice realizados com a mesma cor da respectiva moldura. Na linha de remate da composição, a oeste, os rectângulos incluem outros, como no resto do campo.

A segunda bordadura situa-se sensivelmente a meio da composição e é, em tudo, idêntica àquela que se situa a este.

Painel B

Composição ortogonal de ganizes adjacentes (cf. *Le Décor I*, 221c), delineadas a filete cinzento duplo, seguido de filete rosa duplo. Numa faixa ao longo de todo o lado sul, o motivo alterna com uma fiada de escamas (cf. *Le Décor I*, 221g). Cada ganiz mede 14 cm de largura na área mais estreita e 33 cm de comprimento máximo.

Painel C

Destruído.

Datação

Esta quadrícula de faixas afasta-se do seu modelo itálico do séc. II, aproximando-se antes dos exemplos tardios, nomeadamente os pavimentos de *Thuburbo Maius*. Estes, conjugados com os também tardios paralelos da composição de ganizes, justificam uma datação no séc. IV, talvez nos seus inícios tendo em conta a datação mais tardia de Oeiras e Djebel Oust, ou mesmo de Quinta das Longas. Do ponto de vista arquitectónico, o peristilo remonta aos meados do séc. II (Teichner, 2008, fig. 153, fase II), encontrando-se em uso até aos finais da Antiguidade, pelo que uma datação nos inícios do séc. IV coaduna-se com a última fase de ocupação romana da casa.

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, 1971.

(?)

Parte conservada

-

Tema

Mosaico destruído.

Técnica de assentamento

(?)

Compartimento

Sector I, compartimento K1: sala hexagonal de um torreão (planta 27).

Materiais

(?)

Dimensões do compartimento

-

Densidade de tesselas

(?)

Dimensões do mosaico

-

Estratégia de execução

(?)

Local de conservação

Destruído.

Restauros antigos

-

Parte visível aquando da descoberta

Restauros modernos

-

Ilustração utilizada

-

Bibliografia

Teichner, 2008, A63, p. 316-317est. 66B.

Descrição

Destruído.

Datação

O torreão teria sido edificado por volta do séc. III (Teichner, 2009, fig. 153B, fase III).

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, 1971.

Tema

Fragmento de bordadura em ramagem.

Compartimento

Sector I, compartimento F1/k: grande espaço aberto situado no sector oeste da casa, dando acesso ao compartimento F2 (planta 27).

Dimensões do compartimento

-

Dimensões do mosaico

-

Local de conservação

In situ.

Parte visível aquando da descoberta

-

Ilustração utilizada

Fotos MSP 1994.

Bibliografia

Teichner, 2008, A22, p. 300-302.

Descrição

Parte conservada

Conserva-se um pequeno fragmento de 50 x 33 cm, adossado à parede sul do compartimento.

Técnica de assentamento

O assentamento original conserva-se com cerca de 3 cm de *nucleus*.

Materiais

Calcário branco e preto.

Densidade de tesselas

92/dm², com tesselas de 0,8 a 1 cm de lado.

Estratégia de execução

-

Restauros antigos

Não existem.

Restauros modernos

Consolidações pontuais.

Trata-se de um fragmento de uma bordadura de ramagem desenhada por um filete preto simples, com o início de duas gavinhas à esquerda e à direita (3 tesselas pretas), assim como um segundo filete no centro de uma voluta de círculo central constituído por uma tessela preta de 1,5 cm de lado. As tesselas brancas do fundo da zona da voluta são dispostas de forma concêntrica.

Datação

A exígua dimensão do fragmento conservado e o estado de destruição em que se encontra o sector constituem constrangimentos ao estabelecimento de uma datação. Segundo F. Teichner, a estrutura associada ao mosaico estaria definida desde a fase II, ou seja, meados do séc. II, mantendo-se após a reestruturação da *villa* no séc. III, na fase III (Teichner, 2008, fig. 153). É possível que o mosaico corresponda a qualquer uma destas fases.

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, 1963.

Tema

Composição de cruces de pétalas fuseladas formando uma quadrícula.

Compartimento

Sector I, compartimento F2: *frigidarium* das pequenas termas privadas, com cerca de 2/3 da sua área ocupados por um tanque com abside revestido com *opus sectile* (planta 27).

Dimensões do compartimento

6,91 x 4,74 m (lado este) e 4,96 m (lado oeste).

Dimensões do mosaico

4,60 x 2,17 m.

Local de conservação

In situ.

Parte visível aquando da descoberta

Foi o primeiro mosaico a ser descoberto no local no dia 11 de Outubro de 1963 (Farrajota / Paço, 1966, p. 69, fig. 9-10). A foto geral publicada pelos descobridores foi obtida desde o lado sul do compartimento

no momento da descoberta e ilustra a mesma área que se conserva hoje em dia, sendo facilmente identificadas as diversas lacunas e os limites da destruição. O sulco que ainda se observa na área conservada no sentido este-oeste foi provocado pelo tractor segundo os autores (1966, p. 73). Assim, conservava-se uma área de cerca de 40% com lacunas pontuais no fundo branco. A área oeste encontra-se já totalmente destruída.

Parte conservada

2,17 m de comprimento máximo conservado (norte/sul) que corresponde a cerca de 1/3 da superfície (concentrando-se na parte este) no mosaico A. Registam-se vestígios de incêndio no sétimo módulo (de norte a sul) e na área central, junto ao lado este, com cerca de 30 cm de diâmetro.

Técnica de assentamento

A camada de assentamento do mosaico conservou-se parcialmente, sendo possível observar o negativo das tesselas nalguns locais.

Materiais

Calcário: branco e preto.

Densidade de tesselas

69/dm², com tesselas de 8 mm a 1,8 cm de lado. Na moldura branca as tesselas medem cerca de 0,7 cm de lado.

Estratégia de execução

Na execução do pavimento, os mosaístas avançaram de norte para sul, como o indica a redução progressiva dos dois últimos módulos para se adaptarem ao espaço

disponível. O módulo a norte mede 0,34 cm, enquanto a sul se reduz para 0,23 cm.

Restauros antigos

Muito circunscritos às lacunas no fundo branco, preenchidas com *opus signinum* grosseiro.

Restauros modernos

Remate e consolidação do contorno.

Ilustração utilizada

Desenho E. Arsénio 1979. Levantamento à escala 1/1 (MSP 1994). Fotos MSP 1994.

Bibliografia

Farrajota / Paço, 1966, p. 73, fig. 9-10; Lancha / Carrez, 2003, p. 129, fig. 10; Reis, 2004, nº 067, p. 120-121; Oliveira / Viegas, 2005, p. 58-60, fig.3; Teichner, 2008, A50, p. 310, fig. 164, est. 65A.

Descrição

Faixa de ligação aos muros preta, mais estreita no lado sul (6 cm) do que a este (10 cm). Segue-se um filete branco triplo (3 cm de largura) e um filete preto duplo.

O tapete apresenta uma composição ortogonal, bastante elegante, de cruces de pétalas fuseladas pretas sobre fundo branco, tendo ao centro uma tessela negra colocada sobre o vértice (seis módulos de comprimento). As quatro pétalas formam florinhas não contíguas que produzem um efeito de quadrícula (cf. *Le Décor*, variante de 125e). No prolongamento das pétalas, uma tessela colocada sobre o vértice, continua a linha, no ponto de junção entre duas pétalas.

Datação

A datação proposta para a edificação do *frigidarium* é para P. Reis os meados do séc. III (Reis, 2004, p. 120), proposta que não se diferencia daquela que recentemente F. Teichner propôs, a saber, séc. III (Teichner, 2008, p. 310, fase IIIa). Do ponto de vista estilístico, o mosaico enquadra-se nos modelos em voga no mesmo século, sendo prova disso os paralelos apontados no estudo estilístico.

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, 1971.

Tema

Mosaico destruído.

Compartimento

Sector I, espaço j: corredor de acesso ao *triclinium*, com abside a sul parcialmente destruída na metade este (planta 27).

Dimensões do compartimento

5,54 x 1,15 m (abside centrada parcialmente destruída).

Dimensões do mosaico

A presença de vestígios da camada de assentamento demonstra que todo o solo da área da abside era pavimentado com *opus tessellatum*, não sendo ainda improvável que o corredor também o fosse.

Local de conservação

Camada de assentamento *in situ*.

Ilustração utilizada

Fotos MSP 1994.

Bibliografia

Teichner, 2008, A36.5, p. 304-305.

Parte visível aquando da descoberta

(?)

Parte conservada

Conserva-se apenas a camada de assentamento numa área de 75 x 4 cm.

Técnica de assentamento

(?)

Materiais

(?)

Densidade de tesselas

-

Estratégia de execução

(?)

Restauros antigos

-

Restauros modernos

-

Descrição

Pavimento destruído.

Datação

-

Estampas CL, CLI, CLII e CLIII

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, 1964 e 1971.

Tema

Três soleiras com decoração geométrica.

Tapete composto por quatro painéis (A, B, C1 e C2) dispostos em T (invertido) + U (sem base):

Painel A: destruído;

Painel B: composição de octógonos,

Painel C1: composição de círculos secantes;

Painel C2: composição de círculos e quadrados adjacentes;

Painel D: Abside em *opus tessellatum* (?) (destruído).

Compartimento

Sector I, c, compartimento G1: *triclinium* rematado com abside (planta 27).

Dimensões do compartimento

Total: 7,80 x 7,70 m.

Soleira: 5,65 x 0,55 m (total); intercolúnios da ábside: 1,41/1,30/1,36 m (este-oeste); abside: 5,53 m (corda) e 2,50 m (flecha).

Dimensões do mosaico

Total: 7,80 x 7,70 m.

Soleiras: 87 x 55 cm (este), 52 x 30 cm (oeste), destruída no centro.

Tapete: A (barra e parte superior da haste): 6,62 x 1,23 min. a 2,90 máx. m; B (haste do T): 3,75 x 3,69 m; C1 (oeste): 5,03 x 1,43 m; C2 (este): 5,20 x 1,43 m.

Local de conservação

In situ, com exceção de uma placa do painel B no Museu de sítio.

Parte visível aquando da descoberta

Terá sido o segundo mosaico a ser descoberto por Afonso do Paço e José Farrajota, em 1964 (1966, p. 73, fig. 11-12), no entanto, não é possível definir com rigor a área conservada nessa ocasião uma vez que as duas fotografias publicadas registam apenas pormenores do painel C1, hoje ainda conservados *in situ*.

Na planta das escavações realizadas na década de 70, L. Matos assinala fragmentos muito reduzidos, dispersos pelo compartimento (1971, planta): soleira este, fragmento da bordadura ao longo da parede este, um fragmento com sentido norte-sul do painel C1 (este), cinco pequenos fragmentos do painel C2 (oeste) e ainda o ângulo sudoeste da parede.

Parte conservada

Cerca de 10 % da área, três fragmentos das soleiras, os negativos das placas e os calços em mármore no espaço intercolunar, uma ínfima parte da camada de assentamento da abside e a própria abside. A pequena dimensão das tesselas pode ter estado na origem da fácil desagregação do *opus tessellatum*.

Técnica de assentamento

Ainda é visível a camada de assentamento com impressões de tesselas nalguns locais do suporte antigo. O *nucleus* é de 2 cm e o *rudus* de 3 cm. Na soleira, a camada de assentamento conserva-se, mas a sua espessura não pode ser determinada.

Materiais

Calcário: ocre amarelo, ocre vermelho, rosa claro, rosa, rosa escuro, cinzento, preto e branco.

Ilustração utilizada

Desenho de E. Arsénio 1979. Levantamento à escala 1/1 (MSP 1994). Fotos MSP 1994.

Bibliografia

Farrajota / Paço, 1966, p. 73, fig. 11-12; Lancha / Carrez, 2003, p. 128-129, fig. 8 e 9; Teichner, 2008, A37, p. 305-306, fig. 162, est. 63 e 64A.

Densidade de tesselas

Tapete (bordaduras e campo): 245 /dm², com tesselas de 0,4 a 0,5 cm de lado.

Restantes áreas: 61 /dm², com tesselas de 1 a 2 cm de lado.

Estratégia de execução

No painel C2 a composição está bem adaptada ao espaço disponível, apresentando uma sequência de três círculos maiores alternando com dois menores. Pelo contrário, no painel C1 verifica-se que a distância entre os círculos diminui de sul para norte, sendo estes últimos mais próximos, o que implica que os quadrados se transformem em losangos no remate da composição, a norte.

Restauros antigos

Não existem nas áreas conservadas.

Restauros modernos

Os restauros são pontuais. O mosaico foi consolidado *in situ*, conservando a camada de assentamento antiga. Talvez a soleira, no lado este, esteja refeita.

Descrição

Composição em T+U típica de um *triclinium*, com inusitada disposição do painel da barra do T, aqui situado à entrada do compartimento e não ao fundo criando um T+U invertido. Os pavimentos do compartimento organizam-se da seguinte forma:

– Três soleiras das quais se conserva uma constituída por um rectângulo com losango incluído;

– Tapete composto por quatro painéis distintos: A, barra horizontal do T e uma parte da base, destruído; B, haste do T com uma composição de octógonos; C1, painel oeste com uma composição de círculos secantes; C2, painel este com uma composição de círculos e quadrados adjacentes;

– Abside: *opus tessellatum* (?), destruído;

Soleiras

Das três soleiras existentes na época romana, conserva-se em boa parte a do lado este. Consiste num losango deitado (43 cm de lado) desenhado por um filete preto duplo inscrito num rectângulo desenhado por um filete preto. É o único losango que se conserva inteiro, com uma florinha a branco, rosa claro e preto. Nos espaços residuais foram colocados quatro círculos desenhados por filete preto. O fragmento oeste, muito destruído, apresenta o mesmo motivo. O terceiro fragmento, no centro, mostra parte de uma trança.

Tapete

Faixa de remate à parede conservada nalguns pontos dos quatro lados do tapete (47 e 50 cm) com onda de peltas desenhadas por filete preto duplo com interior rosa e meia florinha preto e rosa escuro no ápice (cf. *Décor I*, variante de 58 b). Nos ângulos sudoeste e nordeste o esquema adapta-se à geometria do compartimento: a pelta dispôs-se na diagonal e o espaço do prolongamento é bastante reduzido em relação ao resto da composição. No ângulo sudeste, o espaço, restringido pelo acrescento do muro, foi preenchido com quatro quadrados denteados [rosa escuro e preto] com uma tessela branca no centro. No mesmo fragmento, podemos ver o arranque de uma pelta que faz parte da faixa sul, assim como cinco tesselas pretas no ângulo da bordadura do painel A do mosaico.

O tapete encontra-se bastante destruído, salvo a moldura composta por uma trança policromática de dois cabos [preto, branco, ocre amarelo, rosa e ocre vermelho].

Painel A

A barra do T está praticamente toda destruída, tendo apenas subsistido algumas tesselas *in situ*. Do filete preto da moldura, restam cerca de vinte tesselas no ângulo nordeste, cinco tesselas no ângulo sudeste e no ângulo sudoeste cerca de 3 cm. Alguns indícios permitem ainda identificar a decoração da moldura em trança: quatro tesselas pertencentes ao ângulo interior oeste, assim como seis tesselas no ângulo nordeste da barra do T (numa pequena área de 5,5 x 2 cm) encontram-se *in situ*. Estas últimas foram de inestimável importância pois permitiram localizar com precisão o limite entre a barra e a haste do T. No ângulo noroeste, os negativos de tesselas na argamassa de assentamento deram-nos a largura da bordadura – 15 cm.

Junto à trança, conservam-se numa extensão máxima de 55 x 10,5 cm dois semicírculos com meia florinha rosa claro.

Painel B

Faixa branca (5 cm). Primeira moldura em guiloché policromático de alma curva (21 cm) destruído a oeste, mas conservado no lado este, e realizado a preto, cinzento claro, rosa escuro, rosa claro, ocre vermelho e branco (cf. *Le Décor I*, 74c). Conserva-se numa extensão de 3,16 m a este.

Apenas no flanco este, podemos identificar uma segunda moldura (11 cm de largura e 1,55 m de comprimento conservados) sem filete no interior, constituída por um meandro de ressaltos ocre vermelho, delimitado por um filete preto (*Décor I*, variante de 30c). Esta área foi executada com tesselas de dimensões muito menores do que as dos painéis descritos e conserva-se *in situ* numa extensão de 1,60 m. Segue-se filete preto duplo, faixa branca (5 cm), uma terceira moldura em trança policromática de dois cabos [ocre vermelho, rosa claro, cinzento e preto] em fundo preto (6 cm), faixa branca (2 cm) e a quarta moldura em trança policromática de dois cabos (conservada em 1,35 m de comprimento) faz já parte da composição principal do painel com uma composição à base de octógonos, desenhada precisamente com trança de dois cabos. Desse painel conserva-se uma pequena parte *in situ* (85 x 19 cm) que não permite uma identificação segura. Na linha de remate dessa composição podemos ver um octógono truncado com elemento vegetalista (meio florão?) composto por um semicírculo [rosa e preto] delimitado por um filete preto incluindo um triângulo denteado ocre vermelho, branco e preto, com duas folhas fusiformes laterais policromáticas. Ainda se vê a extremidade de uma folha, talvez uma *hedera*, e duas folhas laterais.

O painel depositado no museu do sítio (1,12 x 0,65 m) pertencia ao ângulo nordeste (segundo informação de E. Arsérnio) e foi praticamente todo refeito. Reconhecem-se lhe as

molduras atrás descritas e no espaço triangular criado pela composição no ângulo um motivo vegetal. Este parece-nos uma tentativa tosca de E. Arsénio em realizar um florão do tipo descrito para o campo. Se o círculo e as duas folhas são aceitáveis na sua estrutura, o mesmo não se pode dizer nem para o tratamento cromático nem para a *hedera* que realizou. A bobina denteada que ocupa um paralelogramo supostamente criado pelo esquema também não nos parece original. Aliás, se o esquema é efectivamente à base de octógonos, o desenho que E. Arsénio assemelha-se muito mais a uma composição de estrelas de oito pontas. Trata-se certamente o espírito inventivo do restaurador que, neste caso, não seguiu o original.

No lado norte do compartimento, pode ver-se um segundo fragmento de bordadura em trança em posição original.

Da composição, pouco resta. Todavia, a presença de impressões de tesselas na argamassa de assentamento permitem restituir o esquema: tratava-se de uma composição ortogonal de octógonos adjacentes, determinando quadrados (cf. *Le Décor I*, variante de 164b), desenhado por trança de dois cabos [ocre vermelho, rosa claro, cinzento e preto].

Painel C1

Composição floral de grandes e pequenos círculos secantes, não contíguos, desenhados a filete preto, deixando entrever octógonos de lados côncavos no interior dos grandes círculos e bobinas nos pequenos (cf. *Le Décor I*, 151e). Os octógonos são compostos por quatro sinos em cruz diagonal, com a base orientada para o centro do círculo, desenhando um octógono de lados côncavos em redor de um nó de Salomão [cinzento, branco e rosa claro]. No interior dos sinos existe uma decoração vegetal de duas folhas lanceoladas de um lado e do outro de um botão circular central, de onde partem, igualmente, dois caules simétricos com folhas lanceoladas rosa.

Nas bobinas há dois sinos adossados, ligados através de um botão desenhado a filete preto. Duas folhas lanceoladas estão ligadas ao botão. Nos espaços formados pela intersecção dos dois círculos secantes encontram-se meias florinhas cinzento e rosa. Ao centro, existe um fuso disposto na vertical que inclui um rectângulo denteado cinzento e rosa com o centro branco. Na linha de remate da composição formam-se meias escamas que incluem meias florinhas denteadas rosa e preto.

Painel C2

Composição ortogonal de círculos e quadrados dispostos sobre o vértice adjacentes determinando bobinas (cf. *Le Décor I*, 156a). Cada círculo possui quatro peltas adossadas em cruz

diagonal, formando uma cruz de Santo André dois pares de peltas adjacentes e opostas simetricamente. As bobinas incluem um motivo vegetal formado por um botão central com duas folhas lanceoladas de um lado e do outro de um botão central, de onde partem igualmente dois caules simétricos com folhas lanceoladas rosa.

A interrupção da composição corta os motivos ao meio. No semi círculos encontram-se meios botões circulares com flor-de-lis [cinzento e rosa] com meio botão preto com um triângulo denteado [cinzento e rosa]. Nos triângulos encontramos peltas a preto e rosa ou triângulos sobre o vértice de cor rosa, desenhados por um filete duplo de tesselas pretas. De um lado e do outro das peltas é visível um triângulo denteado preto e rosa. Nas peltas que se encontram no interior dos círculos junto ao ápice observam-se meias florinhas [preto e ocre vermelho].

No extremo norte da composição, o espaço residual foi preenchido com uma florinha, sendo, a este, apenas uma metade. No ângulo sudoeste é visível um quarto de círculo com meia florinha no interior.

Painel D

Apenas uma pequena parte da camada de assentamento se conserva junto da parede da abside. Talvez se tratasse de revestimento em *opus tessellatum*.

Datação

Os paralelos citados no estudo estilístico, mormente os norte africanos onde se filia directamente o pavimento, permitem considerar como válida uma cronologia situada por volta de princípios do séc. IV.

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, 1972.

Tema

Opus tessellatum monocromático.

Compartimento

Sector II, compartimento D3: pequeno tanque de água fria situado no lado este da *natatio* das grandes termas, com escadas de acesso (planta 27).

Dimensões do compartimento

2,67 x 2,16 m no solo; 1,28 x 0,55 m nos degraus; 1,25 m de altura.

Dimensões do mosaico

O mosaico ocupa toda a área do solo do tanque.

Local de conservação

In situ.

Parte visível aquando da descoberta

A mesma que actualmente.

Ilustração utilizada

Foto MSP 1994.

Parte conservada

Conserva-se cerca de 90 % do mosaico original.

Técnica de assentamento

O pavimento foi colocado depois dos revestimentos murais.

Materiais

Calcário branco.

Densidade de tesselas

109/dm², tesselas de 6 a 8 mm de lado.

Estratégia de execução

O tapete foi construído através da colocação de linhas paralelas ao muro.

Restauros antigos

Pontuais.

Restauros modernos

Os restauros modernos realizados por E. Arsénio circunscrevem-se a pequenas áreas e consistiram em material branco puro que se distingue perfeitamente do material original. A maior é de cerca de 56 x 31 cm, contando-se ainda onze pequenos pontos dispersos.

Bibliografia

Teichner, 2008, C5, p. 329, fig. 179, est. 70A.

Descrição

Opus tessellatum branco em toda a área do solo do tanque constituído por tesselas dispostas regularmente.

Datação

O estudo arquitectónico aponta para época tardo-imperial, fase III (Teichner, 2008, p. 325) e é consentâneo com o perfil técnico do mosaico.

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, anos 90 (?).

Tema

Cena marinha bicolor.

Compartimento

Sector VI: pequeno tanque situado a oeste das Grandes Termas (planta 27). Esta estrutura aquática pertenceu a uma fonte ou, segundo F. Teichner, a um *triclínium* aberto, de Verão, integrando o edifício termal (2005, p. 88) ou ninfeu (Teichner, 2008, p. 343).

Dimensões do compartimento

Não é possível determinar, por se encontrar em boa parte destruído e sob denso canavial.

Dimensões do mosaico

90 cm de largura. Não é possível estabelecer o comprimento total do mosaico.

Local de conservação

In situ.

Parte visível aquando da descoberta

Descoberto em 1991, foi escavada a área actualmente visível.

Parte conservada

A parte norte está destruída conservando-se hoje cerca de 80% da superfície do mosaico (1,70 X 0,90 m).

Técnica de assentamento

Não é possível determinar.

Materiais

Calcário: branco para o fundo e preto para o tratamento das figuras.

Densidade de tesselas

55/dm², tesselas com 1 cm de lado.

Estratégia de execução

Os diversos exemplares de fauna marinha foram dispostos irregularmente em três planos distintos, com algum desequilíbrio na sua distribuição e certa rigidez nas formas. Apenas uma linha de preenchimento do fundo é constante em todo o perímetro interior do painel. Os diversos sentidos seguidos no enchimento do fundo branco, ora horizontal na metade direita, ora vertical na metade esquerda, mostram uma certa improvisação na

distribuição dos vários exemplares marinhos. O mosaísta dispunha dos diferentes modelos que foi reproduzindo, tendo talvez iniciado o seu trabalho pelo plano central no qual colocou um golfinho e dois peixes em linha, numa tentativa de organizar o espaço disponível. A seguir, terá provavelmente acrescentado os restantes elementos, mas foi deixando grandes áreas em branco porque calculou mal a área ocupada por cada um: o polvo aparece no

plano inferior entalado entre a bordadura um dos peixes, o murex do plano superior está quase encostado ao mesmo peixe e o tridente vem bater na barbatana do golfinho.

Restauros antigos

Não existem.

Restauros modernos

Consolidação da moldura nos lados norte e oeste.

Ilustração utilizada

Desenho de E. Arsénio 1979. Levantamento à escala 1/1 (MSP 1994). Fotos MSP 1994.

Bibliografia

Teichner, 2008, D, p. 343-344, fig. 186, est. 68B.

Descrição

Faixa de ligação branca, com cerca de 4 cm de largura. O tapete é delimitado por uma bordadura de 6,5 cm de largura, constituída por um filete denteado (dentes de 2 x 2 tesselas negras) seguido de um filete preto sobre fundo branco.

Num campo rectangular (1,54 x 0,62 m) destacam-se diversos exemplares de fauna marinha tratada a preto em fundo branco organizados em três planos distintos, mas irregulares. No plano inferior, na metade direita da cena, um polvo nadando para a direita, como se depreende da sua inclinação (36,25 cm de comprimento máximo). Os seus seis tentáculos são curtos, sobretudo os que vêm encostar à bordadura, e representados através de filetes pretos simples ligeiramente ondulados como se espera de um movimento aquático. Também o seu corpo é realizado a preto. A cabeça, pequena e suavemente alongada, destaca-se com um contorno preto que dá realce ao fundo branco. Dois olhos quase imperceptíveis foram realizados com tesselas brancas na parte inferior da cabeça, aqui preta. O polvo foi o único a ser realizado de frente, os restantes elementos são apresentados de perfil. A metade esquerda do primeiro plano está praticamente toda destruída e só se vê parte muito reduzida de um qualquer outro exemplar marinho (?), parte essa constituída

por um filete preto encurvado, colocado no mesmo eixo da cabeça do polvo, com a qual, aliás, apresenta grande semelhança.

Num plano intermédio, mais rico, vemos três exemplares marinhos de perfil, nadando para a esquerda. À direita, um golfinho, debruado a filete preto simples desde a boca, barriga, até à cauda (43,50 de comprimento máximo). O dorso foi acentuado com um filete preto mais espesso, duplo. A boca, de traço simples, está entreaberta. O olho foi encostado ao dorso e realizado com um círculo de tesselas pretas com uma tessela branca central. As barbatanas são sumárias: duas ventrais, uma peitoral bifurcada e a dorsal mais acentuada. O opérculo é representado com um arco de círculo a filete preto ligando o dorso ao peito. Finalmente a cauda rebatida para cima, na sua forma canónica, é rematada em forma de foice com um triângulo preto central, em jeito de ápice.

À frente do golfinho, um peixe representado de perfil nada para o plano inferior. Este, de corpo amendoado (28,70 cm de comprimento máximo), apresenta o contorno inferior a filete preto, até à zona de arranque da barbatana dorsal, com duas pequenas barbatanas (uma pélvica e uma anal). O olho obedece ao tipo mais comum de círculo de tesselas pretas, em fundo branco, com tessela central preta. A região dorsal é acentuada através de um filete duplo preto e uma barbatana de seis raios curtos. De igual modo, são cinco raios curtos que marcam a zona da cauda. No corpo, o tratamento é muito sumário. Apenas quatro tesselas marcam a linha lateral e a barbatana peitoral é desenhada por um filete em V. Finalmente, o opérculo foi representado através de um filete simples ligeiramente convexo definindo o limite entre a cabeça e o corpo. Pode tratar-se de uma dourada.

Já o terceiro peixe do plano intermédio (36,76 cm de comprimento máximo) apresenta uma forma rígida acentuada pelo filete preto inferior que lhe contorna o peito e serve de barbatana anal. Tal como no peixe anterior, é através de um filete duplo que o dorso sai reforçado. As barbatanas dorsais surgem a espaços irregulares formadas por quatro filetes curtos. Na cabeça, três tesselas dispostas em V assinalam o olho. O opérculo é obtido da mesma forma do peixe anterior, com um filete convexo, mas a barbatana peitoral é reduzida a duas tesselas. Não apresenta linha lateral no corpo. Quer a cauda, arredondada, quer o corpo longuiforme mostram que se trata de uma espécie diferente da anterior. Pode tratar-se de um robalo.

No plano superior, podem ver-se três elementos secundários do mundo marinho. À esquerda, um tridente cujo cabo parte do ângulo da bordadura seguindo a linha mediana do rectângulo é desenhado a filete simples preto (33 cm de comprimento máximo). Os dentes laterais formam ângulos rectos e o central é o prolongamento do cabo. Segue-se um molusco gastrópode, de corpo retorcido, que pode corresponder a um murex (20,21 cm de comprimento máximo). De entre os vários subtipos conhecidos, este corresponde àquele que não apresenta espinhos e possui

um canal sifonal. Finalmente, pode ver-se no mesmo plano um bivalve representado de perfil, desenhado com filete simples preto (14,65 cm de comprimento máximo) com duas tesselas salientes no lado direito que representam o pé.

Datação

Segunda metade do século III, tendo em conta os elementos de carácter estilístico.

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, anos 80.

Tema

Dois painéis geométricos:

Painel A, soleira: destruída;

Painel B, tapete principal: composição ortogonal de círculos secantes determinando quadrifólios e delimitando quadrados de lados côncavos.

Compartimento

Sector III, compartimento C3: átrio central de distribuição para os restantes compartimento da casa conhecida como “casa pequena” (planta 27). A sudeste, a instalação de uma lareira em época tardia sobre o mosaico confirma as utilizações posteriores que adulteraram a funcionalidade do espaço.

Dimensões do compartimento

7,26 X 5,65 m.

Dimensões do mosaico

As mesmas do compartimento.

Local de conservação

In situ.

Parte visível aquando da descoberta

Cerca de 50% do mosaico apresenta lacunas, na soleira e em praticamente toda a metade norte do pavimento.

Parte conservada

Conserva-se cerca de metade dos tapetes geométricos numa área de 5,76 X 3,10 m.

Técnica de assentamento

Não foi possível determinar.

Materiais

Calcário bege amarelado, cinzento, ocre vermelho, branco e preto e mármore rosa claro e branco.

Densidade de tesselas

57/dm², tesselas de 0,5 a 1,8 cm de lado.

Estratégia de execução

O fundo da composição foi realizado em mármore rosa, excepto para uma superfície de 1,81 x 0,96 m no lado este, parte sul, onde se encontra mármore ou calcário branco. O motivo desta mudança pode prender-se com a falta de tesselas, a presença de outro mosaísta, ou mesmo um engano. Não se exclui a possibilidade de se tratar de um restauro

antigo. Da mesma forma, numa das primeiras folhas dos círculos à entrada não corresponde à sequência realizada no resto do pavimento quando deveria ter sido executada a bege amarelado, o seu contorno foi iniciado em cinzento, embora tenha sido corrigido o erro e o preenchimento tenha sido realizado com a cor correcta. Do mesmo modo, a separação das duas cores nas pequenas folhas cordiformes no interior dos círculos cinzento na base e vermelho na extremidade, por vezes, na terceira fiada no sentido longitudinal, com a mesma combinação cromática. A disposição dos nós de Salomão e dos florões não obedece a nenhum critério, sendo o acaso a determinar a escolha do mesmo.

Ilustração utilizada

Desenho de E. Arsénio 1979. Levantamento à escala 1/1 (MSP 1994). Fotos MSP 1994.

Bibliografia

Matos, 1994, p. 142; Lancha, 2003-2, p. 133; Teichner, 2008, F3, p. 359-360, fig. 202, est. 79B e 81A.

Descrição

Painel A

A soleira (5,76 x 3,10 m) encontra-se totalmente destruída.

Painel B

O tapete principal possui uma bordadura com 70 cm de largura, salvo a este com 77 cm. Esta faixa é constituída por uma variante do motivo da onda de peltas com ápice prolongado por

Restauros antigos

Apresenta alguns restauros em *opus signinum*: dois a sudeste (4 x 4 cm e 17 x 1 cm) e dois a oeste, quase no centro do tapete (1,12 x 0,60 m e 35 x 6 cm). Outro restauro diferente na técnica pode ser visto no ângulo sudeste, próximo da soleira, e na bordadura norte, na primeira pelta a oeste, à esquerda, com tesselas em cerâmica. A lacuna foi preenchida com tesselas de cerâmica amareladas pela acção do calor.

Restauros modernos

Pode ver-se um restauro moderno no lado sudoeste, com a possível deslocação de um fragmento, em época islâmica, para cobrir um orifício.

duas volutas, rematado em gavinhas ocre vermelho, que se destaca sobre o fundo bege esverdeado ou cinzento, alternadamente. As peltas são desenhadas por filete duplo rosa claro e incluem sucessivamente uma segunda, ocre vermelho, e enchimento bege esverdeado no lado sul e este, e cinzento nos lados norte e oeste. As volutas, rematadas de forma simétrica no ápice, são desenhadas com filete branco no arranque e depois vermelho. A bordadura prolonga-se em todo o redor, salvo na entrada este do mosaico.

No ângulo noroeste o esquema de peltas adapta-se ao espaço e forma uma única grande pelta com o ápice em flor-de-lis cuja folha central, lanceolada, é vermelha, de ponta branca. Nas duas folhas laterais, as cores alternam em função da anterior. As folhas do ângulo sudeste apresentam-se cordiformes no ápice, de tonalidade rosa, com dois caules rosa de um lado e do outro do motivo central.

A composição do tapete é formada por círculos secantes determinando quadrifólios e delimitando quadrados de lados côncavos, com tesselas nos pontos de tangência (cf. *Le Décor I*, variante de 239 d). As folhas são alternadamente bege esverdeado e cinzento. Os quadrados de lados côncavos inscrevem quer um quadrado cinzento com nó de Salomão policromático [ocre vermelho, cinzento, e branco] ou um florão com quatro folhas cordiformes em torno de um botão circular cinzento, central. As flores são bicolores [ocre vermelho e cinzentas]. Não existe uma alternância regular entre os nós de Salomão e os florões.

Na linha de interrupção do motivo, os espaços residuais a oeste e a sul são preenchidos por quadrados denteados bicolores [cinzento e ocre vermelho] e diferentes motivos vegetais como folhas cordiformes, flores de lótus e folhas.

Datação

O estudo estilístico permite situar o mosaico nos meados do séc. III, datação que se coaduna com o faseamento arquitectónico definido por F. Teichner (2008, p. 357, fase II).

Lugar e data da descoberta

Cerro da Vila, anos 80.

Tema

Dois tapetes geométricos justapostos:

Painel A, tapete principal: Composição centrada com um octógono estrelado por retângulos e quadrados alternadamente, tangentes.

Painel B, área do *lectus*: linha de octógonos secantes realizados em meandro de suástica com tirsos nos hexágonos longos.

Compartimento

Sector III, compartimento C4: *cubiculum* da habitação (planta 27).

Dimensões do compartimento

5,80 x 4,22 m.

Dimensões do mosaico

Total: 5,80 x 4,22 m. A: 3,79 x 4,22 ou 4,76 m incluindo a soleira da entrada; 2,95 x 2,87 m no quadro central; B: 1,99 x 4,16 a 4,22 m.

Local de conservação

In situ.

Parte visível aquando da descoberta

Nos anos 80, apresentava a mesma área que actualmente.

Parte conservada

Grande lacuna ao centro do tapete A, diante da soleira e sobre o lado oeste do compartimento. Igualmente, no ângulo sudeste e sul dos lados norte e parte sul do painel B. O pavimento apresenta deformações significativas em toda a superfície onde se observam também vestígios de incêndio.

Técnica de assentamento

Nucleus de 2 a 3 cm de espessura mínima, constituído por uma amálgama de fragmentos de cerâmica e de tesselas envolvidas por argamassa.

Materiais

A: Calcário: preto, ocre vermelho e mármore branco (?); B: cerâmica: ocre amarelo e calcário: branco.

Densidade de tesselas

A: 96/dm², tesselas com 7 mm a 1,2 cm de lado; B: 52/dm², tesselas com 5 mm a 1,8 cm de lado.

Estratégia de execução

Verifica-se que o tapete A se prolonga até ao muro norte, sob as camadas de estuque pintado, chegando este a sobrepor-se a uma parte do motivo de ornatos de folhagem do mosaico, escondendo-o.

A execução do pavimento B começou pelo lado oeste. A linha de octógonos apresenta três destes motivos secantes e adjacentes, em meandro de suástica, interrompidos no lado este. A impossibilidade de realizar os quatro hexágonos alongados, com os respectivos tirso, levou o mosaísta a optar por aumentar o último tirso a este (mais 50 cm que os outros), assim como os restantes motivos, para uma melhor adaptação do motivo ao espaço disponível.

Ilustração utilizada

Desenho de E. Arsénio 1979. Levantamento à escala 1/1 (MSP 1994). Fotos MSP 1994.

Bibliografia

Teichner, 2008, F4, p. 360-361, fig. 203, est. 80.

Descrição

Faixa de remate à parede com 35 cm a oeste; 28 cm a norte e 11 cm a este (39 cm na soleira).

Painel A

O tapete, de 3,44 x 4 m, situa-se no lado norte do compartimento e apresenta duas molduras sucessivas. A primeira, de 30 cm de largura (excluindo o filete cinzento) desenvolve-se nos lados oeste e norte e, a este, apenas na soleira de entrada. Apresenta uma ramagem de *hederae* [cinzento e ocre vermelho] sobre fundo branco (cf. *Le Décor I*, variante de 64d). Os

Restauros antigos

No painel B, um restauro antigo mais importante desenvolve-se numa extensão de 85 x 17 cm, situada a nordeste. Neste local o desenho foi refeito de forma idêntica, com tesselas rosa claro. Outro restauro encontra-se a este (65 x 16 cm) e é menos cuidada. A lacuna foi simplesmente preenchida com tesselas em calcário preto sem ter em conta o desenho.

Restauros modernos

Consolidações *in situ*.

pequenos caules enrolados que partem de um lado e do outro do caule principal são rematados por uma folha cordiforme, numa folha de hera ou, simplesmente, sem qualquer folha.

A segunda bordadura, com 50 cm de largura (incluindo o filete cinzento), ocupa os lados este, norte e oeste. É constituída por uma linha de meandros de suásticas de volta simples com rectângulos deitados de 67 cm de largura (cf. *Le Décor I*, 38b) desenhados por um duplo filete cinzento e ocre vermelho sobre fundo branco. Cada rectângulo possui um segundo, cinzento no seu interior onde se inclui uma trança de dois cordões policromática [ocre vermelho e branco] sobre fundo negro.

O tapete propriamente dito, é uma composição centrada, num quadrado e em redor de um octógono flanqueado de oito rectângulos perpendiculares às diagonais e às medianas, de oito meias estrelas de oito losangos laterais contíguas entre elas e nos vértices do octógono central e acantonando os rectângulos, determinando triângulos laterais e em cantoneira, assim como quadrados nas diagonais (cf. *Le Décor II*, 394a). A decoração da área central não se conservou, mas o levantamento permitiu-nos identificar um ângulo da moldura que corresponde a um octógono. Cada losango das estrelas inclui um outro, menor, preenchido alternadamente a ocre vermelho ou a preto. Cada quadrado inclui também um outro, preto, onde se inscreve um nó de Salomão policromático [branco, ocre vermelho e negro] e um quadrado côncavo vermelho nos dois exemplares conservados. Os dois triângulos em cantoneira que se conservam apresentam diferentes motivos de preenchimento: no ângulo nordeste, pode ver-se um quarto de círculo desenhado a preto serve de base a uma folha fuselada bicolor flanqueada por dois caules bífidos e, no ângulo noroeste, também sobre um quarto de círculo desenhado a preto, uma folha cordiforme preta e ocre vermelho, com ponta virada para fora, e volutas laterais.

Os oito rectângulos (67 x 35 cm) que flanqueiam o octógono central, dos quais se conservam sete, incluem um outro, desenhado por um filete com redentes, alternadamente preto ou ocre vermelho, à excepção do que se situa a este. Este último possui uma moldura de escamas alternadamente ocre vermelho e negro. Todos os rectângulos incluem uma trança de dois cordões policromática [ocre vermelho e branco] sobre fundo preto.

Painel B

Faixa de ligação aos muros, em tesselas de cerâmica ocre amarelo dispostas perpendicularmente aos muros, de 31 cm de largura ao longo dos lados sul e oeste (possui apenas 13 cm de largura no lado este). Podem observar-se, a sul e a oeste, pequenos quadrados brancos denteados, colocados sobre o vértice, em torno de uma tessela bege, dispostos em intervalos regulares (de 50 a 55 cm).

O campo (3,73 x 1,66 m) é composto por uma linha de octógonos secantes realizados em meandro de suástica desenhados por um duplo filete branco, sobre fundo bege (cf. *Le Décor I*, 171d). A intersecção dos octógonos forma hexágonos alongados que incluem um tirso rematado com uma *hedera*. O fundo dos hexágonos apresenta uma disposição singular das suas tesselas: são colocadas em diagonal, em relação ao filete de tesselas brancas dos tirsos, o que não sucede nas restantes áreas.

Datação

Apesar da perenidade da composição do tapete principal até épocas mais tardias, a presença dos tirsos no painel B permite afinar a proposta cronológica de F. Teichner para as estruturas (2008, fase II, meados do período imperial). Assim, uma datação nos meados do séc. III está de acordo com a arquitectura e o estilo.

Lugar e data da descoberta

Loulé Velho, 1868 (?).

Tema

Fragmentos com decoração geométrica.

Compartimento

Compartimento indeterminado do edifício termal identificado por A. de Aragão (*ARA I*, p. 153). Desenho e descrição de Estácio da Veiga, nº 22 (perdido?).

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

1. MNA: inv. nº 18679; 2. MNA: inv. nº 15117A; 3. MNA: inv. nº 15117B; 4. MNA: inv. nº 15117C; 5. MNA: inv. nº 15117D.

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

1. 31 x 24,5 cm; 2-5. Muito reduzidos.

Técnica de assentamento

Os restauros modernos destruíram o suporte original.

Materiais

1. Calcário: preto, branco, ocre vermelho, cinzento e rosa; 2-5. Calcário branco.

Densidade das tesselas

120 /dm², tesselas com 1,2 cm de lado.

Estratégia de execução

Apesar de os restauros terem afectado a posição original das tesselas do fragmento 1, ainda se observa com clareza que o motivo foi realizado antes do enchimento do fundo, pois este foi contornado por três filetes brancos. Este enchimento foi feito um pouco ao acaso.

Restauros antigos

Não se registam.

Restauros modernos

O fragmento 1 foi objecto de restauro em 1988, na oficina de restauro do Museu Monográfico de Conimbriga (C. Beloto), tendo sido montados sobre suporte de resina epóxida.

Ilustração utilizada

1. Machado, 1970, p. 21; Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005: CV e FA). Foto MNA 2005.

2-5. Martins, 1988, foto 58.

Bibliografia

1. Aragão, 1868, p. 2704; Machado, 1970, nº 9, p. 21; ARA, I, p. 153; Reis, 2004, 068, p. 121.

2-5. Martins, 1988, p. 162, foto 58.

Descrição

Fragmento 1

Figura geométrica circular constituída (20 cm de diâmetro) por círculos concêntricos: filete simples preto, filete simples branco, quádruplo filete ocre vermelho, filete simples branco, filete simples preto e tessela central branca; dois filetes pretos simples truncados, em jeito de raios. Na zona de fractura do fragmento pode ainda ver-se parcialmente uma florinha ocre vermelha com tessela central carmim. A tessela cinzenta e a rosa, ambas isoladas noutras zonas de fractura do fragmento, podem corresponder a outras florinhas similares.

Fragmento 2, 3, 4, 5

Fragmentos monocromáticos.

Datação

Não existem dados arquitectónicos, arqueológicos ou estilísticos que permitam atribuir-lhes uma datação.

Lugar e data da descoberta

Loulé Velho, (?).

Tema

Fragmento de *opus tessellatum* com decoração figurativa.

Compartimento

Trata-se de um achado avulso, cuja proveniência arquitectónica se desconhece.

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

(?)

Local de conservação

MML: inv. nº 1.6.1147

Área visível no momento da descoberta

(?)

Área conservada

18,5 x 9,7^{max} a 4,5^{min} cm.

Ilustração utilizada

Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005). Fotos MSP 2005.

Técnica de assentamento

O *opus tessellatum* assenta directamente num *nucleus* de 1,5 cm constituído por argamassa acastanhada com areia e pequenos nódulos de cal.

Materiais

Calcário: branco, preto, ocre amarelo, laranja, vermelho e castanho.

Densidade das tesselas

Tesselas maiores com 5 mm de lado e as menores, rectangulares, com 5 x 2 mm; altura de 4 mm.

Estratégia de execução

-

Restauros antigos

Não existem no fragmento

Restauros modernos

-

Bibliografia

Luzia, 2004, p. 43-131 (com bibliografia completa sobre o sítio e ilustração do fragmento de mosaico na foto 61).

Descrição

Fragmento de mosaico policromático de tema figurativo não identificável, podendo tratar-se eventualmente de uma túnica.

Datação

Os elementos disponíveis não permitem estabelecer uma datação.

Lugar e data da descoberta

Retorta, 1877-1878.

Área conservada

Fragmento de 45 x 26,5 cm.

Tema

Fragmento de mosaico geométrico bicolor.

Técnica de assentamento

(?)

Compartimento

Desconhece-se a proveniência.

Materiais

Calcário: branco no fundo; preto nos filetes.

Dimensões do compartimento

(?)

Densidade das tesselas

110 /dm². Tesselas com 1,1 cm de lado.

Dimensões do mosaico

(?)

Estratégia de execução

-

Local de conservação

MNA: inv. Nº 18755.

Restauros antigos

Não se registam.

Área visível no momento da descoberta

(?)

Restauros modernos

-

Ilustração utilizada

Levantamento à escala 1/1 (MSP 2005). Foto MNA 2004.

Bibliografia

Machado, 1971, nº 8, p. 20 il.; ARA II, p. 136, fig. 233-A; Santos, 2005, p. 40 il.; Cadete, 2007, p. 401-403, fig. 19-20.

Descrição

Fragmento de mosaico com esquema geométrico, quiçá uma quadrícula, uma vez que se conservam parcialmente dois quadrados (?) traçados a filete duplo preto em fundo branco. A uma

faixa branca de largura irregular (7,5 cm e 5 cm) segue uma bordadura (?) sob a forma de um filete preto duplo num lado e faixa preta de que se conservam três filetes, no outro. A faixa preta (8,3 cm de largura) perpendicular ao filete duplo preto desta bordadura marca o arranque de uma outra figura geométrica.

Datação

Os elementos de carácter estilístico não permitem estabelecer uma datação, porém, a cronologia do mosaico nº 78, proveniente do mesmo local, de inícios do séc. V, coaduna-se com o tipo de mosaico a que pertenceu este fragmento.

Lugar e data da descoberta

Retorta, 1970.

Tema

Dois painéis geométricos justapostos:

Painel A, tapete principal: composição de octógonos adjacentes e secantes.

Painel B, painel de alongamento: composição de octógonos adjacentes e secantes.

Compartimento

(?)

Dimensões do compartimento

(?)

Dimensões do mosaico

Os dois fragmentos que se conservam não permitem deduzir as dimensões totais dos dois painéis que compunham o pavimento. Ainda assim, é possível apresentar como dimensões máximas conservadas para o painel principal (A), cerca de 2,34 x 2,01 m. A largura do painel de alongamento (B) está inteiramente conservada no fragmento 2 – 56 cm – mas apenas se conserva num comprimento de 86 cm.

Local de conservação

Museu Municipal de Albufeira.

Área visível no momento da descoberta

A mesma que actualmente. As dimensões apresentadas pelo Pe Azevedo (1970, p. 117) são aproximadamente as mesmas.

Área conservada

Dois fragmentos: 1. 3,12 x 1,09 m; 2. 2,10 x 1,70 m.

Técnica de assentamento

Não é possível identificá-la, uma vez que o mosaico se encontra assente numa estrutura em exposição no Museu Municipal de Albufeira.

Materiais

Calcário: preto, branco, ocre amarelo, cinzento esverdeado claro e vermelho escuro.

Densidade das tesselas

40/dm². Tesselas com 1,4 cm de lado.

Estratégia de execução

A técnica de execução é de fraca qualidade, grosseira e mal esquadriada, especialmente nos diversos elementos secundários que preenchem a composição, realizados à mão livre. A sequência destes elementos é totalmente aleatória, não havendo qualquer intenção de equilíbrio na sua distribuição

pelos diversos espaços. O painel de alongamento parece corresponder a um acrescento cuja finalidade não nos é possível identificar sem as correspondentes estruturas arquitectónicas. É de execução igualmente muito deficiente, sobressaindo a execução do esquema a filete duplo, bicolor.

Restauros antigos

Não se identificam.

Restauros modernos

Restauro e remontagem por E. Arsénio.

Ilustração utilizada

Foto MSP 2008.

Bibliografia

Sá, 1959, p. 44-45; Azevedo, 1970, p. 117; foto 6; Martins, 1988, p. 145-148, foto 47; Cadete, 2007, p. 403; Cadete, 2008, p. 66-68, fig. 40-42 e 64-65.

Descrição

Faixa de remate à parede branca de largura irregular (11 e 20 a 25 cm no fragmento 1 e 11 cm no fragmento 2. No fragmento 1, podem ver-se em dois ou três pontos da faixa pequenos aglomerados de tesselas pretas que podem corresponder a florinhas, desagregadas após restauros modernos.

Painel A

Composição de octógonos secantes e adjacentes (cf. *Le Décor I*, 169c), desenhada a filete simples preto, com decoração muito sóbria de hexágonos incluídos com tratamentos muito diversos, ora totalmente pretos, ora apenas delineados a preto (pontualmente, a cinzento esverdeado claro), ora preenchidos a ocre amarelo ou vermelho escuro. A diagonal do octógono é de 61 cm. Os quadrados, de 21 cm de lado, apresentam também tratamento muito diversificado: pequeno elemento geométrico constituído por dois segmentos de filete preto, rectângulo preto ou quadrado denteado preto.

Painel B

Linha de octógonos secantes e adjacentes (cf. *Le Décor I*, 28a), desenhada a filete duplo preto e vermelho escuro, com hexágonos delineados a preto incluídos, muito irregulares.

Datação

O fragmento foi datado por Cristina Sá da segunda metade do séc. II (1959, p. 44-45). No pequeno desdobrável do museu, da responsabilidade do Serviço Educativo e de Divulgação da Câmara Municipal de Albufeira, o mosaico é datado do séc. IV (p. 6). Perante a ausência de qualquer dado arqueológico, é com base no estudo estilístico que propomos uma datação tardia – inícios do séc. V.